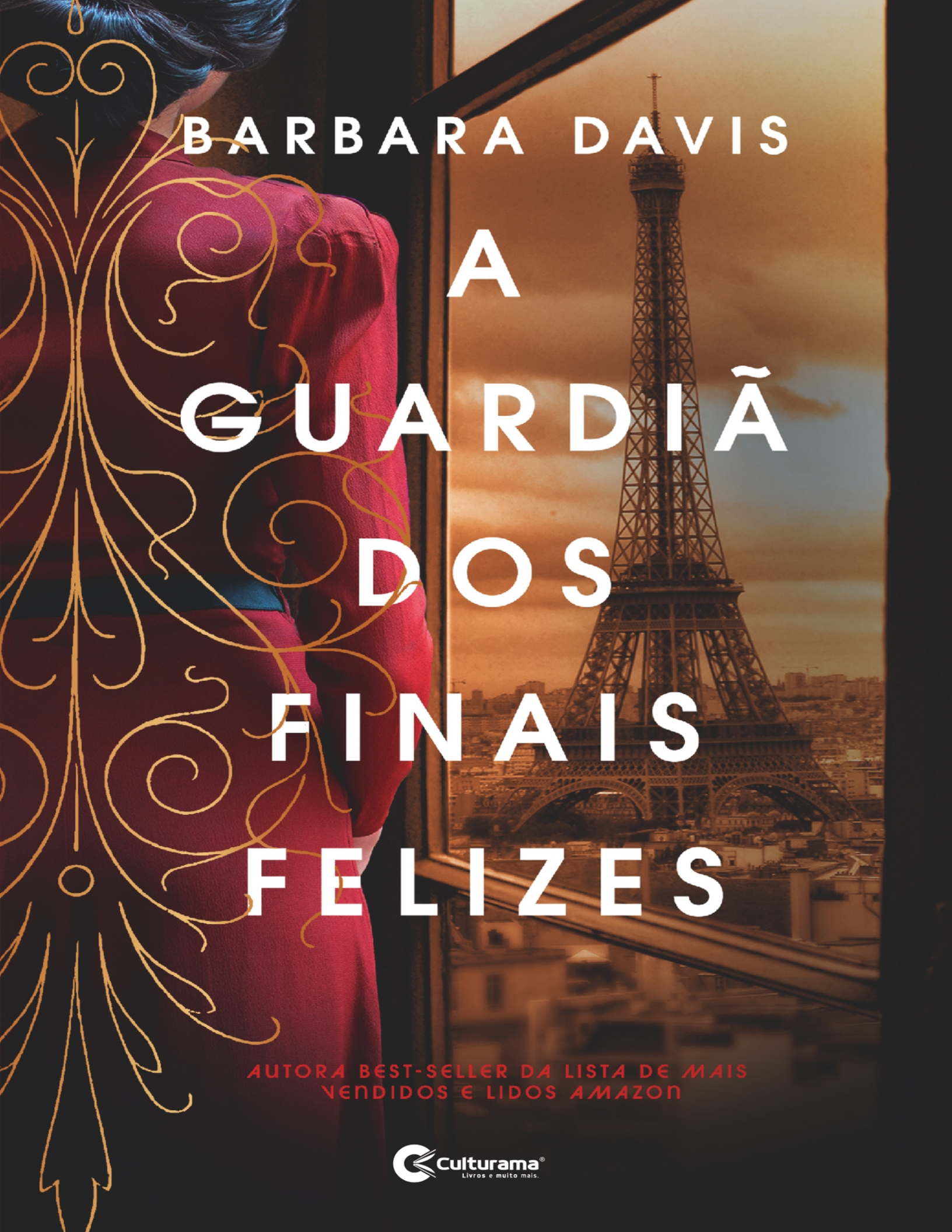




BARBARA DAVIS

A
GUARDIÃ
DOS
FINAIS
FELIZES

AUTORA BEST-SELLER DA LISTA DE MAIS
VENDIDOS E LIDOS AMAZON



**A
GUARDIÃ
DOS
FINAIS
FELIZES**



BARBARA DAVIS

**A
GUARDIÃ
DOS
FINAIS
FELIZES**

Tradução de Débora Isidoro

 **Culturama®**
Livros e muito mais.

Copyright do texto: © 2021 Barbara Davis

Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em Seattle, Estados Unidos, por Lake Union Publishing — uma marca registrada da [Amazon.com](https://www.amazon.com), Inc. ou de suas afiliadas.

Copyright desta edição: © 2022 **Culturama Editora e Distribuidora Ltda.**

Culturama Editora e Distribuidora Ltda.

Rua Vico Costa, 54, Cidade Nova

Caxias do Sul – RS – 95112-095

sac@culturama.com.br

www.culturama.com.br

(54) 3027.3827

DIRETOR-PRESIDENTE

Fabio Hoffmann

DIRETORA

Juliana Corso Thomaz

GERENTE EDITORIAL

Naihobi Steinmetz Rodrigues

EDITORA-CHEFE

Sabrina Didoné

TRADUÇÃO

Débora Isidoro

CAPA

Faceout Studio, Tim Green

ADAPTAÇÃO DE CAPA E PROJETO GRÁFICO

Rafaela Villela e Livros Design

DIAGRAMAÇÃO

Livros Design

IMAGENS INTERNAS

[pexels.com](https://www.pexels.com)

REVISÃO

Marina Ávila Birriel e Vânia Valente

A ficha catalográfica deste livro encontra-se em poder da Editora.

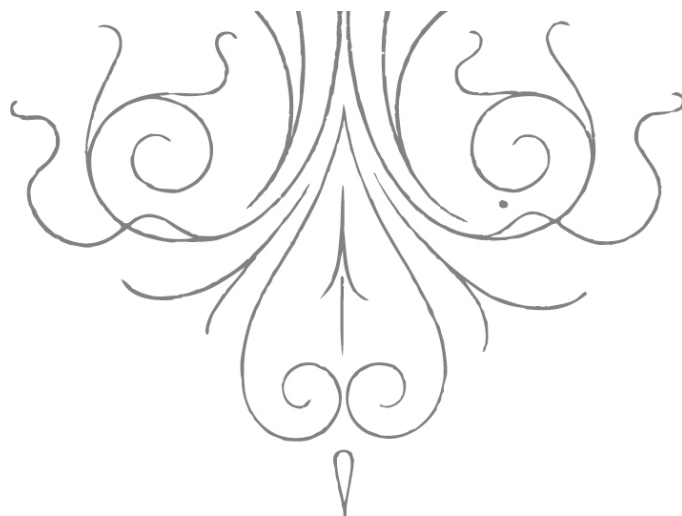
ISBN (e-book): 978-65-5524-997-2

Grafia atualizada seguindo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, organizações, lugares, eventos e incidentes são produtos da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais é mera coincidência.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem permissão expressa por escrito do editor.

Este livro é dedicado aos milhões de profissionais da saúde no mundo todo que arriscaram a própria segurança para cuidar de nossos amados em 2020 e posteriormente — heróis, cada um deles.



Sumário

[Anterrostto](#)

[Folha de Rosto](#)

[Página de Direitos Autorais](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[PRÓLOGO Soline](#)

[1 Rory.](#)

[2 Rory.](#)

[3 Rory.](#)

[4 Soline](#)

[5 Soline](#)

[6 Soline](#)

[7 Soline](#)

[8 Rory.](#)

[9 Rory.](#)

[10 Rory.](#)

[11 Rory.](#)

[12 Soline](#)

[13 Soline](#)

[14 Soline](#)
[15 Soline](#)
[16 Rory.](#)
[17 Rory.](#)
[18 Soline](#)
[19 Soline](#)
[20 Soline](#)
[21 Soline](#)
[22 Soline](#)
[23 Rory.](#)
[24 Rory.](#)
[25 Soline](#)
[26 Soline](#)
[27 Soline](#)
[28 Soline](#)
[29 Soline](#)
[30 Rory.](#)
[31 Soline](#)
[32 Rory.](#)
[33 Rory.](#)
[34 Soline](#)
[35 Rory.](#)
[36 Rory.](#)
[37 Rory.](#)
[38 Rory.](#)
[39 Rory.](#)
[40 Rory.](#)
[41 Soline](#)
[42 Rory.](#)
[43 Rory.](#)
[44 Soline](#)
[45 Soline](#)
[46 Soline](#)
[47 Soline](#)
[48 Rory.](#)

EPÍLOGO Soline
La fin.
Agradecimientos

*Há todo tipo de heróis, e
quase nenhum deles
jamais terá alguma coisa
brilhante presa ao peito.*

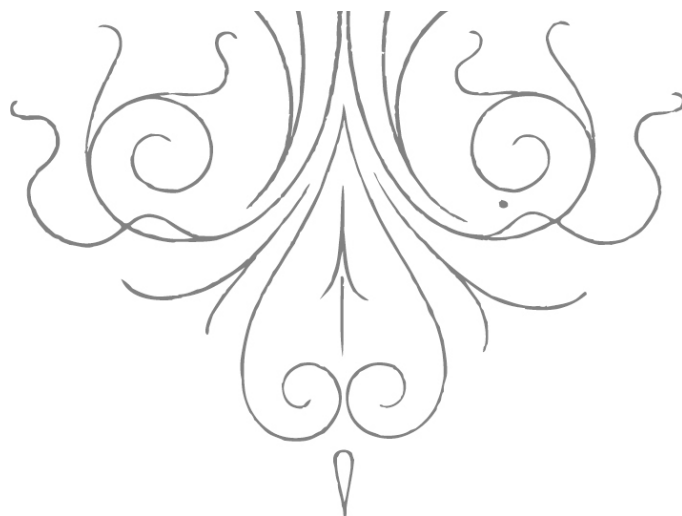
*— Soline Roussel, a
Guardiã dos Finais
Felizes*

*Nós somos as escolhidas,
servas de La Mère
Divine, descendentes de
uma antiga linhagem,
chamadas a defender a
causa do amor e da
felicidade verdadeira.
Somos les Tisseuses de
Sorts... as Tecedoras de
Encantamentos.*

*— Esmée Roussel, a
Bruxa do Vestido*

Nota da autora

Embora a história mencione eventos históricos, esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, organizações, eventos, datas e incidentes são produtos de minha imaginação ou usados de maneira ficcional.



PRÓLOGO

Soline

*Fé é o ingrediente essencial. Se alguém
perde a fé na magia, perde tudo.*

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

13 de setembro de 1976 — Boston

Sempre lamentei o fim das coisas. As notas finais de uma canção desaparecendo em silêncio. A cortina caindo no fim de uma peça. O último floco de neve. Despedidas.

Tantas despedidas.

Agora todas parecem muito distantes, mas a carne viva aberta por todas ainda arde. Esta noite bebi vinho demais, acho. Isso me deixou melancólica. Ou simplesmente vivi demais, senti tristeza demais — acumulei muitas cicatrizes. Mesmo assim, sou atraída por essas cicatrizes, um mapa de feridas que não me leva para a frente, nem para trás.

Peguei novamente a caixa na prateleira alta do *closet* e a levei para a cama. Não é pesada no sentido físico, mas as memórias dentro dela carregam um tipo diferente de peso, o tipo que sobrecarrega o coração.

Ela é feita de material resistente, cartolina cinza e grossa com reforços de metal nos cantos e uma corda grossa presa que serve de alça. Prendo a respiração quando levanto a tampa e removo camadas de papel de seda amassado para olhar o vestido lá dentro. Ele envelheceu com o passar dos anos, como eu. O maço de cartas também está lá, a maioria em francês, algumas em inglês, amarradas com um pedaço de fita. Vou ler as cartas mais tarde, como costumo fazer em noites como esta, quando os lugares vazios em minha vida se ampliam como sombras à minha volta. Tem uma ordem nesse meu ritual, uma sequência que nunca muda. Quando tanto foi arrancado, tantas coisas foram perdidas, é preciso buscar conforto em rituais. Mesmo que seja nos tristes.

Tiro o vestido da caixa e o seguro nos braços, como se segurasse um bebê ou uma promessa, bem perto e talvez com força demais. Eu me aproximo do espelho e, por um momento, ela olha para mim, a garota que eu era antes de chegar a Paris, cheia de esperança e sonhos ingênuos. Mas um instante depois, ela desapareceu. Em seu lugar, está a mulher que me tornei. Desgastada e sozinha. Sem sonhos. Meu olhar volta à caixa, à pasta de couro marrom que repousa no fundo dela, e sinto o coração apertado, lembrando a primeira vez que a vi. “Por segurança”, ele disse ao colocá-la em minhas mãos naquela última manhã.

Abro o zíper do estojo pela centésima vez, deslizando os dedos pelo pente de tartaruga e pela calçadeira do conjunto, pincel e lâmina de barbear. Coisas muito pessoais. E ele as havia entregado a mim. Removo a garrafinha de vidro lapidado do elástico marrom que a mantém no lugar, um recipiente que está vazio há muito tempo, e desenroscro a tampa, desejando sentir o cheiro limpo e radiante que gravei na memória. Uma mistura de água do mar e casca de limões frescos.

Anson.

Mas, desta vez, pela primeira vez, não há nenhum indício dele. Passei trinta anos aproximando esse frasco do nariz, buscando conforto na única coisa dele que me restou, seu cheiro. E agora até isso se foi.

Espero pelas lágrimas, mas nenhuma escorre. Acho que estou além delas agora. Esvaziada. E talvez seja melhor assim. Retorno o frasco ao lugar dele e fecho o zíper do estojo. Meus olhos encontram o maço de cartas, normalmente a última etapa do meu pequeno e triste ritual. Não as lerei esta noite. Nunca mais, penso.

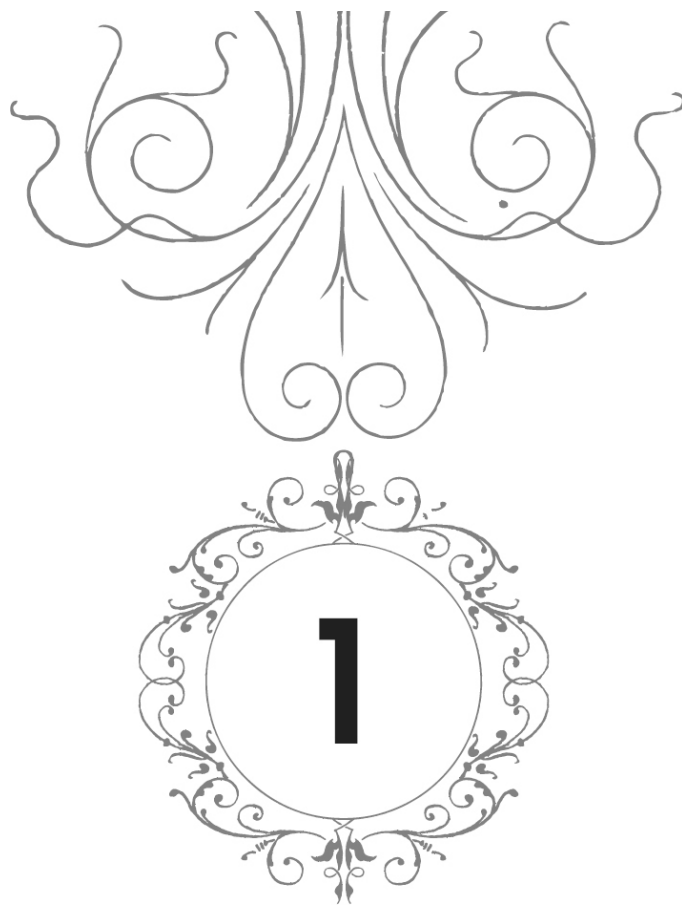
É hora de deixar para trás. Hora de deixar tudo para trás.

Devolvo o estojo de barbear à caixa, depois dobro o vestido e o guardo lá dentro, arranjando com carinho as

mangas sobre o corpete — da mesma forma que vi corpos serem arrumados em funerais. Adequado, acho. Acaricio o tecido uma última vez, depois o cubro com o papel de seda e recoloco a tampa.

Adieu, Anson, mon amour. C'est la fin.





Rory

26 de maio de 1985 — Boston

Não podia ser domingo. Não tão depressa.

Rory bateu no botão da soneca e caiu sobre o travesseiro querendo que o dia passasse, mas, cinco minutos depois, o alarme tocou de novo, o que só podia significar uma coisa. De algum jeito, outra semana foi devorada inteira, passou em uma confusão de comida para viagem e filmes antigos, noites intermináveis mergulhada em finais felizes de outras pessoas.

Um livro grosso caiu no chão quando ela afastou as cobertas e se sentou na cama. *Uma Rosa no Inverno*, de

Kathleen Woodiwiss, concluído por volta das quatro da manhã. Ela olhou para o livro, aberto a seus pés como um pássaro caído. Nunca foi fã de romances. Agora, devorava-os com velocidade espantosa, um prazer pecaminoso que a deixava levemente envergonhada, como um vício em jogo ou pornografia.

Ela pegou o romance e o jogou em um cesto de vime cheio de mais uma dúzia de outros livros parecidos com esse, esperando para serem levados à Boa Vontade. Tinha outra caixa perto da porta da frente, e uma terceira no porta-malas. Sua mãe chamava de “comida ruim para o cérebro”. Mas Rory já olhava para a pilha de títulos novos sobre a mesa de cabeceira. O último de Johanna Lindsey era o escolhido para esta noite.

Ela folheou a pilha de correspondências fechadas ao lado da cama, incluindo o catálogo do curso de mestrado que fazia o possível para evitar, e finalmente encontrou o Rolex de aço e ouro que ganhou da mãe ao se formar na universidade. Como era de se esperar, tinha parado de funcionar, e a data no mostrador indicava que fazia três dias. Ela arrumou a hora e pôs o relógio no pulso, depois decidiu ir atrás de uma xícara de café forte. Não havia a menor possibilidade de encarar este dia sem cafeína.

Na cozinha, ela olhou em volta com um sentimento sinistro de opressão; a pia cheia de louças, a lata de lixo transbordando, os restos do *delivery* do Eastern Paradise, de ontem à noite, ainda em cima da bancada. A intenção era limpar tudo depois do jantar, mas aí começou *Na Noite do Passado*, e ela não conseguiu abandonar o filme até que Greer Garson e Ronald Colman finalmente se encontraram. Quando parou de chorar, tinha esquecido a cozinha. E agora não tinha tempo para ela, ou não chegaria ao outro lado da cidade às onze horas.

Pensou na possibilidade de telefonar e cancelar tudo enquanto despejava leite desnatado na xícara — uma garganta inflamada ou uma enxaqueca, um caso sério de intoxicação alimentar —, mas já havia faltado duas vezes este mês, o que significava que tinha que ir.

No chuveiro, ensaiou para o interrogatório que sabia que enfrentaria: perguntas sobre os estudos, seus *hobbies*, planos para o futuro. As perguntas nunca mudavam, e era cada vez mais difícil fingir que se importava com alguma dessas coisas. A verdade era que não tinha *hobbies* sobre os quais falar, detestava a ideia de voltar a estudar, e os planos para o futuro eram uma dúvida. Mas demonstraria coragem e daria as respostas certas, porque era isso que se esperava dela. E porque a alternativa — um mergulho profundo no buraco negro que sua vida havia se tornado — era simplesmente exaustiva demais para considerar.

Ela foi até o quarto, enxugando o cabelo no caminho, fazendo o possível para resistir à atração familiar da mesa de cabeceira. Era um ritual que havia começado recentemente, iniciar cada dia com uma ou duas cartas de Hux, mas não tinha tempo para isso hoje. Mesmo assim, ela se viu abrindo a gaveta de baixo, pegando a caixa que guardava nela. Quarenta e três envelopes endereçados naquela caligrafia fina, espalhada, uma linha que a ligava a ele, e a impedia de chegar ao fundo do poço.

A primeira tinha chegado à sua caixa de correspondência só cinco horas depois do voo dele decolar do Logan. Ele a havia enviado pela entrega noturna, para ter certeza de que chegaria no dia certo. Escreveu outra sentado na sala de embarque, e mais uma no avião. As cartas chegavam quase todos os dias, no início, antes de passarem a uma ou duas por semana. E depois, simplesmente pararam.

Ela olhou para a foto ao lado da cama, tirada em um restaurante no cabo no fim de semana depois que ele a pediu em casamento. Dr. Matthew Edward Huxley — Hux, para todos que o conheciam. Sentia falta de seu rosto, da risada, das piadas bobas e do canto desafinado, de seu amor por todas as coisas corriqueiras e de seus ovos mexidos perfeitos.

Eles se conheceram em um evento de caridade para a nova ala de tratamento intensivo da unidade neonatal do Tuft. O sorriso dele a deixou tonta, mas foi a pessoa por trás daquele sorriso que realmente selou o acordo.

Filho de pai e mãe professores de crianças especiais, ele havia aprendido a importância do serviço voluntário desde cedo e pelo exemplo. Mas, durante seu primeiro ano na UNC, um caminhão de madeira havia atravessado o canteiro na I-40 e atingido de frente o carro dos seus pais. Ele abandonou a faculdade depois do funeral, sem rumo e amargurado, e passou um verão nos Outer Banks, bancando o vagabundo de praia com um bando de surfistas e se anestesiando com rum.

Depois de um tempo, ele se recuperou, voltou à UNC e cursou medicina. O plano era seguir na clínica geral, mas, depois de uma semana de visitas à ala pediátrica, o plano mudou. Quando a residência acabou, ele se inscreveu no Médicos sem Fronteiras para prestar atendimento a crianças no Sudão do Sul, como uma forma de honrar a memória dos pais.

Essa era uma das coisas que ela mais amava nele. Sua história estava longe de ser perfeita; nada de fundo fiduciário ou infância no *country club* para Matthew Huxley. Ele passou por certas coisas — coisas que o abalaram profundamente —, mas encontrou seu caminho e um jeito de retribuir. Foi difícil vê-lo partir quando chegou a hora, mas ela se orgulhava do

trabalho que ele tinha se comprometido a desenvolver, mesmo que as cartas fossem difíceis de ler.

Em uma delas, ele admitiu ter começado a fumar.

“Todo mundo aqui fuma como um viciado. Talvez para impedir o tremor nas mãos. Estamos todos terrivelmente cansados.”

Em outra, ele escreveu sobre uma jornalista chamada Teresa, que estava fazendo uma matéria para a BBC, e como ela o mantinha conectado ao mundo exterior. Ele também escrevia sobre o trabalho, sobre dias intermináveis em cirurgias improvisadas, crianças aleijadas, órfãs, aterrorizadas. Era pior do que ele havia imaginado, mas aquilo fazia dele um médico melhor, mais duro, mas capaz de mais compaixão.

O ritmo era fatigante, o trauma emocional era maior do que ele conseguia expressar no papel.

“Somos muito mimados nos Estados Unidos. Não somos capazes de compreender o alcance de legalidade e barbárie, a necessidade dilacerante que se enfrenta em outros lugares. A falta de humanidade básica. O que fazemos, todos nós, é uma gota no balde, quando se vê o que está acontecendo aqui.”

Essa foi a última.

Uma semana, duas, a terceira passou sem resposta para as cartas dela. E, então, um dia, ela estava ouvindo a NPR, o motivo ficou claro. Os Estados Unidos confirmavam que um bando de rebeldes armados havia raptado três trabalhadores em um ataque matinal ao

Sudão do Sul, entre eles um médico americano, uma enfermeira da Nova Zelândia e uma jornalista britânica em uma reportagem de campo pela BBC e pela revista *World*.

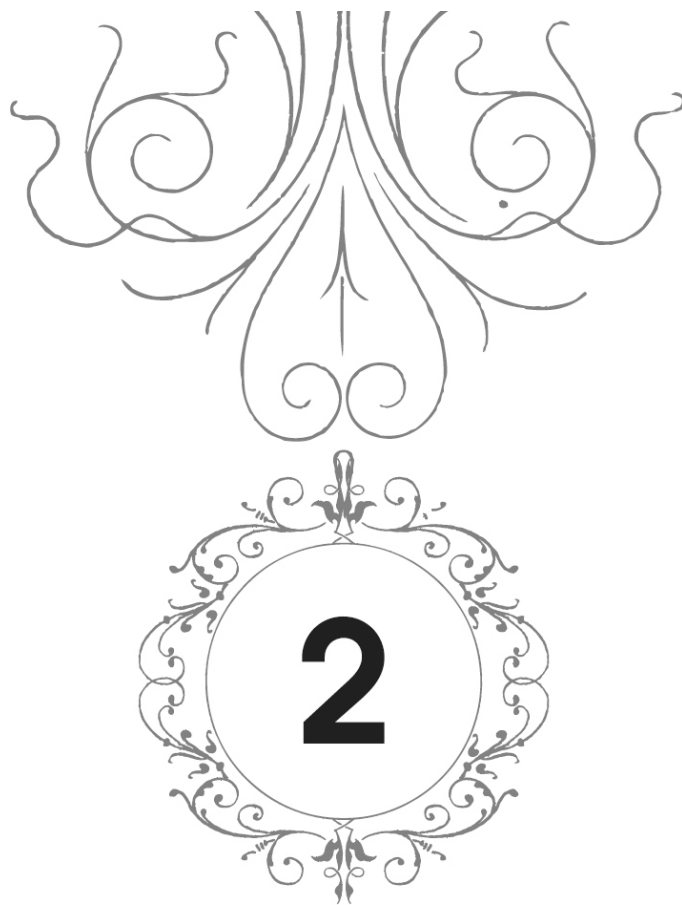
Demorou vários dias para se confirmar o que ela já sabia — que Hux era o americano capturado —, mas não havia pistas. Nada no caminhão que testemunhas viram se afastar com os reféns. Nenhuma descrição dos homens que os tiraram da clínica sob a mira de armas. E nem uma palavra de algum grupo assumindo a responsabilidade, o que costumava acontecer nas primeiras quarenta e oito horas. Eles simplesmente desapareceram.

Cinco meses mais tarde, ela ainda esperava. De acordo com o Departamento de Estado, todos os recursos estavam sendo empregados, todas as pistas estavam sendo seguidas, não que fossem muitas. Havia acontecido um ataque noturno contra uma cabana abandonada na Líbia oito semanas atrás, depois que alguém denunciou a presença de uma mulher cuja descrição correspondia à da jornalista americana, mas, quando entraram, a cabana estava vazia, os ocupantes haviam partido fazia tempo.

O comunicado oficial do Departamento de Estado foi que “eles continuavam trabalhando com várias agências humanitárias para localizar todo o pessoal e garantir seu retorno em segurança”, mas a verdade era que as informações se esgotaram, o que significava que a possibilidade de um desfecho positivo se tornava cada vez mais duvidosa.

Rory olhava para a caixa, desejando pegar uma ou duas cartas e voltar para a cama, mas precisava sair. Tinha que ir a dois lugares, na verdade, se considerasse a promessa de encontrar Lisette naquela tarde na Bisous Sucrés.

Vinte minutos depois, ela pegou a bolsa e as chaves e deu uma última olhada no espelho. Calça social branca e camisa sem mangas de seda cor de pêssego. Cabelo úmido preso em um rabo de cavalo. Uma camada de rímel, outra de brilho labial, brincos simples de diamantes. Longe de corresponder ao padrão, mas nada nunca correspondia ao padrão de sua mãe.



Rory

Os aromas de *scones* de mirtilo e café moído na hora receberam Rory, e ela entrou. Ouviu o ruído do espremedor de frutas na cozinha quando tirou as sapatilhas e as deixou ao lado da porta — voltadas para fora, caso precisasse bater rapidamente em retirada. Não seria a primeira vez.

Como sempre, a casa estava impecável, um ambiente em bom gosto e riqueza, com seus tapetes beges e grossos e a mobília cuidadosamente coordenada. E a arte correta nas paredes, é claro — cestos de frutas e vasos de papoulas em pesadas molduras douradas. Nem um objeto torto, nem um grão de poeira à vista.

Era assim inclusive quando ela era criança, graças às regras militantes da mãe sobre limpeza. Nenhum sapato além do *hall* de entrada. Nada de mãos nas paredes. Comida e bebida nunca entravam na sala de estar — a menos que houvesse uma festa. E eram muitas festas. Chás, coquetéis, jantares e, é claro, os eventos beneficentes para as causas favoritas de sua mãe, todos organizados à perfeição, e, depois de cada festa, tudo rigorosamente limpo por uma equipe de profissionais que ela mantinha na discagem rápida.

Ela encontrou a mãe na cozinha, enchendo com suco fresco de laranja uma jarra de vidro lapidado; o bracelete com o pingente de ouro, sua marca registrada, tilintando a cada movimento. Ela parecia impecável e arrumada, de calça cáqui e blusa branca engomada, com as pesadas ondas douradas do cabelo presas em um rabo de cavalo elegante. Como sempre, a maquiagem era impecável, olhos sutis, faces levemente coradas, um toque de brilho cor de pêssego nos lábios. Aos quarenta e dois anos, ainda atraía olhares.

Ela levantou a cabeça quando Rory entrou.

— Ah, chegou — disse, fazendo uma avaliação rápida, mas completa da aparência da filha. — Estava começando a pensar que não viria de novo. Cabelo molhado?

— Não tive tempo para secar. Precisa de ajuda?

— Já fiz tudo, e espero que não esfrie. — Ela entregou a Rory um prato com fatias perfeitas de melão e uma tigela com morangos. — Leve isso para a mesa. Eu levo o restante.

Rory pegou as frutas e foi para a varanda. Era uma manhã perfeita, o céu de um azul estonteante, a brisa trazendo a promessa de um verão adiantado. Lá embaixo, Boston se estendia em todas as direções, um emaranhado de ruas tortas e telhados inclinados.

Storrow Drive com seu trânsito interminável, a Esplanade se esparramando verde e frondosa, a faixa cintilante do Rio Charles, pontilhado de pequenos veleiros coloridos.

Ela adorava a cidade com todas as suas contradições, sua rica história colonial e a vibrante cultura formada pelo pluralismo racial. Arte, comida, música e ciência, todas disputando espaço e tentando chamar atenção. Mas havia algo mais em ver a cidade desse jeito, longe da agitação e do barulho, alguma coisa que sempre havia parecido meio mágica quando ela era pequena, como se pudesse criar asas de repente e voar para longe.

Sonhava muito com voar quando era menina, com ser outra pessoa, viver outra vida. Uma vida que fosse dela. Uma carreira que não tivesse a ver com a mãe. Um marido que não fosse como o pai. E quase havia conseguido.

Quase.

A palavra era como uma pedra em seu peito, um peso que estava sempre com ela, tornando tarefas simples, como ir ao mercado ou encontrar uma amiga, quase esmagadoras. Não era normal essa necessidade de se retirar do mundo. Mas também não era nova. Sempre havia pendido para o lado introvertido do espectro, fazendo tudo que podia para evitar jantares e outros eventos sociais, sem mencionar a atenção que acompanhava o fato de ser filha de uma das mais proeminentes elites sociais e filantrópicas de Boston.

Nunca um fio de cabelo fora do lugar, nunca um *faux pas* cometido — essa era Camilla Lowell Grant. As roupas certas, a casa certa, a arte certa. Tudo certo, se não se considerasse o marido e sua infidelidade crônica e a filha intratável. Mesmo assim, Camilla carregava

seus fardos de maneira admirável. Na maior parte do tempo.

Rory olhou para a mesa quando deixou as frutas. Parecia ter saído da revista *Victoria*: toalha branca e imaculada com a porcelana Royal Albert que foi de sua avó, guardanapos de linho meticulosamente dobrados ao lado de cada lugar posto. E, no centro, um arranjo de gardêneas brancas, a flor que era outra marca registrada de sua mãe. Perfeição, como sempre.

A tradição do *brunch* havia começado em seu aniversário de doze anos, tornando-se rapidamente um acontecimento semanal. O cardápio mudava de uma semana para outra — frutas frescas e algum tipo de pão feito em casa, torradas com salmão defumado e queijo Boursin cremoso, omeletes perfeitas com coisas da estação, e a única constante: mimosas preparadas com suco fresco de laranja e Veuve Clicquot na temperatura perfeita.

Deveria ser um momento para contar as novidades e conversar, mas ultimamente esses tête-à-têtes se tornavam cada vez mais tensos, com a mãe sempre encontrando maneiras sutis e não tão sutis de sugerir que talvez fosse hora de Rory tocar sua vida em frente.

Rory tocou o anel de rubi na mão esquerda, uma pedrinha oval com um pequeno lascado no fundo. Era o anel que o pai de Hux tinha dado à mãe dele ao pedi-la em casamento, tudo que ele pôde comprar como um soldado que voltava da Guerra da Coreia. Hux prometeu que a levaria para comprar um anel adequado, mas quis usar o anel que foi de sua mãe para fazer o pedido. Tocada pelo gesto sentimental, ela decidiu manter o original, encantada por ele ter confiado a ela algo tão precioso. Agora o anel da mãe dele era tudo que tinha.

Ela afastou o pensamento quando Camilla apareceu carregando dois pratos.

— *Frittatas* de cogumelos e aspargos — ela anunciou, deixando os pratos sobre a mesa com um floreio.

— Parecem deliciosas — Rory comentou, sentando-se na cadeira de sempre. Sua mãe nunca foi do tipo doméstico, mas certamente sabia o que fazer na cozinha.

Camilla tirou vários catálogos de baixo do braço e os entregou a Rory, antes de se sentar diante dela.

— Chegaram na semana passada, mas você não veio para o *brunch*. Senti vontade de dizer ao carteiro que não conhecia nenhuma Rory, mas que poderia receber a correspondência da minha filha Aurora, se tivesse alguma coisa para ela.

Rory conseguiu forçar um sorriso seco.

— Precisa dar uma inovada, mãe. Essa piada está ficando velha.

— Rory é nome de menino. Seu nome é Aurora. E é um lindo nome. O nome de uma dama.

— O nome de uma dama antiga — Rory responde. — E foi o papai quem me deu o apelido. É claro que isso nunca o incomodou.

Camilla respondeu com uma risada abafada.

— É preciso estar por perto para se incomodar com alguma coisa.

Rory pegou o garfo e cutucou a *frittata* seu muito interesse. Era verdade. A atenção de seu pai estava sempre em outro lugar. Não tinha ideia de quantos romances foram, mas suspeitava que a mãe poderia dar um número exato. Ela mantinha um controle cuidadoso das mulheres que entraram e saíram da vida de Geoffrey Grant ao longo dos anos, adicionando cada novo nome à coleção com diligência, como quem acrescenta moedas ao pote da penalidade por falar palavrões.

Por que ela nunca se divorciou dele era algo que Rory não entendia, embora suspeitasse que o fim de semana em Doral com sua recepcionista de vinte e oito anos poderia ter sido o *coup de grâce*, se ele não tivesse morrido antes na cama dela. Foi o tipo de escândalo do qual a maioria das esposas da alta sociedade nunca se recuperam, um clichê da mais deliciosa e desastrosa variedade, mas, para Camilla, essa se tornou a joia da coroa em sua coleção de traições, um distintivo de honra comprado com seu orgulho.

— Não vai comer?

Rory pegou um morango e se obrigou a morder a fruta. Camilla pegou a garrafa de Veuve do balde de gelo e tentou remover a rolha. Depois de alguns minutos, Rory estendeu a mão por cima da mesa e pegou a garrafa.

— Deixa que eu resolvo isso, antes que você arranque o olho de alguém.

A rolha saiu sem o barulho característico. Rory despejou champanhe em duas *flutes* e completou com uma dose de suco de laranja.

Elas brindarem com um toque de taças, sem dizer nada, por hábito, depois voltaram a atenção para a comida. Camilla era quem mais falava, com o mínimo de participação necessária por parte de Rory. Fofoca sobre cirurgias plásticas e boatos a respeito de divórcios. A viagem iminente de uma amiga à Irlanda. O que seria apresentado no Boston Opera House na próxima temporada. O tema para o baile de caridade de fim de ano que ela organizaria novamente. Depois de um tempo, as amenidades se esgotaram, e a conversa entrou em território familiar, embora nada confortável.

— Outro dia encontrei Dinah Marshall quando fui levar meu relógio para consertar. Denise, a filha caçula dela, vai para a Boston College no outono. Vai estudar

música. Harpa, acho. Falei para ela que você volta à Tufts em agosto para concluir seu mestrado. E, depois, talvez vá a Paris no próximo verão para aquele estágio de que já falamos. Ela me pediu para transmitir os parabéns.

— Denise toca piano — Rory respondeu sem alterar o tom. — Quem toca harpa é Patricia.

— Sim, é claro. Piano. — Camilla levantou o guardanapo e limpou a boca. — E você? Está animada para voltar?

Rory pegou a garrafa de champanhe e encheu o copo, ignorando o suco de laranja dessa vez. Ela bebeu devagar, depois olhou para a mãe.

— Não estou animada com nada.

Camilla suspirou ao colocar um *scone* em seu prato.

— Está fazendo birra, Aurora?

— Tenho vinte e três anos, mãe. Não faço birra.

— Não? E como chama o que está acontecendo agora?

Rory deixou a *flute* sobre a mesa e se sentou com as costas eretas.

— Não nos vemos há três semanas. Não ia nem perguntar sobre o Hux?

Camilla ficou um pouco surpresa.

— É claro que ia.

— Quando? Terminamos o café. Falamos sobre a plástica de Vicky Foster, a comida horrorosa no Reino Unido, seus planos para o baile de fim de ano e a filha de Dinah Marshall voltando a estudar. Mas você não teve tempo para incluir o nome do meu noivo na conversa.

— Sério, não pode esperar que eu simplesmente fale sobre uma coisa assim durante o café da manhã.

— O que o café da manhã tem a ver com isso?

Os cantos da boca de Camilla apontaram para baixo em um biquinho quase perfeito.

— Quis ser delicada.

— Delicada? — A palavra fez Rory querer mostrar os dentes, como se boas maneiras à mesa fossem uma desculpa para não se importar. — Não preciso da sua delicadeza, mãe. Preciso que se importe. Mas você não se importa. Nunca se importou.

Camilla arregalou olhos.

— Que coisa para dizer.

— Você nunca gostou dele. Desde o primeiro dia, agiu como se ele fosse uma fase que eu superaria, do mesmo jeito que torcia para eu superar o gosto pelo futebol.

— Isso não é verdade.

— É, sim. Não gostou da aparência dele, de ele praticar surf, ou de ter abandonado o consultório particular. Mas o verdadeiro problema é você não gostar de ele ser de uma cidadezinha litorânea na Carolina do Norte, um lugar do qual ninguém nunca ouviu falar. E de os pais dele lecionarem em uma escola, em vez de organizarem jogos de carteados e jantares.

Lá estava, a reação patenteada de indignação da mãe dela — os ombros abertos e o queixo erguido, o olhar frio e o nariz reto e perfeito ligeiramente erguido.

— Que coisa horrível para insinuar.

— Eu não insinuei. Eu falei claramente. A maioria das mães consideraria alguém como Hux um bom partido, mas você não. Quer alguém com o sobrenome certo e um adesivo do *Mayflower* no baú do navio a vapor, e, agora que Hux está desaparecido, você vê a chance para um recomeço. Apesar de eu não entender por que você pensa que seu histórico conjugal a qualifica para escolher o marido de outra pessoa.

Camilla ficou parada, o rosto congelado, como se tivesse levado uma bofetada que não havia antecipado.

— Desculpe — Rory fala apressada. — Não quis...

— É claro que quis.

Rory soltou o ar com um sopro, brava consigo mesma por ter dado um golpe tão baixo.

— Desculpa. Só estava desabafando, e você estava no caminho.

A expressão de Camilla se tornou preocupada.

— Teve alguma... notícia?

— Não. Nenhuma. E não se incomode. Não quero falar sobre isso.

— Então, sobre o que quer falar? Não sei o que está acontecendo na sua vida ultimamente. Você não retorna meus telefonemas. Recusa meus convites para jantar. Não veio ao *brunch* duas semanas seguida. O que tem feito?

Rory olhou para o copo, sentindo a garganta repentinamente seca.

— Esperado, basicamente.

— Meu bem... — Camilla estendeu a mão sobre a mesa, afastando a franja dos olhos de Rory.

— Não faz isso — Rory reagiu, afastando a cabeça bruscamente. — Não quero que sinta pena de mim.

— Então, o que você quer? Estou preocupada com você. Passa os dias com o nariz enfiado em um daqueles livros horríveis, ou colada na televisão, assistindo a algum drama antigo em preto e branco até de madrugada. Já falamos sobre isso. Não é saudável.

— Eu estou bem. Só... — Rory desviou o olhar, desejando desesperadamente não estar enfrentando essa conversa de novo. — Só preciso de tempo.

— Meu bem, faz cinco meses.

Rory a encarou.

— Eu não sabia que havia um limite de tempo.

— Não foi isso que eu quis dizer. Só quis dizer que o que aconteceu com Matthew, esteja ele vivo em algum lugar ou... — Ela parou, como se pesasse com cuidado as próximas palavras. — Você ainda está aqui, Aurora. Ainda está viva. Tem que seguir em frente, seja como for.

Rory engoliu a torrente de lágrimas. Queria acreditar que Hux estava vivo em algum lugar, que poderia voltar para casa um dia, mas o medo estava sempre presente, como dedos invisíveis pairando sobre seu ombro. Amanhã seria o dia em que teria notícias? Como isso aconteceria? Uma carta? Um telefonema? Alguém bateria em sua porta? Nunca teve coragem para perguntar. Perguntar teria tornado tudo real, e isso já era real o bastante.

— E se eu não conseguir seguir em frente? — ela perguntou baixinho.

— Não seja boba. É claro que consegue. É isso que os Grant fazem.

Rory sufocou um suspiro, desejando conseguir fazê-la entender.

— Eu só não me importo. Com nada. — E olhou para a mãe, tão composta e bem-arrumada, imperturbável. — Não tem ideia de como é, tem? Acordar de manhã e não ter vontade de pôr os pés no chão, tomar banho, se vestir e sair para o mundo, onde tudo para o que você olha está galopando sem você. Nunca perdeu alguém de quem gostasse. E não fala no papai. Nós duas sabemos que não é a mesma coisa.

Camilla abriu a boca, depois a fechou, como se repensasse sua resposta inicial.

— Você não tem ideia do que eu perdi, Aurora — disse finalmente.

Rory estreitou os olhos, surpresa com o tom cifrado de Camilla. Havia muita coisa na vida da mãe que ela

desconhecia. Muitas coisas que ela havia trancafiado, se recusado a discutir.

— Teve alguém? — ela perguntou cautelosa. — Antes do papai?

— Eu tinha dezoito anos quando me casei com seu pai. Não houve tempo para mais ninguém.

— Tudo bem, não antes. Mas mais tarde... durante?

Camilla a encarou mortificada.

— É claro que não!

— Então o quê? O que é que eu não sei?

Camilla balançou a mão, evidentemente ansiosa para mudar de assunto.

— Nada. Não tem importância agora. Mas só para constar, mães também são humanas. Vivemos e nos decepçionamos. Sangramos como todo mundo. Mas temos responsabilidades, deveres a cumprir e aparências a manter. Por isso seguimos sempre em frente.

— Mas eu não consigo enxergar adiante. Não consigo ver nada. É como se o futuro tivesse... sumido.

— Você precisa sair, Aurora, estar com pessoas. Vai ter um coquetel no Marcos na semana que vem. Uma das festas privadas de Cassandra Maitland para um novo musicista que ela descobriu. Por que não vai comigo? Podemos fazer cabelo e unhas no Rosella de manhã, aparar essa sua franja, depois comprar uma roupa para você. Não tem nada como compras antes de uma festa para animar a gente. E vai fazer bem a você ver parte do pessoal antigo, se sentir normal de novo.

Rory a encarou com frieza.

— Normal?

— Por favor, não olhe para mim desse jeito. Não pode continuar se escondendo. Estou preocupada com você. Talvez seja hora de... conversar com alguém?

— Acha que estou maluca? — Rory perguntou tensa.

Camilla dobrou o guardanapo com cuidado, antes de deixá-lo de lado.

— Acho que está enfrentando dificuldades para lidar com o que aconteceu, e que falar com alguém sobre isso pode ser útil. — Ela fez uma pausa, depois acrescentou: — Alguém em quem você confia.

Rory ficou quieta, absorvendo a dor causada pelas palavras da mãe.

— Desculpa — disse finalmente. — Por antes e pelo que eu disse. Mas é que... Hux. — A garganta se contraiu quando disse o nome dele. — Passei duas horas no telefone novamente na sexta-feira, a maior parte desse tempo em espera. E sempre a mesma conversa. “Estamos fazendo tudo que está ao nosso alcance.” Mas não é verdade. Como pode ser, se não sabem nem onde ele está?

Camilla respondeu com outra de suas habituais risadinhas abafadas.

— Como isso é possível? Certamente, temos pessoal especializado nesse tipo de coisa. Embaixadores. Diplomatas. O presidente, pelo amor de Deus.

Uma pedra familiar se alojou no peito de Rory, a mesma que sempre se aloja ali quando ela se permite pensar no impensável.

— Está começando a parecer que ele não vai voltar.

— Pare com isso. — Camilla segurou a mão dela. — Não fale essas coisas. Precisa manter a cabeça erguida e ser corajosa.

Rory engoliu uma torrente de lágrimas, lembrando o primeiro ano do ensino médio, quando jurou nunca mais aparecer na escola, depois de não conseguir entrar na equipe de natação. Camilla a havia abraçado com força, sussurrando essas mesmas palavras em seu ouvido. “Precisa manter a cabeça erguida e ser corajosa.” Mas não se sentia corajosa. Sentia-se entorpecida. Perdida e exausta.

— Li em algum lugar que, quanto mais tempo ele passa desaparecido, menores as chances de ser encontrado vivo. — Ela soltou uma das mãos para enxugar os olhos. — Estou começando a perder a esperança.

— Pare com isso. Estou falando sério. Você não deve se entregar a esses pensamentos. Vai se sentir melhor quando as aulas começarem, no outono, e você retomar a antiga rotina. Aulas e atividades com seus amigos. Isso vai ajudar a ocupar seu tempo.

Rory pensou no catálogo de cursos sobre a mesa de cabeceira e assentiu, porque era o que se esperava dela. Manter a cabeça erguida e voltar à escola para terminar o mestrado, depois o estágio, se as coisas fossem como sua mãe queria, talvez um cargo de curadora, algum dia. Muito diferente do futuro que ela e Hux haviam planejado para depois do período dele no Médicos sem Fronteiras.

— Sabe — Camilla disse hesitante —, estava pensando que talvez fosse uma boa ideia você voltar para casa, até as coisas se... acomodarem. Agora sou só eu aqui, e seu quarto continua como você o deixou.

— Voltar para casa?

— Eu poderia cuidar de você. Cozinhar para você. Não teria que se preocupar com nada além dos estudos.

“Estudos. Escola. O encontro com Lisette!”

— Ah, não. Que horas são? — Rory olhou para o relógio. — Tenho que ir.

— O quê... agora??

— A irmã mais nova da Janelle Turner se inscreveu para o curso de verão, e prometi que iria encontrá-la para entregar uns dos meus livros antigos.

— Hoje? Quando você sabia que teríamos o *brunch*?

— Eu sei. Desculpa. Mas ela tem que estar em Braintree às três horas para a festa de aniversário dos

pais, e as aulas começam amanhã. Foi a única hora que conseguimos encaixar.

— Mas você mal comeu. Me deixe fazer um prato para você, pelo menos.

— Obrigada. — Rory se levantou. — Estou satisfeita. Só não gosto de deixar você com tudo isso aqui.

— Não é como se eu tivesse outra coisa para fazer. Vou ver você na semana que vem?

Alguma coisa, a ruga leve entre as sobrancelhas delineadas de Camilla, ou a boca encurvada para baixo, abalou a consciência de Rory.

— Sim. No domingo. Prometo. — Já estava quase saindo, quando se inclinou e beijou o rosto da mãe. — Desculpe, lamento de verdade por antes. Sobre a coisa do casamento. Eu não devia ter dito aquilo.

Camilla encolheu os ombros.

— Não, não devia. Mas não estava errada. Agora vai. Sua amiga está esperando.





Rory

Rory olhou para o relógio ao sair da Bisous Sucrés para a onda de pedestres em movimento pela calçada em Newbury Street. A reunião com Lisette demorou mais do que ela havia esperado, e precisava correr para tirar o carro da vaga antes de levar uma multa por exceder o tempo de estacionamento.

Na esquina, quando esperava o farol abrir, pensou na conversa daquela manhã com a mãe. Disse coisas que havia prometido a si mesma que nunca diria — mesmo que fossem verdade — e tocou um ponto sensível.

Mas não foi só a indignação da mãe que despertou sua curiosidade. Houve um momento, quando ela falava sobre Hux, sobre como era perder alguém, que sua mãe

fechou os olhos e ficou perfeitamente imóvel, como se tentasse afastar uma lembrança desagradável. Um momento raro de vulnerabilidade de uma mulher que nunca era vulnerável.

“Sangramos como todo mundo.”

Mas, no caso de Camilla, isso não era necessariamente verdade. Pelo menos, não era o que Rory tinha visto desde sempre. Quando ela era criança, sua mãe parecia ter sido entalhada em mármore, pura, fina e fria ao toque, *A Escrava Grega*, de Hiram Power, mas com as costas de bronze da *Eva* de Rodin. Insensível. Era o que pensava. Mas naquele momento, hoje de manhã, aquela expressão em seu rosto. “Você não faz ideia do que perdi, Aurora.” O que ela quis dizer? Não falava de um amante, aparentemente. Não que tivesse culpado a mãe por buscar conforto fora do casamento. Não conseguia lembrar dos pais dividindo um quarto, muito menos uma cama. Como devia ter sido solitário.

Finalmente, o farol de pedestres abriu, e as pessoas começaram a atravessar a rua. Ela se preparava para pisar na faixa, quando uma casa velha na esquina do outro lado atraiu seu olhar, e ela parou.

Uma casa geminada, nada de especial: três andares de tijolos vermelhos envelhecidos com uma torre redonda em um canto e uma torre de chapéu de bruxa voltada para a rua. Newbury Street tinha dezenas de casas como aquela. Na verdade, metade das ruas de Boston eram assim. Mas havia alguma coisa nessa que parecia diferente o bastante para fazê-la parar.

Janelas sem cortinas e cobertas de sujeira. Um gramado crescido demais na frente. Fragmentos de lixo levados pelo vento à escada da frente, rachada. Estava vazia; não tinha dúvida disso. No entanto, tinha a mais

estranha sensação de ser observada de uma das janelas mais altas.

Ela pensava em dar uma olhada de perto, quando uma viatura de polícia passou e ela lembrou que, a seis quarteirões dali, o parquímetro continuava rodando. Não tinha tempo para ceder à curiosidade. Mas, ao continuar andando pela Newbury Street, ela se pegou olhando para trás com alguma tristeza. Era uma sensação estranha, como sair de uma festa quando as coisas estavam ficando interessantes. Alguma coisa dizia que a sua questão com a casa geminada ainda não havia terminado.



Eram quase quatro horas quando Rory finalmente voltou para casa. Havia conseguido evitar a multa de estacionamento por pouco, o que decidiu interpretar como um bom presságio. Ultimamente, tinha que agarrar suas vitórias quando as encontrava. Ela tirou a maquiagem, depois despiu as roupas do *brunch*, trocando-as por calça de moletom e camiseta. A TV da sala estava ligada, como sempre, mas com o volume baixo. Cary Grant e Katharine Hepburn. *Levada da Breca*. Era outra mania que havia desenvolvido, deixar a televisão ligada dia e noite. Dava a ela a ilusão de companhia e ajudava a sufocar o silêncio, que era muito fácil de preencher com pensamentos sombrios.

“Acho que está enfrentando dificuldades para lidar com o que aconteceu.”

As palavras da mãe ecoando de um jeito irritante. É claro que enfrentava dificuldades. Seu noivo tinha desaparecido sem deixar rastro. E despejar seus problemas em cima de um desconhecido que

resmungaria “sim, entendo” em intervalos regulares não mudaria isso.

Na cozinha, ela se movimentou desviando de embalagens de *delivery* e da pia cheia de louças sujas para enfiar no micro-ondas uma tigela de *minestrone* enlatado. Essa era sua vida agora? Viver de sopa enlatada e *delivery*, empilhando louça? Pilhas de romances e discussões semanais com a mãe?

Se não tomasse cuidado, acabaria se tornando uma dessas mulheres cuja vida inteira gira em torno de alimentar e cuidar de dezoito gatos. Hipérbole? Talvez. Mas certamente não era impossível. Só precisava arrumar uns gatos. E uns vestidinhos de estampa floral desses de ficar em casa. Talvez um par de chinelos peludos.

Ela fechou os olhos, apagando as imagens deprimentes. Tinha crescido privilegiada, a quintessência do bebê com um fundo de previdência. Carros, roupas, tudo de grife. Acampamentos de verão da elite e as melhores escolas. Nunca faltou nada... exceto uma vida própria. Quando era criança, sonhava em escapar do apelo gravitacional da mãe para abrir um caminho por conta própria. E estava bem perto de fazer acontecer. Então Hux desapareceu, e tudo desmoronou.

Onde estaria hoje, neste minuto, se tivesse seguido o conselho de Hux para ir atrás de seu sonho? Uma galeria para artistas emergentes. “Desconhecidos”, era esse o nome que daria ao lugar. Hux era o ímpeto por trás do nome. De fato, a ideia toda havia sido dele.

Tinham ido ouvir uma banda nova em um dos pubs do bairro e acabaram ficando até o estabelecimento fechar. As ruas estavam tranquilas, e escolheram voltar a pé, em vez de pegar um táxi. Hux apoiava um braço sobre seus ombros, compartilhando seu calor na noite

gelada de outono. Ela diminuiu o passo quando passaram por uma galeria, parando para admirar uma das peças na vitrine.

— Você gosta de arte — Hux comentou, sério como raramente se mostrava. — Estuda arte. É formada em arte. Por que não faz arte?

Ela sorriu com sarcasmo.

— Quem disse que não faço?

— Espera. Você pinta?

— Pintar? Não. Fiz alguns experimentos com têxteis, mas só como um *hobby*. Ainda bem. Arte é uma coisa que faz sujeira, e minha mãe nunca suportou bagunça em casa. Por ela, eu teria seguido seus passos e me tornado historiadora ou conservadora. Respeitável e arrumada.

— E se fosse do seu jeito?

Ela o encarou, desanimada ao perceber que ele esperava uma resposta, e mais desanimada ainda ao se dar conta de que não tinha uma. Ninguém jamais perguntou o que ela queria. Ofereciam opções, a mãe oferecia, principalmente, como um cardápio de comida chinesa para viagem. Escolha um da coluna A e um da coluna B. A coluna A era o casamento com um homem “adequado”, filhos e uma casa de bom gosto, e a coluna B tinha a ver com a carreira. Falando com franqueza, nenhum Grant tinha necessidade de trabalhar, mas, em famílias com nomes de tradição, e até com dinheiro de tradição, não se tornar útil de algum jeito notável era considerado vulgar. Afinal de contas, não eram de Palm Beach.

— Não sei mesmo — ela respondeu finalmente. — Acho que teria um pequeno estúdio em algum lugar. Um estúdio de verdade com vista para o mar, e faria belas paisagens com todo tipo de tecidos.

— Isso existe?

— O nome é arte têxtil. É como uma combinação de escultura e pintura feita com pedaços de tecido. Comecei a brincar com isso quando era adolescente. Adorava a praia, mas meus pais nunca tinham tempo para me levar. Então, eu fazia minhas praias com retalhos de tecido. Ainda brinco com isso de vez em quando, mas com os estudos, é difícil encontrar tempo.

— Por que eu não sabia nada disso?

Ela encolheu os ombros, repentinamente acanhada.

— É só um *hobby*.

Ele a puxou para perto e beijou sua testa.

— Rory Grant, você é cheia de surpresas.

Eles retomaram a caminhada, a mão dela no bolso do paletó dele.

— Por que nunca vi nada desse seu trabalho? Não me lembro de ter visto nada como você descreveu pendurado no seu apartamento.

— Tem um no quarto de hóspedes. E mais alguns no *closet*.

— O quarto de hóspedes onde você não me deixa entrar?

— Porque é uma bagunça. Eu usava aquele quarto como estúdio, quando vendia essas peças.

Ele para de andar e vira de frente para ela.

— Pensei que tivesse dito que era um *hobby*.

— É... ou era. Como eu disse, não tenho tempo. Mas uma vez uma amiga pegou algumas peças e levou para um *designer* de interiores que ela conhece. Ele ficou com sete em consignação e vendeu todas em duas semanas.

— Arrá! E surge outro pedaço da história. E aí, quando vou poder ver? Ou não estou à altura?

Seu entusiasmo provocou arrepios de contentamento em Rory. Normalmente ela evitava mencionar sua arte, mas era bom ter alguém que a levasse a sério.

— Se está mesmo interessado, posso organizar uma exposição particular... se não estiver com pressa para chegar em casa.

— O quê? Agora?

Ela pegou sua mão.

— Vem comigo.

Quinze minutos depois, estavam em pé na frente do Finn's, um dos restaurantes de frutos do mar mais requintados de Boston, olhando para uma paisagem iluminada na vitrine.

Ela ficou em silêncio, tentando ver a peça como Hux a veria... pela primeira vez. Um mar tortuoso e uma praia salpicada de pedras, um céu baixo, carregado. Tinha escolhido os tecidos com muito cuidado. Seda *moiré*, muito tafetá amassado, brim e sarja, crepe de chine, tule e pedaços de renda, dispostos cuidadosamente em camadas para criar uma sensação de movimento e profundidade.

Foram quase seis meses para terminar a peça, vendida por US\$ 700. Não que ela se importasse com o dinheiro. Diferentemente da maioria dos artistas, ela podia se dar a esse luxo. Para ela, o que importava era seu trabalho estar na vitrine de um restaurante importante, com suas iniciais no canto inferior direito, para toda a Boston ver.

— Você fez isso, de verdade? — ele perguntou, os olhos ainda cravados na vitrine. — É incrível. Dá a sensação de que posso entrar naquelas ondas. E o céu...

— Seu rosto estava meio na sombra quando ele finalmente virou para encará-la, mas a metade visível estava sorrindo. — Rory, isso é mais que um *hobby*. Isso é um dom. São todas como esta?

— Parecidas, mas esta é minha favorita. O nome dela é *Norte de Novembro*.

— Ainda não consigo acreditar. Deveria pôr suas peças em todas as galerias da cidade.

Ela riu.

— Se fosse assim...

— Como?

— Você não “põe” suas peças em uma galeria, Hux. Especialmente se for um ninguém. Um artista novo tem mais chance de ganhar na loteria do que de ser incluído em uma exposição decente. Na verdade, tenho certeza de que esta só veio parar aqui porque meu sobrenome é Grant. O proprietário achou que conquistaria a simpatia de minha mãe. E se enganou, é claro.

— Sua mãe não apoia sua arte?

— Esse é o problema. Ela não vê como arte. Não como arte apropriada, pelo menos.

— O que é arte “apropriada”?

— Os mestres. Rembrandt. Rafael. Caravaggio.

— Todos mortos há centenas de anos.

— Exatamente.

Ele franziu a testa, balançando a cabeça.

— Quer dizer que é preciso estar morto para seu trabalho ter valor? Isso não é justo.

— Não é. Mas é assim. A menos que você venda bem em um leilão, ninguém quer se arriscar com seu trabalho. Se eu pudesse fazer o que quero, haveria galerias dedicadas inteiramente a artistas de quem ninguém nunca ouviu falar.

— É mesmo?

— Sim.

— Então abra uma. Aqui em Boston.

Ela o encara enquanto a ideia começa a tomar forma. Uma vitrine para artistas de quem ninguém ouviu falar. Não sabia como criar esse espaço, e a mãe certamente odiaria a ideia. Mesmo assim, era difícil ignorar o repentino tremor de empolgação que sentia ao pensar nisso.

— Acha mesmo que eu poderia?

— Por que não? Você tem os recursos, as conexões, o sonho.

— E se for só isso? Um sonho?

Ele passou um braço em torno de seus ombros, puxando-a para perto e beijando sua cabeça.

— Sonhos são como ondas, meu bem. Você tem que esperar o momento certo para se deixar levar por aquela que tem seu nome. E, quando ela aparece, tem que ficar em pé e surfar essa onda. Esse sonho tem seu nome escrito nele.

Naquele tempo, ela acreditava nisso. Mas ainda acreditava?

O sonho de tornar-se uma artista têxtil havia começado como um fetiche por roupas *vintage*. Não por amar as roupas. Nunca se interessou por moda. Era o tecido que a cativava, o jeito como ele se movia, a sensação que provocava e como se comportava. Sedas *moiré* e tricôs com saliências, organdi fino, renda transparente, *tweeds* encorpados e lãs finas, macias como pelo de carneiro, cada um com uma textura e uma personalidade própria.

A primeira tentativa havia sido rústica e nada sofisticada, mas a paixão pela criação já tinha encontrado o caminho para seu coração, levando-a a aperfeiçoar sua arte com prática e novas técnicas. O que havia começado como um fetiche tornou-se uma obsessão silenciosa, resultando em uma série de peças chamadas de Coleção Alerta de Tempestade.

Sua mãe se referia a elas como seus projetos de arte e artesanato, mas o dono da loja de decoração de interiores tinha ficado suficientemente entusiasmado para expor várias peças em sua vitrine. No fim do verão, ele tinha vendido a coleção toda, incluindo a peça agora pendurada na vitrine do Finn.

Quando recebeu a ligação informando que *Norte de Novembro* havia sido vendida e seria pendurada em um local público, ela ficou tão empolgada que invadiu o escritório da mãe sem bater na porta. Camilla sorriu indulgente ao ouvir a novidade, dizendo-se nada surpresa. Era uma bela peça, e turistas amavam esse tipo de coisa. Ela não quis ser condescendente, mas o comentário doeu mais do que Rory jamais revelou. Depois disso, ela trabalhou cada vez menos em sua arte. Até Hux reacender sua chama criativa com aquela conversa sobre a galeria. Mas, quando ele desapareceu, a chama se apagou.

Quando o micro-ondas apitou, Rory havia perdido o interesse na sopa. Em vez de comer, foi ao quarto de hóspedes que tinha transformado em estúdio improvisado. Não entrava lá desde o desaparecimento de Hux, no começo, agitada demais para trabalhar e, depois, sem forças para olhar para qualquer coisa que a fizesse lembrar dele.

O quarto parecia menor do que lembrava, entulhado e um pouco sufocante, com o cheiro fraco de cola industrial ainda pairando no ar. Uma mesa coberta de catálogos de material de arte ocupava um canto; um cavalete usado para fazer os esboços dominava outro. Prateleiras repletas de pedaços de tecido cobriam uma parede, e, sob a janela, ficava a máquina de costura de segunda mão que havia comprado, mas raramente a usava, depois de descobrir que preferia a costura manual. Agora, tudo juntava poeira.

Seus olhos encontraram a peça sem moldura atrás da mesa — uma enorme onda envolvendo a parede oriental de um estoico farol de granito. Era sua favorita, inspirada por uma foto que tinha visto uma vez e nunca mais esquecido. Ela havia dado à obra o nome de

Destemida, porque era essa a sensação que provocava. Estoica e indomável.

Havia mais quatro no armário, parte da nova coleção em que estava trabalhando quando Hux desapareceu. Não faz muito tempo — foram só cinco meses, mesmo? —, havia imaginado elas penduradas na parede de uma galeria, sua galeria. Agora não conseguia imaginar nada.

Dando mais alguns passos para o interior do quarto, ela parou diante de duas molduras de bordado, onde duas peças em construção esperavam há meses. Ela deslizou os dedos por uma delas, lembrando as horas de estofamento necessárias para criar cada depressão e relevo. Não as terminaria. As aulas começariam no outono, e não teria tempo. E não fazia muito sentido, na verdade.

Do nada, a casa geminada na Newbury Street surgiu em sua cabeça. Um momento muito peculiar, como se sentisse uma batida no ombro, olhasse para trás e visse ali um velho amigo. Não tinha nada de parecido com os lugares frios e angulosos que viu no ano passado, mas de repente sabia que o imóvel seria perfeito para a galeria, cheio de história e do velho charme de Boston, e, uma vez ocupado pelo tipo de peças que vislumbrava, o casamento perfeito entre o velho e o novo.

“Desconhecidos.”

O nome, como um sussurro, parecia ganhar vida, como uma coisa que acordava de um sono pesado. Estava mesmo considerando essa ideia? Seguir adiante com os planos que tinha deixado de lado meses atrás? E Hux? Era egoísta contemplar tudo isso enquanto a vida dele — a vida deles juntos — ainda era uma incógnita? Mas podia sentir os planos que acreditava terem morrido há muito tempo ganhando vida lentamente.

“Esse sonho tem seu nome escrito nele.”

Antes que pudesse conter o impulso, ela abriu a gaveta da mesa, revirando o conteúdo até encontrar um cartão de Brett Gleason, o corretor imobiliário que havia contratado no ano passado para garimpar propriedades. Olhou para ele, lutando contra a urgência de pegar o telefone. Que mal poderia haver em se informar? Não ia dar em nada; não tinha nem um contrato. “Era só uma questão de satisfazer sua curiosidade”, ela se convenceu ao pegar o telefone e digitar o número.

★ ★ ★

Dois dias mais tarde, Brett ligou de volta com informações. Rory estava a caminho da sala de estar com um prato de ovos mexidos, quando o telefone tocou. Ela ficou paralisada, como acontecia agora sempre que o telefone tocava. Eram eles? Alguma notícia? Deixou o prato sobre a mesa e olhou em volta, procurando o telefone sem fio. Seu coração estava disparado quando o encontrou.

— Alô?

— Oi, é o Brett.

Ela soltou a respiração ao ouvir a voz dele.

— Não esperava notícias suas tão cedo. Conseguiu descobrir alguma coisa?

— Consegui, na verdade. De acordo com os registros municipais, a propriedade pertence a Soline Roussel. Aparentemente, ela era dona de uma loja de vestidos de noiva no local, mas o estabelecimento pegou fogo há alguns anos. Eles começaram uma reforma depois do incêndio, mas nunca a concluíram. O imóvel está vazio desde então. Mas não tem nenhum registro em nenhuma imobiliária, o que significa que ela não está tentando se livrar dele. Estranho que tenha deixado a

casa vazia, em vez de tentar alugar. Com um pouquinho de capricho, o lugar poderia render um bom dinheiro.

Rory sentou-se no sofá, pensando em possíveis respostas. Até onde queria levar isso?

— Rory? Ainda está aí?

— Sim, estou aqui.

— Está mesmo pensando nisso?

— Não sei. Talvez.

— Bom, ótima notícia. Sempre achei que essa era uma ótima ideia. Mas, depois de todos os imóveis que vimos no verão, por que esse?

— Não sei. Vi a casa e senti alguma coisa. Foi como se ela estivesse lá esperando por mim.

— Intuição feminina?

— É, pode ser. Você entraria em contato com ela para discutir a possibilidade de aluguel?

O silêncio do outro lado se estendeu por alguns segundos, e deu para ouvir um telefone tocando ao fundo.

— Eu posso falar com ela, é claro — Brett respondeu finalmente. — Mas preciso ser franco com você. Vimos pelo menos vinte imóveis no ano passado, e você rejeitou cada um deles. Para abordar essa mulher e acenar com a possibilidade de um contrato, preciso saber se está realmente disposta a dar o próximo passo.

Era uma colocação justa e absolutamente verdadeira. Tinha recusado todos os imóveis que ele mostrou. Não só por achar que não serviriam, ou por se sentir insegura demais para assumir o compromisso, mas também porque não havia sentido que nenhum deles era o lugar certo. Mas esse, um edifício que ela nunca havia notado até o dia anterior e onde nunca pusera os pés, dava a ela a sensação de ser.

— Rory?

— Estou pronta para seguir adiante.



Soline

Podemos abandonar O Trabalho, mas O Trabalho nunca vai nos abandonar. Ele vai lutar para permanecermos, vai se jogar em nosso caminho muitas, muitas vezes, até finalmente prestarmos atenção. Isso é o que significa ser escolhido.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

29 de maio de 1985 — Boston

Eu me assusto quando meu telefone toca exatamente às oito da manhã. Não recebo mais ligações, não muitas

pelo menos, e, quando as recebo, raramente acontece antes de eu terminar de tomar meu café. Deixo o telefone tocar enquanto encho o recipiente e empurro o pino da prensa, torcendo para quem estiver ligando simplesmente desistir. Não tem ninguém com quem eu queira falar.

O telefone continua tocando. Pego o fone e o devolvo ao gancho imediatamente. Segundos depois, ele começa a tocar novamente. Desligo de novo sem dizer nada e espero que quem quer que esteja do outro lado entenda o recado e me deixe em paz. Quando ele começa a tocar pela terceira vez, pego o fone com um movimento brusco.

— Não quero comprar nada!

Estou prestes a bater o telefone, quando escuto uma gargalhada. É um som familiar e surpreendentemente agradável, mesmo àquela hora do dia, ainda pré-caféina. Meu procurador e amigo, imagino, com quem não falo há meses.

— Daniel Ballantine... é você?

— Sim, sou eu. E não estou ligando para convencer você a comprar nada. Estou ligando para perguntar se você se interessa em vender uma coisa. Ou, para ser mais específico, alugar uma coisa.

— Do que está falando?

— Recebi um telefonema ontem à noite. Tem alguém interessado no imóvel da Fairfield.

Tenho a sensação de que um sopro de ar gelado acabou de encontrar minha nuca.

— Alguém quer minha loja?

Uma pausa, o tipo de pausa educada, mas desconfortável.

— Bom, não é uma loja há anos, mas tem alguém interessado no imóvel sim.

— Quem?

— O corretor não disse o nome de seu cliente, mas se o cara me encontrou, é evidente que fez o dever de casa. O nome dele é Brett Gleason, do Back Bay Land Group. Eles pediram uma reunião.

— O imóvel não está à venda, e não quero alugar.

Daniel faz aquele ruído que faz quando está frustrado comigo, meio grunhido, meio suspiro.

— Soline, são três anos... mais de três, na verdade... e nós dois sabemos que reabrir não é uma opção. O fogo causou muito prejuízo, e com todo o resto...

Todo o resto.

Levanto a mão livre, olho para ela. A pele rosada e brilhante, salpicada de manchinhas brancas, os dedos meio enrugados e deformados. A outra mão, a que segura o telefone, é um pouco melhor, mas não muito, resultado de queimaduras de segundo grau que sofri quando um cigarro que deixei aceso ateou fogo à minha loja de vestidos de noiva. Foram talas, fisioterapia, uma série de cirurgias medonhas. Mais talas. Mais fisioterapia. Até os médicos decidirem que não havia mais nada a ser feito.

— Está falando das minhas mãos? — pergunto em voz baixa.

— Estou falando de tudo, Soline. Você veio para cá sozinha e trabalhou duro, construiu um nome a partir do nada. As pessoas nunca vão esquecer o nome Roussel e o que ele representou. Mas agora você está aposentada. Por que deixar o imóvel vazio? Estamos falando de um bom dinheiro no mercado atual de aluguel.

— Não preciso de dinheiro.

— Não. É claro que não. Mas também não precisa das lembranças. Talvez seja hora de deixá-las para trás e seguir em frente.

As palavras dele acendem uma faísca em mim.

— Acha que é só isso? Assino um contrato, alguém ocupa o imóvel e tudo vai embora?

Daniel suspira.

— Não foi isso que eu disse. Sei o que você passou e sei que tem motivos para relutar em seguir em frente. Mas você não se permite superar. Não completamente. E, para ser franco, não sei se continuar se apegando a isso ajuda em alguma coisa, a essa altura.

Olho de cara feia para a prensa de café, resmungando um palavrão. Por que ele precisava ligar agora, quando eu estava indo tão bem nessa farsa de me fazer de anestesiada?

— Não quero falar sobre isso agora.

— Promete que vai pensar nisso.

Suspiro profundamente, cansada de ser pressionada.

— Tudo bem.

— Tudo bem, vai alugar?

— Tudo bem, vou pensar.

— Eu ligo amanhã.

— Amanhã não — retruco. — Depois de amanhã.

— Tudo bem. Depois de amanhã.

Desligo e volto ao meu café frio. Agora vou ter que começar de novo. Removo o êmbolo e despejo o líquido morno na pia. Sei que Daniel só quer o que é melhor para mim, e não só por ser pago para isso. Mas existem partes da minha história que nem ele conhece, partes que tenho que guardar para sempre. E, depois de tantos anos, que importância tem isso? Pessoas como eu — como os Roussel — são uma linhagem em extinção, nossos dons têm pouco valor para um mundo que não acredita em *la magie*.

Durante gerações, minha família tem sido parte de um *conte de fée* — um conto de fadas. Apesar de, talvez, “conto de fadas” ser a expressão errada. Contos de fadas têm finais felizes. Fábulas são relatos que

servem de aviso, lições que pretendem nos ensinar sobre a vida e suas consequências. E, ao longo dos anos, os Roussel aprenderam muito sobre consequências.

Há muitos nomes para o que somos. Ciganos, feiticeiros, bruxos brancos e xamãs. Na Inglaterra, somos chamados de “povo astuto”, mas eu sempre odiei esse nome. Talvez por conjurar ideias de trapaceiros de mãos rápidas, esperando para tirar do transeunte distraído o pouco dinheiro que ele tem nos bolsos, os charlatões com sua falsa magia e seu espetáculo vulgar, construindo fortunas e distribuindo platitudes. Não somos essas pessoas. Para nós, O Trabalho é sagrado, uma vocação.

Na França, de onde eu venho, somos *les Tisseuses de Sort* — Tecedoras de Encantamentos —, o que se aproxima mais da verdade pelo menos. Temos certas habilidades, talentos com coisas como amuletos e ervas, cartas e pedras — ou, no nosso caso, agulha e linha. Não há muitas de nós hoje em dia, ao menos não muitas que dependam “do artesanato” para viver. Mas ainda restam algumas poucas, se você souber onde procurar. Por um tempo, eu fui uma delas, como minha mãe e a mãe dela antes dela, vivendo nas ruas estreitas e sinuosas de Paris, discretamente conhecidas como o distrito do artesanato.

Éramos as Roussel, uma família de costureiras — *designers* de noivas, para ser mais precisa —, mas com uma especialidade particular. A noiva que usa um vestido Roussel no dia de seu casamento tem a garantia de um final feliz. Somos as escolhidas, como diz a história. Servas de *La Mère Divine* — a Mãe Divina. E, como todas as servas, devemos nos contentar com a solidão que é nosso quinhão, sacrificar nossa felicidade para servir a outros. Como as irmãs da sagrada

Católica, as pretas e brancas, como *Tante* Lilou as chamava, aprendemos desde cedo que finais felizes são para outras pessoas.

Um dom, dizia *Maman*, mas, olhando para trás agora, não me convenço de que ele algum dia valeu o preço pago. E, sim, teve um preço. Com a *magie*, sempre se tem que dar algo em troca. E as Roussel aprenderam muito bem qual é o preço da desobediência.

Um *maléfice* — uma maldição passada de geração em geração — porque uma de nós, uma Roussel tola cujo nome há muito foi esquecido, usou *la magie* para roubar o marido de outra mulher, desrespeitar o primeiro mandamento do nosso credo: não fazer mal.

Um mito, provavelmente, embora eu suspeite que, como em todos os mitos, exista nele um fio de verdade. E uma coisa repetida muitas vezes adquire uma verdade própria, como o constante correr da água entalha um caminho na pedra. E assim a maldição foi incutida em nós, em minha mãe e na dela, e na dela antes disso, prevenindo todas nós contra o destino infeliz daquelas que se afastaram de sua vocação. Nosso coração deve permanecer trancado, fechado às tentações que podem nos levar a esquecer nosso verdadeiro propósito — garantir a felicidade de outros. Esse é o catecismo das Roussel. Mas o coração sempre se impõe, e as Roussel caíram vítimas do amor e de suas consequências.

Superstição, alguns podem dizer. Mas eu vi a evidência por mim mesma, ou ouvi falar dela, pelo menos. Giselle, a mãe de minha mãe, abandonada pelo marido, um artista fracassado, depois de dar à luz a segunda filha. *Tante* Lilou, viúva quando o carro de seu belo marido britânico caiu em uma ribanceira ao voltarem da lua de mel na Grécia. *Maman*, abandonada por seu misterioso e jovem amante quando ficou

grávida. E eu, é claro, mas essa é uma história para outro momento.

Por enquanto, vamos retornar ao *Trabalho*. *Maman* o chamava de sagrado, uma vocação entalhada em nosso coração muito antes de nascermos. Isso também se assemelha às irmãs Católicas, suponho, apesar de não fazermos votos formais. Nosso nome é nosso voto. O sangue é nosso voto. O trabalho — encantamentos minuciosamente costurados nos pontos de um vestido de seda branca — é nosso voto. E somos bem pagas por nosso trabalho.

Em Paris, onde moda e recomendações de nomes andam de mãos dadas, éramos relativamente desconhecidas. O nome Roussel provavelmente não era ouvido nos salões elegantes, onde o *bon ton* bebia champanhe e saboreava *tarte tropézienne*. Essas distinções eram reservadas para gente como Chanel, Lanvin e Patou. Mas, nas esquinas mais discretas da cidade, onde mulheres com certas habilidades recebiam para guardar os segredos de outras mulheres, *Maman*, nascida Esmée Roussel, filha de Giselle Roussel, era conhecida como *la Sorcière de la Robe*.

A Bruxa do Vestido.

O nome foi herdado por ela quando minha *grand-mère* morreu, e seria meu quando mamãe finalmente depusesse sua agulha. Mas eu nunca quis esse nome para mim. Herdei o dom de minha mãe com a agulha e a superei de longe na habilidade de *designer*, mas nunca consegui me igualar a ela em relação ao trabalho de encantamento. Não tinha paciência para essas coisas. Porque meus pensamentos — meus *sonhos* — estavam em outro lugar.

Maman fez de tudo para me livrar deles. Ela era uma supervisora dura, rápida para criticar e lenta para elogiar. Para ela, eu era egoísta e ingrata, uma criatura

sem limites que um dia teria problemas se não parasse com essa bobagem de sonhar e não me entregasse à minha vocação. *Un rêveur*, ela me censurava quando eu divagava, e a distração transparecia em minhas mãos. *Sonhadora*. Eu merecia, é claro. Eu era uma sonhadora. Tão deslumbrada e cheia de desejos quanto qualquer garota deveria ser.

E, como qualquer outra garota, mantinha meus sonhos em um caderno. Não o que eu usava para registrar os ensinamentos de *Maman*, mas outro tipo, inteiramente diferente, de caderno. Um com páginas brancas e vazias que esperavam para ser preenchidas com meus próprios desenhos. Páginas e páginas de roupas que um dia criaria e às quais daria meu nome. Vestidos, *tailleurs* e deslumbrantes vestidos de noite em todas as cores do arco-íris. Ocre, azul e roxo.

Eram essas as cores dos meus sonhos de menina. Infelizmente, nós, mulheres, raramente temos a vida que escolhemos para nós. Em vez disso, nosso destino é escolhido por pessoas que dizem saber o que é melhor para nós, e, antes de percebermos, fomos moldadas em algo que não reconhecemos, refeitas à imagem de outro alguém. Para as Roussel, isso é especialmente verdadeiro.

Durante setenta anos, mantivemos um salão na Rue Legendre, com um pequeno apartamento na sobreloja, onde morávamos. Não era nada muito grandioso, era pequeno, mas elegante, com persianas nas janelas e uma porta roxa para nos diferenciar dos vizinhos. Roxo é a cor dos nossos, a cor de *la magie* — da magia. Podíamos ter criado uma fachada melhor, uma placa atraente ou um toldo requintado, mas nossas clientes valorizavam a discrição quase tanto quanto valorizavam o dom de *Maman* com uma agulha. E quem poderia dizer que estavam erradas? Nenhuma mulher — e uma

francesa menos ainda — quer que saibam que ela precisa de ajuda com *les choses de coeur*. Mas muitas precisavam. E muitas eram rejeitadas, decretadas incompatíveis com os noivos que escolheram e, portanto, impróprias para uma vinculação.

Não se podia simplesmente entrar no ateliê e encomendar um vestido da *Maman*. Para se tornar uma noiva Roussel, havia três requisitos: indicação por uma cliente anterior, um voto de discrição e a absoluta honestidade. E, mesmo assim, não havia garantia de que a futura noiva fosse considerada digna do serviço. Havia um processo, testes a fazer, perguntas a responder e, é claro, as leituras, tudo isso realizado na saleta de *Maman* no fundo da loja.

A cliente em potencial chegava na hora marcada. Sozinha. Nunca acompanhada pela mãe. Havia sempre uma bandeja com um lanche — um prato de biscoitos e chocolate quente forte e doce servido em finas xícaras de porcelana. A noiva sentava-se em sua cadeira com o lanche. *Maman* sorria aquele sorriso desconcertante por cima da borda da xícara, e as perguntas começavam.

“Há quanto tempo conhece o rapaz? Como o conheceu? A mãe dele a aprova? A sua o aprova? Já falaram sobre ter filhos? Já tiveram intimidades? Ele a agrada fisicamente? Ele já foi infiel? Você foi infiel a ele?”

De vez em quando, elas tentavam mentir, mas isso não as favorecia. *Maman* sentia o cheiro de uma mentira antes de ela sair da boca de alguém. E o preço de uma mentira era ser rejeitada.

Depois das perguntas, ela passava ao verdadeiro teste. As mulheres eram instruídas a levar um objeto pessoal à entrevista, e também um objeto do noivo: uma escova de cabelo ou um anel, alguma coisa que ambos

usassem e tocassem todos os dias. *Maman* segurava os objetos nas mãos, um de cada vez, deixando os olhos perderem o foco e a respiração se tornar mais profunda, até as imagens começarem a aparecer. Ecos, ela as chamava. Do que foi e do que está por vir.

Vai parecer estranho para você, como faz de conta. Era ainda mais estranho ver aquilo pelo buraco da fechadura quando eu era pequena, espiar coisas que eu ainda não entendia. E, então, um dia, *Maman* explicou. Toda alma cria um eco. Como uma impressão digital ou assinatura que fica impregnada nas coisas à nossa volta. Quem somos. Qual é o nosso lugar. O que devemos trazer ao mundo. Não há dois ecos parecidos. Eles são nossos e só nossos. Mas são incompletos — metade de um todo perfeito. Como um espelho sem reflexo. E, assim, cada eco está constantemente procurando sua metade, para se completar. É isso que procuramos em uma leitura, um sinal de que os ecos dos amantes são uma combinação.

Quase dois terços das noivas que pediam a ajuda de *Maman* eram rejeitadas, e nenhum dinheiro podia induzi-la a mudar de ideia. Essas considerações eram críticas, afinal. Era a reputação dela que estava em jogo, então, precisava ser cuidadosa. Uma falha poderia arruiná-la, arruinar todas as Roussel.

Eu tinha doze anos quando ela começou a me preparar abertamente. Um ano mais cedo do que sua *maman* começou a prepará-la. Quando perguntei por que, ela disse que não podia esperar, não havia tempo. Eu precisaria estar pronta, quando chegasse a hora. Não entendi naquele momento. Não entenderia por vários anos. Mas entendi quando me explicaram. E assim começaram minhas aulas com a Bruxa do Vestido.

O treinamento tinha três partes. A primeira era *adivinhação*, que, de acordo com *Maman*, deveria ser o primeiro foco de qualquer *sorcière* digna do título. Tem outros nomes. Vidência, leitura, invocação. Escolher um ou outro nome não faz diferença. *La magie* é uma coisa maleável, poderosa, mas flexível, adaptável a muitas formas e usos. Olfato. Audição. Visão. Tato. Até o paladar pode ser usado, se o praticante for suficientemente treinado. Para as Roussel, é o tato e a capacidade de analisar a história de uma pessoa — seus ecos — pela ponta dos dedos.

Com relação aos encantamentos — e à felicidade — não tem tamanho único. A boa magia, magia eficiente, tem a ver com conhecer a história das clientes, quem são elas e como vivem, o que as faz vibrar. Para ser eficiente, você precisa chegar à verdade.

Trabalhávamos todos os dias depois de fechar a loja, com objetos que *Maman* encontrava ou comprava por preços baixos em uma das barracas de produtos de segunda mão. Ela me ensinava a aquietar por dentro, suavizar o foco e reduzir o ritmo da respiração — respirar bem, bem devagar —, até tudo ficar distante e as imagens cintilarem perto da superfície. Amores, perdas, bebês, casamentos, acidentes, doenças, tudo tremulando diante dos meus olhos como páginas em um álbum de recortes. Depois, *Maman* me fazia perguntas para ver se minhas leituras combinavam com as dela.

No início, eu era péssima, atropelada por todo tipo de coisas que apareciam. Era jovem e sentia desconforto por tomar conhecimento dos detalhes íntimos da vida de pessoas desconhecidas, como se estivesse espiando por suas janelas ou lendo seus diários. *Maman* simplesmente revirava os olhos. “Os ecos não mentem”, ela me lembrava. “Eles são a biografia de uma pessoa, despida de enfeites e

autoilusão, a verdade nua e crua, e essas verdades são a base para todo o resto.”

Todo o resto era a criação do encantamento.

Um encantamento particular tem que ser criado para cada noiva Roussel, palavras cuidadosamente escolhidas e unidas em uma espécie de verso, cujo propósito é dissolver impedimentos específicos e garantir um desfecho feliz. Escrever um encantamento de vinculação é considerado um trabalho sagrado e deve ser abordado com reverência. Nunca de maneira apressada e nunca, jamais, com a intenção de subjugar a vontade de outra pessoa. Os dois amantes devem entrar por vontade própria na união e devem acreditar completamente no poder de união do encantamento. *Fé* é a pedra fundamental de toda magia. Sem ela, até o encantamento mais poderoso é inútil.

Quando o encantamento fica pronto, é costurado no vestido, inserido discretamente na costura que vai ficar mais próxima do coração da noiva. As palavras devem ser traçadas com linha de seda branca, com pontos quase invisíveis a olho nu, uma medida de proteção contra cópia e apropriação indébita. Encantamentos de vinculação exigem uma magia poderosa e, em mãos descuidadas, podem causar um mal difícil, se não impossível, de reverter. Mas, em mãos habilidosas, um vínculo criado com capricho garante proteção e felicidade. No dia do casamento, quando os amantes fazem seus votos, sua união é proclamada *envoûtée* — encantada.

Essa parte do treinamento foi difícil para mim. Eu era impaciente, o que me tornava desajeitada, talvez por achar o trabalho dolorosamente chato. Queria muito fazer vestidos, criações lindas e radiantes como as das fotos em *La Joie des Modes*. Mas *Maman* não me deixava fazer mais do que alfinetar uma bainha ou

reproduzir um molde, antes de eu dominar a criação do encantamento.

Eu achava que ela era muito injusta. Aos quinze anos, eu já era tão boa quanto ela com uma agulha, talvez melhor, e tinha um caderno de desenhos cheio de ideias que queria muito realizar. Volumosas saias de princesa, cinturas muito justas, corpetes com pedras incrustadas e grandes laços de cetim com pontas tão longas que arrastavam no chão. Eram vestidos destinados a celebrar a forma feminina, oferecendo vislumbres de ombros, costas e colo.

Maman detestava todos, dizia que eram exagerados e vulgares, propícios apenas para o palco. Sua opinião me feria mais do que eu deixava transparecer, mas um dia, depois de mais uma crítica ríspida, informei a ela que suas confecções sem forma eram *très démodé* — feias e antiquadas. Nenhuma mulher, disparei ressentida, nem mesmo as que precisavam de nossa ajuda, ia querer entrar na igreja com um vestido que parecia ter sido feito com a melhor toalha de mesa da mãe dela, e certamente não pelos preços que cobrávamos.

Ela respondeu como eu esperava, disse que nossas clientes não pagavam por moda, mas por paz de espírito. Mesmo assim, eu desprezava a ideia de uma noiva Roussel ter que escolher entre moda e *la magie*. Não via motivo para que não pudessem ter as duas coisas. Se ela me deixasse fazer alguns dos meus vestidos e expor as criações no salão, veria que eu estava certa. Mas *Maman* não se convenceu. Por isso, comecei a costurar em segredo, trabalhando todas as noites depois que a luz do quarto dela era apagada, sonhando com o dia em que mulheres entrariam na igreja usando vestidos que teriam meu nome na etiqueta.

Agora, anos mais tarde e um oceano distante de onde comecei, as lembranças ainda são vivas, mas foi o trabalho que me ajudou a levantar depois de Paris e tudo que aconteceu em seguida. Daniel tem razão. Apesar de tudo, consegui construir meu nome e levar adiante o legado Roussel de um jeito que, eu esperava, deixaria *Maman* orgulhosa. Com minha loja, eu me pus em pé. E me encontrei. Vendê-la, por mais que esteja vazia há tanto tempo, seria como abrir mão de tudo isso — como abrir mão de mim —, e não sei se estou preparada para isso.



Soline

Sempre deve haver livre-arbítrio. Não cabe a nós impor nossas crenças ou tentar persuadir alguém às práticas de nossa fé. Não procuramos aquelas que precisam de nossa ajuda. Em vez disso, elas devem nos procurar e pedir nossa assistência.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

31 de maio de 1985 — Boston

Dessa vez, Daniel espera até depois do café da manhã para telefonar. Penso em deixar tocar, mas sei

que é inútil. Ele vai simplesmente aparecer na minha porta com uma caixa das minhas trufas favoritas. Depois de tantos anos, ele sabe como lidar comigo.

Sem pressa, encho novamente minha xícara com café, enquanto o telefone continua tocando. Sete vezes. Oito. Nove. Ainda não sei o que vou dizer. Não me permiti pensar nisso desde o primeiro telefonema dele. Mas agora tenho que pensar, porque ele sabe que estou aqui — onde mais estaria? — e não vai desistir.

— Você está se tornando um estorvo — resmungo quando finalmente atendo o telefone.

— E se não fosse eu? — Tem um sorriso na voz dele e uma nota de irritação por ter sido forçado a esperar.

— Quem mais estaria ligando para mim?

— É verdade. Pensou no que quer fazer?

Bebo um gole de café quente e forte. O que eu quero fazer é voltar a um tempo em que ainda tinha sonhos, antes de meu coração congelar.

— Não — falo sem rodeios. — Não tive tempo.

— Sei um pouco mais do que sabia na última vez que conversamos. O corretor telefonou ontem novamente. A cliente dele está procurando um lugar para abrir uma galeria. Prefere aluguel, em vez de compra, o que significa que não teria que se desfazer do imóvel. Só estaria... compartilhando a casa. Por uma boa causa.

Suspiro.

— Tem imóveis pela cidade toda. Por que ele quer o meu?

— É ela, na verdade, embora o corretor ainda não tenha mencionado um nome. Ele me contou que a galeria vai expor artistas emergentes. Ela já tem até um nome. Quer chamar o lugar de “Desconhecidos”.

Penso um pouco. É um nome inteligente. Intrigante. É claro que é uma mulher.

— Devia ter dito que o imóvel não está disponível logo no primeiro telefonema do corretor — falo, irritada

com a vida, que parece decidida a me jogar de volta ao passado, quando só quero ficar quieta no meu canto.

— Não sou seu cão de guarda — Daniel avisa com aquele tom que reserva para mim quando sou irritante. — Sou seu advogado. Meu trabalho é aconselhar quando surge uma boa oportunidade. E essa é boa. Eles sabem sobre o incêndio, sabem que a reforma não foi concluída. Gleason diz que ela não se importa. Aparentemente, faz mais de um ano que está procurando um espaço, mas nunca encontrou nada que a agradasse. Com o passar do tempo, ela acabou arquivando a ideia. Até ver a casa geminada e sentir que era ela. Palavras dela. Disse que foi como se a casa estivesse esperando por ela.

Esperando por ela...

As palavras vibraram em meu peito como um diapasão vibra ao ser manipulado.

— Ela acha que o imóvel, meu imóvel, estava esperando por ela?

— Foi o que o corretor disse. Coisa dessa gente metida com arte.

— Eu sou essa gente — lembro com tom seco.

— É claro que é. Então, talvez você e essa mulher que quer ter uma galeria sejam almas gêmeas. Posso marcar uma reunião?

— Eu não disse isso.

— Eu sei, mas ela pode estar certa. Talvez a casa estivesse esperando por ela. E você também. Eles estão falando em aluguel, só isso. E para uma coisa significativa. Arte.

— Para com essa manipulação, Daniel. Não sou criança.

Ele fica em silêncio. A verdade é que posso ser bem infantil, às vezes. Birrenta e irredutível. E, sim, difícil. Acho que é resultado de uma vida que me negou tudo que eu sempre quis. Mas agora é outra pessoa que quer

alguma coisa. Alguém com um sonho. Alguém que acredita em arte e artistas. Eu quero mesmo ser a desmancha-prazeres?

— Soline? — Daniel me chama.

— Marca uma reunião.

Um instante de silêncio perplexo.

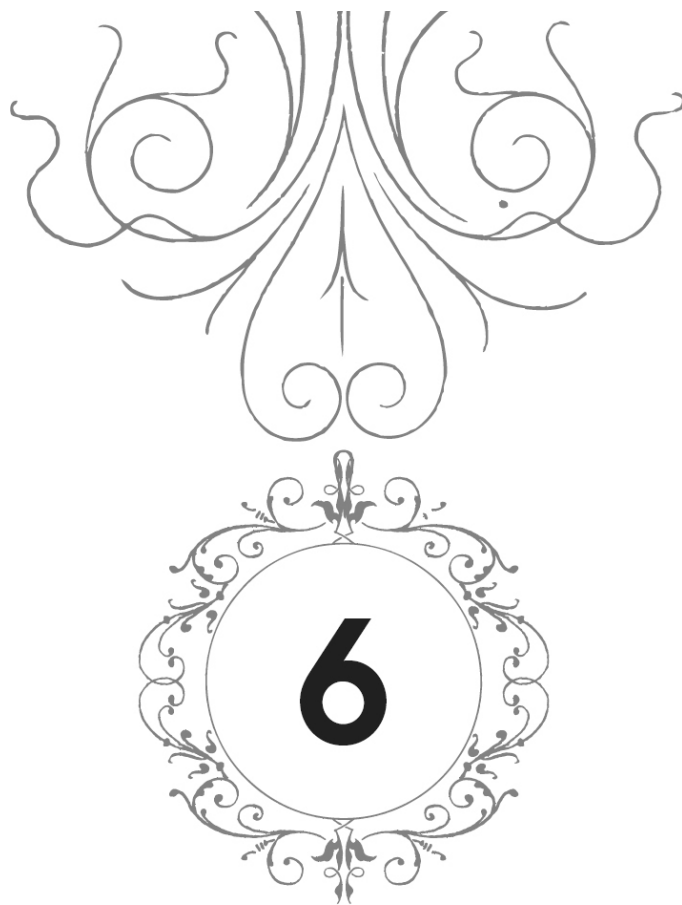
— Para que dia?

— Você decide. Eu não vou estar lá.

— Não quer conhecer essa mulher misteriosa?

— Não. — Minha resposta é tão rápida que surpreende até a mim. Nunca me importei com a parte comercial das coisas. Por isso, tenho um procurador. Daniel pode supervisionar a negociação e finalizar o acordo, se houver um, depois enviar a documentação necessária por portador. Isso eu posso suportar, desde que não tenha que participar de tudo com um sorriso no rosto e fingir que não lembro do descosturar ponto a ponto de minha vida. Porque eu lembro.

Lembro do dia em que soube que os nazistas iam chegar. Lembro onde estava e o que vestia. Lembro que roupa *Maman* usava e o que ela disse. E lembro de não querer acreditar em nada daquilo. Era impossível. Mas *Maman* sabia o que fazer e começou a reunir tudo de que íamos precisar — o que eu ia precisar —, e, no meu aniversário de dezesseis anos, ela decidiu que era hora de me preparar para o que ia acontecer.



Soline

Um crucifixo no pescoço e um amuleto mágico no bolso podem proteger você de caçadores de bruxas, mas são inúteis contra os nazistas.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

17 de setembro de 1939 — Paris

É quase hora de fechar, e estou arrumando o ateliê, reclamando dos rolos de tecido que começam a se acumular nos cantos, quando a máquina de costura da *Maman* silencia.

— Vai chegar um tempo — ela fala com tom sério — em que vamos precisar de mais que farinha e açúcar para sobreviver.

Minha mãe nunca foi dramática. Ela é uma mulher que vive a vida em um frio e cauteloso ponto mediano, sem tempo para drama, por isso, essa previsão sombria, feita do nada, me pega de surpresa.

Olho para ela com um ar confuso.

— Quem falou em farinha?

Ela estende a mão e liga o rádio, depois junta as mãos no colo.

— Chegou a hora de eu dizer algumas coisas, Soline, e quero que me escute.

Só isso é o suficiente para me deixar alerta. *Maman* não é muito falante, a menos que tenha que apontar uma bainha torta ou um molde mal cortado. Mas a guerra muda as coisas. Minha barriga se contrai quando olho nos olhos dela, escuros como os meus, emoldurados por cílios longos que estão, de repente e sem nenhuma explicação, molhados de lágrimas.

Ela aponta a cadeira vazia ao lado de sua bancada de trabalho.

— Sente-se aqui e escute.

Suas lágrimas, tão raras, me apavoram.

— Que foi?

— Mudanças vão acontecer — ela começa. — Tempos sombrios que testarão todos nós. Os ventos já estão soprando. — Ela toca o crucifixo de ouro que passou a usar todos os dias, um hábito novo, como as contas de granada que mantém no bolso do avental e manuseia distraída quando tem as mãos livres.

Oui, Maman carrega um rosário. E usa um crucifixo. Não é incomum que nossa gente pratique uma mistura de catolicismo e *la magie des esprits*. Ela não vai à missa nem se confessa, mas vai à igreja de vez em

quando para acender uma vela — uma espécie de proteção contra *malchance*.

Talvez isso tenha a ver com os primeiros dias da igreja, quando nossos dias de celebração foram absorvidos pelo calendário cristão no esforço de atrair mulheres como nós para a *única fé verdadeira*. Ou um resquício de tempos mais tenebrosos, quando ser qualquer coisa além de católico podia resultar em ser amarrada a uma estaca e queimada. Qualquer que fosse o motivo, muitos dos *dotados* na França continuam em cima do muro entre santos e espíritos. Especialmente as mulheres.

O sexo feminino sempre foi problemático para aqueles no poder, porque vemos coisas, sabemos coisas. E agora *Maman* sabe alguma coisa. E eu fico sentada e quieta, esperando.

— Os alemães de novo — ela fala com tom ríspido, pegando o fio da conversa. — Liderados por *un fou*, um louco com uma sombra na alma. Ele vai tomar tudo. E o que não puder tomar, ele vai destruir. — Ela para, toca meu braço. — Você precisa estar preparada, So-So.

Ela raramente me toca. E nunca me chama de So-So. Esse era um dos apelidos que minha *Tante* Lilou usava para mim, e ela sempre detestou. A repentina demonstração de carinho me deixa gelada.

— Como sabe disso?

— Vivi isso antes. E não faz muito tempo. Agora vai acontecer de novo. — Ela fecha os olhos, como se tentasse se livrar das imagens. — Essa guerra não vai ser uma coisa pequena. O mundo nunca viu tal barbaridade, por isso não a antecipará. — Ela levanta a cabeça, olha diretamente para mim. — Você vai ter que ser forte, *ma fille*. E cuidadosa.

De repente, fica pálida, seus olhos escuros endurecem, e ela me obriga a olhar dentro deles. Como

não notei os ângulos mais pronunciados em seu rosto, a boca, antes carnuda, agora mais fina? Ela está com medo, e nunca antes a tinha visto amedrontada.

Tem algo que ela não diz, algo que a assusta mais que a perspectiva da guerra. De repente, também sinto medo.

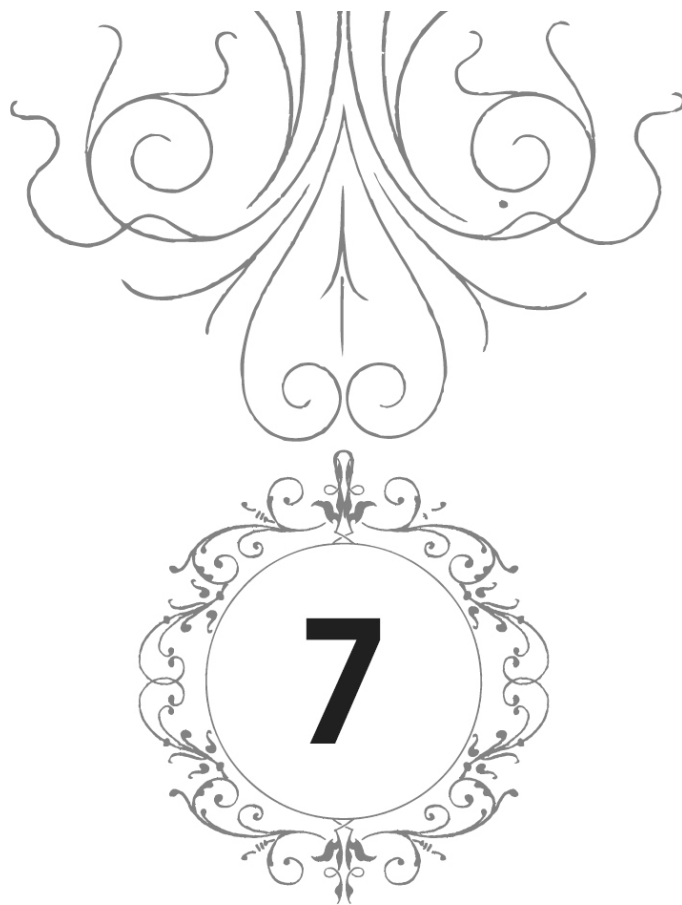
— Quando, *Maman*?

— Um ano, talvez mais. Mas estive me preparando, fazendo um estoque para o que está por vir. Vai ser cada vez mais difícil conseguir coisas. Comida. Roupas. Até sapatos. Dinheiro não vai fazer falta, porque não vai haver nada para comprar e ninguém de quem comprar. Por isso o ateliê está tão cheio. E a despensa lá embaixo. Para que você tenha o que for necessário quando a hora chegar. Coisas que possa trocar. — Sua mão volta ao crucifixo. — Tenho medo por você.

As palavras pairam no ar entre nós. Pesadas. Solitárias.

— Só por mim?

Seu olhar é firme, as emoções aparentes pela primeira vez desde que consigo lembrar. Medo. Tristeza. E um pedido de desculpas silencioso. De repente, entendo o que ela não está dizendo e o que não tinha me permitido enxergar até agora. As faces esvaziadas e as olheiras, a tosse que às vezes escuto à noite. *Maman* está doente e partirá em breve.



Soline

Por mais de duzentos anos, houve uma Bruxa do Vestido, a guardiã de nosso segredo e a professora de nosso ofício. Nosso dom, embora ensinado, é hereditário em suas raízes, o título é passado de geração em geração. Quando a mãe depõe sua agulha, a filha a pega. E assim segue O Trabalho.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

17 de janeiro de 1940 — Paris

Por enquanto, pelo menos, nada parece estar acontecendo. Os bares continuam com mesas cheias nas calçadas, as cafeterias ainda vibram com os artistas e filósofos, que consomem intermináveis xícaras de café puro, ruminando a vida como se ela fosse um osso. Os *chefs* seguem cozinhando, e o vinho continua fluindo, os cinemas atraem suas habituais plateias, e a moda ainda é o principal passatempo da mulher parisiense. Mais importante, ao menos para as Roussel, os jovens amantes continuam se casando.

Maman diz que isso tem a ver com os soldados de Hitler varrendo a Europa como uma praga de gafanhotos. A perspectiva de ter nossas ruas ocupadas pelas tropas deixa todo mundo nervoso, e noivas se desesperam para subir ao altar antes que o pior aconteça.

Todos os dias acordamos com as notícias de novas atrocidades. Uma mulher que fugiu de Berlim com os pais idosos contou a *Maman* sobre a noite em que viu dezenas de judeus de seu bairro serem levados para os campos, suas sinagogas queimadas, seus negócios destruídos, as ruas onde eles moravam e trabalhavam cobertas de cacos de vidros quebrados. *Kristallnacht*, eles chamaram essa ocasião — a Noite dos Cristais. Ouvi falar sobre ela, é claro, mas pelo rádio, não como ela contou.

Hoje de manhã, as notícias mencionam mães pondo seus filhos em trens, entregando-os a estranhos, a fim de salvá-los do que se aproximava. *Maman* passou horas chorando, parando de chorar e chorando de novo. Ela agora está decaindo rapidamente, emagreceu tanto que os ossos do rosto aparecem sob a pele, e a tosse piora a cada dia. Ela se nega a ir ao médico, afirmando, com calma assustadora, que não vai fazer diferença.

Não há mais fingimento entre nós. Ela está morrendo, e tudo que posso fazer é olhar.

— Ainda vai demorar muito? — pergunto quando ela desliga o rádio e se recosta em seus travesseiros. — Para eles chegarem a Paris, quero dizer.

Ela vira a cabeça, tosse em um lenço, um acesso que a deixa ofegante e pálida.

— Estão mais perto a cada dia. Eles não vão parar até terem tudo.

Sua resposta não me surpreende. É o que estão dizendo na *Radio Londres*.

— Eles já tomaram metade da Europa. Por que precisam de Paris?

— Eles querem “purgar” toda a Europa, “purificá-la”. Muitos vão morrer. E os que não morrerem vão perder tudo.

Assinto, porque não há mais dúvida de que ela está certa. Todos os dias trazem novos horrores. Invasões e ataques. Trens cruzam a Europa carregados de prisioneiros a caminho dos campos. Comunistas. Judeus. Ciganos.

— Ninguém estará seguro, então?

— Os que se dispuserem a ignorar e concordar, mas só esses. Alguns até lucrarão com isso. Quanto ao restante, eles virão com suas foices, cortando tudo o que estiver no caminho. E eu não estarei aqui. Não vai ter ninguém para proteger você.

Quero dizer que ela está errada, que vai ficar bem e tudo vai dar certo, mas nós duas sabemos que não é verdade. E por isso não digo nada.

— Recebi uma carta de Lilou — ela diz de repente.

A notícia me deixa sem fala. *Maman* nunca perdoou a irmã por ter se apaixonado por um inglês e fugido para se casar. Ele era rico e envolvente, tinha um apartamento em Londres e uma casa de campo onde

criava cavalos e cabras. Eu achava tudo aquilo terrivelmente romântico. *Maman* pensava diferente e demonstrou pouca emoção quando recebeu a carta informando que o marido de Lilou estava morto. Apenas rasgou a carta em pedaços e a atirou no fogo, resmungando que tudo aquilo era inevitável, e que era bem-feito para ela por ter nos abandonado. Agora, mais de uma década depois, parece que havia outra carta.

— Eu não sabia que você e Lilou estavam trocando cartas.

— A guerra muda as coisas — *Maman* responde com tom seco. — E havia... coisas a dizer.

— Contou a ela que está doente?

— Ela disse que você deveria ir para lá.

Eu a encaro.

— Para Londres?

— Ainda é possível. Mas não por muito tempo. — Ela me surpreende ao segurar minha mão, as articulações pálidas quando os dedos envolvem os meus. — Quero que você vá, Soline. Quero que fique segura. E não vai estar em Paris. Ninguém vai. Precisa ir. Amanhã.

— Sem você?

Seus olhos tremulam, se fecham.

— *Oui, ma fille*. Sem mim.

— Mas como...

Minha mãe balança a cabeça, me interrompendo.

— Não pode ficar, Soline. Fui tola por pensar que uma despesa cheia de café e açúcar seria o suficiente para manter você segura. Não vai adiantar. Nada vai adiantar, se eles decidirem vir atrás de você.

O pânico em seus olhos é tão evidente que sinto um arrepio na nuca. Estreito os olhos, certa de que ela sabe alguma coisa que eu não sei.

— Que motivo eles podem ter para vir atrás de mim, *Maman*?

Seus olhos cintilam, febre e medo misturados.

— Você não entende? Eles não precisam de um motivo! Mas vão encontrar um. As pessoas sempre encontram uma maneira de justificar seu ódio e dar aos outros uma razão para se enquadrar. Colocam palavras na boca das pessoas, as plantam como vírus, depois as observam se espalhando. Pessoas aqui em Paris, pessoas que conhecemos, serão infectadas. E, quando a febre se espalhar, essas pessoas vão apontar o dedo para qualquer um que considerem suficiente para salvá-las. Por favor, estou implorando, vá para perto de Lilou.

— Como eu posso ir? — As palavras transbordam mais ríspidas do que eu pretendia, mas ela está pedindo o impossível. Nunca fomos próximas, não como a maioria das mães e filhas, mas ela é minha mãe. Não posso simplesmente abandoná-la. — Você está tão fraca que não consegue descer a escada, e mal é capaz de se alimentar. Se eu for, não vai ter ninguém para cuidar de você.

— Você precisar ir, Soline. Precisa ir. Agora.

— E O Trabalho? Alguém tem que estar aqui para fazer O Trabalho.

Ela deixa escapar um suspiro, claramente cansada de argumentar.

— Não vai ter trabalho nenhum, Soline. Não vai haver noivas, porque não haverá noivos. Os homens vão embora. Todos eles.

Sinto o ar escapar dos meus pulmões. Ouvi histórias sobre a última guerra, a falta de homens disponíveis para o casamento depois dela, porque todos foram lutar e nunca mais voltaram. Jamais imaginei que aconteceria de novo. Mas ela está certa, é claro. As indicações já diminuíram muito, e isso só vai piorar. E daí? Mesmo assim, não posso fazer o que ela está pedindo.

— Não vou deixar você sozinha aqui.

— Tola! — Seus olhos brilham quando ela segura meu pulso. — Acha que vai diferença você estar aqui quando a hora chegar? Que pode impedir o que está acontecendo comigo? Não pode. Não existe magia para isso. Não tem mais nada para você aqui.

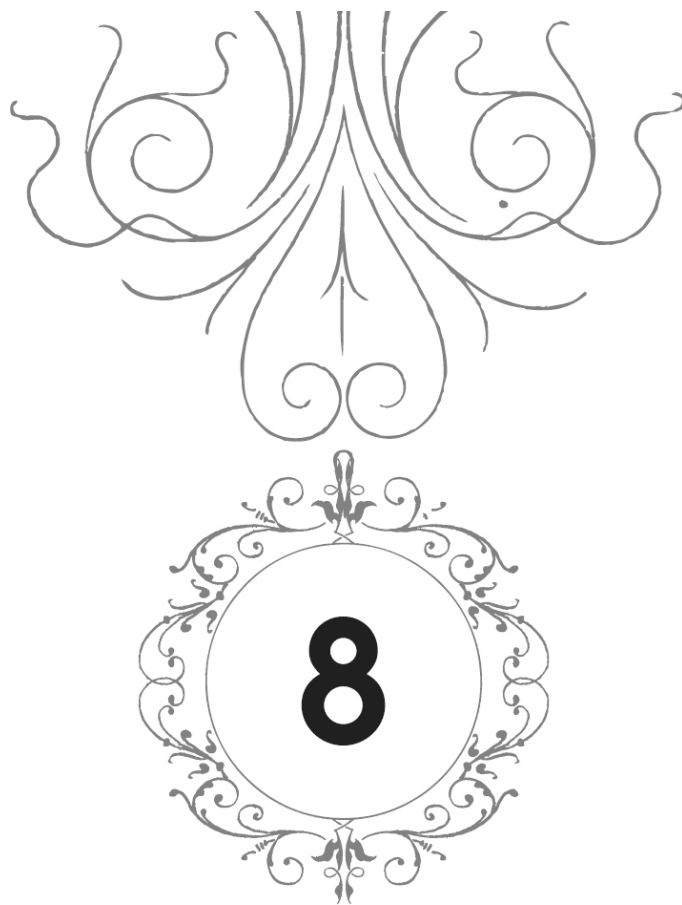
Desvio o olhar dela, ferida por sua dureza. Sempre tivemos uma relação estranha, cheia de tréguas frias e silêncios espinhosos, sua aprovação sempre esteve presente como uma corrente se movendo entre nós, porque sou um lembrete de seus erros passados.

Houve um tempo em que tive um pai, um homem que conseguiu ao menos uma vez atrair Esmée Roussel para sua cama. Não sei seu nome. Só sei que ele era um musicista, frequentava a escola de Paris e foi embora sem se casar com ela. Maman nunca falou sobre ele, e Lilou mantinha-se estranhamente silenciosa sobre o assunto, apesar da minha curiosidade. E assim ele se manteve como uma sombra, um lapso de julgamento sem nome para o qual o castigo foi uma bebê.

Lembro que Lilou uma vez me disse que *Maman* foi uma das moças mais bonitas de Paris e que isso tinha a ver com o sangue cigano que corre em nossas veias. Ela disse que isso era o que dava às Roussel a aparência de ciganas e nos conferia a magia — e que *Maman* tinha mais de ambos do que todas nós. Talvez fosse verdade. Talvez *Maman* tenha sido bonita um dia, mas a amargura a endureceu, algo que jurei que jamais aconteceria comigo. No entanto, às vezes a vejo quando paro diante do espelho, a eu que posso me tornar se não tomar cuidado, fria, amarga e muito solitária. Mas também vejo Lilou de vez em quando, olhando para mim, perguntando o que vou fazer da minha vida.

Lilou, que cortava o cabelo, usava batom e me chamava de *ma pêche*. Que seguiu o coração e se casou com seu britânico, deixou Paris para trás. Ela era

diferente de *Maman* em todos os aspectos possíveis, e eu a adorava. Ela não gostava de regras e não acreditava em arrependimentos — ou em pecado, que dizia ser um ardil para fazer as mulheres se desculparem por aquilo que queriam. Como eu queria ser como ela quando era criança, olhar o mundo de frente e desafiar sua opinião, seguir meus sonhos e perseguir meus desejos. E talvez faça isso um dia, mas não enquanto *Maman* precisa de mim.



Rory

16 de junho de 1985 — Boston

Rory prendeu a respiração ao entrar na casa geminada, cujo interior era úmido. A energia elétrica só seria ligada no dia seguinte, mas, desde as seis da tarde anterior, o lugar era dela — estava alugado com tudo que havia lá dentro.

Não podia ficar por muito tempo. Tinha que chegar às onze na casa da mãe para o *brunch*. Mas o jogo de chaves copiadas recentemente que Daniel Ballantine havia entregado a ela na tarde anterior estava queimando o interior de sua bolsa. Agora que era dia

claro, ela estava ali para sentir a atmosfera e saborear o momento.

A luz fosca entrava pela janela frontal suja, criando um nebuloso clima subaquático. Rory estreitou um pouco os olhos, tentando adaptar a visão enquanto andava pela sala. Na condição atual, a casa mal podia ser considerada glamurosa, embora já houvesse sido o endereço da mais exclusiva loja de vestidos de noiva em Boston, um ateliê que pertencia a uma costureira parisiense conhecida por seu gosto excêntrico e pelos desenhos vanguardistas.

Se, em algum momento, chegou a ter alguma dúvida, coisa que não teve, a história do imóvel teria sido suficiente para fazê-la decidir, a ideia de que um dia a casa geminada tinha sido um lugar onde tafetá, organza e cetins foram usados para criar algo duradouro e lindo. Era como um sinal, como se o destino houvesse realmente mandado uma onda com seu nome nela. Talvez fosse por isso que Soline Roussel não vendeu a casa depois do incêndio, porque tinha que ser dela — para a galeria.

As coisas progrediram relativamente depressa, uma vez tomada a decisão. Depois de vários telefonemas e uma reunião muito breve, ela fez uma oferta, que foi aceita depois de mais uma rodada de telefonemas. Esperar os documentos para assinar foi algo que a deixou muito nervosa, com medo de sua nova e misteriosa senhoria mudar de ideia e cancelar o acordo. Felizmente, tudo correu conforme o planejado — ou quase tudo. Esperava finalmente conhecer a furtiva Sra. Roussel na assinatura do contrato, mas o procurador a havia representado, como em todo o processo.

Depois de realmente concluir o negócio, ela pediu a Daniel o número do telefone da Sra. Roussel, ou um endereço para onde pudesse mandar uma mensagem de agradecimento, mas ele recusou a informação

prontamente, explicando que a cliente era uma pessoa extremamente privada e preferia deixar essas questões comerciais nas mãos dele. Tudo que fosse relacionado ao aluguel seria tratado por intermédio de seu escritório.

Rory duvidava que seria preciso procurar o escritório por algum motivo. Estava pronta para começar a reforma. Os danos causados pelo fogo se resumiam, em grande parte, ao apartamento no segundo andar, onde o incêndio começou, mas fumaça e água deixaram marcas no andar de baixo também. Telhado e batentes, bem como as janelas do andar de cima, foram substituídos logo depois do incêndio, mas, depois dessa obra inicial, o trabalho no interior da casa foi abandonado, deixando pouco mais que uma casca vazia, uma coleção de vigas e tecidos sujos, ferramentas abandonadas e latas de tinta abandonadas transbordando lixo.

O empreiteiro que ela contratou para fazer a reforma — um amigo de Brett — estimava que o trabalho no primeiro andar poderia ser concluído em noventa dias, mais ou menos. Depois disso, ela ia precisar de várias semanas para mobiliar o espaço e cuidar das instalações de arte. Se tudo corresse bem, poderia inaugurar em outubro. Novembro, no máximo.

Uma onda de euforia a aqueceu por dentro quando imaginou o produto acabado. Assoalhos pretos e brilhantes e iluminação discreta, paredes de um tom suave de cinza cobertas de obras de arte lindamente emolduradas. Pedestais pretos envernizados. Vitrines de acrílico. Bancos bem-posicionados para visitas prolongadas e conversação. E, mais tarde, no andar de cima, salas para leitura, palestras, talvez até um *workshop* de vez em quando.

Ela olhou para a escada com seus pilares de mármore negro e suportes de ferro em *art déco*. Como todo o resto, também precisavam de reparos, mas felizmente não haviam sido removidos. Ela passou a mão pelo mármore preto e frio, a curva quase sensual do corrimão de ferro, vislumbrando tudo aquilo iluminado de maneira dramática a partir de cima, refletido na sombra da parede atrás da escada — tudo muito cinema *noir*.

Por um momento, pensou em subir e dar uma olhada rápida em tudo, mas não tinha tempo. Não que estivesse com pressa para contar à mãe que não voltaria à escola no outono. Estava evitando esse assunto há semanas, determinada a manter sua decisão em segredo até assinar o contrato de aluguel. Mas agora era hora de encarar a realidade.

Talvez voltasse depois do *brunch* para limpar as janelas e recolher o lixo, antes de os operários chegarem no dia seguinte. Assim teria alguma coisa pela qual esperar. Estava virando para sair, ainda com a mão no corrimão, quando sentiu — ou pensou ter sentido — uma vibração sutil passando pelos dedos e subindo pelo braço, como o zumbido de um diapasão percorrendo seus ossos. Mais estranho ainda eram os *flashes* de luz que surgiram quando fechou os olhos, como relâmpagos no horizonte em uma noite de verão, gravando no interior das pálpebras um estranho emaranhado de imagens.

Ela puxou a mão depressa, massageando o braço. Foi um choque? Mas como? A energia elétrica estava desligada há anos. Contrariando o bom senso, tocou o corrimão novamente com os dedos, rapidamente, como se testasse a temperatura de um ferro de passar ou de um queimador de fogão. Nada.

Foi sua imaginação? Tinha certeza de que o empreiteiro havia verificado a fiação na visita de avaliação e orçamento, e não lembrava de ele ter mencionado algum problema. Mesmo assim, pediria para ele dar mais uma olhada. A última coisa de que precisava era um incêndio por problemas elétricos, ou, pior, alguém eletrocutado na noite de inauguração.

Noite de inauguração.

Pensar nessas palavras foi suficiente para causar leves tremores em sua barriga quando ela pegou a bolsa e se dirigiu à porta. Porque a fez pensar em Hux e em como ele acreditava em sua visão. A voz dele havia estado em sua cabeça durante toda a manhã, enquanto escovava os dentes, enquanto misturava leite no café, enquanto dirigia seu carro. E ela a ouviu de novo ao trancar a porta depois de sair.

“Sonhos são como ondas, meu bem. Você tem que esperar o momento certo para ir com ela, a que tem seu nome. E quando ela aparece, tem que ficar em pé e surfar essa onda.”

★ ★ ★

Sua mãe já estava na varanda quando ela chegou. Ergueu os olhos do artigo da *Town & Country* quando Rory se aproximou, levantando ligeiramente as sobrancelhas desenhadas.

— Aurora. Quase pontual.

Rory assentiu.

— Bom dia para você também.

— Só quis dizer que não trouxe a comida para a mesa porque não a esperava agora. Tenho *strata* de espinafre e tomate no forno, aquecendo. E aqueles *muffins* de abobrinha que você adora. — Ela deixou a revista de

lado e se levantou. — Vai abrindo a Veuve, eu trago a comida.

Rory se dedicou a remover a rolha do champanhe, torcendo para a notícia descer melhor com um pouco de estímulo. Tinha passado a viagem até ali ensaiando o que ia dizer, mas concluiu que não fazia diferença. Simplesmente não havia uma maneira boa de dar essa notícia.

Momentos depois, Camilla voltou carregando uma jarra de suco de laranja.

— Acho que podemos nos sentar.

Rory se assustou, quase derrubou uma *flute* de champanhe. Camilla a estudou curiosa.

— Tudo bem? Parece distraída.

— Tudo certo. Vamos comer.

Elas se serviram em silêncio. Finalmente, Camilla levantou sua taça.

— Às manhãs de domingo ensolaradas!

Rory levantou a taça obediente, cumprindo as etapas. Podia sentir os olhos da mãe sobre si, avaliando-a, curiosos. Finalmente, Camilla deixou a faca sobre o prato.

— Tem certeza de que está bem, Aurora? Não parece muito normal.

— Estou bem. — Ela pegou a taça, bebeu mais um gole. — Algum progresso com o evento de fim de ano?

Camilla reagiu com evidente surpresa.

— Ah, sim, na verdade. Tenho pensado em um tema Gatsby. Sabe, figurinos da década de 1920, uma boa banda de jazz. Muitas penas e lantejoulas na decoração. Preto, dourado e bege. Muito elegante, é claro.

— É claro. Vai se vestir de melindrosa?

A risada de Camilla ecoou na varanda, leve e quase juvenil.

— De jeito nenhum. Ninguém quer ver isso. Estava pensando em um terno listado e polainas, talvez um chapéu de aba larga. O que acha? Posso me vestir de mafioso, e você pode ser minha amante. O que acha? Muitas franjas e um boá. E aqueles lábios vermelhos desenhados em forma de coração.

— Divertido. Mas ainda acho que podia ir de melindrosa. Tem pernas para isso, certamente.

Camilla revirou os olhos.

— Não seja ridícula. Passei da idade de mostrar os joelhos. — Ela fez uma pausa para se servir de um punhado de frutas vermelhas. — E você? Conseguiu organizar seu horário de aulas para o outono?

E aí estava. A hora da verdade. Rory pegou a taça, bebeu tudo de uma vez.

— Não exatamente.

— Mas, meu bem, você prometeu...

— Não vou voltar no outono — ela disparou. E pensar que queria começar com uma frase sensível. — Decidi seguir com os planos da galeria, em vez disso.

Camilla soltou a colher, espalhando várias frutinhas pela toalha de mesa.

— A galeria? Pensei...

— Eu sei. Também pensei. Então vi esse imóvel, uma casa geminada na esquina da Newbury com a Fairfield, e soube que era isso que eu tinha que fazer.

Camilla deixou escapar um suspiro.

— Aurora, já falamos sobre isso. Você não tem experiência com negócios. E ainda não tem nenhuma experiência no mundo da arte. Precisa terminar o curso, antes de começar algo assim. Conquistar credenciais para ter alguma coisa em que se apoiar.

— Caso eu fracasse.

— Bem, sim. E não olhe para mim desse jeito. Tem alguma ideia de quantas galerias vão à falência no primeiro ano?

— Não, mas tenho certeza de que você vai me dizer.

— Não quero que entre para as estatísticas, Aurora. E vai entrar, se insistir nisso. — Ela balançou a cabeça, como se estivesse perplexa. — Não falou uma palavra sobre isso na última vez que estive aqui. Agora, do nada, está pensando em desistir da escola?

Rory levantou o queixo.

— Não preciso da sua permissão.

Camilla foi pega de surpresa, ficou evidente, mas manteve o tom neutro.

— Não. Tem mais de dezoito anos e é dona do seu dinheiro. Seu pai cuidou disso. Mas estou pedindo para você ir com calma e se preparar melhor, terminar os estudos. Um diploma de mestrado é uma grande conquista, algo de que pode se orgulhar, mesmo que decida não seguir por esse caminho. E Paris. Você sempre quis ir a Paris, e é algo que causa boa impressão em um currículo. Quem sabe o que o futuro reserva para você? Talvez seja essa sua galeria. Ou não. Espere um pouco, é só isso que estou dizendo.

Rory umedeceu o lábio uma, duas vezes.

— Assinei o contrato de aluguel ontem à noite.

Camilla ficou pálida.

— Ah, Aurora. Fale que você não fez isso.

— Sinto muito. Não quero voltar para a escola. Nem ir para Paris. O que eu quero é isso, seguir meu sonho.

— Seu sonho. — Camilla balançou a cabeça com desdém. — Até um ano atrás, nunca tinha ouvido você dizer a palavra “galeria”. E foi só por causa do Matthew que você meteu essa ideia na cabeça. Ele acha que, porque você tem um fundo de previdência, pode se dar ao luxo de falir. Ele não sabe nada sobre o mundo da arte, mas encheu sua cabeça com essa ideia boba, uma galeria para artistas de quem ninguém nunca ouviu falar. Você desistiu disso uma vez. Agora está retomando essa ideia porque não sabe o que fazer.

— Não é verdade. E mesmo que fosse, por que isso é importante? Por que não posso simplesmente querer o que eu quero? Por que tudo que faço tem que passar por algum tipo de teste com você?

— Isso não tem nada a ver comigo, Aurora. Não tem a ver nem com você. Tem a ver com Matthew. Você está tentando provar alguma coisa a alguém que nem está aqui, porque está infeliz e com medo. Não sabe nada sobre administrar uma galeria, ou o que acontece quando escorrega e cai. Mas eu sei. Você não está nem perto de estar preparada para assumir algo assim e, se reduzir a velocidade por um minuto, vai enxergar isso.

As palavras a atingiram mais do que Rory queria admitir. Tudo havia acontecido muito depressa, e sem a devida diligência. E se a mãe dela estivesse certa? E se ela tivesse se atirado de cabeça no abismo por causa de uma coisa que Hux disse uma vez, porque não conseguia suportar a ideia de nunca mais vê-lo?

— Você não pensou direito, Aurora. Posso ligar para Steven Mercer e pedir para ele fazer alguns contatos. Talvez você tenha que pagar alguma coisa. Decisões precipitadas sempre têm um preço, mas o homem sabe analisar um contrato. Não interessa o que você assinou. Ele vai tirar você disso.

Rory ficou tensa, furiosa com a garantia fria da mãe.

— Não quero sair de coisa nenhuma.

Camilla se inclinou para a frente, agarrou a beirada da mesa com as duas mãos.

— E se não conseguir fazer isso dar certo? Já pensou nisso? Ou pretende jogar dinheiro nessa ideia até queimar todo seu fundo de previdência?

Rory se encostou na cadeira.

— Sua confiança em mim é emocionante.

A expressão de Camilla ficou mais suave.

— Não tem a ver com confiança. Só não quero ver você desapontada, e tenho medo de que vá se

decepcionar. Abrir uma galeria é uma coisa muito grande. E é ainda maior se você não estiver preparada. Estatisticamente...

— Sim, sim. Você já disse isso. Prometo que, se eu falir, mudo para longe e troco de nome. Não vou fazer você passar vergonha. E, quem sabe, talvez eu deixe você orgulhosa.

Por um momento, Camilla pareceu sinceramente assustada.

— Você sempre me deu orgulho, Aurora. Sempre.

Rory a encarou.

— É mesmo?

— É claro que sim.

— Então fique feliz por mim. Depois de todos esses meses horrendos, alguma coisa boa finalmente está acontecendo. Comemore comigo. Por favor.

Camilla assentiu com frieza, um gesto relutante de derrota. Pegou a garrafa de Veuve e encheu as duas taças novamente, acrescentou um pouco de suco de laranja e ergueu sua mimosa.

— À minha filha, a proprietária de galeria.

— Obrigada — Rory falou por cima da borda da taça. Não era nenhuma declaração estrondosa de apoio, mas não esperava uma. Chegaram a uma espécie de armistício, e isso era o suficiente, por ora. O relacionamento delas sempre foi assim, um interminável ciclo de flechas e ramos de oliveira. — Sei que não é o que queria de mim. Mas é o que eu quero de mim.

O sorriso de Camilla desapareceu.

— Você sempre foi muito mais corajosa que eu.

Era uma admissão estranha. Não uma confissão — sua mãe não acreditava em confissões —, mas um elogio inesperado.

— Garanto que não tem nada a ver com ser corajosa. Na verdade, estou apavorada com a possibilidade de

tudo o que você disse ser verdade. De não estar preparada. De estar fazendo isso pelo motivo errado. Mas essa galeria é a primeira coisa com que me importo em meses. Sim, aconteceu depressa. E, sim, é um risco enorme, mas é uma razão para sair da cama de manhã. E sair da cama de manhã estava começando a ficar muito mais difícil do que deveria. — Ela parou, percebendo pela primeira vez como essas palavras eram verdadeiras. — Não é só uma questão de querer isso. Eu preciso disso.

— Nesse caso, é melhor me falar mais sobre essa sua casa geminada. E a *strata* esfriou. Quer que eu es quente?

— Não, tudo bem. Vamos comer.

Camilla pegou uma porção para si mesmo, depois estendeu a mão para o prato de Rory.

— Acho que ainda está morna. O queijo ainda está derretido. Então, me fala sobre esse lugar que encontrou. Onde fica? Como é?

— Na esquina da Newbury, ao lado do DeLuca's. Tijolinhos vermelhos, uma torre encantadora e uma grande janela projetada na frente. Precisa de uma reforma. Houve um incêndio alguns anos atrás, e os reparos não foram concluídos.

— Ficou vazia todo esse tempo?

— Sim. A proprietária decidiu não reabrir depois do incêndio, mas manteve o imóvel. O empreiteiro diz que é possível inaugurar no outono. Vamos trabalhar primeiro no piso térreo, depois da inauguração cuidaremos dos andares de cima. Ah, e tem uma escada maravilhosa, em mármore preto e ferro fundido. Muito dramática. Estou pensando em cinza-claro e madrepérola, iluminação indireta, assoalho preto brilhante.

Camilla levantou o olhar do prato.

— Pelo jeito, você pensou muito nisso.

— Eu sempre soube o tipo de clima que queria. *Clean*. Monocromático. No minuto em que vi a casa geminada, soube que ela seria perfeita. Eu tive essa sensação, sabe?

Camilla levantou uma sobrancelha e pegou mais alguns morangos.

— Que sensação seria essa?

— Não sei. Como se tivesse que ser, acho. Provavelmente passei pela casa cem vezes e nunca a notei. Então, algumas semanas atrás, quando eu voltava para casa depois do encontro com Lisette, ela simplesmente pulou na minha frente. Juro que foi como mágica.

— O que havia lá antes?

— Uma loja de vestidos de noiva. O nome da proprietária é Soline Roussel. Eu esperava conhecê-la quando assinei o contrato, mas ela não apareceu. O advogado disse que ela não sai muito mais.

Camilla franziu a testa, como se revirasse a memória.

— Acho que a conheço.

— Você *conhece* Soline Roussel?

— Desculpa. Quis dizer que sei quem ela é. Todo mundo sabia, no meu tempo. Veio de Paris, ou dizia ter vindo. Não lembro o nome da loja, alguma coisa em francês, mas a clientela era grande. Ela era famosa pelos laços.

— Laços?

— Pode-se dizer que era sua marca registrada. O Laço Roussel. Todos os vestidos dela tinham um, de algum jeito. Na cintura, nos ombros, no busto. Ela era à *la mode* naquela época, com seu sotaque e o nome elegante da loja, prometendo que seus vestidos davam sorte.

Rory parecia intrigada.

— Sorte?

— Era o que se dizia... alguma bobagem sobre os vestidos dela garantirem um casamento feliz. Ela os fazia inteiramente à mão, um amuleto da sorte personalizado para cada uma das noivas. Um excelente truque de marketing, acho, se conseguir convencer as pessoas disso. Mas a maioria das noivas acredita em qualquer coisa. Acrescente o toque francês, e elas vão comer na palma da sua mão. E era o que acontecia. Todas as minhas amigas eram malucas pelos vestidos dela.

— Mas você não?

Camilla encolheu os ombros.

— O que eu queria era imaterial. Um ateliê de noivas nunca teria.

— Por quê?

— Eu era uma Lowell, querida. Só um vestido de Paris servia para uma Lowell. E lá fomos nós para Paris, visitar a Maison Dior. Saímos de Boston com duas malas e voltamos com sete.

— Dior — Rory murmurou. Nunca se interessou por moda, mas até ela sabia que um vestido de noiva da Casa Dior era digno de admiração. — Que pena que todas as fotos foram arruinadas. Você deve ter ficado linda.

Camilla riu com desdém.

— Era branco, francês e tão justo que tive medo de desmaiar antes de chegar ao altar, mas cumpriu a tarefa.

A tarefa.

Essas duas palavras transmitiam tudo que alguém precisava saber sobre os sentimentos de Camilla em relação ao sagrado sacramento do matrimônio. Também indicavam que era hora de direcionar a conversa de volta a um território seguro.

— O que mais sabe sobre Soline Roussel?

— Não muito. Por quê?

— Ah, é uma bela história, não é? Vestidos de noiva encantados e finais felizes. E depois a loja destruída pelo fogo. Queria saber por que ela não reabriu. Pela conversa com o advogado, tive a impressão de que ela é uma espécie de reclusa. É triste.

— Eu me lembro do incêndio, ou das notícias sobre ele, pelo menos. Foi mais ou menos na época que seu pai morreu. Não lembro como começou, mas me lembro de ter ouvido que ela foi parar no hospital com queimaduras graves.

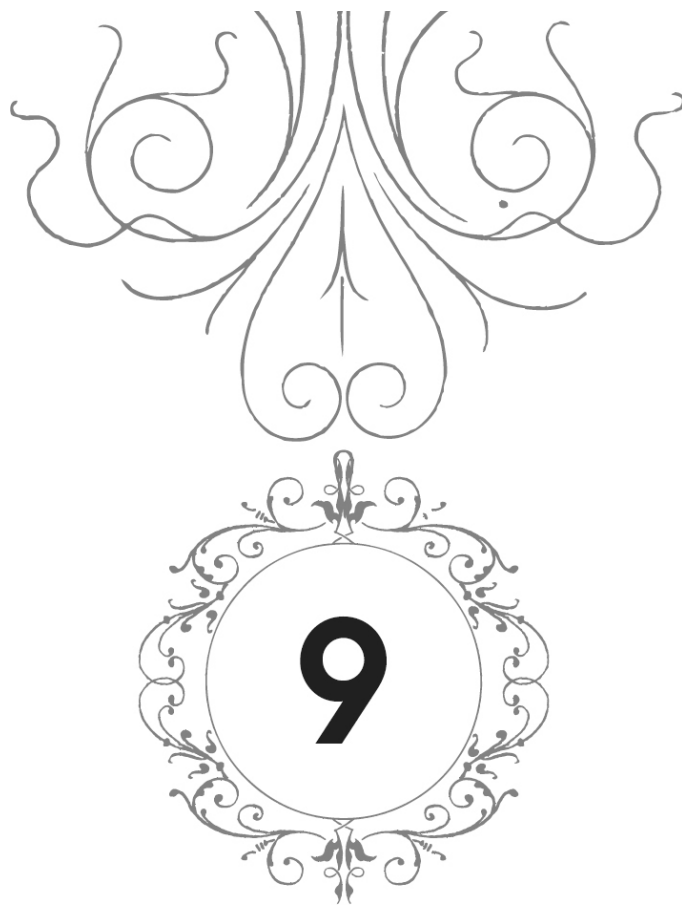
Queimaduras. Isso talvez explique o desejo por privacidade.

— Sabe o que aconteceu com ela? Depois, quero dizer.

— Não. Sabe como são os jornais. Só se interessam pela tragédia. O que vem depois nunca é tão empolgante. De qualquer maneira, ela está alugando o imóvel para você, que é tudo que importa.

Rory assentiu sem muita convicção. Era verdade. A história de Soline Roussel não deveria ter importância, mas tinha, de algum jeito. Talvez porque Rory agora entendesse como a perda de alguma coisa preciosa podia desestruturar completamente uma vida.





Rory

19 de junho de 1985 — Boston

Rory sentou-se no último degrau com seu bloquinho, exausta, mas feliz por poder eliminar mais um item de sua lista de coisas para fazer. Os homens do empreiteiro tinham levado o andaime necessário para começar o trabalho no teto; ela lavou todas as janelas, tirou o lixo restante, acompanhou o eletricista em uma avaliação e entrou em contato com uma pessoa para dar uma olhada na caldeira. Nada mal para duas da tarde.

Tinha muito o que fazer, se queria mesmo inaugurar no outono. Precisava começar a selecionar os artistas,

criar um plano de marketing e uma agenda de eventos, decidir o que incluir em um *release* para a imprensa e pensar em ideias para a grande inauguração. A curva de aprendizado seria acentuada, e era quase certeza de que haveriam tropeços, mas planejava fazer dar certo, de qualquer maneira. Ninguém poderia dizer que a Desconhecidos era só um exercício de vaidade alimentado por um fundo de previdência.

O estômago de Rory roncou, fazendo-a lembrar que não havia almoçado. Ela verificou o bloco de anotações mais uma vez e concluiu que tinha feito o que era possível, por ora. Iria para casa, comeria um sanduíche, tomaria um banho, depois trabalharia na cópia do catálogo.

Tinha acabado de fechar tudo e estava procurando a bolsa quando viu o que parecia ser uma portinha no revestimento de madeira escura da parede externa da escada. Não havia notado a porta antes, mas lá estava, com um pequeno buraco onde antes devia haver uma maçaneta. Depois de alguns puxões, a porta cedeu, revelando um espaço baixo e escuro. Não havia interruptor ou corda, nenhuma luz em nenhum lugar que Rory pudesse ver. Apoiando-se sobre um joelho, ela espiou dentro da abertura, tentando não pensar no que poderia morar embaixo da escada de uma casa que havia passado quase quatro anos abandonada.

O piso era de madeira, áspera de poeira, mas pelo menos nada parecia se mover. Ela prendeu a respiração, sem saber o que esperava encontrar quando bateu o espaço às cegas. A primeira tentativa a deixou de mãos vazias, mas, na segunda tentativa, os dedos encontraram alguma coisa que parecia ser uma caixa grande e achatada.

Foi preciso algum esforço, mas ela finalmente conseguiu tirar a caixa do buraco e colocá-la sobre as

pernas. Era uma velha caixa de vestido, semelhante às elaboradas caixas de chapéu que as mulheres usavam para carregar o acessório quando viajavam. Esta era feita de pesado papelão cinza, com cantoneiras de metal para evitar deformação e um pedaço de barbante muito desfiado que funcionava como alça, de forma que a caixa podia ser carregada como uma valise.

Parecia ter alguma coisa escrita em um canto. Ela limpou a sujeira com a mão até revelar uma linha em letra cursiva:

Madame Roussel, Paris.

Pelo jeito, Soline Roussel foi proprietária de uma loja em Paris e trouxe esta caixa para Boston. Mas o que a caixa fazia embaixo da escada?

Ela tentava trabalhar devagar para desamarrar o barbante, depois removeu a tampa com cuidado. Havia várias folhas de papel de seda, amassadas e amareladas pelo tempo. Ela as removeu uma a uma, prendendo a respiração até ver um pedaço de renda branca.

Parecia uma coisa saída de um conto de fadas: decote em forma de coração incrustado com cristais iridescentes e pequenas pérolas-arroz, mangas de organza amassada, tão finas quanto um par de asas de libélulas, dobradas quase com ternura uma sobre a outra. Claramente *vintage* e, considerando a qualidade do trabalho de pedraria, costurado à mão.

Rory olhava para ele com ansiedade, louca para explorar seu desenho, a renda fofa e a seda fina como papel, a textura fria e saliente das pedras. Mas hesitava. Mexer nele agora, depois de ter passado tanto tempo no escuro, parecia errado, de alguma maneira, como manipular casualmente o conteúdo da tumba de Tutancâmon. Mas isso era bobagem. Se o vestido

significasse alguma coisa para alguém, não estaria ali, fechado em uma caixa coberta de poeira.

O vestido suspirou baixinho quando ela o removeu da caixa, como que aliviado por estar finalmente livre. As saias de organza desabrocharam como pétalas de flor quando Rory sacudiu a peça com cuidado, luminosas e leves. Até as costas eram impressionantes, com uma amarração do tipo espartilho e um laço largo de cetim com pontas que desciam até o chão.

O Laço Roussel.

Estava começando a entender por que Soline Roussel tinha construído um nome tão forte. Era a coisa mais bonita que já tinha visto — ou imaginado. Um vestido adequado para uma princesa — embora fosse uma princesa muito pequena. As mangas, que pretendiam claramente ser compridas, tinham pelo menos uns quinze centímetros menos do que seria necessário para cobrir seus braços até o pulso, e a cintura era absurdamente estreita. Um vestido feito sob medida, então, e não havia nele nenhuma marca, o que significava que nunca foi usado. O que aconteceu com a noiva que deveria usá-lo?

A pergunta a inquietava mais do que gostaria de admitir. Talvez porque cada cenário que imaginava era mais devastador que o anterior. Doença. Traição. Morte. E todos acabavam do mesmo jeito — com um casamento que nunca aconteceu.

Rory fechou os olhos, tentando afastar esses pensamentos. Qualquer que fosse a história — e era quase certo que havia uma história associada a esse vestido —, era a história de outra pessoa. Não era um sinal ou um presságio. Não tinha nada a ver com ela. O mais inteligente a fazer era devolver o vestido à caixa onde o encontrou.

Mas, quando arrumou novamente as camadas de papel de seda, ela encontrou um maço de cartas no

fundo da caixa e um estojo de couro fechado com zíper e marcado com um monograma dourado. Um estojo de barbear, ela percebeu ao pegá-lo, do tipo que os homens usavam para viajar. O couro era gasto, e o monograma tinha começado a apagar, mas era evidente que se tratava de uma peça cara.

Ela puxou o zíper e o deixou se abrir como um livro. De um lado, havia um pincel de barba e uma lâmina com cabo de prata; do outro, um pente de casco de tartaruga, uma calçadeira do mesmo material e um frasco vazio que servia para transportar colônia. Ela deslizou um dedo sobre o que restava do monograma — A. W. P. Andrew? Allen? Jamais saberia, provavelmente. A menos que o maço de cartas desse alguma pista.

Ela soltou as cartas da fita, contando os envelopes. Dezoito. Nenhum deles tinha selo ou um endereço, embora vários fossem endereçados a “*Mademoiselle Roussel*”. Entregues por um portador, então, não pelo correio. E mantidas juntas, presumivelmente por razões sentimentais. Cartas de amor de A. W. P.?

Ela escolheu uma ao acaso e retirou a folha de fino papel azul do envelope. Estava escrita em francês. Uma decepção, porque há muito havia esquecido o francês rudimentar que aprendeu no primeiro ano em Tufts. Mas conseguiu ler a data: *17 décembre 1942*. Dezembro, quarenta e dois anos atrás. Ela tentou outra, e mais uma. As duas tinham datas próximas e também foram escritas em francês. Finalmente, quase no fim do maço, ela encontrou algumas escritas em inglês. A primeira era de 4 de agosto de 1964.

Cara Mademoiselle Roussel:

*Faz quase um ano que David e eu trocamos
nossos votos, e, embora tenha me pedido para*

esperar nosso aniversário de um ano, sou incapaz de aguardar sequer mais um dia para expressar minha gratidão por sua bondade quando a procurei com meus problemas. Sua generosidade ainda me causa espanto. Entrar na igreja com um de seus vestidos era mais do que uma jovem pobre da zona sul de Boston jamais poderia ter esperado. Mas o mais importante, David recuperou-se milagrosamente de seu acidente. É tão espantoso que os médicos mal acreditam nisso e nem tentaram explicar. Tive que fazer um enorme esforço para não contar a eles que tinha a ver com seu vestido. Eles me julgariam louca, e, um ano atrás, eu teria concordado. Mas agora sei que devo meu final feliz a você e a seu amuleto. E nosso bebê, que vai chegar no ano novo. Se eu puder, de algum jeito, retribuir sua bondade, só precisa me dizer.

*Com minha mais profunda gratidão,
Kathleen P. Shore.*

Rory releu a carta várias vezes, notando algo novo a cada leitura. Uma jovem pobre da zona sul de Boston. Uma recuperação milagrosa de um acidente. Um vestido de noiva ao qual se atribuía um final feliz. Algum tipo de amuleto. Era inconcebível. Mas não foi exatamente o que sua mãe contou no *brunch* da semana passada? Vestidos encantados. Garantia de finais felizes. Uma coisa como essa era realmente possível?

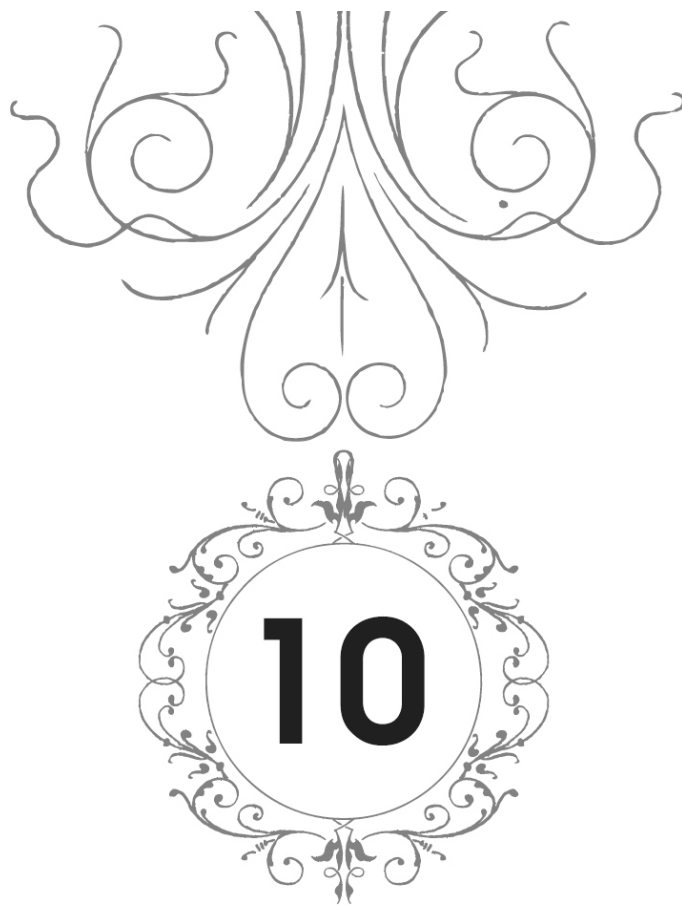
Kathleen Shore parecia acreditar que sim, certamente.

Outra carta escolhida aleatoriamente falava da mesma coisa, mas com data de dois anos depois. Uma jovem noiva escrevendo no aniversário de um ano de

seu casamento, agradecendo à M. Roussel pela solução de um complicado problema financeiro apenas um mês depois de ter entrado na igreja vestida com um de seus vestidos da sorte. Outra noiva escreveu contando ter conseguido perdoar o noivo por uma inconsequente infidelidade na véspera do casamento. Uma quarta se recuperou de uma doença crônica que os médicos acreditavam que a prenderia a uma cadeira de rodas em dois ou três anos.

Cada carta parecia mais fantástica que a anterior. E cada uma delas atribuía sua espantosa boa sorte às “habilidades” especiais de Soline Roussel como costureira. Era razoável presumir que as cartas escritas em francês contavam histórias semelhantes. Dezoito noivas. Dezoito cartas. Dezoito finais felizes guardados na caixa de um velho vestido.

Rory reuniu as cartas e as amarrou novamente antes de devolvê-las à caixa. Um maço de cartas distribuídas ao longo de décadas, um vestido de noiva digno de uma princesa e um estojo de barbear. Tudo dava a sensação de uma história inacabada. Uma triste história inacabada.



Rory

20 de junho de 1985 — Boston

Rory estava acostumada a acordar com um livro ao lado, mas esta manhã foi uma carta que encontrou caída entre os lençóis amarrotados. Ela a dobrou com cuidado e deixou sobre a mesinha de cabeceira com as outras. Tinha relido todas na noite anterior. Ao menos as escritas em inglês. Eram todas variações da mesma história; saúde recuperada, fortunas refeitas, carreiras salvas, rixas superadas, coisas perdidas encontradas. Tudo isso como resultado de um vestido Roussel. Ou era em que acreditavam as noivas gratas.

Ela olhou para a caixa de vestido na cômoda embaixo da janela. O mais fácil teria sido devolvê-la ao espaço embaixo da escada, onde não a faria pensar em casamentos que nunca aconteceram. Mas ela a levou para casa, incomodada com a ideia de confinar a caixa novamente à escuridão. Sabia que era bobagem, mas não conseguia esquecer algo que a mãe tinha dito.

Um amuleto da sorte personalizado para cada uma das noivas.

Ela se dirigiu à caixa e levantou a tampa, deslizando a mão por uma das mangas finíssimas. Tão lindo o vestido, e claramente feito sob encomenda, porque *Mademoiselle* Roussel não vendia roupas prontas. Havia sido criado para alguém, pertencia a alguém. Mas quem? E como estava relacionado ao estojo de barbear? Havia sempre uma chance de não existir nenhuma relação, mas parecia improvável.

E onde se encaixavam as cartas? Era óbvio que foram importantes em algum momento, mas foram trancadas embaixo da escada com as outras coisas, abandonadas quando a loja foi fechada. A menos... Seria possível que Soline Roussel não soubesse que elas haviam sobrevivido ao incêndio?

Rory fez café, depois ligou para Daniel Ballantine. Ficou surpresa quando a recepcionista transferiu a ligação imediatamente.

— Srta. Grant. Não esperava que me procurasse tão depressa. Espero que não seja nenhum problema.

— Não. Não exatamente. Mas preciso entrar em contato com a Srta. Roussel. Sei que disse que ela não gosta de ser incomodada, mas é importante. Esperava poder convencê-lo a me dar o número dela.

— Lamento, mas não. Como já disse, todos os negócios dela passam por mim.

— Pode me chamar de Rory, por favor. E não se trata de negócios. É um assunto pessoal. Prometo que não vou incomodá-la. Só preciso falar com ela uma vez.

— Qual é assunto, se me permite perguntar?

Rory não sabia o quanto revelar e o quanto guardar em segredo.

— Prefiro não falar sobre isso com ninguém que não seja a Srta. Roussel, se não se incomoda. É muito... delicado.

— O máximo que posso fazer é dar seu número a ela — ele decidiu finalmente. — Mesmo duvidando que isso a leve a algum lugar. A Srta. Roussel não é fã de telefone. Ela mal fala comigo.

— Tudo bem, então. Diga que encontrei uma coisa que pode pertencer a ela, uma caixa.

— Que tipo de caixa?

Mais uma vez, Rory relutou em revelar demais.

— Diga apenas que encontrei uma caixa. Se for importante, ela vai saber.

— Certo. Vou dar o recado. Mas não se surpreenda se ela não ligar.

Duas horas mais tarde, o telefone tocou. Rory abandonou a lista de tarefas em que estava trabalhando para ir atender.

— Alô?

Houve um silêncio do outro lado, depois uma voz feminina.

— Srta. Grant, por favor.

O coração de Rory acelerou.

— É Aurora.

— Meu nome é Soline Roussel. Recebi uma ligação do meu advogado, Daniel Ballantine. Ele disse que você... encontrou alguma coisa. Uma caixa.

— No espaço embaixo da escada, isso. Não sei como ela foi parar lá, mas achei que poderia querer tê-la de volta.

Mais uma pausa, dessa vez mais curta, e depois as palavras saíram se atropelando.

— Eu não sabia... Pensei... Sim. Sim, eu a quero de volta.

— Seria um prazer devolvê-la, se me der seu endereço.

— Não. Não posso... não recebo visitas.

Rory engoliu a decepção. Esperava finalmente encontrar a misteriosa *mademoiselle*. Pelo jeito, não ia acontecer.

— Posso enviá-la ao escritório do Sr. Ballantine, se quiser, e ele a entrega.

— Não, obrigada. Daniel é um amor, mas é um pouco intrometido, e prefiro não ter que responder a muitas perguntas. O conteúdo da caixa é... bem, é pessoal, como deve imaginar.

— Prefere algum outro lugar, então? A galeria... desculpe... a casa geminada?

— Tem uma confeitaria na rua de cima, a Bisous Sucrés. Conhece? Posso encontrar você lá à uma e meia.

— “Beijos de Açúcar” — Rory traduziu. — Sim, é claro. Estarei lá.

Ela sentiu um arrepio de empolgação ao desligar o telefone. Finalmente ia conhecer Soline Roussel.

★ ★ ★

Rory estacionou o Audi em uma vaga apertada na Boylston Street, jogou várias moedas no parquímetro e se afastou a pé levando a caixa.

Depois de alguns minutos, o conhecido toldo preto e branco da confeitaria surgiu diante dela. Seu verdadeiro nome, Bisous Sucrés, cobria parte da lona em letras douradas e floreadas, com a tradução em

inglês escrita embaixo em rosa-choque e letras minúsculas. Como sempre, o lugar estava cheio.

Rory andou entre as mesas do pátio estudando o rosto das pessoas, até se dar conta de que não sabia quem estava procurando. Em sua empolgação, tinha esquecido de perguntar à Srta. Roussel como a reconheceria. Depois lembrou que a mãe tinha mencionado queimaduras. Devia haver cicatrizes.

Os aromas intensos de chocolate, cerejas e café forte a receberam quando ela passou pela porta da frente. A fila do balcão se estendia quase até a porta. Rory foi andando por ela, espiando por cima da caixa do vestido. Famílias. Turistas. Estudantes debruçados sobre livros. Mas ninguém que se encaixasse na imagem que havia inventado para Soline Roussel, que agora imaginava como uma octogenária frágil com cicatrizes de queimaduras e um olhar desconfortável.

De repente, seu olhar encontrou o de uma mulher sentada sozinha no fundo da loja. Cabelo escuro preso em um coque e blusa vermelha de tricô com punhos de veludo preto e botões frontais dourados. No pescoço, uma echarpe xadrez vermelha, branca e preta amarrada como uma gravata antiga e presa por um broche de pérola. Ela pareceu se assustar quando seus olhares se encontraram, como se tomada brevemente por uma onda de pânico. Depois de um momento, se recompôs e inclinou a cabeça de um jeito sutil.

Rory apoiou a caixa no quadril e se dirigiu à mesa, notando só no último minuto que havia uma xícara e um prato diante da cadeira vazia.

— Ah, me desculpe — disse. — Pensei que...

— Srta. Grant?

Rory reconheceu a voz do telefone, baixa e rouca. Francesa. Mas ela era muito jovem — menos de sessenta, talvez mais, mas não muito. E absolutamente

linda, com pele clara de porcelana e uma boca vermelha e perfeita. Nenhuma cicatriz visível.

— Você é... Srta. Roussel?

— Sou. — Ela indicou a cadeira vazia com o queixo.

Rory deixou a caixa sobre um canto da mesa e sentou-se. Não conseguia parar de olhar para a mulher.

— Tomei a liberdade de pedir uma coisinha para você... um gesto de gratidão.

Rory olhou para a mesa e viu um *mille feuille* e um café *au lait* diante dela.

— Obrigada. Adoro os doces daqui. Mas não precisava, Srta. Roussel. Foi um prazer vir.

— Soline, por favor. E tenho certeza de que tem perguntas.

Rory ficou sem ação, pega de surpresa pelo convite direto. Não sabia como começar.

Soline sentiu seu constrangimento.

— Seu nome é Aurora. Belo nome. Em francês, dizemos *Aurore*. Significa deusa do amanhecer.

Rory não conteve um sorriso. Parecia adorável, quando ela falava. Nada antiquado.

— Meu apelido é Rory — disse encabulada. — Minha mãe odeia.

Soline esboçou um sorriso.

— As mães gostam dos nomes que nos deram. — O sorriso desapareceu quando ela olhou para a caixa do vestido. — Você abriu a caixa, sim?

Rory abaixou a cabeça.

— Abri. Desculpe. É que fiquei muito surpresa quando a encontrei. Não consegui imaginar por que...

— Pergunte o que quer perguntar — Soline a incentivou quando Rory ficou quieta.

Rory ficou surpresa com seu tom brusco e o fato de não ter sequer tocado a caixa. Em vez disso,

permanecia rígida, as mãos unidas sob a mesa, como se estivesse preparada para um interrogatório.

— O vestido — Rory começou hesitante. — É um dos seus?

— Sim.

— E as outras... coisas?

— Também são minhas.

— O vestido é lindo, parece uma coisa de conto de fadas. — E parou, sem saber como continuar. — Parece novo.

— Ele é novo. E muito antigo.

— Quer dizer que nunca foi usado.

Soline baixou o olhar.

— *Oui*.

Uma palavra, e propunha mais perguntas do que as respondia. Por que o vestido nunca foi usado? Infidelidade? Ou algum tipo de tragédia? Ela pensou nas cartas, todas escritas por noivas gratas que haviam recebido o final feliz das fábulas. Mas, aparentemente, a dona do vestido de conto de fadas não teve a mesma sorte. Por quê?

— Eu li algumas cartas.

— Leu?

Rory assentiu.

— As que foram escritas em inglês. Não consegui ler as outras.

— As recentes foram escritas a mim. As outras são de mulheres para quem minha mãe costurou há muito tempo, em Paris. — Ela fez uma pausa, desviou o olhar. — Ela morreu pouco depois da chegada dos nazistas. Quando as pessoas ouviram as notícias, as cartas começaram a chegar.

— E você as guardou durante todos esses anos.

— Para lembrar dela, sim. E para me lembrar de que houve um tempo em que existiam finais felizes em

Paris, e que minha mãe teve participação em alguns deles.

Rory tocou a caixa.

— Com vestidos como este?

Ela conseguiu forjar um sorriso contido, não amargo, mas quase.

— Nenhum conto de fadas é completo sem um vestido apropriado, *chérie*.

— Mas não qualquer vestido — Rory insistiu, sentindo a evasiva na resposta. — Um vestido Roussel. Tem algo de especial neles, não tem? Alguma coisa que os transforma em objetos de sorte?

— Beba seu café, *Aurore*. Antes que esfrie.

Rory pegou a xícara, obediente.

— Peço desculpas se fui invasiva. Só queria entender o que li. Todas aquelas noivas gratas com mudanças de sorte tão impressionantes. E todas pareciam estar agradecendo a você, como se, de algum jeito, você tivesse feito isso acontecer. Sei o que as pessoas diziam, minha mãe me contou, e as cartas parecem dizer a mesma coisa, que seus vestidos são... mágicos.

Os lábios de Soline se distenderam ligeiramente, dando a ela um ar meio felino.

— Qualquer empresária digna do título conhece o valor de uma boa publicidade. Creme dental que atrai beijos. Assoalhos brilhantes que despertam a inveja das vizinhas. Noivas querem contos de fadas, e foi isso que dei a elas.

Rory a olhou desconfiada.

— Está dizendo que seus vestidos não têm nada a ver com as situações descritas naquelas cartas?

— Estou dizendo que as pessoas encontram maneiras de se apegar a ideias que fazem o mundo parecer melhor do que é. E talvez isso seja esperado. Quando a vida é dura, apegar-se à ilusão ajuda. Suponho que as

cartas tenham sido isso para mim, em algum momento. Mas a vida me ensinou que até nos contos de fadas a heroína precisa fazer a própria magia... ou não, depende do caso.

— Mas guardou as cartas. Podia tê-las jogado fora, mas não jogou.

Soline inspirou profundamente e soltou o ar devagar.

— Havia muita feiura naquele tempo, muito sofrimento e muita perda para onde quer que você olhasse. As cartas eram um recurso para lembrar o que era bom.

— Mas acabaram em uma caixa embaixo da escada.

Houve um instante de silêncio desconfortável, mas Soline finalmente respondeu:

— Antes de morrer, minha mãe me disse que há um tempo para se apegar e um tempo para deixar ir, e eu precisava aprender a diferença. Não entendi quando ela disse isso, mas chegou um tempo, um momento, quando eu soube que tinha que me desfazer de todos aqueles pedaços quebrados da minha vida. No fim, não suportei me separar deles. Pensei que, se os escondesse de mim mesma, se os pusesse onde não os veria todos os dias, seria o suficiente.

Rory a estudou por cima da borda da xícara. Por trás do estilo impecável e dos cosméticos aplicados com capricho, havia um ar de tragédia que a fez lembrar de Camilla.

— E foi?

— Deve parecer bobagem para você, apegar-se a lembranças tão dolorosas, mas elas eram tudo que restava daquela parte da minha vida. De Paris e da vida que pensava que teria.

“Da vida que pensava que teria.” Rory revirou as palavras na cabeça. Podia ter saído de sua boca, com toda facilidade.

— Não — ela respondeu finalmente. — Não parece nada bobo. Todos nós temos nossos jeitos de lidar com as coisas.

— E você, *chérie*? — Soline perguntou com um olhar subitamente penetrante. — Está... lidando?

Rory se ajeitou na cadeira, incomodada com a pergunta e com o olhar direto de Soline.

— Acho que estamos todos tentando, de um jeito ou de outro. — Queria parecer casual, mas o esforço foi inútil. Hora de mudar de assunto. — Fiquei triste quando soube sobre sua loja. O incêndio. Nunca pensou em reabrir?

Soline abaixou a cabeça, como se pensasse na resposta.

— A vida tem seu jeito de nos avisar quando alguma coisa chegou ao fim. Nem sempre é agradável, mas é sempre óbvio, se estivermos prestando atenção. Passei metade da vida tentando ter coisas que não eram para ser minhas, e pagando caro por isso. Chega um ponto em que é preciso ler os sinais.

Rory bebeu um pouco do café, pensando nas coisas que Soline tentou ter e que não eram para ela.

— Você tem mais perguntas — Soline falou de repente. — Vá em frente, então, pergunte. Acho que devo isso a você.

Rory achou essa abordagem direta inquietante e revigorante, uma mudança bem-vinda, depois de tantas conversas cautelosas com a mãe.

— O estojo de barbear. Tem relação com o vestido, não tem? Pertencia ao noivo?

— Um motorista de ambulância morto na guerra.

— E o vestido é seu.

Os olhos de Soline se encheram de lágrimas.

— Era para ser, sim.

— Desculpa. Não devia ter insistido no assunto.

Soline balançou a cabeça, como se estivesse aborrecida consigo mesma.

— Peço perdão pela emoção. É que... depois do incêndio... Disseram que tudo havia sido destruído. Não esperava ver isso de novo.

— Por favor, não se desculpe. Eu deveria estar pedindo desculpas por tê-la pressionado. Sinto muito.

— *C'est oublié* — ela murmurou, pegando um guardanapo para secar o canto dos olhos. — Esqueça.

Rory tentou não ficar olhando. Até aquele momento, as mãos de Soline descansavam em seu colo, mas agora ela via as luvas: pretas, com pequenos botões em cada punho, e impróprias para o meio de junho.

“Cicatrizes. Não no rosto. Nas mãos.”

Ela desviou o olhar, fingindo não notar.

— Antes que eu esqueça, quero agradecer por ter alugado a casa para mim. Já tinha desistido da ideia de abrir a galeria. Então, um dia, eu estava atravessando a rua, e lá estava ela. Fiquei arrasada quando Daniel disse que o imóvel não estava disponível. Fico muito feliz por ter mudado de ideia.

Soline revirou os olhos.

— O Sr. Ballantine sabe como me convencer. Ele me falou sobre os novos artistas de sua galeria. Ele sabia que isso tornaria tudo mais fácil. Quando vai inaugurar?

Rory se pegou suspirando aliviada quando a conversa mudou para um território mais seguro.

— Outubro, se tudo correr bem. Vou ficar muito feliz se for visitar o lugar, depois que tudo estiver pronto. Talvez possa ir à abertura... Seria uma honra recebê-la.

Os ombros de Soline ficaram tensos.

— Obrigada, não. Não saio muito hoje em dia, e não volto à loja desde a noite do incêndio.

— Nenhuma vez em quatro anos?

— Lembranças, sabe? É... difícil.

— Lamento. Por... tudo.

— Não se incomode com isso. Piedade é meu veneno... — Ela se levantou, surpreendentemente pequena, apesar dos sapatos pretos de salto alto. — Obrigada mais uma vez, *Aurore*. Foi muito gentileza ter tido todo esse trabalho. Desejo *bonne chance* com sua galeria.

Ela pegou a bolsa. Rory a viu ajeitar a alça com os dedos rígidos e desajeitados nas luvas. Depois de várias tentativas, ela conseguiu pendurar a alça no ombro, mas a caixa do vestido era quase tão grande quanto ela. Teria sorte se conseguisse sair do café, caminhar pela rua movimentada seria impossível.

— Se quiser, posso acompanhá-la até seu carro.

— Obrigada, não é necessário. E não dirijo mais. Mas a casa fica aqui perto.

— Aceite uma carona, então. A caixa...

— Já dei trabalho demais, e posso ir andando.

Rory olhou cética para os sapatos de Soline. As calçadas acidentadas de Boston, resultado de décadas de invernos pesados da Nova Inglaterra, podiam ser difíceis de percorrer de sapatos de salto. Saltos finos nos pés de quem equilibrava uma caixa eram receita certa para o desastre.

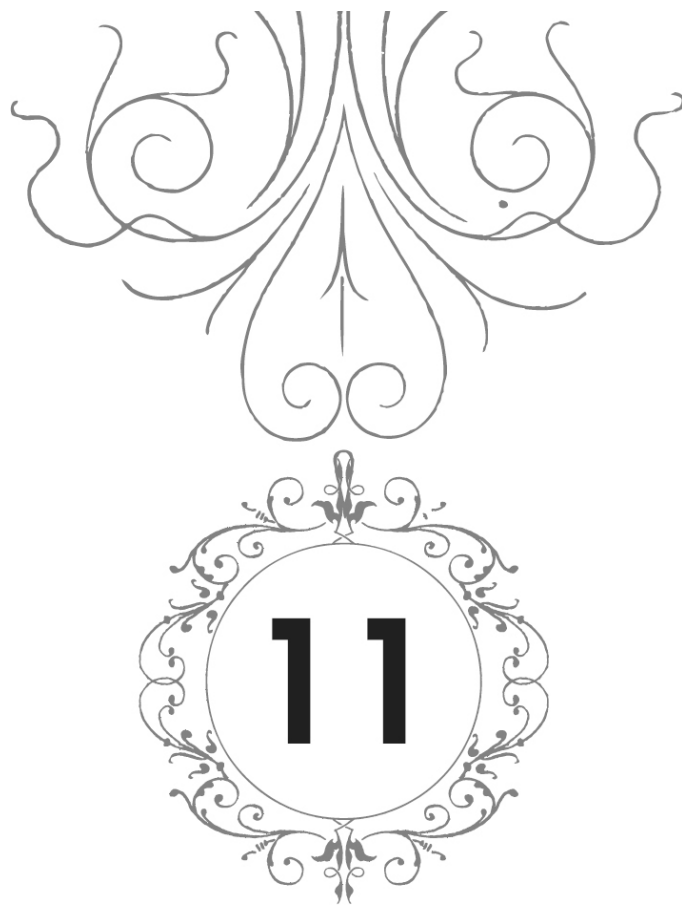
— Não é trabalho nenhum — garantiu, e se levantou para pegar a caixa em cima da mesa. — Estacionei perto daqui.

Soline assentiu, mas seu desconforto era evidente.

— Está bem, então.

Rory segurou a porta para elas saírem. Não conseguia explicar sua repentina solicitude. Soline Russel não era fraca, nem de longe. Mas havia nela um ar de fragilidade, como uma peça de porcelana quebrada cujos pedaços não foram colados adequadamente. Se fosse sacudida com força demais,

ela poderia se partir em um milhão de pedaços. E Rory conhecia bem essa sensação.



Rory

Soline sentou-se tensa no banco do passageiro, escondida atrás dos óculos escuros tipo Hepburn, a bolsa entre as mãos e sobre os joelhos. Ela não voltou a falar depois de recitar seu endereço em Beacon Hill. Rory olhou para ela ao entrar na Cedar Street e tirar o pé do acelerador.

— Que casa?

— Aquela — ela disse apontando. — A de porta vermelha. Pode me deixar aqui.

Rory parou junto da calçada e desligou o motor.

— Eu levo a caixa para dentro para você.

Antes que Soline pudesse protestar, Rory estava fora do carro, pegando a caixa do banco traseiro. Soline teve

alguma dificuldade com o cinto de segurança, mas conseguiu sair do carro e passou por ela com a chave na mão.

Rory a seguiu, olhando para a casa de fachada georgiana quando subiram pela alameda da entrada. Tijolos vermelhos envelhecidos, venezianas pretas envernizadas, duas chaminés em cada ponta. E em um dos bairros mais desejáveis de Boston. Aparentemente, Soline vivia bem sozinha.

Depois de brigar um pouco com a chave, Soline entrou, deixando Rory segui-la até o espaçoso *hall* dominado por uma mesa de pedestal e um lustre do império francês. Ela tirou os óculos de sol, que deixou sobre a mesa com a bolsa, e começou imediatamente a remover as luvas.

Rory ficou olhando um pouco incomodada, até ficar claro que Soline não fazia muitos progressos.

— Esses botões são sempre complicados. Posso ajudar?

Os ombros de Soline caíram, como uma flor que murcha instantaneamente. Ela estendeu as mãos sem dizer nada. Rory deixou a caixa no chão e desabotoou as duas luvas, depois olhou para Soline.

— Quer que eu...

Soline assentiu.

— Mas não puxa pelos dedos. Tira com cuidado. Devagar.

Rory seguiu as instruções, prendendo a respiração enquanto puxava o couro. Ela ouviu um suspiro quando removeu a primeira luva, mas não teve certeza se foi seu ou de Soline. Quando a segunda mão foi oferecida, ela retomou o trabalho, notando que agora Soline mordida o lábio inferior. Era evidente que constrangimento não era a única coisa que sentia.

Concluída a tarefa, Rory deixou as luvas sobre a mesa, vazias e do avesso, como a pele murcha de algum inseto enorme. A comparação provocou um arrepio, e ela olhou para Soline, que tinha começado a massagear as mãos com movimentos longos, repetitivos. Eram brancas como cera em alguns pontos, enrugadas e rosadas em outros, os dedos atrofiados e curvos como garras. Rory desviou o olhar, tentando não ser indelicada.

— Vá em frente — Soline falou com tom neutro. — Olhe para elas.

Um nó se formou na garganta de Rory quando ela analisou o dano. As palmas contraídas e o tecido mais grosso das cicatrizes, os dedos que pareciam unidos por películas. Inúteis para uma mulher que ganhava a vida com agulha e linha.

— Foi o fogo — disse Soline. — Mas você já sabe disso, é claro.

Rory assentiu.

— Estranhei que estivesse usando luvas em junho.

— Cicatrizes causam desconforto às pessoas, por isso as cubro quando estou em público, o que não é mais algo frequente. É mais fácil sair de circulação do que suportar a piedade das pessoas. Elas não têm culpa. É mesmo uma coisa horrível de se ver.

Rory quase disse que sentia muito, mas se conteve. Nada de piedade.

— Por isso não reabriu a loja — disse. — Por causa das suas mãos.

— Durante um tempo, achei que poderia voltar. Quis acreditar que os médicos poderiam fazer algum tipo de milagre. Acho que eles também acreditavam nisso, no começo. Mas as lesões eram muito graves e abrangentes.

— É... doloroso?

— Não como deve estar pensando. Perdi a sensibilidade nessa área, ou na maior parte dela. Tecido cicatrizado não tem terminações nervosas. Mas tem uma coisa chamada contratura, que acontece com queimaduras profundas, especialmente nas mãos. Conforme o tecido cicatrizado vai se formando, ele puxa os dedos para dentro ou os torce para os lados. — E estendeu as mãos de novo, convidando Rory a examiná-las melhor. A maioria das unhas tinha sumido da mão direita, deixando dedos brilhantes e planos. — Estou entre os que têm sorte, se é que se pode acreditar nisso. Não sinto muita dor, mas, quando uso luvas por muito tempo, meus dedos ficam esticados, e isso provocar dor nas articulações. Imagino que seja como artrite.

— Não tem... Não podem fazer uma cirurgia, ou alguma coisa desse tipo?

Ela voltou a massageá-las, fazendo pressão em cada palma com os polegares, alternando entre eles, fazendo uma careta de dor quando trabalhava na pele marcada.

— Fiz seis cirurgias. Desbridamento, reparo de tendão, enxertos de pele. E usei todos os tipos de tala que se conhece. Depois veio a terapia. Terapia de pressão. Terapia de alongamento. — Ela encolheu os ombros. — Uma hora se atinge o fim da estrada. Eles me ensinaram exercícios para ajudar na flexibilidade e na amplitude de movimentos. Fiz todos por um tempo, enquanto pensava que havia uma chance, mas acabei parando. Não vi mais utilidade nisso depois que entendi que nunca mais pegaria uma agulha.

Rory odiava o tom definitivo na voz dela.

— Não poderia ter contratado alguém para costurar?

Soline olha para a caixa aos pés de Rory.

— Não os meus vestidos. O trabalho é delicado, muito... especializado.

— Mas não poderia treinar alguém? Uma aprendiz, talvez?

— O trabalho que faço não pode ser ensinado e deve ser feito à mão... por mim.

— Minha mãe se lembra da sua loja. Ela disse que era a loja de noivas mais elegante da cidade. Queria poder ter visto a loja antes... — Rory se conteve a tempo. — Desculpe. Só queria dizer que devia ser linda.

Soline se afastou, mas parou e olhou para trás.

— Venha comigo e traga a caixa.

Elas passaram por uma sala grande com paredes de ardósia cinza e um grande sofá de couro cor de caramelo, depois atravessaram uma porta francesa para um pequeno estúdio.

Era uma sala quente, acolhedora, mas pouco mobiliada. Uma escrivaninha de antiquário, uma cadeira de leitura e uma mesinha na frente da lareira, prateleiras ocupadas por livros antigos com capas de couro em tons de pedras preciosas. Mas foi a parede do outro lado que chamou a atenção de Rory: uma coleção de fotografias emolduradas em madeira preta. Fotos, recortes de jornal, capas de revista e vários esboços a lápis das criações de Soline. Ela deixou a caixa no chão e se aproximou um pouco, lendo as legendas, algumas de trinta anos atrás.

* Ulalá! Um toque de Paris chega a Back Bay.

*

* Alta costura para noivas chega a Boston. *

* O Laço Roussel: um detalhe indispensável para a noiva deste ano. *

As fotos eram maravilhosas. Soline debruçada sobre uma criação de muitas camadas com a boca cheia de alfinetes; sobre uma escada, tirando um rolo de tecido

de uma prateleira; dando os toques finais em um grande laço de tafetá na cintura de uma loira magérrima. Rory se deteve nesta por um momento, estudando as mãos de Soline. Dedos longos, unhas bem-feitas. Bonitas e muito capazes, mas arruinadas agora.

A foto mais recente era da loja, tirada há quatro anos para uma página central dupla na *Boston Bride*, menos de um ano antes do incêndio. Era estranho vê-la como havia sido, mobiliada com elegância em tons de cinza metálico e creme. Tudo escolhido com cuidado, muito francês. Ou como ela imaginava que era a decoração francesa, pelo menos.

Também havia uma foto da grande janela projetada, tirada da rua. O nome da loja estava escrito no vidro em elegante caligrafia dourada, mas Rory não conseguia ler. Ela olhou para Soline.

— O que está escrito?

— *L'Aiguille Enchantée* — Soline respondeu em voz baixa. — Significa “A Agulha Encantada”.

— “A Agulha Encantada” — Rory repetiu com ar sonhador. Até o nome gritava magia. — Um nome perfeito para uma loja que vende vestidos de contos de fada e finais felizes.

— Faz de conta — Soline corrigiu. — Bobagens passadas de geração em geração das Roussel.

— Não acredita em contos de fadas?

— Faz tempo que não.

Rory olhou para o rosto de Soline, refletido no vidro da moldura da foto.

— Mas já acreditou?

— Contos de fadas podem ser perigosos, *Aurore*. É fácil esquecer que não são reais. E, então, antes que possamos perceber, nos perdemos neles. Por isso precisamos aprender a superar o que passou e viver com o que é.

Rory sentiu um arrepio na nuca. Soline se referia à própria perda, é claro — A. W. P. Mas as palavras poderiam servir para ela tranquilamente. Não havia como negar as semelhanças entre sua história e a dela. A paixão de ambas pelo criativo, o amor perdido, a propensão para se retirar do mundo — e agora a casa geminada.

Coincidência? Ou alguma força invisível a havia empurrado para o caminho dessa mulher e seu vestido esquecido? Um aviso, talvez, sobre o que acontecia quando alguém se apegava com muito desespero à esperança de um final feliz?

— A. W. P... — Rory murmurou.

— O nome dele era Anson.

— Anson, então. Ainda... Esqueceu o rosto dele?

— Pensei que poderia. Mas não, não esqueci. — Ela inspirou profundamente, soltou o ar devagar. — No início, eu o via em todos os lugares. Na rua, pegando um táxi. No bar de um restaurante cheio. Pela janela de uma barbearia. Ele estava em todos os lugares... e em nenhum lugar.

— Isso ainda acontece?

— Às vezes.

A resposta causou um medo vago em Rory.

— Como suporta isso?

Soline baixou o olhar.

— Todos temos nossos fantasmas, *chérie*. Rostos do passado. Mas eles nem sempre ficam no passado. Às vezes, reaparecem quando menos esperamos. Por isso guardei a caixa embaixo da escada. Porque não conseguia suportar isso.

Rory entendia esse tipo de dor, a dor que a esperava todas as noites quando fechava os olhos, e ainda estava lá de manhã, quando acordava. O lugar vazio onde seu

coração deveria estar. Antes que pudesse se controlar, seus olhos ficaram cheios de lágrimas.

Soline a olhou com mais atenção, claramente alarmada.

— *Chérie*, o que foi? Não se sente bem?

— Não, estou bem. Mas preciso ir.

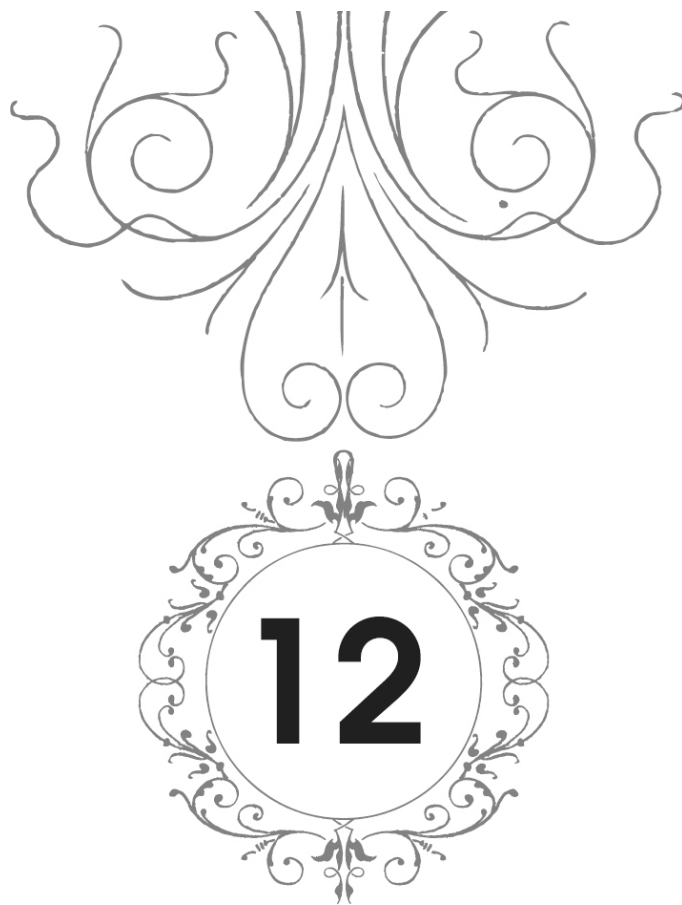
— Aconteceu alguma coisa.

— Não. É sério. Eu não devia ter vindo incomodar. —

Ela quase tropeçou na caixa do vestido quando passou por Soline a caminho da porta. — Não precisa me acompanhar. Eu encontro o caminho.

— *Aurore...*

Rory continuou andando, desesperada para chegar à porta antes de ser reduzida a uma poça patética. Já tinha o que queria. Havia decidido que conheceria a história de Soline, e agora a conhecia. Mas, enquanto saía apressada, não conseguia deixar de pensar se não havia vislumbrado a própria história nesse processo.



Soline

Negociamos a promessa de finais felizes, mas nem todos são destinados a esses fins de contos de fadas. Alguns são incapazes, outros, indisponíveis, e ainda há os que aprenderam que não os merecem. Cabe à Tecedora de Encantamentos discernir qual é qual.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

20 de junho de 1985 — Boston

Fecho os olhos ao beber o primeiro gole de vinho. Louis Jadot Gevrey-Chambertin. É um dos meus prazeres secretos. Chocolate e cereja madura, intensos na língua, aveludados ao descer. Elegante e caro. É engraçado, tive que vir para a América para aprender a apreciar vinhos franceses — *Maman* nunca teve vinho em casa —, mas aprendi a apreciá-los. Talvez um pouco mais do que é bom para mim. Mas ajuda com as mãos. Com a dor. E com... outras coisas. Ou eu finjo que ajuda, pelo menos.

Os acontecimentos de hoje me abalaram. Por razões que entendo muito bem e por outras que não entendo. Não costumo receber visitas em casa. Na verdade, nunca recebo visitas. Nada de jantares, coquetéis, festas ou almoços com amigos. Nada de amigos. *Oui*, sei quanto isso parece horrível. Triste e patético. Mas não quero pena. É uma escolha que fiz anos atrás. Depois do incêndio. Parece que minha vida inteira é marcada por antes do fogo ou depois do fogo. Não que tenha havido muita vida depois daquela noite horrível. Mais uma vez, escolha minha.

Não me lembro quando foi a última vez que tive companhia. Um ano? Não, mais que isso. E foram só Daniel e a esposa dele no penúltimo Natal. Eu me sinto confortável sozinha, ou, ao menos, me sentia. Ainda assim, me surpreendi com o pesar que senti ao ouvir a porta da frente fechar, quando a menina saiu. Mas muita coisa me surpreendeu hoje. Um telefonema de uma desconhecida. Um maço de cartas velhas. O vestido. *Mon dieu...* o vestido. Lembranças que escondi por mais anos do que quero admitir. E agora elas me encontraram. Porque Aurora Grant me encontrou.

Rory — a garota que ressuscitou meu passado.

Quando ela entrou na confeitaria, por um breve instante, achei que a conhecia. Uma de minhas clientes,

talvez. Ou uma noiva que eu havia rejeitado. Havia algo de familiar nela, uma conexão que senti no instante em que nossos olhares se encontraram. No entanto, quando ela chegou mais perto, vi que estava enganada. Não a conhecia.

Eu a “reconheci”. Ela era eu. Ou uma sombra do que fui quando tinha a idade dela. Perdida. Sofrendo. Desesperada por uma luz no fim do túnel. Ela era encantadora. Um rosto atento, bonitinho, e uma tez rosada e suave. Olhos da cor do céu quando uma tempestade se aproxima, nem azul nem cinza, e cabelos que eram ondas cor de mel sempre caindo na frente do rosto, um jeito inteligente de se esconder do mundo.

Entendo essa parte, não querer que o mundo veja sua tristeza. Você acha que é a única, escolhida pelo destino para sofrer. Não é, é claro, mas é essa a sensação. O resto do mundo segue em frente, vivendo a vida e sonhando seus sonhos, enquanto você está paralisada, suspensa para sempre naquele terrível momento quando seu mundo parou de rodar e o chão sumiu de repente. Você existe em um vácuo, onde tudo é vazio e infinitamente escuro, até que, pouco a pouco, a luz se torna insuportável.

Ela queria conhecer minha história, queria que eu abrisse a caixa ali, naquele momento, e ficou desapontada quando viu que isso não aconteceria. Mesmo assim, não mediu esforços para me ajudar. E eu me senti obrigada a satisfazer ao menos parte de sua curiosidade.

Ela foi delicada com suas perguntas, cuidadosa com meus sentimentos. Existe um tipo especial de empatia que acompanha o sofrimento compartilhado. Um fio invisível que nos conecta, feridos com feridos. Por que mais eu a teria deixado me trazer para casa? E depois aquela coisa horrível com as luvas, quando a convidei a olhar para minhas mãos.

Ainda posso ver a expressão no rosto dela quando as estendi. Ternura, em vez de piedade. Eu poderia tê-la beijado por isso. E depois, quando seus olhos se encheram de lágrimas e ela foi embora apressada, quis ir atrás dela, abraçá-la e deixá-la chorar até esvaziar o coração. Tem uma história ali. Uma história triste, acho. Tão triste que ela não conseguiu esconder, embora tentasse.

Não sei o que aconteceu para entristecer Aurora Grant. Só sei que aconteceu alguma coisa. Mas ela é jovem. Tem tempo para escapar do vácuo. A galeria vai ser sua tábua de salvação. Como a loja foi a minha. Gosto dessa ideia, uma galeria para artistas desconhecidos. E o título, “Desconhecidos”. Também gosto da menina, e o que ela disse sobre o imóvel, que parecia estar esperando por ela. Talvez seja adequado que a tábua de salvação dela apareça onde a minha sumiu. O destino pegou nossos fios e os teceu juntos. Sem costuras, talvez, mas de maneira indissolúvel, agora.

Encho novamente a taça de vinho e volto ao estúdio, paro diante da parede de fotos emolduradas. Raramente olho para elas hoje em dia — ainda agora, a perda é difícil —, mas esta tarde, quando Rory estava aqui, me peguei olhando por cima do ombro dela, tentando vê-las como ela as via, pela primeira vez. Ela olhava para uma foto da janela da frente e perguntava se eu ainda me lembrava do rosto de Anson, quando de repente vi nossos reflexos no vidro da moldura. Ela olhava para mim, e por uma fração de segundo, Anson também parecia estar lá, seu rosto superposto ao dela. Eu pisquei, e ele desapareceu, deixando apenas meu rosto e o dela no vidro. Foi só uma impressão, um truque da luz e da memória, mas pareceu muito real naquele momento, assustador e dolorosamente real.

A caixa do vestido ainda está no chão, onde ela a deixou. Eu a levo para a cadeira e fico sentada com ela no colo por um tempo. Não preciso abri-la. Sei o que tem lá dentro: pedaços do meu passado ameaçando penetrar meu coração como coisas feridas. Lembranças de meus finais felizes perdidos. Pensei que eles tivessem sumido, relegados ao espaço escuro embaixo da escada, depois reduzidos a cinzas. Mas agora foram exumados, e não tenho opção senão lembrar.

Sinto minha respiração falhar quando levanto a tampa e removo o papel. O vestido é exatamente como me lembro, branco e cintilante. Deslizo as mãos pelas contas, lembrando as longas noites que passei costurando em segredo. *Maman* nunca teria aprovado, se soubesse. Teria achado um terrível desperdício, já que restavam poucos noivos preciosos na França quando o terminei. Mesmo assim, eu o trouxe comigo quando parti. Porque tinha sonhos com meu final feliz. Um dia usaria meu lindo vestido com seu ardiloso encantamento, e provaria que *Maman* estava errada. Provaria que todas as Roussel estavam erradas. E quase deu certo. Em vez disso, perdi tudo.

Lágrimas queimam minha garganta quando deixo a caixa de lado e apago a luz. Pensei estar preparada, mas não estou.

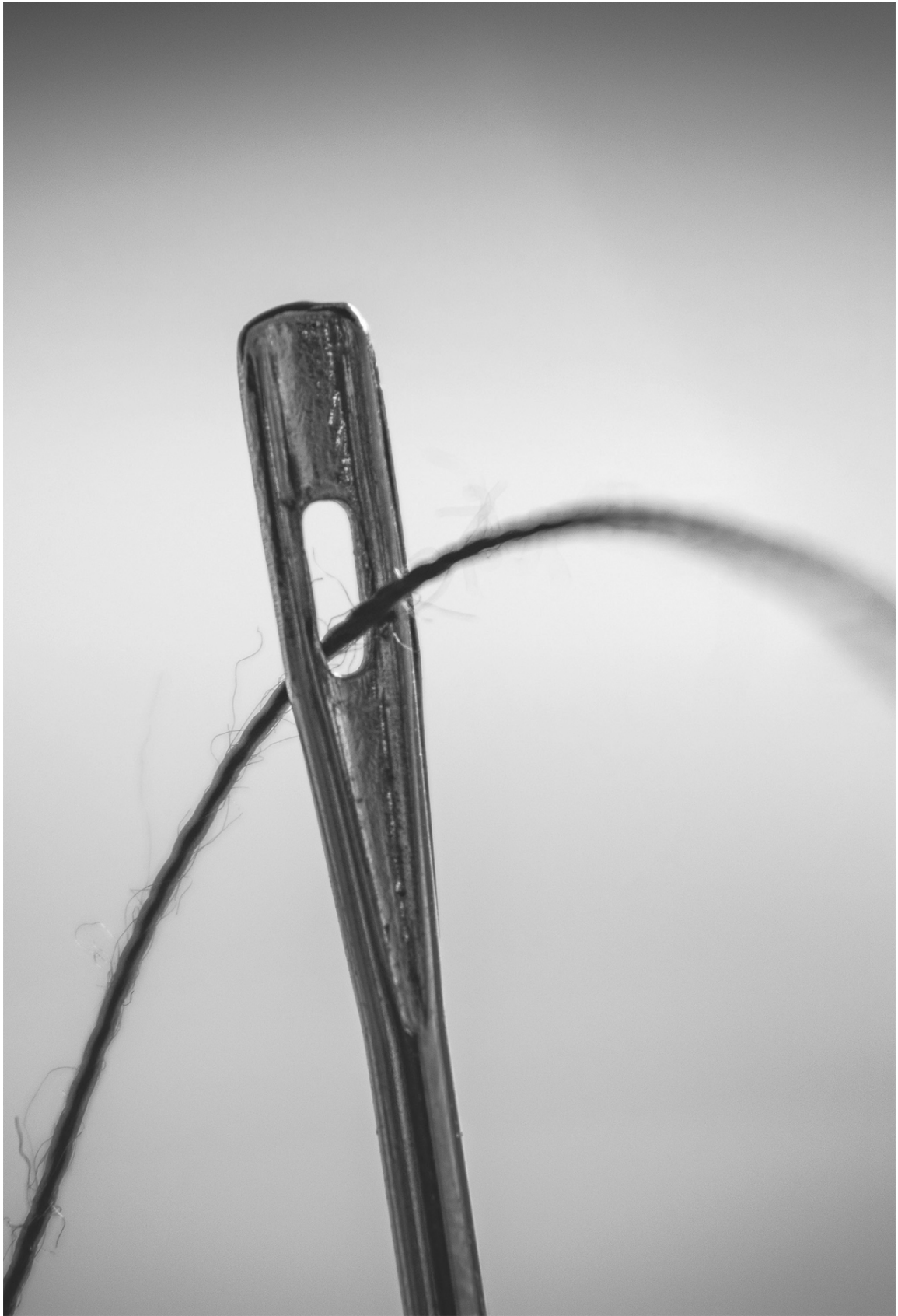
Levo a taça de vinho pendurada entre os dedos quando atravesso o corredor a caminho do meu quarto. Estou cansada e com dor de cabeça. Esqueci como são os locais públicos e barulhentos e o quanto eles tiram de mim. Meus pensamentos divagam para a embalagem plástica sobre a mesa de cabeceira, uma prescrição que um dos médicos me deu no dia em que saí do hospital, para ajudar a amenizar a dor. Parei de tomar o remédio depois de uma semana. Ele me fazia sentir muito pesada. Mas o medicamento ainda está ali, uma apólice

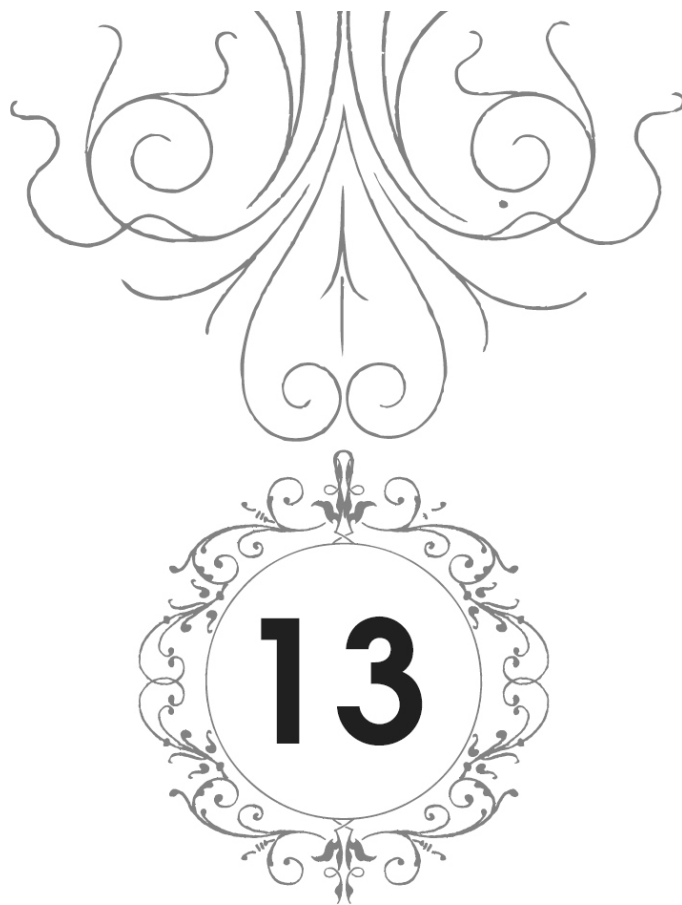
de seguro, caso as noites fiquem muito longas, ou os dias se tornem muito vazios. Penso nele de vez em quando. Às vezes, até abro a embalagem, despejo os comprimidos na mão, imagino que os engulo todos ao mesmo tempo. Não vou fazer isso, é claro. Tenho outras coisas na cabeça hoje.

Tiro a roupa no escuro e vou para cama, pensando de novo em Rory. Se eu a lesse como *Maman* me ensinou, o que veria? Acho que seria fácil. Ela é parecida comigo nesse sentido também, como eu era antes. Totalmente aberta ao mundo. *Maman* me advertia por isso. Dizia que eu nunca conseguia esconder nada, que meu rosto sempre me revelava.

Houve um tempo em que isso era verdade, mas aprendi, ao longo dos anos, como esconder muitas coisas do mundo. De mim mesma também, acho. A dor tem um jeito de nos endurecer, cada nova batida do coração depositando mais uma camada de proteção, como o nácar de uma pérola, até pensarmos que somos impenetráveis, imunes ao nosso presente e passado.

Como somos tolos por acreditar nisso.





Soline

Pode surgir a tentação de usar a magia para fins egoístas. Mas essas transgressões sempre vão atrair um mau vento, que vai então soprar sobre as gerações futuras.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

11 de dezembro de 1942 — Paris

Dois anos e meio de ocupação nazista dizimaram Paris. Jamais me esquecerei da manhã em que eles chegaram. Ouvi os soldados antes de vê-los, como o

retumbar distante do trovão enquanto eu corria pela Rue Legendre, a caminho da Place de la Concorde. Não sei o que esperava quando entrei na Champs-Élysées. Guerra, suponho. Parisienses em pânico tomando as ruas em uma última tentativa de afugentar os invasores. Soldados brandindo armas e fazendo prisioneiros. Armas. Bombas. Fogo. Sangue. O caos da guerra.

Mas não havia caos. Na verdade, havia uma estranha e sinistra ordem em tudo, uma precisão de aço que era quase de tirar o fôlego. Motocicletas, cavalos, colunas de tanques e carros blindados, e milhares e milhares de soldados marchando em sincronia, impecáveis em seus capacetes e uniformes verdes-cinzentos. Quanto aos parisienses tomando as ruas, também não havia nenhum. Espectadores se enfileiravam nas calçadas, silenciosos e boquiabertos, fascinados com a máquina que engolia inteira sua cidade. Ou do que restava dela àquela altura.

Os ricos e bem-relacionados deixavam Paris há semanas: carros, trens, carroças puxadas por cavalos congestionavam as estradas, dirigindo-se ao litoral com o início efetivo de *l'exode*. Lojas fecharam. Hotéis foram evacuados. Teatros estavam escuros. Até as barracas do mercado silenciaram antecipando a invasão. E, finalmente, em junho de 1940, ela aconteceu. O Wehrmacht de Hitler entrou em Paris sem disparar um tiro, e, no fim da tarde, suásticas tremulavam sobre o Arco do Triunfo e a Torre Eiffel.

A vida ficou turva depois daquele dia horrível. Toques de recolher foram impostos e rigorosamente fiscalizados. Placas de trânsito alemãs substituíram as francesas, e os relógios passaram a marcar a hora da Alemanha, um dedo no olho da cidade já desmoralizada. Nada mais era nosso, nem o nosso tempo.

Jornais franceses foram fechados, e todos os rádios deveriam sintonizar estações de propaganda alemã. Também havia cartazes em todos os lugares, nos incentivando a ver os invasores como amigos. Como se não os pudéssemos sentir apertando nosso pescoço cada vez mais forte.

Cartões de racionamento foram distribuídos para alimentos e roupas, resultando em filas enormes para gêneros de primeira necessidade. Paris se tornou uma cidade obcecada por comida. Encontrar, poder comprar, fazer durar. Mulheres passavam boa parte do dia procurando um ovo ou um osso para sopa, enquanto revistas nos ensinavam como aumentar manteiga com gelatina e fazer um bolo sem ovos. Graças ao estoque cuidadoso de *Maman*, sofremos menos que a maioria, mas nossos suprimentos estão se reduzindo em uma velocidade alarmante.

A locomoção também é difícil. Não tem petróleo, e só restam bicicletas e o metrô. Ou caminhar, que é o que normalmente faço. Há soldados nazistas por toda parte, nos bares e nas lojas, bebendo nosso vinho e limpando nossas prateleiras, vadiando pelas esquinas e assediando nossas mulheres, como se a França estivesse à disposição deles, o que está, suponho. Mas ninguém sofre mais que os judeus.

Além de tirarem seus bens e suas propriedades, o *Statut des Juifs* os proíbe de trabalhar em determinadas profissões, ir ao teatro, comprar na maioria das lojas e até ter rádios. Todos os judeus com mais de seis anos de idade devem usar uma estrela amarela presa ao peito com a palavra *juif*, a fim de serem mais facilmente identificados para a perseguição. Com essa finalidade, são forçados a usar a quota de tecido de um mês inteiro. Alguns desafiam a nova lei, mas correm grande risco. Os que são pegos ou denunciados por

simpatizantes dos nazistas são espancados, ou coisa pior.

E as apreensões começaram. Milhares de judeus, em sua maioria mulheres e crianças, detidos por dias, sem comida ou água, enviados primeiro ao campo de detenção em Drancy, antes de serem enfiados em vagões de gado e levados para longe. Uma dessas apreensões foi chamada de Operação Brisa de Primavera, organizada e realizada pela polícia francesa.

Pela nossa polícia.

Mas isso foi só o começo. Detalhes dos campos de morte começaram a vaziar. Sussurros sobre câmaras de gás e fornos, valas rasas cheias de corpos. Os judeus eram eliminados por toda a Europa. E o governo francês estava ajudando nisso.

Recebíamos nossas notícias — as notícias reais — como a maioria dos parisienses, por transmissões proibidas da BBC na *Radio Londres* ou qualquer jornal clandestino passado discretamente de mão em mão. Assim como com todo o resto hoje em dia, ser pego significa ser punido.

Maman é atingida pelas notícias de maneira especialmente dura, o que me surpreende um pouco. Nunca soube que ela fosse chorona, mas, depois de dois anos dos *boche*, estamos todos esgotados, a ponto de enlouquecer. A doença dela agora a domina, os ataques de tosse são tão severos que ela é forçada a recorrer a drogas soníferas para descansar à noite. E tem os lenços salpicados de sangue que finjo não ver, até ela não poder mais escondê-los de mim. Agora, quando outro inverno chega sem combustível para o aquecimento, seu estado se tornou sofrível.

O pouco trabalho que resta cabe inteiramente a mim. São ajustes, em sua maioria, mas me sinto grata por qualquer coisa que ocupe os dias. E à noite, quando

fechamos as cortinas blecaute e *Maman* dorme, continuo trabalhando no meu vestido, embora duvide da possibilidade de ela viver o suficiente para vê-lo pronto.

Uma noite, ela me chama ao seu quarto e me diz para pegar uma cadeira. É doloroso ver as mudanças que aconteceram nela. Estamos todos mais magros nesses tempos, mas a magreza de *Maman* é de uma variedade mais cruel, uma devastação lenta que deixa a pele esticada sobre os ossos do rosto. E, mesmo assim, seus olhos são ágeis e brilhantes quando me estudam.

— Sente-se — ela diz, afastando minha mão quando tento sentir a temperatura em sua testa. — Tenho uma coisa para lhe dizer. Algo que devia ter dito anos atrás.

— Devia estar descansando — respondo, tentando evitar a conversa. Não quero falar sobre morte. Ou nazistas. Ou como as coisas vão ficar difíceis. Falamos pouco ultimamente. — Podemos conversar mais tarde. Depois que você dormir um pouco.

— O que tenho para dizer não pode esperar até amanhã.

Assinto, espero.

— Na primeira gaveta da minha cômoda, no fundo, tem uma caixa. Vá buscá-la para mim.

A caixa está onde ela disse que estaria, um porta-joias de veludo verde-escuro, mais ou menos do tamanho da palma da minha mão. Eu a levo de volta à cama e me sento na mesma cadeira, tomada por certa fascinação quando ela aperta o porta-joias contra o peito com inexplicável ternura. Quando seu olhar finalmente encontra o meu, é como se ela houvesse esquecido minha presença ali.

Suas mãos tremem quando ela tenta levantar a tampa. No final, desiste e me entrega a caixa.

— Abra para mim, por favor.

Faço o que ela pede, sem perceber que estava prendendo a respiração, até todo o ar escapar de repente. Dentro da caixa, tem um pingente em forma de travesseiro com um par de lírios gravados nele. Olho nos olhos de *Maman*. Ela pisca lentamente, assente muito devagar.

Demoro um momento para localizar o fecho, mas finalmente estou olhando para o rosto de um estranho. Ele tem uma beleza acentuada, séria, com maçãs do rosto altas, olhos profundos e cabelos escuros, cacheados. A boca é volumosa, quase feminina, com os cantos um pouco erguidos, como se ele tentasse conter um sorriso.

— Seu nome era Erich Freede — *Maman* fala em voz baixa. — Ele estudava no Conservatoire de Paris no verão antes de você nascer.

Ela fica em silêncio, mas posso sentir seu olhar em mim, enquanto continuo olhando para a fotografia. Depois de um tempo, as palavras dela fazem sentido. “No verão antes de você nascer.” Levanto a cabeça, e sinto a pergunta entalada em minha garganta como um osso.

— Ele era seu pai.

“Pai.” A palavra é estranha em seus lábios, mas seu olhar é firme.

— Por que está me dizendo isso agora?

— Porque nunca falamos sobre ele. E precisamos falar agora.

Sempre tive curiosidade sobre o homem que conseguiu encontrar uma brecha na armadura de minha mãe, mas, de repente, não quero falar sobre ele ou sobre por que ela decidiu repentinamente ter essa conversa.

— Ele estava a caminho de um ensaio, quando nos conhecemos. Eu ia entregar um vestido na Rue de

Madrid, perto da escola. Tinha chovido durante toda a manhã, e as ruas estavam cheias de poças. Eu esperava para atravessar na esquina, quando um carro passou em alta velocidade e me deu um banho de água suja. Fiquei horrorizada quando olhei para a caixa do vestido. Estava encharcada e imunda, e tudo que eu conseguia pensar era que *Maman* ia me matar se o vestido estivesse arruinado. E então ele apareceu, oferecendo um lenço.

— Erich — digo, pronunciando o nome dele devagar, me acostumando à sensação.

— Sim. Erich. — Um sorriso raro suaviza as linhas que a doença desenhara em seu rosto. — Ele vestia um terno branco de verão que parecia ter sido feito para ele e sapato bicolor preto e branco muito brilhante. Era elegante, com seu chapéu de palha e a gravata de nós. E eu ali, pingando como um gato molhado.

— E ele se apaixonou por você naquele instante — concluí, lendo o restante em seus olhos.

Sua expressão se tornou suave, sonhadora.

— Nós dois nos apaixonamos. Ele era tão bonito, que não consegui lembrar meu nome, quando ele perguntou. Foi como se minha mente tivesse sido apagada de repente, como se nada houvesse acontecido comigo antes daquele momento. Ele me ajudou a limpar a caixa, depois se abaixou para limpar a lama dos meus sapatos. Fiquei tão agitada que derrubei o chapéu dele na rua, e nós dois rimos até não aguentar mais. Ele me deu seu casaco para cobrir minhas roupas molhadas e me acompanhou pelo resto do caminho.

Eu me peguei sorrindo. Esse é um lado de *Maman* que nunca imaginei — uma jovem prestes a viver uma grande paixão.

— O que aconteceu depois que você entregou o vestido?

— Passamos cada momento livre juntos, normalmente em algum parque. Não era muito, mas era o suficiente. Levávamos um cobertor e comida, e eu inventava uma desculpa para explicar aonde ia. Comíamos, e depois ele tocava violino para mim. Tocava de um jeito lindo, como se contasse uma história cada vez que pegava o arco. Fui a alguns concertos dele na escola. Todos aqueles músicos tocando juntos no palco, e eu só conseguia ouvi-lo. Era essa a impressão que eu tinha.

— Quanto tempo isso durou?

— Sete meses e treze dias.

A rapidez e a precisão da resposta me surpreenderam.

— O que aconteceu?

— Ele concluiu o curso. Era hora de ir para casa.

— Para casa?

Minha mãe fecha os olhos, como se sentisse alguma dor.

— Berlim.

Sua angústia é palpável e muito inusitada. Talvez por eu pensar que ela fosse incapaz de tais sentimentos.

— Lamento que ele tenha deixado você, *Maman*.

Seus olhos se abrem devagar, escuros e profundos.

— Fui eu — ela sussurra. — Eu terminei tudo.

— Você? Por quê?

— Ele queria me levar para a Alemanha, se casar comigo. Mas sua avó proibiu. Mesmo quando contei a ela que estava esperando um bebê.

— Por causa da loja?

— Por causa da guerra — ela responde em voz baixa.

— Erich era alemão. Um *boche*, como eram conhecidos então... e ainda são, acho. Minha mãe nunca os perdoou por Somme. Muitos de nossos rapazes foram mortos nessa batalha, dizimados aos milhares nas trincheiras.

Ela não conseguia perdoar. Muitos não conseguiam. Ela disse que me casar com um alemão me causaria mais vergonha que um filho bastardo.

— E foi isso? Simplesmente o deixou ir embora?

Ela assente, respira com dificuldade.

— Os pais dele haviam morrido, e as irmãs foram morar com uma tia enquanto ele estava estudando. Era hora de voltar para as responsabilidades. Eu poderia ter feito ele ficar — sussurra com voz rouca. — Se eu tivesse contado sobre você, ele teria ficado.

Olho para ela perplexa.

— Nunca contou a ele que estava grávida?

Ela desvia o olhar.

— Isso só tornaria as coisas mais difíceis para nós dois. Tínhamos... responsabilidades.

Fico olhando para ela, tentando entender. Não é que senti falta de ter um pai, não se pode sentir falta de algo que nunca se teve, mas o argumento dela não faz sentido. Que responsabilidade poderia ser maior do que se casar com o pai de seu filho?

— Não foi tão fácil assim. Eu tinha que pensar na loja. Não podia deixar *Maman* só com a Lilou para ajudá-la. Não quando sabia que ela não ia ficar. Mesmo quando éramos meninas, minha irmã tinha um pé fora da porta. E havia as histórias... todas as Roussel de coração partido, as que desafiaram as regras de nossa vocação e sofreram as consequências. *Maman* disse que o meu seria o próximo, e, quando isso acontecesse, eu não poderia voltar. — Duas lágrimas escapam por entre as pálpebras fechadas, deixando rastros prateados e finos por onde passam. — Eu estaria sozinha, como minha mãe ficou depois que Lilou nasceu.

— Então, você guardou seu segredo e partiu o coração de Erich, em vez do seu.

— Tive medo.

A admissão planta um nó na minha garganta.

— E nunca mais o viu?

Ela balança a cabeça devagar, dolorosamente.

— Recebi uma carta uma vez, implorando para eu reconsiderar. Tive medo de fraquejar e a joguei no fogo. Lilou ficou furiosa comigo. Ela nunca entendeu a noção de dever. E eu... — Seus olhos se afastam dos meus. — Eu nunca entendi outra coisa.

— Sinto muito — falo, e é verdade. Mas também estou brava. Porque nunca tive a chance de conhecer esse homem que contava histórias com seu violino ou a mulher que minha mãe foi, a que se apaixonou por um desconhecido em uma esquina. Teria gostado daquela mulher. Mas os anos a transformaram em outra pessoa, em um eco infeliz da mãe que a forçou a negar o próprio coração. Parece uma ironia terrível enquanto estou ali sentada ouvindo sua história, e me pergunto se ela também percebe isso, e se é esse o motivo para ter decidido me contar sua história.

— Deve ter partido seu coração desistir dele — comento com tom brando. E, de repente, penso em uma coisa. — Por isso está me contando agora, porque quer minha ajuda para encontrá-lo?

As lágrimas correm repentinas e barulhentas, como um dique que se rompe, e não consigo pensar em nada para dizer. Não tenho experiência em oferecer conforto a ela, e parece que não estou me saindo muito bem.

— Sinto muito, *Maman*. O que quer que eu tenha dito, sinto muito.

— Ele era judeu — ela soluça aflita. — Erich Freede era judeu.

Fico olhando para ela, me esforçando para relacionar as palavras com a angústia em seus olhos. Demoro um momento, mas finalmente entendo. Um judeu. Na Alemanha.

— Os nazistas — murmuro. — *Mon dieu.*

Ela fecha os olhos, soluça mais uma vez.

— As histórias... Os campos... Não suporto pensar nisso.

Olho para o pingente em minha mão, lembrando o dia que uma das clientes de *Maman* contou sobre a *Kristallnacht*, como ela havia fechado a loja e ido para o quarto, de onde só saiu na manhã seguinte. E como, ao ouvir pelo rádio sobre toda aquela gente levada para o Vél d'Hiv, ela chorou incontrolavelmente e se recusou a comer por dias. Não foi pelas pessoas que ela chorou, foi por Erich Freede, porque nunca deixou de amá-lo.

Era por isso que ela ouvia atenta cada palavra das transmissões diárias da BBC, lia cada linha dos jornais contrabandeados que, às vezes, iam parar na nossa caixa de correspondência. E talvez por isso tinha passado a manipular seu rosário de maneira tão febril ultimamente — uma proteção contra o mal.

— Você tem... teve notícias dele?

— Não. — Ela cobre a boca, fecha os olhos quando mais duas lágrimas escorrem por seu rosto. — Durante anos, eu o imaginei tocando em todos os grandes salões da Europa, dominando plateias. Era um jeito de me apegar a ele, imaginá-lo feliz depois de tudo que aconteceu, e agora... não sei onde ele está. Não sei se está vivo ou morto.

Meu coração dói quando a ouço falar, mas também tenho medo. Sua respiração é pesada e densa, os lábios perderam a cor com o esforço que ela faz para respirar.

— Por favor, *Maman*. Não pode se agitar.

— Se eu não tivesse ouvido minha mãe... Se tivesse contado a ele sobre você e pedido para ficar, ele agora poderia estar seguro.

— Não tem como saber, *Maman*. Os judeus estão sendo recolhidos aqui também. Nós estamos fazendo

isso. Os franceses.

Ela se levanta do travesseiro com esforço, segura minha mão.

— Mas poderia ter sido diferente. Não vê? Se ele tivesse ficado em Paris, eu poderia ter avisado. Em vez disso, parti seu coração... e agora o matei.

Eu a empurro de volta para o travesseiro, acalmando-a como se fosse uma criança tendo um pesadelo. Digo para fechar os olhos e afago seu cabelo, tentando lembrar um tempo quando os papéis eram invertidos e era ela quem me confortava. Não consigo. Ela nunca foi esse tipo de mãe. Mesmo assim, não posso negar a ela essa pequena dose de carinho. Não quando seu coração está se quebrando.

Eu me sento na beirada da cama e espero ela se acalmar, pensando no *maléfice* — a maldição. A mãe de *Maman* disse a ela que amar Erich Freede a faria sofrer. Mas como isso era diferente de sua atual aflição, de se perguntar se o homem que amava estava escondido em algum lugar, como um animal encurralado, ou aprisionado, à mercê dos monstros em um dos campos? Se essa é a consequência de proteger seu coração, não quero passar por isso.

Maman solta minha mão, enxuga as lágrimas, impaciente.

— Quis que você ficasse com o pingente porque queria que tivesse uma parte de seu pai. E porque preciso que você faça uma coisa.

Concordo em silêncio.

— Um dia você vai sair de Paris. Leve o amuleto. Tire-o deste lugar com todas suas lembranças terríveis. Promete.

— Que vou sair de Paris? — Olho para ela confusa. — Mas para onde eu iria? Paris é minha casa.

— Não é mais. E você vai embora. Precisa ir.

— Mas a loja. O trabalho. Você sempre disse...

— Eu disse muitas coisas. Ensinei você a viver para o trabalho, porque foi isso que me ensinaram, mas eu errei. Errei sobre muitas coisas.

— *Maman...*

— Preciso falar!

Abro a boca e volto a fechá-la. Não vou conseguir nada discutindo.

— Sempre mantive você distante de mim. Não, não balance a cabeça. Nós duas sabemos que é verdade. Mas você não sabe o porquê. — Ela respira fundo, uma inspiração molhada e barulhenta. — Você é muito parecida com ele, Soline. Tanto que dói olhar para você. Tem meus olhos, meu cabelo, minha boca, mas sempre teve o coração dele. Ele era um sonhador, *un rêveur*. Tinha muitos planos para nós. — Ela para, respira com dificuldade. — Eu tirei isso dele... e era lembrada disso cada vez que olhava para você.

Alguma coisa em meu peito se abre quando processo o que ela diz. Durante anos, me perguntei o que tinha feito para merecer sua maternidade gelada, esperando descobrir alguma coisa, qualquer coisa que pudesse promover o degelo. Agora entendo que havia alguma coisa. Há um alívio estranho em saber.

Ponho minhas mãos sobre as dela.

— Acho que você deveria descansar. Seu remédio...

Os olhos dela brilham febris.

— Fique quieta e escute. Você vai ter uma chance, Soline. Uma oportunidade que vai levar você para longe daqui. Precisa agarrá-la.

— É tarde demais para ir morar com Lilou. Londres também está na mira.

— Não é a Lilou. É mais longe. E para sempre.

— Mas a loja...

Ela balança a cabeça, me silencia.

— Isso acabou. Os nazistas se incumbiram disso. Vão queimar a terra antes de terminarem. Mas você vai começar de novo. Em outro lugar.

Sinto uma vibração incômoda embaixo das costelas.

— Como sabe disso?

Seus olhos cintilam de novo.

— Como acha que sei? Peguei a escova de cabelo da sua penteadeira enquanto você foi ao açougue.

— Fez uma leitura... para mim?

— Não foi uma leitura completa. Você voltou depressa demais. Mas vi o suficiente.

A confissão me surpreende. Ela sempre foi muito firme sobre os perigos de usar *la magie* para interferir em nossos assuntos.

— Mas você sempre disse...

— Sim, sim. — Ela suspira, acenando com a mão magra. — Eu sei o que disse, mas ignorei as regras. Há momentos em que precisamos saber para que lado o vento vai soprar, e ele vai soprar você para longe, *ma fille*. Longe de Paris e de toda essa loucura. Mas não vai escapar ilesa. Vai encontrar dificuldade e sofrimento no caminho. Precisa se apegar à sua fé, Soline, aconteça o que acontecer.

Olho para ela perplexa. As Roussel não têm uma fé, não no sentido convencional. Temos nossas agulhas e linhas. Essa é nossa fé — O Trabalho.

— Por favor, não fale por enigmas, *Maman*.

— Minha fé foi testada uma vez, quando eu era um pouco mais velha que você. E eu falhei. — Ela para e estica o pescoço para respirar melhor. — Não tive fé no que poderia ter, uma vida própria e amor. Porque não era uma sonhadora. Então, segui o caminho demarcado para mim. Mas você, So-So... você tem sonhos. E tem o dom. Um dom maior do que eu jamais tive.

Por um momento, não consigo nem piscar. Esperei muito tempo até pela menor migalha de reconhecimento, uma prova de que ela me enxergava. Agora, de repente... elogio. Quero chorar, mas sei que *Maman* não vai gostar disso.

— Tive uma boa professora — respondo.

Ela acena como se isso não fosse importante, impaciente para concluir o que tem a dizer.

— Essa chance de que falei... ela vai testar seu coração. Pode até quebrá-lo. Mas os presentes mais preciosos sempre custam mais. Aprendi isso tarde demais... e é por isso que estou dizendo isso a você agora. Você precisa...

Ela para, aperta um lenço contra a boca para abafar um súbito ataque de tosse. Quando o acesso finalmente passa, ela está pálida e trêmula, com os lábios levemente azulados. Seguro a mão dela, a mão de ossos finos e frágeis, e, de repente, me dou conta de como foi raro vê-las paradas ao longo dos anos. Sempre com uma agulha, uma fita, uma tesoura. Costurando, alfinetando, arrematando. Mas logo a doença as imobilizará para sempre.

Meus olhos se enchem de lágrimas antes que eu possa desviá-los. Ela segura a manga da minha blusa e, por um instante, vejo de relance a suavidade em seu rosto.

— Nada de choro, *ma tendre*. Não por mim. Vai precisar dessas lágrimas mais tarde. Muitas mudanças se aproximam, e você precisa estar preparada.

Obedeço e enxugo os olhos na manga, mas suas previsões solenes me deixam abalada.

— Está me assustando com toda essa conversa sinistra, *Maman*. Não pode só me contar o que sabe? — Mas, no momento em que as palavras saem da minha boca, eu me arrependo delas. — Não se incomode —

corrijo depressa. — Está cansada. É melhor não falar mais nada hoje.

Ela vira a cabeça para o lado, e, por um momento, acho que está chorando, mas, quando olha para mim de novo, seus olhos estão secos. Quando ela finalmente fala, sua voz é grossa, rouca.

— Vou dizer o que sei, *ma fille*. Existe um sofrimento pior que a morte. É o sofrimento de uma vida vivida pela metade. Não por não saber como poderia ter sido, mas porque você sabe. Tarde demais, percebe que estava lá à sua disposição, bem ali, ao alcance das mãos, e você deixou escapar. Porque deixou alguma coisa — ou alguém — manter você longe disso. Mas quando chegar sua vez, você vai poder fazer diferente, *ma fille*. E ela vai chegar. Mas você precisa mantê-lo vivo, So-So. — Ela faz uma pausa, leva a mão fechada ao peito. — Aqui, no seu coração. E nunca desistir do que pode ser verdadeiro para você. Enquanto mantiver o rosto dele em seu coração, ele nunca estará realmente perdido. Sempre vai haver um caminho de volta.

Ela agora fala coisas sem sentido, flutuando naquele estado que precede o sono, confundindo seu passado com meu futuro. O remédio para dormir está fazendo efeito.

— Descanse, *Maman*. Feche os olhos e descanse.

Seus olhos permanecem cravados em meu rosto e, de repente, estão mais abertos, brilhantes de febre.

— Há momentos nesta vida para se apegar, So-So, e momentos para abrir mão. Você precisa aprender a reconhecer a diferença e confiar em seu coração o suficiente para deixar que ele se quebre. É difícil, esse segurar. Mas é aí que entra a fé. Entende?

Assinto, porque acho que finalmente entendo. Olho para o amuleto, ainda aberto em meu colo. Os olhos

escuros de Erich Freede me encaram. “Manter seu rosto... seu belo rosto... sempre no coração.” Sim, por *Maman*, é isso que vou fazer.

— Agora dorme — falo baixinho.

Ela solta minha mão e fecha os olhos, acomodando-se sobre o travesseiro com um longo e carregado suspiro. Fico ali mais um pouco, digerindo tudo que aconteceu entre nós, desejando que pudesse ter acontecido antes, surpresa por ter acontecido. O silêncio se prolonga. Eu me levanto e viro para sair.

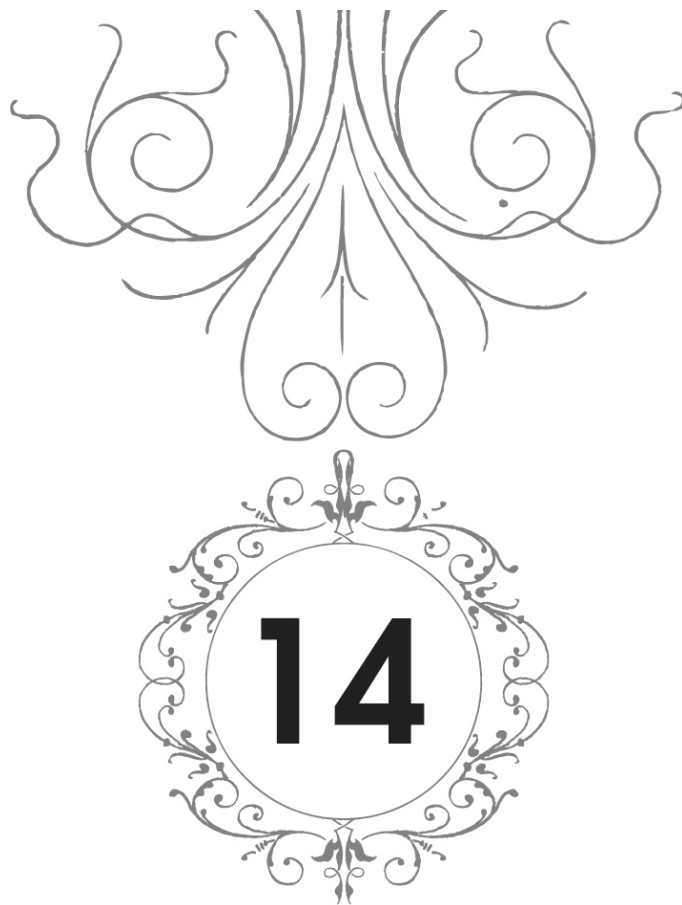
— Deixa ele comigo — ela pede com uma voz fina e infantil. — Só um pouquinho.

Fecho o pingente e o coloco na mão dela, fechando seus dedos, depois me inclino e beijo sua testa. É algo que nunca fiz antes — e que nunca mais vou fazer.

Na manhã seguinte, entro no quarto e descubro que ela partiu. Está deitada imóvel sobre os travesseiros, o rosto pálido. Mas bonito, como se a partida a houvesse libertado para finalmente ser feliz. As mãos descansam abertas sobre a roupa de cama, o bracelete e o rosário soltos no centro de uma delas. Guardo o rosário em sua cômoda e penduro o amuleto em meu pescoço. O peso do pingente entre meus seios é estranho. Meu pai. Um estranho. Mas fiz uma promessa, e a cumprirei.

Não me surpreendo ao descobrir que ela se foi, só uma onda de tristeza quando saio do quarto e fecho a porta. Eu senti que nossa conversa na noite anterior era uma espécie de despedida.

Como sempre, *Maman* teve a última palavra.



Soline

Não criamos amor do nada usando filtros, glamour ou qualquer outra forma de manipulação. Não criamos amor. Apenas orientamos sua expressão e garantimos sua sobrevivência.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

3 de março de 1943 — Paris

Fechei a loja definitivamente, não que alguém tenha notado.

Maman foi sepultada discretamente em um caixão de papelão coberto com tecido, porque não havia madeira para um caixão adequado. Flores surgiram sobre a cova, pequenos ramalhetes amarrados com fita ou barbante. E as cartas, é claro, dezenas de envelopes deixados na caixa de correspondência da loja, lembranças emocionadas de noivas que *Maman* ajudou a encontrarem a felicidade ao longo dos anos. Muitos milagres realizados com um punhado de pontos e um pouco de magia.

Guardei algumas cartas, amarrando-as em um maço com um pedaço de fita. São o legado que *Maman* deixou para mim — uma coleção de seus finais felizes. Ler essas mensagens de vez em quando me ajuda a saber que ela vai ser lembrada. Mas a vida precisa continuar. Hoje em dia, a morte está em todos os lugares. No rádio e nos jornais, nos campos e nos campos de batalha, nas prisões e nos hospitais de campanha. Para a maioria, Esmée Roussel é só mais um rosto que desapareceu das filas, mas eu sinto intensamente sua ausência.

Desde que consigo lembrar, ela foi a voz em meu ouvido dirigindo meu trabalho, formando meus pensamentos, me formando. E sem ela aqui, de repente me sinto sem forma. Nunca fui muito mais que a filha de Esmée Roussel. De repente, não sou nem isso.

Depois de anos de trabalho clandestino, finalmente terminei meu vestido, um original Soline Roussel, mas não vejo propósito em começar outro. Como *Maman* previu, não há noivas em Paris, porque não há noivos. A menos que se conte os *boche*, e eu não conto.

Minha vida simplesmente perdeu o ritmo. Não tenho ninguém para quem cozinhar, costurar, ninguém de quem cuidar, e não consigo antecipar o que vai acontecer. Meu mundo, que nunca teve mais que uns poucos quilômetros de largura, encolheu para alguns

cômodos, com semanas inteiras passando sem que eu me aventure a sair. Mas meu estoque de suprimentos diminuiu de maneira alarmante. É hora de me reunir aos vivos nas filas da comida.

Está garoando nesta manhã de quarta-feira. Pego o guarda-chuva, meus cartões de racionamento, e sigo para as lojas. É dia de carne, e a fila no açougue já está na rua, uma sequência de rostos magros, dominados por fome e desconfiança. Ocupo meu lugar entre eles, dividindo o guarda-chuva com a mulher atrás de mim.

É impossível ignorar a conversa que se move para a frente e para trás na fila. Murmúrios sobre difteria e a tuberculose que matou *Maman*. Crianças com raquitismo. Bebês que nascem fracos demais para sobreviver. Pessoas morrendo de fome na Polônia. E a pergunta que ninguém faz em voz alta: quanto tempo até que sejamos nós?

Mas pior que a ameaça da fome, para mim, pelo menos, é o peso esmagador do tédio. Preciso de alguma coisa para preencher meus dias, alguma coisa que me faça útil de novo, ou vou enlouquecer. Algumas casas de costura ainda estão abertas: Lelong, Grès, Chiaparelli. Mas agora elas vestem as esposas dos nazistas, e mamãe não aprovaria minha participação nisso. Não que eu jamais pisasse em uma dessas casas. Infelizmente, não sei o que mais poderia fazer.

E, então, certa manhã, pedalo a bicicleta de *Maman* para Neuilly-sur-Seine, na periferia da cidade, para trocar duas peças de renda — mais caras que carne no mercado negro e duas vezes mais difíceis de encontrar — por um pouco de manteiga e alguns ovos. Estou perto do Hospital Americano, quando três ambulâncias subindo a rua me causam um arrepio. Sirenes não são incomuns nas ruas de Paris — longe disso —, mas duvido que alguém aqui tenha se acostumado com esse

som estridente, esse uivo de lamento. Todos sabemos o que isso significa. Mais homens mortos. Mais viúvas.

Vejo transfixada as ambulâncias passarem pelo portão do hospital para o grande pátio na frente dele. Há um clamor quando as sirenes silenciam, o barulho de portas batendo e um enxame de uniformes enquanto os motoristas descarregam sua carga.

Os hospitais por toda a França estão transbordando. Todos nós ouvimos as histórias de horror: médicos realizando amputações do nascer ao pôr do sol, enfermeiras tão sobrecarregadas que é comum entrarem em colapso por falta de sono, voluntários trocando roupas de cama e limpando comadres — qualquer coisa para ajudar.

Antes de perceber o que estou fazendo, abandonei a bicicleta à sombra de um velho carvalho e estou me dirigindo ao pátio. Depois de dois anos cuidando de *Maman*, trocando suas roupas de cama e ajudando no banho, lavando os lenços sujos de sangue e dosando a medicação para dormir, conheço um pouco dos deveres básicos de uma enfermeira. De repente, vejo um jeito de ocupar meus dias e ser útil.

Ninguém me nota. Tem muita coisa acontecendo, homens correndo em todas as direções, ordens gritadas enquanto os motoristas americanos se apressam a descarregar as baixas. Olhos cobertos por curativos. Um queixo fraturado. Uma perna torcida em um ângulo grotesco. Um estilhaço do tamanho de uma palma brotando de um ferimento em um peito enfaixado às pressas. Um rapaz da minha idade com um toco ensanguentado onde deveria estar seu braço direito.

Sinto uma onda de náusea quando observo todo o cenário, e o pátio se inclina em resultado da vertigem e do esforço que faço para manter o café da manhã no estômago. Cubro a boca, esperando a tontura passar e

calculando o caminho mais rápido de volta à minha bicicleta. No entanto, não consigo fazer meus pés se moverem. Só fico ali, paralisada e suando frio, entre a urgência devastadora de fugir e a necessidade de ajudar como puder.

No fim, a escolha é feita por mim. Um dos motoristas — o que parece estar no comando — de repente me vê parada no meio do caos.

— Avisa a Alice que são sete no total — ele grita em minha direção. — Três críticos.

Alice?

Olho para ele sem entender, depois viro e olho para trás. Não tem ninguém ali, e olho para ele de novo com o mesmo ar confuso.

— *Parlez-vous anglais?* — ele dispara em um francês quase perfeito.

— *Oui*. Quero dizer, sim. Sim, eu falo.

Ele me estuda da cabeça aos pés com um olhar desconfiado. Não tem muito para ver. Não me incomodo com minha aparência desde que fechei a loja, e hoje me incomodei menos ainda. Uso uma calça velha, prática para quem se locomove de bicicleta, e uma blusa branca e simples embaixo de um dos cardigãs de *Maman*.

— Você é voluntária aqui? — ele pergunta, agora em inglês.

Olho em volta meio acanhada, depois falo a primeira palavra que surge em minha cabeça.

— *Oui*.

— Então se mexe. Sete e três.

Ele se afasta antes que eu possa perguntar mais alguma coisa e volta a dar ordens aos berros. Olhando para o outro lado, desvio de várias macas e me dirijo à entrada. Não tem guarda na porta, percebo, nenhum sinal de alemães em lugar algum, o que é estranho.

Ultimamente, não se pode andar um quarteirão sem tropeçar em nazistas.

Lá dentro, o caos é mais controlado, sóbrio e antisséptico, como uma colmeia onde cada residente sabe qual é o seu propósito e se dedica a ele com determinação sombria. Enfermeiras, de olhar turvo de fadiga, andam de um lado para o outro de uniforme branco e sapatos práticos. Voluntários andam pela área de recepção com carrinhos, bacias e pilhas de lençóis e toalhas. Soldados em cadeiras de rodas, amontoados nos cantos e junto das paredes, lembram as glórias da batalha, ou fumam olhando para o espaço.

É esmagador, mas também é revigorante estar no meio de tanta atividade. Paris caiu sob uma espécie de encantamento desde a chegada dos nazistas, como se a cidade tivesse entrado em hibernação, esperando dormir até o pesadelo acabar. Mas médicos e enfermeiras, e até os voluntários, não podem se dar ao luxo de hibernar. Eles estão em uma missão, e de repente quero muito fazer parte dela.

Atraio o olhar de uma enfermeira de cachos cor de cobre sob a touca engomada.

— Preciso falar com Alice — falo hesitante.

— Ali — ela aponta. — Aquela com a prancheta. Se correr, você consegue alcançá-la.

Alcanço Alice quando ela está quase passando por uma porta.

— *Excusez-moi.*

Ela vira, os olhos cinzentos bem abertos sob sobancelhas da cor do ferro. Por um instante, parece realmente surpresa.

— Você deve ser nova por aqui. Ninguém fala *com licença* neste lugar. De que precisa?

— Um homem lá fora, o que cuida das ambulâncias, ele me mandou dizer que “sete no total, três críticos”.

As sobrancelhas se elevam, e qualquer traço de humor desaparece de seu rosto.

— Certo.

E se afasta, distribuindo ordens com um tom que pode ser ouvido bem depois de ela ter passado e soltado a porta vai e vem. Momentos mais tarde, as primeiras macas aparecem, acompanhadas por uma confusão de vozes baixas e pés em movimento. Vejo incomodada elas desaparecerem por outra porta vai e vem identificadas como “Triagem”, me perguntando quantos vão voltar para casa, para a família, se é que algum vai.

A comoção aquieta assim que os feridos são encaminhados, e, de repente, me sinto exposta e deslocada. Antes que possa perguntar com quem devo falar sobre voluntariado, uma mulher que reconheço como mãe de uma das noivas da loja de *Maman* me vê e se aproxima. Ela não usa maquiagem, e seu penteado normalmente impecável agora se reduz a alguns grampos posicionados de maneira apressada.

— Você é filha de Madame Roussel, Soline. — Seu rosto fica mais suave quando assinto. — Soube sobre sua *maman*. *Je suis désolée*.

— *Merci*, Madame Laval.

— Por favor. Agora é só Adeline. Veio ajudar os rapazes?

— Sim. Mas não sei aonde ir.

Ela bate de leve no meu braço e pisca para mim.

— Vem comigo.

Presumo que ela vai me levar a um escritório em algum lugar, onde vou falar com quem está no comando e preencher alguns papéis. Em vez disso, ela me leva a um canto cheio de caixas de papelão. Pega três da pilha e as põe em meus braços.

— Leva isso para o depósito, por ali e à direita, e volta para pegar mais.

— Você está... no comando?

— No comando? — Ela joga a cabeça grisalha para trás e ri. — *Bonté divine!* Dr. Jack está no comando aqui, e não se engane. Só estou fazendo minha parte, como todo mundo. Agora vai. E olhe por onde anda. Não seria bom invadir a sala de cirurgia no seu primeiro dia.

Faço o que ela diz e me vejo em um corredor estreito iluminado com lâmpadas simples, que foram pintadas de azul para atenderem às adequações de blecaute. A mistura de cheiros de álcool e iodo fica mais intensa quando sigo pelo corredor, procurando uma placa que identifique o depósito.

Há muitas portas, a maioria delas sem identificação, e eu me imagino passando pela porta errada, ou pior, sendo advertida por invadir espaços restritos. Mas ninguém parece prestar a menor atenção a mim, todos muito ocupados com suas tarefas para notar um rosto confuso na multidão.

— Está perdida?

Assusto, viro e quase derrubo as caixas. É o motorista da ambulância que berrou a ordem para mim no pátio. Ele parece mais alto do que notei lá fora, de ombros largos e fortes no uniforme cáqui, loiro e bronzeado como só um americano pode ser.

— Acho que sim — admito, constrangida por ser pega atrapalhada pela segunda vez por esse homem, que parece ter domínio sobre si mesmo e tudo à sua volta. — É meu primeiro dia, e estou...

Minha voz desaparece. Tem uma mancha de sangue em seu ombro, uma mancha escura, mas não inteiramente seca, e outra do lado do pescoço, logo abaixo da orelha, e tudo que consigo pensar é: “Esse sangue é do rapaz com meio braço, ou do homem com o metal espetado no peito?”

De repente, minha boca fica cheia de saliva, e tudo começa a balançar. Lá em cima, a lâmpada pintada de azul parece enfraquecer. Mesmo assim, não consigo desviar o olhar do sangue, como se ele representasse todos os jovens mortos na França. Toda a dor, toda perda e todo horror.

O americano parece sentir minha indisposição e pega rapidamente as caixas dos meus braços.

— Vai vomitar?

É como se as palavras viessem de muito longe, como se fossem faladas embaixo d'água, mas eu as registro, finalmente. “Vomitar. Eu vou vomitar?” Viro a cabeça e inspiro profundamente, envergonhada de minha fraqueza diante desse homem tão forte.

— Eu não... sei — consigo falar com dificuldade. — Acho...

Antes que eu possa terminar, ele segura meu braço e me leva pelo corredor. Paramos diante de uma porta identificada com a palavra “Lavatório”. Ele abre a porta e me empurra para dentro.

— Vá em frente. Não resista. Só vai pôr tudo para fora.

Olho para ele por um instante, depois me dobro sobre o vaso sanitário e vomito o restante do meu café da manhã. Passa logo, mas minhas pernas tremem muito, e meu rosto está úmido de suor. Para o meu horror, começo a chorar.

Ouçó o barulho da torneira, depois sinto alguma coisa fria e molhada na minha mão. Um lenço. Limpo a boca, depois os olhos. Ele pega o lenço e o enxágua, dobra-o com cuidado e o devolve.

— Segure sobre a nuca. Vai ajudar.

— Desculpe.

— Por quê?

Balanço a cabeça, tentando conter mais uma onda de lágrimas.

— Normalmente, não sou tão sensível, mas vi o sangue no seu uniforme, lembrei do rapaz que você trouxe, aquele sem a metade do braço, e a única coisa que consegui pensar foi: “Quantos outros como ele agora”. E quantos mais vão sentir que tiveram sorte por perder só um braço.

— Você é nova — ele afirma.

Confirmo com um movimento de cabeça e limpo os olhos novamente.

— Não sei nem como vim parar aqui. Saí de casa na minha bicicleta hoje de manhã para trocar alguma coisa por ovos.

Fico surpresa quando ele dá uma gargalhada. É o oposto do que estou esperando, mas imagino que minha resposta também não é o que ele esperava, e, de repente, me pego rindo também.

— Vai se acostumar com isso — ele diz, quando esgotamos as gargalhadas. — Bom, se acostumar realmente não, mas vai conseguir lidar melhor com tudo. Até lá, lembre-se de que todo mundo aqui teve um primeiro dia.

Desvio o olhar.

— Não como este.

Ele se inclina para mim sorrindo.

— Posso contar um segredo?

— Qual?

— Faço isso há quase um ano, e ainda vomito uma vez por semana pelo menos.

Não sei se acredito nele, mas me sinto grata por sua bondade, e estou me preparando para agradecer quando sou interrompida por uma tosse significativa.

— Vamos lá, Romeu — uma voz fala debochada do corredor. — Hora de sair daí.

Romeu.

Sinto meu rosto corar. Essa voz anônima, seja de quem for, pensa estar interrompendo um *rendez-vous romantique*, que é o que pensaria qualquer pessoa que encontrasse uma moça francesa e um belo americano juntos em um banheiro.

Romeu solta o ar com um suspiro.

— Sim, sim. — Pela primeira vez, noto o quanto ele parece cansado. — Diga ao Patrick que já estou indo. — Ele espera até ter certeza de que estamos sozinhos de novo, depois sorri acanhado. — Desculpe. O dever me chama.

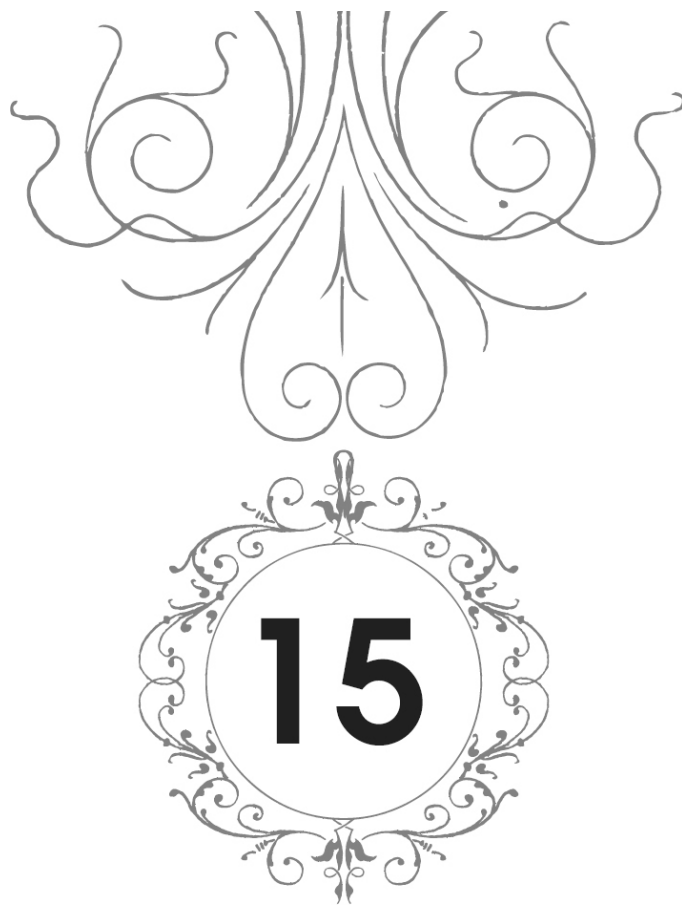
— É claro. — Ofereço o lenço ensopado, novamente constrangida.

Ele olha para o lenço e ri.

— Fique com ele. Eu volto.

Eu o vejo sair, depois abro a torneira e enxáguo o lenço. É de algodão fino, caro, com uma faixa fina de cetim aplicada na bainha. Minhas mãos param quando vejo um toque de vermelho em um canto. Por um momento penso que é sangue, depois entendo que é um monograma. Parece estranho, como encontrar um conjunto de chá de prata no meio de um campo de batalha. Que tipo de soldado carrega lenços com monogramas? Eu o seguro voltado para a luz, estudando as letras bordadas em caligrafia elegante — A.W.P.

Passo o resto do dia procurando seu rosto nos corredores e me perguntando o que significam as letras.



Soline

Antes de continuar, deve-se ter certeza de que os amantes são destinados à felicidade. Não é uma questão de atração. É uma questão de capacidade. O potencial para ser feliz deve estar lá, nas duas partes. Se não estiver, nenhum amuleto, por mais que habilmente criado, pode garantir um final feliz.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

10 de março de 1943 — Paris

Uma semana passou sem nenhum sinal do meu Romeu americano. Levo o lenço comigo para o trabalho todos os dias, esperando uma chance de devolvê-lo. Não porque penso que ele pode precisar, um homem que carrega um lenço com monograma em uma zona de guerra tem muitos outros como este, mas porque quero que ele saiba que ainda estou aqui, que não desisti.

Na verdade, estou me acostumando ao lugar, seus cheiros e cenários, ao horário longo e aos rostos castigados pela guerra. Dou banhos de esponja e encho jarras com água, distribuo refeições e esvazio comadres. Até escrevo cartas para pessoas amadas. O mais difícil tem sido me orientar, saber quais portas são restritas e por quais posso passar, que ala acomoda cada tipo de ocorrência, e o jeito mais rápido de voltar depois de um intervalo. E é nesse ponto que estou quando finalmente o vejo de novo — Romeu.

Acabei de terminar uma carta para um piloto canadense com os dois braços quebrados, quando levanto o olhar da caneca de café e o vejo na porta. A julgar por sua expressão, posso ver que está lá há algum tempo, me olhando, e sinto meu rosto corar.

Minha pulsação acelera quando nossos olhos se encontram. Ele está sorrindo aquele grande sorriso americano, apoiado ao batente da porta com os braços cruzados. Quando retribuo seu sorriso, ele abaixa os braços e se aproxima de minha mesa. Tem um curativo em sua testa, um hematoma na têmpora.

— Ainda está aqui — ele fala sorrindo. — Não sabia se estaria.

— Você se machucou.

Ele encolhe os ombros, passa a mão pelo queixo.

— Um dos hospitais de campanha precisava de reforços, e fiquei preso lá por uns dias. Uma noite as coisas ficaram meio difíceis, mas conseguimos. Enfim, parece que se adaptou e decidiu ficar.

— Não tive escolha. Precisava devolver seu lenço.
Os olhos azuis esverdeados brilham com humor.

— Meu plano deu certo, então. Que bom.

De repente, me sentia tímida, sem ar e um pouco atordoada, e me perguntei se foi assim que *Maman* se sentiu no dia em que conheceu Erich Freede.

— O monograma — pergunto acanhada. — A.W.P. O que significa?

— Anson. Meu nome é Anson William Purcell. E o seu?

— Soline Roussel.

— É um prazer conhecer você, Soline Roussel. — Ele estende a mão. Eu a seguro, assustada por um instante pelo calor de seus dedos. — Como vão as coisas? Mais fáceis, agora que se adaptou por aqui?

— Um pouco, sim. Uma das voluntárias me adotou. Ela conheceu minha mãe antes de ela falecer e tem sido muito gentil.

Seu sorriso desaparece, o rosto suaviza.

— Sinto muito por sua mãe. Quando ela morreu?

— Faz três meses, acho. Estou perdendo a noção dos dias. Tínhamos um pequeno salão de noivas na Rue Legendre, mas ela adoeceu e os *boche* chegaram. Pensei que estaria preparada depois de ter cuidado dela. Mas, no primeiro dia, quando vi aqueles pobres rapazes... Eu não estava preparada.

— É claro que não, mas ficou mesmo assim. Foi corajoso.

Olho para o *patch* vermelho e verde do American Field Service em sua manga. Ouvi histórias sobre os motoristas americanos, quantos deles haviam se mobilizado antes mesmo de os Estados Unidos terem entrado na guerra e vindo para cá por conta própria, o que deu a eles o apelido de Senhores Voluntários.

— Muito se fala sobre os motoristas. Dizem que vocês se ofereceram para vir e arcam com os próprios custos. É verdade?

Ele faz uma careta.

— Não é tão grandioso quanto parece. Somos, na maioria, meninos ricos de Princeton e Yale procurando aventuras.

— De qual delas você é?

— Yale. Como meu pai e o pai dele. Ou melhor, eu era.

— Abandonou a universidade para isso? Por quê?

Ele encolhe os ombros, mas tem algo de evasivo no gesto, como se o assunto o deixasse incomodado.

— Queria fazer minha parte. E gostei do lema do American Field Service, “liberdade e misericórdia não desaparecerão desta terra”. — Outro movimento de ombros. — Enfim, aqui estou.

— Sua família deve estar orgulhosa.

— Minha mãe morreu há quase três anos, então, agora são só minha irmã e meu pai. E “orgulhoso” não é a palavra que eu escolheria. Os Purcell sempre foram homens da Marinha, e a expectativa era que eu seguisse esse caminho. Meu pai estava pronto para acionar seus contatos e me colocar na Officer Candidate School quando me formei, mas eu não quis. Como também não quis me dedicar aos negócios da família. Nem preciso dizer que ele ficou furioso quando avisei que ia desistir da escola para me alistar.

Estudo o machucado em seu rosto. Todo mundo já ouviu histórias sobre motoristas do American Field Service mortos no cumprimento do dever, ou detidos e interrogados pela Gestapo por ajudarem prisioneiros fugitivos.

— Talvez ele só esteja preocupado com sua segurança e ache que você estaria melhor como oficial da Marinha americana.

Os cantos de sua boca se elevam formando uma careta.

— Não, eu só estraguei os planos dele.

— Você é cuidadoso?

Ele inclina a cabeça de lado e me observa.

— Faz diferença para você se sou cuidadoso?

Meu rosto esquenta. Ele não é nada meu e provavelmente não vai ser, mas me convenço de que a pergunta é perfeitamente válida.

— Acho que deve ser, por seu pai e sua irmã.

O sorriso irônico dá lugar a algo breve e ilegível.

— Não dá tempo de ser cuidadoso. Você faz o que mandam. Com sorte, volta inteiro para poder fazer tudo de novo no dia seguinte.

— Como você consegue? Não tem medo?

— Todos os dias.

— Mas faz assim mesmo.

— Como você.

Balanço a cabeça, discordando de que o trabalho dele e o meu sejam iguais.

— Você salva vidas. Eu troco lençóis e escrevo cartas.

— Não pense nem por um minuto que escrever cartas para a mãe ou a namorada de um soldado não é salvar a vida dele. É uma tábua de salvação, um motivo para seguir em frente. — Ele faz uma pausa, passa a mão nos cabelos loiros. Sua expressão é franca. — Estamos todos fazendo o possível, Soline, e estamos todos morrendo de medo. Mas aparecemos todos os dias, porque é importante. Tudo isso, todos nós, tudo é importante.

Estou tentando pensar em alguma coisa para dizer, quando ouço meu nome. Viro e vejo Adeline parada na porta, apontando para o relógio de pulso. Respondo com um movimento afirmativo de cabeça e me levanto.

— Tenho que ir.

Anson segura minha mão.

— Vou sentir sua falta, Soline Roussel.

Sua voz baixa e quente faz minha pulsação acelerar.

— Não seja bobo. Não pode sentir falta de alguém que você não conhece.

Ele me olha com um sorriso insinuante.

— Você é Soline Roussel de Paris, França. É gentil e bonita, e já teve um salão de noivas com sua mãe. Agora passa seu tempo cuidando de soldados. Eu sou Anson Purcell. Abandonei Yale. Minha família é de Newport, Rhode Island. O nome do meu pai é Owen, e ele constrói iates de corrida. O nome de minha mãe era Lydia. Minha irmã é Cynthia, Thia, como a chamamos, e ela quer ser uma impressionista francesa quando crescer. Pronto. Agora nos conhecemos, o que significa que posso sentir sua falta corretamente.

Algo quente e desconhecido se espalha por meu ventre. Meu mundo sempre foi de mulheres, noivas e suas mães, *Maman*. Ninguém nunca flertou comigo, mas reconheço um flerte quando o escuto, e não posso culpá-lo. É mais fácil do que falar sobre guerra e morte. Mas fui prevenida sobre os americanos, cheios de sorrisos desconcertantes e torta de maçã. Recuo um passo, solto a mão dele.

— Tenho que ir. Os pacientes precisam almoçar. — Olho para a porta, depois de novo para ele por cima de um ombro. — Tente tomar cuidado.

Tenho a curiosa sensação de ter saído de meu corpo quando me afasto, como se meus pés não tocassem completamente o chão. Adeline está me esperando com uma sobrancelha arqueada e um sorriso sugestivo.

— O que foi isso?

— Nada — respondo depressa. Mentira. Porque até nesse momento de confusão agitada sei que foi

exatamente o contrário. — Ele me emprestou um lenço no meu primeiro dia, e eu só estava agradecendo.

— Com café?

Tento encontrar uma explicação, mas desisto logo. Nada do que eu diga vai apagar aquele sorriso do rosto dela.

— Não foi nada, Adeline. Ele foi gentil comigo.

Ela ri.

— Normalmente eles são... gentis. Mas toma cuidado, *chérie*. Isso aqui não é cinema. O herói, mesmo bonito, nem sempre é uma aposta segura.

— Acha que ele é um herói? — pergunto, e minha voz soa tão sonhadora quanto me sinto.

— Bem, se não é, certamente parece. E o American Field Service deve pensar que sim. Eles são muito seletivos sobre quem aceitam. E têm que ser, mesmo. Só um tipo muito especial pode fazer o que eles fazem. E é por isso que você deve tomar cuidado com seu coração, mocinha. Apegar-se é perigoso em tempos de guerra.

Assinto, obediente, mas, no fundo, sei que á tarde demais. O apego já existe, ao menos para mim.

Adeline bate palmas com as mãos avermelhadas pelo trabalho quando nos aproximamos da ala ortopédica, onde um carrinho cheio de bandejas de metal espera por nós.

— *Voilà! C'est très bien*. Vamos alimentar os homens, depois você e eu vamos almoçar, e você pode me contar sobre esse lenço.

★ ★ ★

Eu não sabia onde estaria sem Adeline. Ela me ajudou a encontrar meu lugar, me apresentou a outros

voluntários e interferiu sempre que precisei de alguém para atenuar meus erros.

Lembro de um dia em particular. Tivemos uma enxurrada de internações, e todo mundo estava correndo para arrumar as camas. Eu tinha acabado de sair da lavanderia com os braços carregados de lençóis e estava virando uma esquina quando atropeliei o médico residente encarregado pelo hospital, Dr. Jack, como é conhecido, encharcando-o com uma xícara de café escaldante.

O temperamento do Dr. Sumner Jackson é assunto frequente de conversas entre as enfermeiras. Mas, naquele dia, quando olhei para ele e vi o avental branco todo sujo e o rosto furioso, entendi que os boatos não faziam jus à realidade. Ele era alto, forte, com ombros largos, sobrelanceiras grossas e caídas e um nariz mais propício a um lutador do que a um cirurgião.

Pedi desculpas em francês, depois em inglês, e em francês novamente, o tempo todo tentando equilibrar os lençóis para não os deixar cair no chão. Como sempre, Adeline apareceu para me resgatar, explicando que eu era nova por ali e ainda pouco desajeitada. Prendi a respiração enquanto ele me olhava com aqueles olhos escuros, frios.

Finalmente, a ruga na testa foi substituída por um sorriso.

— *Mademoiselle*, como médico, afirmo que café, embora altamente eficiente quando ingerido, não tem muito valor quando aplicado à pele. Talvez deva fazer curvas um pouco mais devagar daqui para a frente.

E, depois disso, ele passou por mim e seguiu pelo corredor, me deixando com as pernas bambas e os braços carregados de lençóis respingados de café.

Nas semanas seguintes, aprendi muito sobre Sumner Jackson, sobre sua missão pessoal e o extraordinário

esforço que fazia para garantir que nenhum soldado alemão jamais ocupasse um de nossos leitos. Os pacientes que atendíamos eram franceses, canadenses, ingleses ou americanos. De maneira geral, deixamos de dar atenção a suas nacionalidades. Tudo que sabemos é que as camas estão cheias, bem como as comadres.

Alguns homens, meninos, na verdade, não muito mais velhos que eu, são de campos de prisioneiros e são mandados de volta quando se recuperam o suficiente. Outros, os que estão em pior estado, são mandados de volta para casa, mutilados demais para retornarem ao campo de batalha. E alguns morrem. Às vezes, depois de uma aparente recuperação completa. É sempre um choque chegar de manhã e encontrar uma cama vazia ou já ocupada por um rosto desconhecido. As histórias são sempre as mesmas. “Uma piora repentina. Infecção. Hemorragia. Os médicos fizeram tudo que podiam.” É sempre muito repentino, horrível e tragicamente inesperado.

No começo, eu fazia perguntas, mas ninguém parecia querer falar sobre aquelas camas vazias. Os médicos e as enfermeiras se preocupam com os vivos. E, como aprendi rapidamente, é com eles que devo me preocupar também se quiser continuar no hospital. Tenho que fazer o que mandam sem questionar ou comentar, e manter meu nariz longe de assuntos que estão fora da minha alçada.

E eu faço o que mandam. De cabeça baixa, trato de me fazer útil servindo as refeições, estocando suprimentos, indo buscar e levando o que tiver que ser buscado e levado. Mas meu dever favorito é escrever cartas que os soldados não podem escrever eles mesmos. Talvez tenha a ver com o que Anson disse naquela dia tão ruim: escrever cartas também salva vidas.

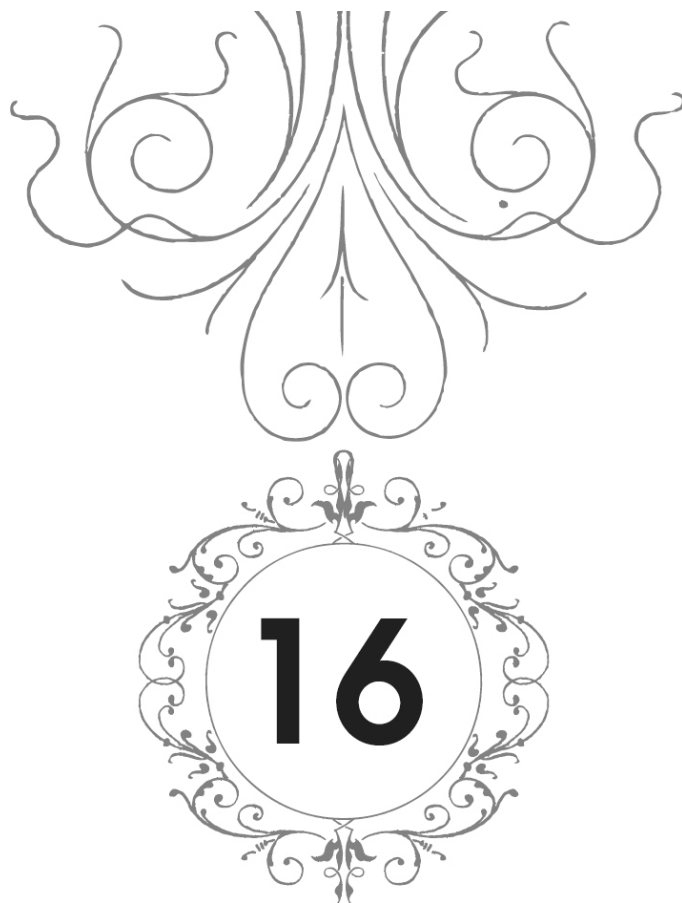
As palavras que anoto são frequentemente tristes, mas sempre corajosas. Às vezes, é difícil não chorar enquanto escrevo, sabendo que, em algum lugar, tem uma mãe, esposa ou noiva que logo vai ler a mensagem e chorar com uma mistura de gratidão e aflição. Aleijado, mas seguro. Cego, mas poupado. Vivo, mas mudado para sempre.

Não havia como saber quando ou mesmo se as cartas chegariam. A correspondência pessoal acumulava durante dias, até semanas, esperando a inspeção dos censores. Finalmente, depois de liberadas, as cartas eram postas em um navio ou avião e, com alguma sorte, chegavam ao destino em quatro ou seis semanas. Se chegassem.

Mesmo assim, os homens escreviam, alguns deles todos os dias, amenizando o cenário enlameado e sangrento da guerra com falsas garantias e fragmentos de notícias sobre isso e aquilo. O que mandam para casa é esperança, um fio fino que os liga a alguém do outro lado do oceano. A mães, esposas e namoradas que enfrentam um inferno próprio. Semanas sem notícia. Preces sem resposta. Cartas que nunca chegam.

E telegramas que chegam.





Rory

23 de junho de 1985 — Boston

Rory fez uma careta ao prender os cachos em um rabo de cavalo. Estava com aquela cara de semana de provas, pálida e com o olhar vazio, depois de muitas noites acordada.

Fazia três dias desde seu encontro com Soline, e não conseguia se livrar da sensação de que elas terem se conhecido era uma espécie de alerta, um lembrete de que a vida raramente acontece como nos romances. O amor não supera tudo, os heróis não são invencíveis, e

os amantes raramente cavalgam juntos rumo ao pôr do sol. Corações partidos continuam partidos.

Ela olhou para o relógio, depois para o próprio rosto outra vez. Queria ter acordado cedo o bastante para secar o cabelo pelo menos. Ou, melhor ainda, telefonar para a mãe e dizer que tinha acontecido alguma coisa e não poderia ir ao *brunch*, mas agora era tarde demais para isso. A Veuve já estava no gelo, e ia se atrasar. De novo.

Estava ajoelhada, procurando um pé de sapato embaixo da cama, quando ouviu a campainha. Ela se dirigiu à porta, esperando ver uma menina de tranças vendendo biscoitos das escoteiras, ou dois jovens bem-vestidos distribuindo panfletos religiosos. Em vez disso, viu Soline Roussel do outro lado da porta, segurando uma caixa branca com o logotipo conhecido da Bisous Sucrés.

— *Bonjour* — Soline disse animada. — Espero que esteja com fome.

Rory abriu a boca, mas não disse nada. Não poderia estar mais abalada, nem se abrisse a porta e encontrasse Lady Di do outro lado.

— O que faz aqui? — conseguiu dizer, dando um passo para o lado para deixar Soline entrar.

— É sua vez.

— Minha vez de quê?

— De me contar sua história. Conte a minha; agora é sua vez de me contar a sua.

— Não tenho uma história.

Soline arqueou uma sobrancelha quase preta.

— Não?

Rory sentiu o rosto esquentar sob o olhar penetrante. Havia algo inquietante naqueles olhos cor de chocolate, uma combinação de afeto e firmeza que a fazia sentir aflitivamente transparente.

— Como soube onde me encontrar?

— *Monsieur* Ballantine teve a bondade de me dar seu endereço. — Ela sorriu, criando um leque de linhas finas no canto dos olhos. — Viu? Também sei como lidar com ele.

— Mas... por quê?

A expressão de Soline se tornou mais leve.

— Na última vez em que nos encontramos, você saiu da minha casa chorando, *chérie*. Não sei por quê, mas gostaria de saber.

Rory sufocou um gemido. Dizer que a lembrança era constrangedora seria o eufemismo do ano.

— Lamento por isso. Minha vida está de cabeça para baixo neste momento e me dei conta disso de repente. Peço desculpas por ter saído daquele jeito, sem agradecer nem me despedir corretamente. Foi rude.

— De jeito nenhum. Mas não vim para ouvir desculpas. Vim para ver se você está bem. Passei esses últimos dias preocupada com você e percebi que não precisava me preocupar. Podia vir ver se você está bem.

Rory baixou o olhar, envergonhada por essa mulher reclusa ter sentido a necessidade de atravessar a cidade para ir saber dela.

— Não precisava ter vindo. Sério. Estou bem.

— Não precisa fingir comigo, Rory. Não há problema em ficar triste.

Rory levantou a cabeça devagar. As palavras, tão diferentes da severidade bem-intencionada de sua mãe, destrancaram alguma coisa em seu peito, como uma porta que se abria de repente.

— Tem café? — Soline perguntou quando o silêncio se tornou incômodo.

— Café?

— Eu trouxe comida. *Pain au chocolat e chausson aux pommes*.

Rory assentiu devagar.

— Sim, eu tenho café.

Ela levou Soline à cozinha, torcendo para ela não notar o cesto de roupa limpa, mas ainda por dobrar, em cima do sofá, ou as botas de neve na frente do armário de casacos. Não havia neve desde março.

Na cozinha, ela recolheu as embalagens de *delivery* da noite anterior e as jogou na lata de lixo, depois ajeitou a louça suja na pia. Alguns minutos depois, desistiu. Uma pia cheia de louça era uma pia cheia de louça, por mais que se ajeitasse as pilhas.

— Não repare na bagunça — disse enquanto media o pó de café. — Não passo muito tempo na cozinha ultimamente. Cozinhar para uma pessoa só não tem muita graça, então, acabo pedindo comida, e os pratos vão sendo empilhados.

— É verdade. — Soline pegou uma faca do suporte próximo para cortar o barbante da caixa da confeitaria. — Cozinhar para um não tem graça. Mas é preciso comer, e nem sempre pode ser comida de embalagem. Tem pratos para os pães?

— No armário à sua esquerda. Deve ter guardanapos também.

Ela viu Soline tirar as luvas e começar a transferir os pães para um prato. Não sabia o que sua senhoria estava fazendo em sua cozinha, mas, de repente, percebeu que estava feliz. Só não sabia como Soline tinha conseguido vir da zona zul sem carro.

— Por favor, não me diga que carregou a caixa no trem e veio a pé desde a estação.

— É claro que não. Peguei um táxi. Sente-se. — Ela esperou Rory juntar-se a ela na mesa, depois empurrou o prato com pães em sua direção. — *Que désirez-vous?*

Rory se pegou lamentando não ter prestado mais atenção às aulas de francês.

— Desculpa. Não falo francês muito bem. Bom, não falo nada, na verdade.

— Perguntei qual você quer.

— Ah. O de maçã, acho.

— E eu vou querer o de chocolate. — Soline pôs um *croissant* em seu prato, depois sacudiu o guardanapo e o colocou no colo. — Muito bem — falou, lambendo açúcar dos dedos. — O que aconteceu?

— Como assim?

Soline inclinou a cabeça, arqueou uma sobrancelha.

— Vamos fazer joguinhos, você e eu?

— Ainda não entendi por que está aqui. Por que se importa?

— O que você acha?

— Porque é minha vez?

— Em parte, sim. Mas é mais que isso. Você me faz lembrar alguém que conheci.

— Quem?

— Eu — disse Soline, parando para beber um gole de café. — A vida fez alguma coisa com você, tirou alguma coisa de você. Não sei o que foi ou há quanto tempo, mas você não consegue superar. Essa sua galeria, você quer fingir que ela vai preencher o buraco que a vida abriu em você. Mas, no fundo, você sabe que não é possível. E tem medo de que nada jamais o preencha.

Rory engoliu, sentindo a boca seca de repente. Era verdade. Cada palavra. Mas como?

— Brett disse alguma coisa a Daniel? É assim que sabe de tudo isso?

— Não, é claro que não.

— Então como?

O sorriso de Soline foi breve e melancólico quando ela abaixou a xícara.

— Somos almas gêmeas, você e eu. Estranhas que compartilham um passado comum.

Rory não sabia o que esperava, mas não era isso.

— Não entendo.

— Somos todos uma coleção de nossas histórias, *chérie*. Nossas alegrias e tristezas. Nossos amores e perdas. É isso que somos, uma coletânea de nossas aflições e alegrias. Às vezes, as agonias deixam uma marca, como um hematoma na alma. Fazemos o possível para esconder essas marcas do mundo, e de nós mesmos também. Porque temos medo de sermos frágeis. Ou de sofrer danos. É isso que nos faz almas gêmeas, Rory, nossos hematomas.

Um arrepio subiu pelas costas de Rory até a nuca. Vindo de qualquer outra pessoa, as palavras poderiam parecer ridículas, o tipo de bobagem que se pode escutar no parque de alguém que diz ler mãos. Mas também havia sentido, não? A sobreposição sinistra da história de Soline e a dela.

— Tenho muita dificuldade para entender. O jeito como nos conhecemos, o jeito como sua história parece... familiar. — Uma inesperada onda de lágrimas bloqueia sua garganta. Ela vira a cabeça, enxuga os olhos. — Desculpe. Só nos vimos duas vezes, e consegui chorar nas duas. — Ela funga com um barulho alto, balançando a cabeça de desgosto. — Deve achar que sou uma idiota.

— O que aconteceu, Rory?

— Meu noivo — ela sussurrou finalmente. — O nome dele é Hux. Bom, é Matthew, na verdade, mas todo mundo o chama de Hux. Nove meses atrás, ele viajou para o Sudão do Sul para trabalhar com o Médicos sem Fronteiras. Ele escrevia para mim o tempo todo, duas ou três vezes por semana, como um relógio. E, então, de repente, as cartas pararam de chegar. Demorou algumas semanas, houve alguma confusão com o

peçoal que estava com ele, mas finalmente confirmaram que ele e vários colegas foram raptados.

Soline levou a mão ao pesçoço.

— *Mon pauvre enfant*. Ele...

Rory olhou para o guardanapo amassado em sua mão.

— Não sei. Ninguém sabe. Não houve pedido de resgate, e não temos notícias há meses. — Ela fez uma pausa quando a voz começou a tremer e pigarreu. — Eles não têm ideia de onde ele está ou de quem o levou. Ou se está vivo.

— Quanto tempo faz?

— Seis meses. Fico acordada todas as noites, imaginando milhares de cenários diferentes, coisas terríveis. No entanto, não consigo me convencer de que ele se foi. Sei que é loucura, mas sinto que eu saberia se ele tivesse morrido, que teria sentido, de algum jeito. Parece bobo?

— Não para mim.

A empatia na voz dela era como um bálsamo sobre uma ferida. “Almas gêmeas.” Talvez fossem.

— Tenho lido muitos livros — ela falou. — Do tipo em que os heróis sempre vencem e o amor sempre triunfa. É como um vício. Mas não são reais. Na vida real, as coisas acabam mal.

— Por isso você queria conhecer minha história — Soline disse com tom brando. — Esperava um final feliz. De verdade, dessa vez.

— Como eu disse, bobagem.

— Não. Eu sei o que é esperar, não saber. Você se agarra a qualquer coisa para superar mais um dia.

Rory tirou o elástico do cabelo, soltando o ar com um sopro ao passar a mão pelas ondas pesadas.

— Estou péssima. Às vezes penso que seria melhor...

— Saber o pior? — Soline concluiu em voz baixa.

Rory cobriu a boca com a mão, envergonhada do pensamento.

— É terrível, não é? Sequer pensar em uma coisa desse tipo. É que esse limbo é uma tortura. Quando se tem a notícia, então... — Ela parou, percebendo que nunca tinham falado sobre isso. — Como recebeu a notícia?

Soline ficou quieta, com os olhos repentinamente encobertos.

— Recebi um telegrama informando que ele estava desaparecido. Encontraram a ambulância abandonada... e muito sangue. Alguém disse ter visto soldados alemães o levando para a floresta sob a mira de armas.

Rory sentiu que empalidecia.

— Sinto muito. Eu não devia ter perguntado. É que as pessoas falam sobre encerramento, sobre ser mais fácil depois que se sabe, e eu estava pensando...

— Não — Soline falou antes que Rory pudesse concluir o pensamento. — Não foi mais fácil. Não para mim, pelo menos. Dizemos a nós mesmos o que queremos saber. Mas, quando a verdade finalmente chega e não é o que esperávamos, sentimos que daríamos tudo para voltar àquele tempo de espera, em que havia ao menos uma centelha de esperança.

— Outro dia você disse que chega um tempo em que temos que superar o que passou. Mas como se faz isso quando esse tempo chega?

O rosto de Soline se tornou mais suave.

— Eu estava falando de mim, *chérie*. Só de mim.

— Mas como soube?

Ela abaixou os olhos por uma fração de segundo, antes de encarar Rory novamente.

— No começo, não conseguia acreditar. Tinha certeza de que havia algum engano. E mesmo depois... Durante anos, eu pegava o estojo de barbear de Anson e

abria o frasco vazio de colônia, porque jurava que ainda podia sentir o cheiro dele, como uma brisa fresca soprando do mar. Então, uma noite, não consegui mais sentir seu cheiro. Ele simplesmente... desapareceu. Foi quando guardei a caixa, quando percebi que não havia nada a que me apegar. Mas para você é diferente. Você tem tempo, Rory.

— Tempo para quê?

— Tempo para ter fé.

Rory pigarreou, determinada a conter outra torrente de lágrimas.

— O que você disse antes, sobre a galeria preencher o vazio em minha vida... É verdade. Abrir a galeria foi ideia de Hux, e eu fiquei muito empolgada. Depois, quando me disseram que ele estava desaparecido, parei de me importar com tudo, até que vi seu imóvel. Tive a sensação de que o destino me enviava uma mensagem. Mas, às vezes, me pergunto se é só um jeito de me apegar a ele, fazendo o que ele queria que eu fizesse.

— Tem uma foto dele?

— Tenho uma na minha mesa de cabeceira.

— Posso ver?

— Sim, é claro. Vou buscar.

Momentos depois, Rory voltou com a fotografia. Era um retrato deles abraçados, sorrindo como amantes que haviam ficado noivos recentemente, o que era verdade quando a foto foi tirada.

— Ele me pediu em casamento um dia antes de tirarmos essa foto. Fomos ao cabo de carro para comemorar.

— Vocês são bonitos juntos — Soline comentou, estudando a fotografia. — E olha só esse sorriso. Você o fazia feliz.

Rory se pegou sorrindo também.

— É recíproco. Nunca me senti pertencer a lugar nenhum, até que nos conhecemos. Todo mundo tinha

ideias sobre quem eu deveria ser. A única coisa que Hux sempre quis que eu fosse foi eu mesma. Ele validava o que eu queria. — Soline devolveu a foto, e ela fez uma pausa para olhar para a imagem, tocando o vidro com um dedo. — Agora que ele se foi, tenho medo...

— De se perder de novo?

Rory levantou a cabeça devagar.

— Sim.

— Então, não o deixe ir.

— Não... *deixar*?

— Na noite em que morreu, minha mãe me deu um pingente com uma foto do meu pai. Não o conheci, mas ela me pediu para mantê-lo vivo por ela... aqui. — Ela tocou o coração. — Disse que manter alguém no coração é manter essa pessoa viva para sempre. Você pode fazer isso por Hux, Rory.

— Foi o que você fez com Anson... o manteve vivo em seu coração?

— Eu tentei.

— Nunca teve outra pessoa? Isto é, depois dele.

Soline sorriu com tristeza.

— O espaço no coração de uma mulher é limitado, *chérie*. Anson preenchia todo o meu.

Rory assentiu. Pensar em outra pessoa ocupando o lugar de Hux era simplesmente impossível.

— Às vezes, tudo que consigo fazer é olhar as fotos dele. Era assim com você também?

— Não tenho fotos.

— Nenhuma?

— Nós nos conhecemos durante a guerra, no hospital onde eu era voluntária. Não havia tempo para fotos.

Rory se preparava para responder, quando o telefone tocou na sala. Ela olhou para o relógio sobre a pia,

lembrando de repente que deveria estar na casa da mãe há uma hora.

— Deve ser minha mãe — ela disse, e se levantou. — Tínhamos marcado um *brunch* para hoje.

Depois de uma breve busca, Rory encontrou o telefone sem fio e se preparou para o inevitável.

— Por que ainda está em casa? — Camilla perguntou, sem se preocupar com o alô. — O *brunch* está arruinado.

— Desculpe. Tive um imprevisto e perdi a noção da hora.

— O que é tão importante que você não pôde telefonar para me avisar?

Rory mordeu o lábio. O jeito mais fácil de encerrar a trégua frágil era admitir que tinha esquecido o *brunch* porque Soline havia aparecido com uma caixa da confeitaria.

— Foi só um assunto da galeria.

— Faltam meses para a inauguração. O que você poderia ter para fazer hoje?

— Eu já pedi desculpas. Estava saindo de casa e fui pega de surpresa.

— Sua voz está estranha — Camilla falou de repente. — Meio cansada. Como se fosse ficar doente.

— Ah, é? — Não podia admitir que tinha falado muito. Em vez disso, agarrou a desculpa com as duas mãos. — Sabe, talvez eu fique. Minha garganta está um pouco dolorida. Estava pensando em fazer um chá e voltar para a cama.

— Boa ideia. Você tem sopa?

— Hum... sim, acho que sim.

— E chá?

— Sim, eu tenho chá.

— Põe um pouco de mel no chá. Vai ajudar com a garganta.

— Sim, vou pôr. Obrigada. E desculpa pelo *brunch*.

— Tudo bem. Vai descansar. Falo com você mais tarde.

Soline apareceu quando Rory desligou o telefone, carregando as luvas e a bolsa.

— Guardei os pães que sobraram e pus os pratos e as xícaras na pia.

— Está indo embora?

— Você tinha planos. Deveria ter me falado.

— Não! Era só um *brunch* com minha mãe. Fazemos isso todo domingo.

— E você me deixou atrapalhar.

— Não. Na verdade, eu não queria ir. Minha mãe e eu... Bem, digamos que tem sido um pouco tenso ultimamente. Ela não gosta muito da minha ideia da galeria. Ou da minha arte, ou de qualquer coisa com que me importo.

Soline levantou as sobrancelhas.

— Você não me contou que é artista.

— Ah, não sou. É só uma coisa com que costumava brincar. Quando Hux desapareceu, eu desisti. Não entro no quarto de hóspedes há meses.

— Você tem um estúdio aqui?

— Estúdio? Não. É só um quarto extra onde guardo meu material.

— Posso ver esse seu não estúdio?

Rory hesitou, incomodada com a ideia de mostrar seu trabalho a alguém tão bem-sucedida quanto Soline. Mas como poderia dizer não a uma mulher que atravessou a cidade de táxi para ver se ela estava bem?

— Sim, acho que pode. Se quiser.

Ela abriu a porta no fim do corredor e convidou Soline a entrar.

— Como disse, faz tempo que não entro aqui, por isso a bagunça.

Soline entrou no quarto, desviando de latas cheias de ferramentas e pedaços de tecido. Parecia estar prestes a dizer alguma coisa, quando seus olhos se iluminaram diante da paisagem marítima pendurada atrás da mesa.

— Ah, Rory... — Ela olhou para trás com uma expressão fascinada. — Você fez isso?

Rory assentiu acanhada.

— É muito singular. Como uma pintura, mas com tecido. Tem mais?

— Quatro no *closet* e mais dois nas molduras atrás de você.

Soline revirou os olhos.

— No *closet*. *Mon dieu*. — Ela se aproximou da peça inacabada na moldura mais próxima, uma pequena escuna se equilibrando de maneira precária em um mar escuro e tempestuoso. — A costura é muito boa, quase invisível. À mão, não é?

— Sim.

— Quem a ensinou a costurar desse jeito?

— Ninguém. Apreendi sozinha.

— Impressionante. E eles vão para a galeria, quando estiverem prontos?

— Ah, não. Isso é só um *hobby*.

Soline estranhou.

— Não quer que seu trabalho seja visto, que seu nome seja conhecido?

A pergunta causou desconforto. Em vez de responder, Rory devolveu outra pergunta.

— Era isso que queria? Que as pessoas conhecessem seu nome?

Soline se aproximou da mesa para estudar os retalhos em cima dela.

— Houve um tempo que sim — disse finalmente. — Quando eu era menina. Sonhava em ter uma grife. Iria

atrair a atenção de Paris inteira. Mas aí veio a guerra, e Anson...

— Mas você conseguiu. A prova disso é uma parede inteira de artigos de revistas e recortes de jornal. Você tem um dom, e o usou para fazer as pessoas felizes. Sempre terá do que se orgulhar.

— E você tem isso, Rory. Nunca diga que não é nada. É justamente o oposto de nada. Acrescentar beleza ao mundo não é vaidade, *chérie*. É uma vocação.

Uma vocação.

A palavra acompanhou Rory quando ela fechou a porta e levou Soline de volta à sala. Soline olhou para o relógio de pulso, depois pegou a bolsa e as luvas da mesinha de centro.

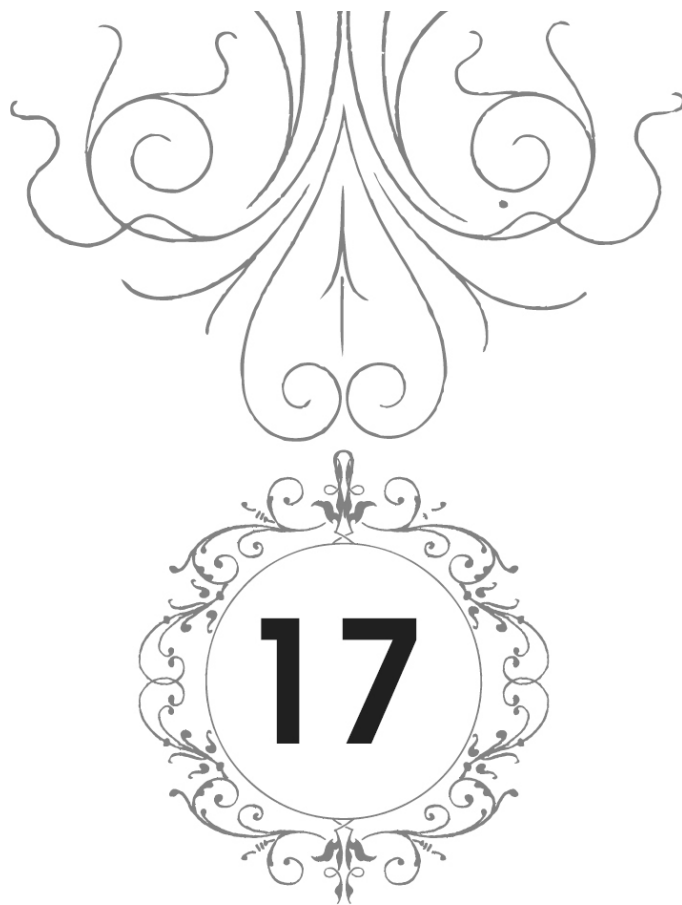
— Obrigada por ter me mostrado seu trabalho, e pense no que eu disse. Você tem um dom, Rory, e dons devem ser compartilhados.

— Não precisa ir. Vou fazer mais café, e podemos conversar mais um pouco.

Soline sorriu com indulgência.

— Não seja boba. Você não vai querer ouvir uma velha tagarelar a tarde toda. Além do mais, pedi ao motorista para voltar para me buscar. Ele já deve estar lá fora esperando. Queria saber se você estava bem, e vi. — Seu sorriso se alargou quando ela tocou o queixo de Rory. — *Une gentille fille*. Um amor de menina. Lembre-se do que eu disse sobre manter Matthew no seu coração. Enquanto não tiver certeza, há esperança. E esperança não custa nada.





Rory

Rory olhou em volta, admirando o resultado de seu trabalho. Depois que Soline foi embora, ela decidiu ouvir um pouco de música, arregaçou as mangas e arrumou o apartamento. E trabalhou duro, até conseguiu levar para o carro várias caixas de livros para doação. Nada mal, para alguém que deveria estar resfriada.

Na cozinha, ela examinou o conteúdo da despensa. Tinha macarrão, mas nenhum molho. Cereal, mas nada de leite. Pasta de amendoim, mas não tinha pão. Só restava o *delivery*... de novo. Soline estava certa. Era hora de parar de comer comida de caixa. Amanhã faria uma lista e iria ao mercado, mas hoje teria que apelar

para o Gerardo's. Fez o pedido, berinjela à parmegiana e um antepasto, depois decidiu que tinha tempo para pôr a roupa branca na máquina de lavar e tomar uma ducha rápida antes de o jantar chegar.

Ficou surpresa quando ouviu a campainha quinze minutos depois. Devia ser uma noite de pouco movimento no Gerardo's. Ela pegou uma nota de vinte da bolsa e desligou o som, silenciando bruscamente a batida de *The Wild Boys*, de Duran Duran.

— Foi rápido — disse ao abrir a porta. — O domingo deve ser...

As palavras morreram em sua garganta. Em vez do entregador do Gerardo's, era Camilla do outro lado, e ela segurava uma sacola de farmácia pendurada no pulso e uma grande embalagem de plástico equilibrada no antebraço. Camilla estudou Rory com um olhar intrigado, detendo-se um pouco mais na nota de vinte em sua mão.

— Vai dar uma festa?

Rory guardou o dinheiro no bolso e suspirou.

— Não, não tem festa nenhuma. Estava só ouvindo música enquanto limpava a casa.

— Fiz sopa com estrelinhas, como quando você era pequena. “Sopa de doente”, como você costumava chamar. Mas vejo que teve uma recuperação milagrosa.

Rory suspirou. Camilla entrou, seguida pelo tilintar do bracelete com o amuleto. Rory não teve alternativa, além de segui-la até a cozinha.

— Eu disse que tinha sopa.

— Você disse que achava que tinha sopa — Camilla respondeu emburrada. — E eu não queria que tivesse que se preocupar com isso, se estivesse indisposta. — E estudou a filha, enquanto esvaziava a sacola da farmácia. Gotas para tosse. Vicks. Antigripal. Um termômetro. — Acho que não precisa de nada disso.

Rory abaixou a cabeça.

— Desculpa.

— Por que, Aurora? Para que dizer que está doente, se não está? Passar um tempo comigo é tão terrível assim?

Rory engoliu outro suspiro. O que podia dizer? Admitir que tinha faltado ao *brunch* porque sua senhoria apareceu com uma caixa da Bisous Sucrés não cairia bem. Melhor deixar Soline fora disso.

— Eu me senti mal por ter ficado presa em um imprevisto, e, quando você mencionou minha voz de doente, eu só... aproveitei.

— Aproveitou — Camilla repetiu com tom seco. — Está com fome, pelo menos?

— Acabei de pedir comida.

— Certo.

Camilla pegou o pote de sopa e abriu a geladeira. Por um momento, ficou parada olhando para o conteúdo. Um pacote de pão de cebola, dois bastões de manteiga, uma lata de suco de laranja e um pote de azeitonas quase vazio. Finalmente ela virou, e sua cara era de reprovação.

— Você não tem comida.

— Eu sei. Por isso pedi. Vou ao mercado amanhã.

— Não cozinha mais? — Ela abriu a porta da despensa, estudando com atenção as prateleiras quase vazias. — Olha para isso. Cereal e sopa enlatada. É surpreendente que não esteja doente com essa alimentação. — Ela viu a caixa da confeitaria. Levantou a tampa, viu o que tinha lá dentro. — *Pain au chocolat*. Muito bom. Pelo visto, o imprevisto não impediu a visita à confeitaria hoje de manhã.

— Não fui à confeitaria — Rory respondeu, cansada de ser criticada. — Soline trouxe os pães.

O rosto de Camilla permaneceu inexpressivo.

— Minha senhoria. Ela passou por aqui hoje de manhã, justamente quando eu estava saindo.

— Sua senhoria apareceu do nada. Com uma caixa da confeitaria.

— Sim.

— E foi esse o imprevisto?

— Começamos a conversar.

— Sobre o quê? Você mal a conhece.

— Hux. A galeria. Minha arte.

— Sei.

Aí estava, a expressão fria e afrontada que sua mãe exibia sempre que se sentia preterida. Rory contou até dez, se recusando a morder a isca.

— Agora discute sua vida com desconhecidos em vez de conversar com sua mãe?

— Temos coisas em comum.

Camilla fechou a porta da despensa e pôs as mãos na cintura.

— O que podem ter em comum? A mulher deve ter mais de oitenta anos.

— Nem perto disso. E temos coisas em comum. Ela perdeu alguém que amava na guerra, um motorista de ambulância que desapareceu.

— Aurora...

— Ela sabe como é ouvir o telefone tocar e pensar se chegou o dia de descobrir que suas preces não foram atendidas, sentir o coração sangrar ao ver outras pessoas felizes, se enterrar no trabalho porque não suporta ficar só com sua tristeza. Ela entende minha necessidade de abrir a galeria. Até gosta da minha arte.

Camilla deu um passo à frente e tocou o braço de Rory.

— O que está acontecendo, Aurora? Estou ficando realmente preocupada.

— Por favor, de novo não.

— Sim. De novo. Você parece... não sei. Não foi ao nosso *brunch* outra vez, depois mentiu sobre estar doente. Agora está falando sobre sua arte? O que devo pensar? Você desistiu da escola. Vive como uma ermitã. Ninguém mais tem notícias suas. Só se importa com essa sua galeria. E essa mulher de quem decidiu ser amiga de repente. Sinto como se não a conhecesse mais.

— Talvez nunca tenha me conhecido.

Camilla arregalou os olhos.

— Não conheci? Eu criei você.

— Não, mãe. Você me moldou... ou tentou me moldar. E agora que estou fazendo o que quero, de repente, você não me conhece. É isso. Não é a escola, nem o que tem na minha geladeira. Isso tem a ver com o fato de eu não ser quem você queria que eu fosse. Não gostar das coisas de que você gosta ou não viver como você vive. Mas nenhuma dessas coisas é importante para mim, porque não sou como você.

Camilla ficou tensa.

— Às vezes acho que você herdou muitas coisas de seu pai.

É claro. Tinha que ter a ver com o pai dela. Porque, de um jeito ou de outro, tudo tinha a ver com o pai dela.

— Dá para deixar o papai fora disso, por favor? Eu não sei com quem eu sou parecida. Ou por que tenho que ser como alguém. Não posso ser eu, simplesmente?

— É claro que pode. Nunca a impedi de fazer o que queria.

— Impedir? — Rory retrucou. — Não. Nunca me impediu. Mas nunca deixou de dar sua opinião sempre que eu desviava do mapa que você traçou para mim. As roupas que eu usava. Os esportes que eu praticava. Até as pessoas com quem eu andava. Quando contei que

Hux havia me pedido em casamento, você quis saber se eu disse sim só para afrontar você.

— Sou sua mãe, Aurora. É meu dever orientar você... impedir que cometa os mesmos erros que cometi.

— Estamos falando sobre o papai de novo?

Camilla olhou para os anéis em sua mão esquerda: aliança de casamento, aliança de noivado, aliança de eternidade de três quilates que a secretária do marido havia escolhido no aniversário de vinte anos de casamento. Três anos depois da morte de Geoffrey Grant, ela ainda as usava.

— Outro dia você falou alguma coisa sobre meu histórico conjugal. Aquilo me fez pensar. Talvez eu não tenha sido programada para o amor. Ou para a felicidade. Algumas pessoas não são, sabe?

Rory franziu a testa. Não sabia o que esperava que ela dissesse, mas certamente não era isso.

— Não foi programada para o amor? Que coisa estranha para se dizer.

Camilla sorriu com tristeza.

— Não se olhar para a história. Os Lowell não são conhecidos por seus casamentos estelares. — Ela olhou de novo para as alianças, girando-as distraída. Quando encarou Rory de novo, seu sorriso tinha empaldecido. — Mas ficamos na página das colunas sociais, e isso é o que realmente importa. Era o que minha mãe sempre dizia.

Foi a vez de Rory tentar entender o que estava acontecendo. Camilla raramente falava sobre a família, e nunca sobre a mãe. Nem quando era instigada a falar. Agora, inesperadamente, ela a havia trazido à conversa.

— Você nunca fala sobre seus pais, sobre sua infância ou sua adolescência.

Camilla virou-se, arrumando sobre a bancada os remédios para resfriado.

— Sua mãe — Rory insistiu. — Ela era... programada para o amor?

— Não — Camilla respondeu sem rodeios e sem hesitação. — Acho que não.

— Vocês brigavam?

— Como nós, você quer dizer? Não, não brigávamos. Ninguém brigava com Gwendolyn Lowell.

Gwendolyn. Rory deixou o nome passear por sua cabeça, percebendo que raramente o ouvia quando era pequena.

— Por que ninguém brigava com ela?

— Porque ela nunca estava errada. Sobre nada. E aí de quem a desafiasse. Especialmente meu pai. Ele tinha quarenta e sete anos quando morreu. Infarto. Eu me perguntava se ele havia morrido para escapar dela. Fiquei furiosa com ele por ter me deixado sozinha com ela.

— Talvez seja genético — Rory comentou em voz baixa. — Não ser programado para o amor. Talvez seja passado de mãe para filha, como olhos azuis ou cabelo cacheado.

— Não é assim que funciona, Aurora.

— Você mesma disse: os Lowell não são conhecidos por seus casamentos estelares. E se Hux...

— Pelo amor de Deus, Aurora. Você não é uma Lowell!

Rory a encarou perplexa.

— O quê?

Camilla fechou os olhos quando duas manchas vermelhas surgiram em suas faces.

— Você é uma Grant, Aurora. Aurora Millicent Grant. Minha mãe e sua... programação... não têm nada a ver com você.

— Não queria aborrecer você.

Camilla passou a mão pelo cabelo perfeito, depois alisou a frente da blusa.

— Desculpa, eu me excedi. É que o relacionamento com minha mãe era... complicado.

— Por isso nunca fala sobre ela?

— Não falo sobre ela porque não tem nada sobre o que falar. Ela pagou meus estudos, me expôs à arte e à música, contratou aulas de dança, de dicção, aulas sobre qual garfo usar. Tudo que ela tinha que fazer... e nada mais.

— Você não menciona amor — Rory apontou. — Foi amada?

— Fui preparada — Camilla respondeu com cautela. — Treinada para corresponder à posição que me foi dada como uma Lowell, para fazer e ser exatamente o que era esperado de mim.

Alguma coisa no tom que ela usou ao falar da posição “dada” fez Rory pensar. Estava começando a entender porque a mãe evitava falar sobre a família.

— E conseguiu corresponder?

— Quase nunca.

As palavras pairaram no ar enquanto Rory a estudava. Era assustador descobrir essa inesperada rachadura na armadura da mãe, um lugar que sua infância deixou em carne viva e nunca foi curado inteiramente. Talvez pudessem encontrar um território comum, afinal.

— Sinto muito — ela disse em voz baixa.

Camilla balançou a cabeça, os olhos inundados de emoção. Estava sofrendo, mas fazia de tudo para não demonstrar.

— Não quis dizer o que pode ter parecido. Isso tudo aconteceu há anos, eu era só uma menina. Tudo é um drama quando se é uma menina. Por favor, esqueça o que eu disse.

Rory ficou dividida entre pressioná-la para saber mais e deixar o assunto morrer. O confronto de hoje começou como todos os outros, mas alguma coisa nova

havia se manifestado nessa conversa. Algo que poderia finalmente explicar a tensão que sempre fervia em fogo baixo sob a superfície do relacionamento entre elas.

— Não precisa fingir comigo — ela disse a Camilla, ciente de que repetia as palavras de Soline quase exatamente. — Não tem nada de errado em ficar triste. Ou brava. Ou os dois.

Camilla forçou um sorriso.

— Não é nada. De verdade. Águas passadas, como dizem.

Rory segurou a mão dela.

— Não precisamos falar sobre isso agora. Não precisamos nem conversar sobre isso, se não quiser. Mas se quiser alguém só para ouvir, estou aqui.

A campainha soou antes que Camilla pudesse responder, mas seu alívio era evidente.

— Você tem visita — ela disse, libertando-se da mão dela. — Vou embora.

— É só o jantar. Berinjela à parmegiana e um antepasto do Gerardo's. Fica. Podemos dividir.

Camilla balançou a cabeça, já com a expressão resguardada ao passar por ela.

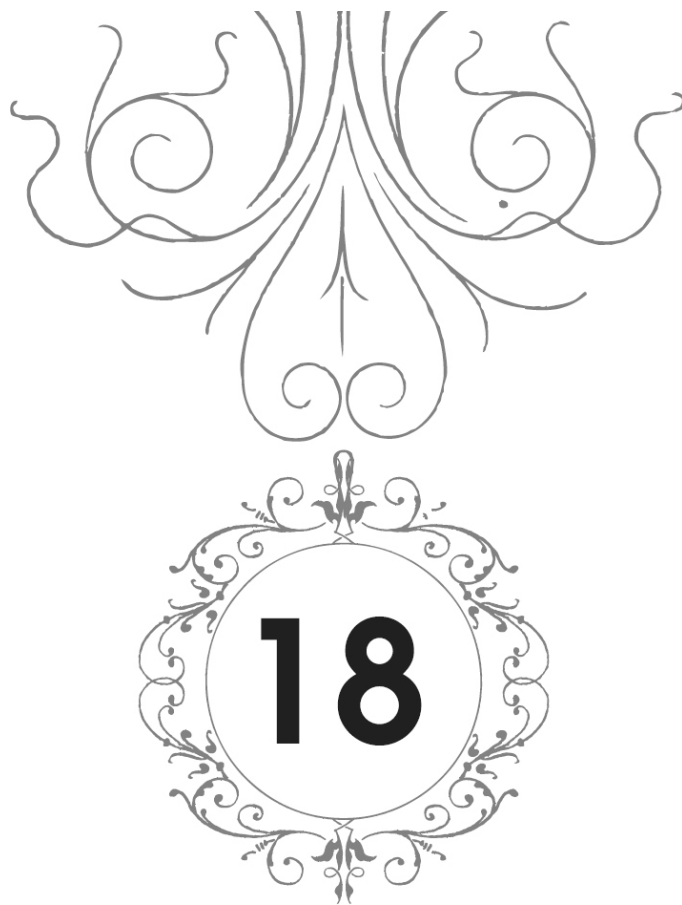
— Você deve ter trabalho para fazer. Aproveite a berinjela.

— Você não está me atrapalhando. Fique, deixe eu compensar o inconveniente de hoje de manhã.

— Estou bem — ela disse, pendurando a bolsa no ombro ao abrir a porta e sair, assustando o entregador. — Bem. De verdade.

Rory pagou pela comida e levou a sacola para a cozinha, convencida de que a mãe estava qualquer coisa menos bem.





Soline

*Todo coração tem uma assinatura, um eco único
que viaja para o mundo. E todo eco tem um par.
Quando esses ecos se conectam, ficam tão
sintonizados que, mesmo que se separem,
continuam buscando um ao outro.*

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

23 de junho de 1985 — Boston

Olho pela janela enquanto removo as sementes de um tomate. Talvez eu coma na varanda vendo o sol se

pôr. Mas, antes que o pensamento termine de passar por minha cabeça, já sei que não vou. Esta noite estou com uma disposição específica, aquela que pede uma boa garrafa de vinho. Pego a taça e bebo um gole generoso, ainda refletindo sobre a conversa desta manhã com Aurora.

Queria saber como ela estava, ter certeza de que estava bem, e estou feliz por ter ido. Ela precisa de atenção agora, e um pouco de carinho também. Mais do que sabe, acho.

Ela ficou surpresa quando eu disse que me fazia lembrar de mim mesma, e um pouco constrangida também, por ser lida com tanta clareza. Mas eu estava dizendo a verdade. A menina — ela ainda é uma menina, para mim — está em um lugar sombrio, um limbo de incerteza e escuridão onde nenhuma luz consegue penetrar. Está muito apaixonada pelo rapaz. Hux... que tipo de nome é esse? Mas é como ela o chama, então, é assim que vou tentar pensar nele também. Certamente é bonito. Americano em todos os melhores aspectos. E tem um bom coração, para completar. Ela tem sorte por tê-lo encontrado.

É verdade, digo a mim mesma. Ela tem. Mas me pergunto: pode-se chamar de sorte encontrar alguém cujo coração tem tanta afinidade com o seu só para perder essa pessoa?

Sua história espelha tanto a minha que foi difícil ficar sentada na frente dela e ouvir. Como Anson, Hux estava tentando fazer o bem, voluntariando-se para fazer o que a maioria não tem coragem de tentar realizar. E, como Anson, parece que ele pagou um preço por sua coragem. Talvez o preço mais alto.

Pego a taça de vinho e bebo tudo o que tem nela, esperando a onda lenta de calor desabrochar em meu abdômen, no peito, mas não é suficiente. Encho a taça de novo e abandono a salada, perdi o apetite. Levo duas

taças e a garrafa para o meu escritório e me sento atrás da mesa, procurando, na gaveta do meio, a cigarreira gravada e o isqueiro que guardo ali, presentes de um velho amigo.

Tenho que tentar várias vezes antes de fazer a coisa acender, minhas mãos estão um pouco trêmulas esta noite, mas finalmente o cigarro está aceso. Dou uma tragada, prendo a fumaça até ficar tonta. Fazia tempo que não sentia necessidade de fumar. Fazia tempo que não sentia muitas coisas.

Erich Freede me encara da moldura esmaltada sobre a mesa. Pai, desconhecido, amante de Esmée Roussel. Destino ignorado. Mandeí ampliar a foto do pingente de *Maman* e olho para ela com frequência, porque prometi que faria isso. E hoje disse para *Aurore* — não, ela prefere Rory — fazer a mesma coisa com Hux, mantê-lo no coração. Espero que isso ajude. Não tenho fotos de Anson. Nenhuma imagem para olhar com carinho. Mas tenho alguma coisa.

Olho para a caixa de vestido, ainda onde a deixei naquela primeira noite. Sinto sua atração, o sussurro de seu conteúdo me chamando a visitar as velhas tristezas. Resisti até agora, como se fosse uma ferida que não suporto despertar. Mas vinho e cigarros são como velhos amigos, me lembrando de muitas noites que passei chorando sobre as reminiscências dos meus sonhos. Segurando seu estojo de barbear, sentindo seu cheiro. Desamarrando o maço de cartas e lendo-as uma a uma. Eu me considerava uma espécie de historiadora — *la gardien des fins heureuses* —, a guardiã dos finais felizes. Exceto o meu, é claro. Mas fui feliz por um tempo — nós dois fomos —, em um tempo no qual havia pouca felicidade a ser encontrada.

A guerra continuou até Paris inteira parecer cinza e morta. Meus dias no hospital eram longos e exaustivos,

uma confusão de rostos atormentados e vidas fragmentadas que pareciam continuar para sempre. Mas, no meio de tudo isso, havia Anson.

Ele estava sempre inventando desculpas para ficar no meio da confusão, esperando me encontrar em um intervalo ou no almoço. Confesso que fiz algumas visitas desnecessárias também, especialmente quando chegavam novos pacientes que ele podia ter trazido. Bebíamos um café horroroso e falávamos sobre coisas corriqueiras, como música e filmes, até a confusão diminuir e a mão dele encontrar a minha sobre a mesa.

Achávamos que éramos discretos, convencidos de que ninguém sabia do desabrochar de nossa afeição. Havia regras sobre relacionamentos, mas, naqueles dias, quando a vida parecia ser tão preciosa e precária, ninguém tinha coragem de se colocar entre dois jovens amantes.

Com o tempo, fomos nos tornando mais atrevidos, escapando sempre que podíamos para um lanche rápido ou uma caminhada. Trocávamos nossas histórias. Eu não podia contar tudo a ele, é claro — *Maman* me criou cuidadosa com nossos dons —, mas contava o que podia, como sobre as noivas que viajavam quilômetros para ter um vestido Roussel, sobre as cartas que as pessoas enviaram quando ela morreu. E falava sobre ter meu salão quando a guerra terminasse, e sobre os lindos vestidos que faria.

Anson contou sobre a infância, como cresceu como a realeza de Newport, falou sobre festas no iate clube, o colégio interno em Boston, verões intermináveis velejando com amigos. E ele falava sobre a família, sobre o pai, que voltou para casa como herói depois de ter sido ferido na Primeira Guerra Mundial e prontamente tomou as rédeas dos negócios da família das mãos do irmão mais velho; a mãe dele, Lydia, que

morreu depois de uma dura batalha contra uma pneumonia; a irmã mais nova, que pintava e escrevia canções, queria ser famosa e ir morar em uma água-furtada em Paris; os barcos que a família dele construiu por gerações, veleiros famosos pelas vitórias em um torneio chamado America's Cup.

Mas meu assunto favorito naquele verão era o próprio Anson, ouvir como ele havia crescido, como foi enviado para o colégio interno aos oito anos de idade, como aprendeu a correr e se tornou campeão da própria equipe, mas desistiu de velejar depois de uma briga feia com o pai, e a discussão que teve com o pai no dia em que ele anunciou que abandonaria a escola para se juntar ao American Field Service.

Eu podia passar horas ouvindo Anson falar, mas nunca tínhamos horas. Nossos deveres permitiam apenas momentos roubados quando os turnos coincidiam, e parecia mesquinho reclamar, quando tantos estavam fazendo sacrifícios tão grandes.

Então, um dia, ele disse que havia conseguido uma noite de folga para nós dois. Não perguntei como ou com quem ele falou. Não me importava. Ele me levou a um bar. Não um daqueles lugares barulhentos frequentados pelos *boche*, mas uma pequena *brasserie* na Rue Saint-Benoît, onde havia música e velas sobre as mesas. Fomos levados a uma mesa em um dos cantos ao fundo. Anson pediu uma garrafa de um bom vinho tinto, cujos efeitos ele sentiu depois de uma única taça. E comemos coisas deliciosas, sem dúvida compradas no mercado negro. Havia uma sopa aveludada e cor-de-rosa com pedacinhos de lagosta, porco assado com maçãs e cebolas e, de sobremesa, torta de merengue de amêndoas. Foi a refeição mais magnífica já comi, e deve ter custado uma fortuna a Anson, mas, durante aquelas

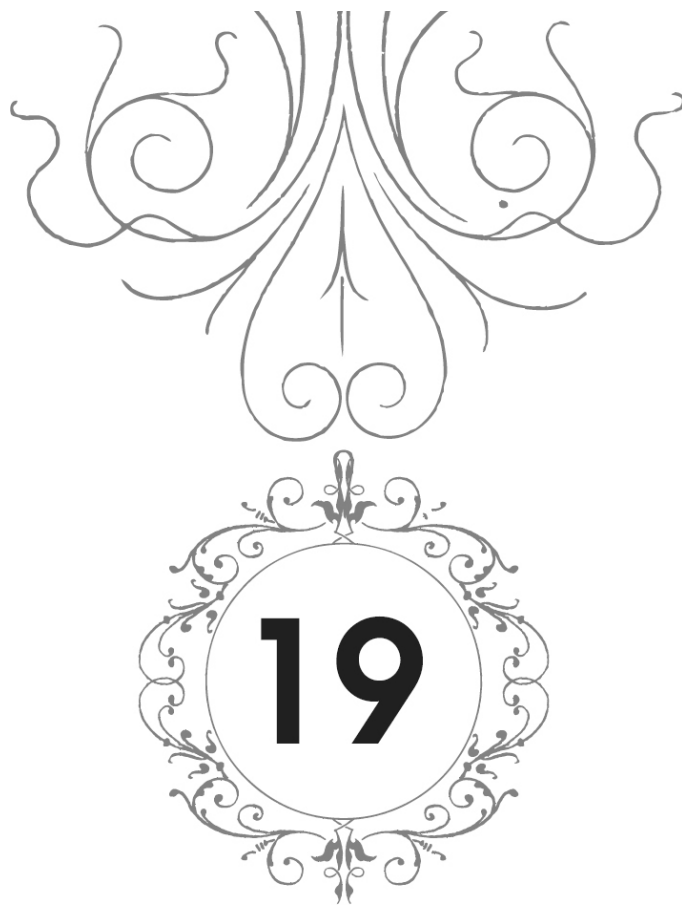
poucas horas, pudemos esquecer a guerra e simplesmente estar juntos.

Depois, ele me acompanhou até em casa, nossos dedos entrelaçados com carinho. Foi como se meus pés não tocassem o chão durante todo o caminho. Quando chegamos à porta, peguei a chave com as mãos repentinamente úmidas. Finalmente, consegui encaixá-la na fechadura, mas, quando estendi a mão para a maçaneta, ele a segurou, e seus olhos encontraram os meus na escuridão. Ele sussurrou meu nome, tocou meu rosto e colou os lábios aos meus com lentidão enlouquecedora.

A noite desapareceu quando deixei o corpo cair contra o dele, até haver apenas sua pulsação e a minha — seu eco e o meu. Senti como um *déjà vu*, como se encontrasse alguma coisa que não sabia que havia perdido. E não queria que aquilo acabasse. Mas teve que acabar, é claro. Havia regras para boas moças. Mas a chama tinha sido acesa.

No fim do verão, eu estava apaixonada por Anson Purcell. E ele estava apaixonado por mim.





Soline

Para garantir um final feliz, uma noiva deve estar disposta a dar todo o seu coração ao homem com quem se casar. Sua espinha, no entanto, deve seguir sendo sempre dela.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

14 de agosto de 1943 — Paris

As coisas estavam ficando mais e mais difíceis no hospital. A comida começou a minguar, apesar dos suprimentos que os americanos continuavam

mandando. Nossos números aumentaram terrivelmente quando entramos nos meses do verão. Quase quinhentos, contando feridos e equipe, e todos precisavam ser alimentados três vezes por dia.

A disposição também mudou. Existe a preocupação crescente com a possibilidade de o hospital ser fechado, nossos pacientes serem enviados para campos, ou coisa pior. Os alemães estão ficando impacientes, desconfiam de que o hospital — o Dr. Jack em particular — está colaborando com a Resistência para ajudar soldados e judeus franceses a escapar da captura.

As coisas ficaram piores no mês passado, depois que uma unidade inteira de aviadores americanos conseguiu escapar após suas aeronaves serem alvejadas. Os alemães redobram esforços, promoveram uma varredura na área, mas os homens pareciam ter desaparecido. Agora há recompensas para quem tiver informações sobre os grupos ou as pessoas suspeitas de ajudá-los. Vizinhos começaram a aparecer um depois do outro para oferecer informações, algumas verdadeiras, a maioria falsa, em troca de um ou dois francos.

Até o hospital passou a ser suspeito. Boatos se espalharam pelos corredores como fogo na sarça, e, de repente, o assunto sobre o qual ninguém queria falar — os números suspeitos de mortes repentinas e camas vazias — é tudo o que todo mundo consegue discutir, mesmo que apenas aos sussurros. Estamos todos à flor da pele. Hoje em dia há colaboradores por todas as partes, bisbilhotando para conseguir informações que possam render a eles uma gorda recompensa. Há comentários sobre um espião entre nós, alguém que finge lutar pela causa, mas, na verdade, está associado aos nazistas. E assim estamos todos em alerta, por medo de uma palavra errada trazer a Gestapo à nossa porta.

Cochicham que o Dr. Jack será preso a qualquer momento e que ele mantém a mala feita para estar preparado quando esse dia chegar. Enquanto isso, fazemos o melhor possível para cuidar do nosso trabalho — o que mais se pode fazer? Os soldados continuam chegando todos os dias, um fluxo constante. Feridos. Quebrados. Vazios.

Estamos todos assustadoramente cansados, e o tempo passa devagar, apesar da agitação. Talvez seja por não conseguir ver Anson com muita frequência que eu estou tão inquieta nesses dias. Após semanas de deliciosos momentos clandestinos, beijos arfantes roubados no depósito ou na última fila do cinema, jantares tranquilos e conversas intermináveis sobre o que vamos fazer quando a guerra acabar, de repente, ele ficou distante.

Entendo que seu trabalho é fundamental. A guerra nunca para, nem mesmo para jovens amantes, mas, ultimamente, o trabalho de Anson o tem mantido longe do hospital por períodos cada vez maiores. E, quando o vejo, é impossível não notar a mudança. Parece sempre nervoso e distraído, sempre olhando para trás, como se esperasse descobrir que alguém o seguia. Ele se tornou esquivo comigo, vago e até distante. E começou a desaparecer por dias seguidos. Quando finalmente reaparece, dá uma desculpa esfarrapada, e eu faço o possível para acreditar.

Mas, hoje de manhã, eu o vi conversando com uma das enfermeiras. Elise é o nome dela. É mais velha que eu e muito mais sofisticada, com lábios cheios e uma risada rouca, profunda. Eles estavam juntos na escada, tão próximos que a boca de Elise quase roçou o pescoço de Anson quando ela guardou o que parecia ser um bilhete no bolso do paletó dele. Devo ter feito algum ruído, porque ele virou de repente e me viu espiando.

Ele se afastou, mas já era tarde demais. Eu não podia desver o que tinha visto. Ou esconder minhas lágrimas de Adeline, quando virei em uma esquina e dei de cara com ela. Não se mostrou surpresa quando contei o que vi. Disse que sempre o achou muito bonito e que era melhor eu descobrir a verdade antes de as coisas irem longe demais. Mas, para mim, as coisas já tinham ido longe demais.

Há algumas horas, eu o vi sair apressado. Ele hesitou quando me viu, olhou para mim com uma súplica insondável no olhar. Virei para o outro lado. Se ele queria Elise, que ficasse com ela. Pelo menos, foi o que disse a mim mesma.

Imediatamente ele voltou de onde estava, de novo com aquela expressão furtiva ao descer a escada escura que leva ao porão. Sei aonde ele vai, e por quê. É o lugar perfeito para um encontro, escuro e isolado, com seu labirinto de engradados e caixas. Pensar nele encontrando Elise nesse lugar, em surpreendê-los juntos, transforma minhas pernas em gelatina. No entanto, não consigo evitar. Espero alguns segundos, e então desço atrás dele.

Prendo a respiração, vejo Anson chegar ao fim da escada e desaparecer lá embaixo, no depósito sombrio. Depois de alguns momentos, ele acende uma lanterna de bolso. Fica mais fácil seguir o raio de luz, e eu me mantenho nas sombras, me movo pelo labirinto de caixotes e caixas. Repolhos. Nabos. Batatas. Café Ersatz. Até caixas de vinho tinto barato. Finalmente, ele para de andar e escuto o leve tilintar de chaves, depois o rangido de dobradiças ressecadas.

Volto a me mover, me aproximo o suficiente para ver uma fina nesga de luz aparecer entre a porta e o batente. Não consigo ver muito pela abertura, uma lâmpada pendurada no teto e uma cama de armar com um cobertor dobrado no pé.

A sombra de Anson se projeta contra a parede de pedra. No silêncio, ouço o zíper de sua jaqueta e depois o farfalhar de tecido, como o de roupas sendo despidas. Dou um passo brusco para trás, depois outro. Pensei que quisesse saber a verdade, vê-la com meus olhos, mas, de repente, descubro que não vou suportar.

Estou nauseada e envergonhada. Fui uma idiota, uma tola apaixonada e estúpida. Viro para voltar pelo mesmo caminho, mas, no escuro, me choco contra uma pilha de engradados. O som ecoa como um tiro no silêncio.

Vejo a sombra de Anson ficar parada, depois se alongar. Um instante depois ele aparece na porta, sua silhueta contra a luz.

— Quem está aí?

Ele espera, inclina a cabeça. Cubro a boca com as duas mãos, me obrigando a ficar em silêncio. Uma parte de mim quer confrontá-lo, dizer que sei o que ele está fazendo, mas não suporto a ideia de ser pega escondida no escuro, espionando.

— Mostre-se — ele grunhe. Sua voz é estranha, desconfiada e carregada de ameaças. — Agora.

Nunca o vi zangado, e me assusta pensar em sua reação se ele me descobrir aqui. Fecho os olhos, tentando me fazer invisível ao escutar seus passos se aproximando. Estou espremida entre duas pilhas de engradados, presa como um coelho em uma armadilha. Deixo escapar um suspiro aliviado quando escuto seus passos passando. Mas, segundos depois, ele volta e sinto os dedos apertando meu braço.

Ele me arranca do esconderijo segurando uma garrafa de vinho, pronto para atacar. Fico chocada com a expressão em seu rosto, os traços contorcidos por uma mistura de medo e fúria. Ele está quase irreconhecível.

Anson cobre minha boca com a mão e me puxa para trás, contra ele, ainda preparado para atacar com a

garrafa de vinho. Sinto a energia nele, retraída, letal. Um soluço desabrocha em minha garganta.

Os músculos em seus braços relaxam, mas os dedos ainda me seguram com firmeza quando me viram de frente para ele. Segundos passam enquanto nos encaramos na escuridão. Depois de um tempo, sinto a energia tensa nele começar a se dissipar. Anson abaixa a garrafa, depois leva um dedo aos lábios me pedindo silêncio.

Sou meio conduzida, meio arrastada para a sala de onde ele acabou de sair. Não é muito maior que um *closet*, e os móveis são simples. Além da pequena cama, há uma pia pequena e um espelho rachado, um gaveteiro estreito e uma velha e surrada caixa de couro equipada com o que parece ser um rádio caseiro. Mas a bolsa de couro vazia e os documentos aparentemente oficiais espalhados sobre a mesa são o foco de minha atenção. *Cartes d'identité* — documentos franceses de identificação, certidões de nascimento, cartões de ração para comida e roupas.

Uma dezena de perguntas ocupam minha cabeça, mas, antes que eu possa abrir a boca, os dedos de Anson apertam meu braço de novo, e ele me faz virar para encará-lo.

— O que está fazendo aqui embaixo?

Olho para ele, chocada por ainda ser capaz de me fazer essa pergunta, quando é ele que está se esgueirando na escuridão. Mas o brilho em seus olhos me desmonta, e eu explico:

— Vi você com Elise no corredor, cochichando. Vi quando ela pôs um bilhete em seu bolso e pensei... — Engulo o restante da frase, desvio o olhar. — Precisava saber se era verdade.

Ele olha para mim aturdido.

— Por isso me seguiu até aqui? Porque achou que eu vinha encontrar Elise?

Desvio o olhar, chocada por perceber que pode haver algo pior do que pegar Anson com outra mulher. Olho para os papéis em cima da mesa. A maioria é amarelada e amassada. Alguns têm manchas, respingos, um ou outro canto rasgado. A quem pertencem, e o que estão fazendo aqui?

Pego um dos documentos, uma certidão de nascimento, mas Anson segura meu pulso.

— Não mexe — cochicha. Seus olhos, destituídos de cor pela luz da lâmpada suspensa, me causam um arrepio.

Penso naquelas camas subitamente vazias, homens que pareciam recuperados morrendo sem aviso-prévio no meio da noite e, nos últimos tempos, com frequência cada vez maior. Lembro dos boatos sobre traidores entre nós, um espião que relata tudo à Gestapo. Todos nós fingimos ignorância, porque é mais seguro do que admitir o que todos nós suspeitamos: que aqueles homens não morreram, foram tirados do hospital de algum jeito, bem debaixo dos nossos narizes. Que o Dr. Jack está por trás de tudo isso, de alguma maneira, e os alemães sabem disso e estão só esperando uma prova, antes de prendê-lo.

É isso que Anson está fazendo no porão? Ajudando Sumner Jackson a tirar americanos e britânicos da França e usando documentos falsos para isso? Se é isso, por que não me contar? Ele sabe que pode confiar em mim, é claro. Uma onda de medo me invade quando outro pensamento passa por minha cabeça — um pensamento terrível. E se Anson for o espião com que todos estamos preocupados, e ele está ajudando a Gestapo a recolher evidências? A possibilidade me faz suar frio. Ele está trabalhando para os nazistas o tempo todo, fingindo ser um herói? Fingindo... tudo?

— Aqueles papéis — falo, inclinando a cabeça na direção da mesa. — Por favor, me diz que não está fazendo nada de errado com eles, que não está... — Não consigo concluir a frase.

Ele me estuda com uma expressão indecifrável. Os momentos passam, e ficamos ali nos encarando, enquanto eu espero respostas, como que parados na beirada de um terrível precipício, esperando para ver quem vai pular primeiro.

— Só me fala que não está trabalhando para eles — peço com voz rouca. — Por favor.

Um músculo começa a pulsar em sua mandíbula.

— É isso que você pensa?

— Não sei o que eu penso, Anson. Você estava se esgueirando por aqui com uma lanterna, vasculhando documentos que não são seus. — Agora estou falando depressa, odiando as palavras assim que elas saem da minha boca. Quero muito estar errada, mas e se não estiver?

Quando ele tenta segurar minha mão, eu a puxo. Ele olha para mim surpreso.

— Está com medo de mim?

— Tenho ouvido muitas coisas. E você tem se comportado de um jeito estranho...

Ele dá um passo para trás, passa a mão na cabeça.

— Acha que eu sou o espião? E que, agora que descobriu meu segredo, vou ser obrigado a... o quê? Estrangular você? Cortar sua garganta? — Seus olhos estão inflexíveis, mas também vejo mágoa neles, como se ter puxado a mão o tivesse agredido fisicamente. — Depois de todo esse tempo — ele diz finalmente. — Depois de tudo que compartilhamos, é isso que pensa que eu sou?

— Anson...

— Acho que era melhor quando suspeitava de mim com Elise. E acho que ela também ia gostar mais disso

do que de ser chamada de nazista.

— Não chamei nenhum dos dois de nazista. Mas o que eu poderia pensar?

— Você deveria confiar em mim.

Levanto o queixo.

— Como você confiou em mim?

Ele solta o ar com um suspiro prolongado, e de repente vejo o quanto está cansado.

— Isso não tem nada a ver com confiança — Anson fala desanimado. — Tem a ver com ser cuidadoso. Se eu for pego... posso colocar você nesse tipo de perigo. Não queria que soubesse de nada disso.

— Mas agora sei. Acho que sei, pelo menos. Portanto, é melhor me contar o resto. Ele balança a cabeça.

— Não.

— Os homens — insisto, determinada a confirmar o que agora parece óbvio. — Os que morreram de repente. Todas aquelas camas vazias. Eles não morreram, não é?

— Esquece isso, Soline. Por favor. Volta lá para cima e esquece o que viu aqui.

Balanço a cabeça, me recusando a ceder. Preciso saber tudo, que trabalho ele está fazendo e que riscos está correndo.

— Foi você — pressiono de novo. — Você ajudou esses homens a fugirem. Usando documentos como esses. Foi você.

Ele bufa, irritado com minha persistência.

— Foi um monte de gente. Uma célula inteira arriscando a vida para salvar um punhado de homens. Aviadores, em sua maioria, bem como alguns amigos da Resistência que caíram na mira da Gestapo. Tem um homem que faz os documentos, um artista que se tornou falsificador, por mais incrível que pareça. — Ele faz uma pausa, aponta os documentos sobre a mesa. — Esse é o trabalho dele. Damos novos nomes a esses

homens e os levamos além da fronteira da Espanha, depois para a Inglaterra, até para os Estados Unidos de vez em quando. Às vezes precisamos da cama de um homem antes de conseguirmos levá-lo para a próxima etapa, e aí o escondemos. Aqui embaixo.

Olho em volta, vejo os poucos móveis, o rádio contrabandeado e as instalações rústicas. Durante todo esse tempo, Anson esteve arriscando a vida para ajudar outras pessoas a fugirem dos nazistas — soldados lutando para livrar a França das garras de Hitler, agitadores e resistentes expostos ao risco de prisão.

Penso em Erich Freede, o homem que minha mãe amou, mas deixou ir, na família que ele pode ter construído na Alemanha. Esposa, filhos com quem divido sangue e uma história, e me pego rezando para alguém como Anson os ter ajudado a sair de lá a tempo.

— Podia ter me contado — falo baixinho. — Eu teria guardado seu segredo.

— Mas o segredo não é meu. É de todos nós, Soline. Todo mundo que trabalha para a Resistência. E cabe a todos nós protegê-lo.

— Bom, agora esse segredo é meu também — declaro. — Mas quero fazer mais do que só guardar o segredo. Quero ser parte do que você está fazendo, Anson. Quero ajudar.

— Não posso permitir.

— Por favor. Não sei o que posso fazer, mas deve haver alguma coisa.

— Não.

— Vou falar com o Dr. Jack, então — aviso. — Vou pedir para ele me deixar ajudar. E não precisa fingir que ele não sabe sobre isso. Tudo que acontece aqui passa pela sanção dele.

O rosto de Anson permanece firme.

— Soline, não vou...

Pressiono os dedos contra seus lábios, interrompendo o discurso.

— Não me diz não, Anson. Me fale o que eu posso fazer.



Soline

*Sem fé, até nosso trabalho é fadado ao fracasso.
Fé é tudo.*

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

27 de agosto de 1943 — Paris

Foi um choque descobrir o que um punhado de homens e mulheres corajosos conseguiram realizar embaixo dos olhos atentos dos *boche*. Enquanto Paris rasteja com a Gestapo de Göring, Dr. Jack e sua equipe

travavam a própria guerra silenciosa contra *Herr* Hitler. E eu me tornei parte disso.

Se alguém tivesse sugerido que eu me envolveria em uma coisa como essa, eu teria acusado a pessoa de ter bebido vinho demais. Mas descubro que isso me deu um novo sentimento de propósito, um jeito de me sentir menos vítima enquanto os nazistas dominam a cidade. E imagino *Maman* acompanhando minhas atividades clandestinas com aprovação, nem que seja só por Erich Freede.

Também me sinto mais próxima de Anson por saber que a causa dele é minha causa, que somos passionais em relação às mesmas coisas. Ultimamente, falamos mais e mais sobre o futuro. Não falamos em para sempre — a guerra faz esse tipo de conversa parecer imprudente —, mas falamos sobre o nosso amanhã. Lugares a que pretendemos ir e coisas que pretendemos fazer. E, nesses doces, ingênuos devaneios, estamos sempre juntos. Por ora, é o suficiente. Como *Maman* costumava dizer, o trabalho deve vir antes.

Recebi um treinamento desde aquele dia no porão, aprendi sobre as várias especialidades da Resistência: operações de rádios clandestinas, sabotagem de transporte de suprimentos, impressão e distribuição de jornais ilegais, até a movimentação de armas e explosivos. Cada célula funciona de maneira independente das outras. Nosso trabalho é menos ousado que o de explodir pontes e ferrovias, mas não é menos perigoso. Tirar da França aviões abatidos requer planejamento complexo e muitas mãos.

O processo começa com certidões de óbito falsas e documentos de identidade cuidadosamente falsificados para cada fugitivo e emprega uma vasta rede de mensageiros — muitos deles mulheres, como eu — e

uma série de casas seguras ao longo de uma rota muito bem guardada que passa pelos Pirineus, entra na Espanha pelo norte e segue para o porto de Lisboa.

Este é o trabalho de Anson, transportar os homens quando o dia da mudança finalmente chega. Tenho horror dessas noites em que ele se despede de mim com um beijo e promete voltar em segurança, porque nós dois sabemos que ele não pode garantir nada disso. Todos nós parecemos viver um tempo emprestado, desafiando o destino a nos pegar, imaginando não se nossa hora vai chegar, mas como e onde. Para piorar, os portões do hospital ficam bem na frente de um quartel-general alemão, onde há guardas postados dia e noite.

Mas tenho trabalho para fazer agora, como mensageira. Depois de quase duas semanas de treinamento, começo a receber missões de verdade. Nunca me considerei particularmente corajosa, mas o que estou fazendo parece ser certo. Não só por Paris, mas por Anson. Ajudar a causa, mesmo que só um pouco, é ajudá-lo.

Ele foi irredutível, não admitiu que eu me reportasse a ele, e fui designada para a equipe de Elise, cujo noivo, fiquei sabendo, foi mandado para uma fábrica de munição na Alemanha como parte do decreto de serviço obrigatório. Ela é brusca e muito profissional, mas não é desagradável e me treinou bem.

Trabalho como elo, transmitindo informações para outros membros da nossa célula: uma agenda de encontros escondida em uma lata de café, um ponto de entrega anotado em um papel que serve para embrulhar uma fatia de queijo. Às vezes, a transmissão é verbal, uma pergunta aparentemente inocente sobre a gripe recente de uma tia ou um pedido de informação sobre o horário do metrô. Minha função é recitar as falas exatamente como me são comunicadas, decorar a

resposta e levá-la de volta a Elise. Nunca sei o que nada disso significa, mas isso é proposital. Caso eu seja capturada e interrogada, não posso revelar nada, porque não sei nada.

Mas hoje fui incumbida de algo novo. Vou pegar uma bolsa de documentos com um homem a quem Elise chamou apenas de O Pintor. Ela me disse para encher uma cesta com vinho, pão e queijo e depois pedalar a bicicleta da *Maman* até um sótão na Rue des Saints-Pères.

Estou nervosa quando paro na frente do prédio de apartamentos modestos. Minhas instruções são para dar a impressão de que vou encontrar um amante para uma tarde de amor. Pego um pó compacto e um batom, como me orientaram, e finjo estar me arrumando, sempre usando o espelho para ver se não fui seguida.

É a primeira coisa que eles ensinam: como ter certeza de que não é seguido, e o que fazer, se for. Ao que prestar atenção na rua. Como desaparecer entre as pessoas. Como se livrar de qualquer coisa que possa ligar você à célula. Mas não vejo nada que pareça incomum.

Prendo a bicicleta com uma corrente, penduro a cesta no braço e subo a escada estreita para o terceiro andar. Três batidas firmes na porta. Nem mais, nem menos. Ouço os estalos de fechaduras, e um olho e uma sobancelha pesada aparecem na fresta aberta.

— *J'espere que tu as faim* — digo, exatamente como fui instruída. “Espero que esteja com fome.”

A porta é aberta. Três quartos de um rosto. O olho fica mais estreito quando me analisa. Depois de um tempo, o espaço aberto aumenta o suficiente para eu poder entrar.

É um apartamento pequeno, dois cômodos repletos de mesas e luminárias, com cortinas blecaute que

aumentam a sensação de claustrofobia e estão fechadas, embora seja meio do dia. O lugar tem um cheiro característico. Vapores químicos misturados a corpos masculinos sem banho, café de castanha fervido e fumaça de cigarro.

Lembro as instruções enquanto espero. Não devo falar nada, a menos que falem diretamente comigo, não devo comentar nem fazer perguntas sobre nada que vejo. Quanto menos eu souber, melhor. Mas é difícil sufocar a curiosidade sobre o que parece ser uma linha de montagem. Há pequenas mesas encostadas na parede mais afastada da porta, estocadas com uma variedade de tintas, suprimentos de escrita, selos, carimbos e colas.

Conto quatro homens, o que abriu a porta e três outros espalhados pelas mesas. Ninguém fala, mas é claro quem está no comando. Ele está sentado à mesa mais afastada, cercado pelas ferramentas de seu ofício — O Pintor. Tem algo quase desesperado em como ele se debruça sobre seu trabalho, os dedos manchados se movendo em gestos curtos, frenéticos, inventando seres humanos com papel e tinta.

Ele levanta a cabeça, estica o pescoço para alongar o músculo. Nossos olhos se encontram por um instante. Ele é jovem, não muito mais velho que eu, com um rosto longo, óculos redondos de aro de metal e um queixo coberto de pelos de barba começando a crescer. O momento passa depressa. Ele volta ao trabalho, e o homem que me deixou entrar retorna e me entrega uma bolsa de couro envernizado. Não olho dentro dela nem digo uma palavra sequer. Só guardo a bolsa na parte de trás da saia e a cubro com meu cardigã. Não há dinheiro trocando de mãos. O Pintor não cobra nada por seu trabalho. Como todos nós, ele só se preocupa com a causa.

Quando o tempo suficiente passou, pego o cesto e deixo o vinho e a comida, despenteio um pouco o cabelo e borro o batom, caso alguém me veja saindo. Logo estou lá fora de novo, pedalando sob o sol com uma bolsa de documentos falsificados presa no córs da saia.

É um alívio voltar ao hospital, finalmente, e entregar a bolsa a Elise. Ela é prática em seu elogio, o que não é incomum. Elise não é do tipo empolgado, mas tem algo de inquietante em como ela evita olhar nos meus olhos. E então ela me diz. Anson não voltou da missão da noite anterior.

A notícia quase me derruba. Elise me faz sentar e traz uma xícara de café. Não fingimos que Anson e eu somos só colegas de trabalho. Ela é só uma mulher consolando outra mulher, e sou grata. Ela me diz que não é incomum, centenas de coisas poderiam ter acontecido, e tem certeza de que ele vai voltar a qualquer momento. Mas posso ouvir a preocupação na voz dela, e, quando volto ao trabalho, minha mente visita os piores cenários, até Anson baleado ou levado em um dos trens para os campos.

Trabalhar com a Resistência significa esperar o pior, aceitar que captura, tortura e até morte são inevitáveis. Mas não posso e não vou aceitar essas inevitabilidades por Anson. Ele deve estar seguro. Deve estar. Mas o dia se arrasta para a noite, e ainda nenhuma notícia, nenhum sinal dele em lugar nenhum. Penso em *Maman*, suas mãos ocupadas com as contas enquanto fala de Erich Freede, e, de repente, entendo. Nesses momentos, confiamos em qualquer coisa, acreditamos em qualquer coisa que nos permita manter a esperança.

Adeline sente que tem algo errado. Insisto em dizer que é só uma dor de cabeça e que não preciso ir para casa, mas ela continua me pressionando, até eu concordar com ao menos um intervalo e um lanche.

Tento tomar um pouco de sopa no refeitório, mas não sinto o gosto de nada. Adeline está ao meu lado, repetindo para eu ir para casa e descansar, quando ele, de repente, aparece ali na porta. Quase derrubo a colher, engulo as lágrimas que não posso deixar cair. Ele parece esgotado, com os olhos pesados e cercados de sombras, mas me encara através do espaço movimentado, sustentando meu olhar de um jeito que diz tudo o que eu preciso ouvir.

Estou seguro. Sinto muito. Te amo.

Eu me levanto com as pernas bambas e entro no banheiro mais próximo para chorar todo o meu alívio. Quando o encontro novamente, alguém deu a ele uma xícara de café. Puro, não fraco e doce como ele gosta, mas é como se ele nem notasse. Vejo Elise atrair seu olhar do outro lado da sala, as sobrancelhas erguidas. Ele balança a cabeça quase imperceptivelmente. Queria saber o que isso significa, mas sei que não devo perguntar nada a ele com tanta gente em volta.

Mais tarde, quando o refeitório ficou vazio e Anson terminou de comer o segundo sanduíche, pergunto a ele o que aconteceu. Sei que isso contraria as regras, mas não me importo.

— Onde você estava?

Ele balança a cabeça.

— Não posso.

— Pensei que estivesse morto — sussurro alterada. — Ou que tivesse sido mandado para um dos campos. Não me diga que não pode.

— Preciso falar com Sumner — ele anuncia com o mesmo tom, como se eu nem tivesse falado. — Onde ele está?

Seu olhar é vazio, sem nenhum calor ou afeto. Ele está em modo Resistência — *clandestinité* —, aquele

canto duro de seu coração onde não tem espaço para mim. Ou para qualquer coisa que não envolva a causa.

— Recebemos quatro novos casos há algumas horas — aviso, tentando não levantar a voz. — Ouvi alguém mencionar uma amputação dupla, mas ele já pode ter saído, agora.

Anson assente, termina de beber o café e se levanta.

— Precisamos conversar. Mas tenho que fazer isso antes. Ir para casa e dormir. Volto mais tarde.

Estranho seu comportamento contrário às regras. Foi uma precaução com que concordamos quando me juntei à célula: nunca, em nenhuma circunstância, ele iria ao apartamento na Rue Legendre. Até onde o mundo exterior sabia, éramos colegas e nada mais. Para minha proteção, ele havia explicado, para que nunca houvesse uma chance de algum problema chegar à minha porta. Mas alguma coisa o fez mudar de ideia, e estou com medo.

— Pensei que tivéssemos que tomar cuidado para não descobrirem meu endereço.

Os olhos dele escurecem.

— Agora já ultrapassamos isso.

— Por quê?

— Porque eles já sabem.

Sinto um arrepio, como um dedo gelado deslizando por minhas costas.

— A Gestapo sabe onde eu moro?

— Eles sabem tudo, Soline.





Soline

Muita coisa pode dar errado entre o pedir e o fazer, porque é então que uma união corre mais risco — antes de o encantamento ser tecido e de os votos serem trocados. A Tecedora de Encantamentos precisa estar alerta para qualquer tempestade, e é quase certo que haverá tempestades.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

27 de agosto de 1943 — Paris

Sinto-me como uma personagem em um romance de espionagem e olho para trás, antes de introduzir a pesada chave de bronze na fechadura. Nenhum sinal de um Mercedez-Benz preto — o carro preferido pela Gestapo — estacionado em algum trecho da rua. Nenhum homem de terno cinza e chapéu preto parado em uma porta próxima.

Eles nos dizem o que procurar. Também nos dizem o que esperar, se formos presos. Surras, ser algemado e pendurado de cabeça para baixo, ou mergulhado em uma banheira de água gelada, submerso até quase se afogar, depois repetir a experiência de novo e de novo. O *baignoire*, como é chamado — o banho.

Também é comum escolher e interrogar uma mulher importante na vida do suspeito — mãe, irmã, amante — e prolongar o interrogatório por horas. Uma técnica considerada altamente eficiente é ameaçar mandar essas mulheres para um dos bordéis de *especialidades* frequentados por soldados alemães. A perspectiva me faz estremecer quando entro e fecho a porta.

Agora vou para casa apenas para tomar banho e dormir. O apartamento não tem mais a atmosfera de um lar desde que *Maman* morreu, e, com as cortinas blecautes fechadas, os cômodos são claustrofóbicos e perturbadoramente vazios.

Tomo banho, depois tento me deitar, mas meus pensamentos insistem em trazer de volta as palavras de Anson. “Eles sabem tudo.” No fim, desisto e me visto. Tento preparar alguma coisa para comer, mas tenho feito a maior parte das refeições no hospital, e não tem muita coisa na despensa.

Acabo de pegar uma lata de bolachas salgadas e um pote de geleia, quando ouço a campainha lá embaixo, três toques estridentes, firmes. É Anson, é claro, mas o

som ainda me assusta. Parece uma eternidade desde que alguém tocou essa campainha.

Ele está olhando para trás quando abro a porta, estudando a rua em busca de algum sinal de perigo. Por um momento, esqueço e tento segurar a mão dele. Ele se retrai, enviando um aviso silencioso ao passar por mim. Tranco a porta assim que ele entra, depois o vejo testar a maçaneta, não uma, mas duas vezes.

Ele geme ao cair na cadeira mais próxima, abraçando a pequena bolsa de lona que sempre carrega ao sair do hospital — seu “passaporte”, como ele chama, porque o emblema do American Field Service na bolsa mantém os nazistas afastados.

Se possível, ele parece ainda mais cansado do que quando o deixei no hospital. Mas é mais que exaustão. Tem um pânico controlado com dificuldade em seus olhos, algo que nunca vi.

— Anson, o que foi? O que aconteceu?

Ele passa a mão na cabeça, como que despedaçado.

— Eu não devia estar aqui. Nós concordamos...

— Não me interessa o que acertamos. O que me interessa é saber onde você esteve. E agora está aqui. Se foi seguido, o dano já está feito. Diga o que aconteceu.

Ele assente, depois apoia a cabeça nas mãos com um gemido.

— Tive problemas ontem à noite.

Meu coração dispara.

— Que tipo de problema?

— O tipo que me apavora desde o dia em que você me seguiu até o porão.

— Fale. Por favor.

Ele conta a história com uma firmeza sinistra, como se a recitasse de memória. Tinha saído logo depois de escurecer para transportar um homem procurando pela

SS até a próxima casa segura. A *carte d'identité* do homem o identificava como Marcel Landray, trabalhador agrícola, nascido em 1919, em Chauvigny, França. Mas nada disso era real. Na verdade, ele era Raimond Lavoie, um fugitivo procurado por imprimir propaganda antinazista e manter comportamento degenerado — o código *boche* para atividade homossexual.

Ele já havia passado um mês em uma casa segura, levado em segredo depois de ser denunciado por um vizinho em troca de alguns francos e uns tapinhas nas costas da SS. Ser capturado significava ser levado para um dos campos, Dachau, provavelmente, ou Buchenwald, onde seria forçado a usar um triângulo cor-de-rosa na camisa — até ser morto, em algum momento, por gás, espancamento ou fome. Permanecer na França deixou de ser uma opção.

A transferência aconteceu conforme o planejado, mas, na viagem de volta, o motor aqueceu, e Anson foi obrigado a parar e esperar o radiador resfriar. Ele foi encontrado pela polícia da França às duas da manhã, cinco horas depois do toque de recolher, em uma estrada onde uma ambulância do American Field Service não tinha motivos para estar. Eles o levaram para interrogatório. Sua explicação, construída com antecedência, foi que ele havia saído do hospital para ir encontrar uma namorada e perdeu a noção da hora. Ele forneceu um nome, Micheline Paget, e um endereço, e nenhum dos dois enganou a polícia. Pouco tempo depois, dois homens de uniforme cinza chegaram à cadeia, a Gestapo cumprindo ordens do Major General Karl Oberg, conhecido por muitos como o Açougueiro de Paris, para livrar a cidade de resistentes usando todos os meios necessários. Eles não queriam falar

sobre Micheline Paget. Queriam falar sobre Sumner Jackson.

Anson fica quieto. Cubro a mão dele com a minha.

— Por que não dorme um pouco? Só uma hora, depois pode me contar o resto.

Ele balança a cabeça, mas fecha os olhos.

— Eu não revelei nada.

— É claro que não.

Estendo a mão para alisar a ruga em sua testa, mas ele a afasta.

— Não precisei revelar nada, Soline. Eles já sabiam de tudo, ou quase tudo. Os documentos forjados, as casas seguras, os aviadores que transportamos. Eles sabem que Sumner está envolvido.

— Mas como?

Ele encolhe os ombros.

— Alguém infiltrado, um dos informantes de Oberg, provavelmente, nos observando durante meses e esperando um de nós tropeçar. E fui eu. Agora é só uma questão de tempo.

— Isso não é culpa sua, Anson. Você acabou de dizer que não contou nada. Como pode...

A aflição nos olhos dele é tão grande que quase fico aliviada quando ele desvia o olhar.

— Eles praticamente anunciaram, Soline. Vão atrás do Dr. Jack. De todos nós, imagino. Oberg não vai sossegar enquanto não conseguir o que quer, e ele não se importa com como vai conseguir. O que me obriga a fazer uma escolha.

De todas as coisas que ele disse, essa é a que mais me assusta.

— Que tipo de escolha?

— Uma escolha que não sei como fazer... ou como suportar.

De repente, não consigo respirar. Entrelaço os dedos nos dele, tentando não pensar em chicotes, algemas e

banheiras de água gelada. Mas a pergunta tem que ser feita.

— Eles... machucaram você? Ouvi histórias sobre o que fazem para obrigar as pessoas a falar.

— Não. — Seus olhos não tinham brilho nem foco, a voz não tinha entonação. — Não foi assim. — Ele para, olha para nossas mãos, a minha pequena e pálida, a dele bronzeada e calejada pelo trabalho. — Os alemães têm um acordo com os administradores dos hospitais. Eles nos deixam em paz, desde que não criemos problemas e os poupemos do custo de tratar britânicos e americanos feridos. Esse é o único motivo para Sumner ainda não ter sido preso. Usar violência para arrancar informações de mim teria sido condenável... então, eles me ameaçaram.

— Com quê?

— Você.

Minha boca se move, mas não emite nenhum som, enquanto tento digerir a palavra.

— Eu? Não entendi. Como eles sabem quem eu sou?

— Eu lhe disse. Eles sabem de tudo. Ontem à noite não teve a ver com descobrir o que eu sabia. Teve a ver com me dizerem o que eles sabem. Eles sabem que estamos falsificando documentos, mas não onde os conseguimos. Também sabem que usamos uma rede de mensageiros.

— E sabem que sou um deles — concluo em voz baixa.

— Não. Acho que não sabem, pelo menos. Mas eles sabem sobre nós, que somos...

Amantes. A palavra fica no ar entre nós. Não é exatamente verdade, não no sentido físico da palavra, mas é verdade em todos os sentidos que importam.

— Amar agora também é crime?

— Não. — Ele se levanta de repente. — Mas é... útil.

Olho para ele, deixando a palavra ecoar em minha cabeça. Útil. E, de repente, tudo se encaixa. Não foi preciso ameaçá-lo. Eles só tiveram que me ameaçar.

— Você tem que ir embora, Soline. Não tem outra solução.

Eu me levanto devagar, em silêncio. Eles nos dizem o que pode acontecer, e nós dizemos que entendemos. Mas, de algum jeito, todos nós conseguimos nos convencer de que não vai acontecer conosco. De que, desde que sejamos cuidadosos, não haverá ninguém batendo na nossa porta tarde da noite, nem passos de coturnos nos seguindo em uma rua deserta, nem listas datilografadas com nossos nomes nelas. Acreditamos nisso até não podermos mais acreditar.

— Você entende, Soline?

Assinto atordoada.

— Está dizendo que tenho que sair do hospital.

— Estou dizendo que tem que sair da França.

As palavras levam um momento para penetrar em minha cabeça, e, mesmo assim, não consigo entendê-las.

— Sair... da França?

— Não é seguro para você aqui.

Umedeço os lábios, sentindo a boca repentinamente seca.

— Mas para onde nós vamos?

Ele me encara sem piscar.

— Nós não, Soline. Você.

O momento parece passar mais devagar, se arrastando entre nós. Ouvi pessoas descreverem o momento em que recebem más notícias, como sentem o sangue fugir do rosto ou o ar sair dos pulmões, e, para mim, neste momento, tudo isso é verdade.

Deixar a França sem ele? Anson não pode ter feito essa sugestão, de jeito nenhum. Mas, quando olho para

ele de novo, percebo que sim, ele fez, e está falando sério.

— Não vou — respondo com franqueza. — Não sem você.

— Não posso ir agora, Soline. Você sabe disso, é claro. Tem muita coisa para fazer, muita gente contando comigo.

— Você é um só, Anson. Eles podem continuar sem uma pessoa. E a Gestapo? Acha que, depois que eu for embora, eles vão simplesmente deixar você em paz? Não vão. Você sabe que não.

— É claro que não vão. Mas, se você estiver segura, não importa o que vão fazer comigo.

— Importa para mim!

Ele suspira, um suspiro muito cansado.

— Você precisa fazer o que estou dizendo. Por favor.

— Não posso ir, Anson. Não posso partir sem você.

— Já arranjei tudo.

Eu o encaro perplexa.

— Sem falar comigo?

— Não tinha tempo. Falei com Sumner. Você vai amanhã. Uma casa segura, primeiro, depois para a Espanha, como os outros.

— Não.

— Soline, conversamos sobre isso.

— Não desse jeito, não conversamos! Falamos sobre ir juntos. Quando a guerra acabasse. Nunca falamos sobre eu ir sozinha. Está tentando se livrar de mim? É isso, um jeito de me tirar da sua vida?

Essa é uma coisa injusta para dizer. Uma coisa horrível. Mas acabei de perder o chão e quero machucá-lo como ele me machucou. Viro de costas, limpo as lágrimas na manga da blusa.

— Soline.

Fico dura quando ele me toca, mas não resisto quando ele me vira para encará-lo. Ele segura meu

queixo com os dedos, me forçando a olhar em seus olhos.

— Você precisa fazer o que eu digo. Por mim. Entende?

Ele segura meus ombros quando tento me afastar, me mantém no lugar.

— Não posso desistir, Soline. O que estou fazendo, o que nós estamos fazendo é muito importante. Enquanto Sumner estiver nisso, eu também estarei. É assim. Mas não vou conseguir pensar na minha segurança se tiver que me preocupar com você sendo capturada. E você vai ser, se ficar. Porque eles sabem que só precisam me dizer que pegaram você e eu falo tudo.

— Você não falaria.

— Falaria. Sem pensar duas vezes.

De repente, eu entendo. Não é só por mim que ele tem medo. É pela causa, as vidas que estariam em jogo se eu fosse presa, porque, se ele fosse obrigado a escolher, ele me escolheria. Mas não quero isso.

— Promete que, independentemente do que acontecer, não vai ceder. Não por mim.

— Eu preciso saber que você está segura, Soline. Para que eu possa trabalhar.

Viro a cabeça, tento conter as lágrimas. A decisão foi tomada. Os planos foram feitos, o futuro que pensávamos que teríamos juntos acabou. Nós acabamos.

— Você consegue — ele diz com tom brando. — Vai estar com nossa gente. Seus documentos ficam prontos em poucas horas. Você parte ao amanhecer.

Amanhecer. Dez horas.

Olho para ele com ar de súplica.

— Me deixe ficar. Eu saio do hospital. Vou para o campo, algum lugar onde não possam me encontrar. Por favor.

— Não posso. Preciso saber que está segura e bem-cuidada. Está decidido. Mas ainda temos esta noite.

As palavras dele são como uma faca cortando minha carne.

— Não quero esta noite. Quero para sempre. Sei que nunca falamos sobre isso, mas pensei que você também quisesse. Agora, depois de tudo, tenho que ir embora sem saber para onde, ou se vou ver você de novo.

Ele me encara, e seu rosto é a imagem da perplexidade.

— É isso que está pensando? Que eu simplesmente entrego você e acabou? Nós acabamos?

— Acontece — sussurro, pensando em *Maman* e Erich Freede. — As pessoas são... separadas.

— Não vai acontecer conosco.

— Não tem como saber.

— Mas eu sei. Arranjei tudo para você ir para os Estados Unidos, mas não vai ser fácil. Escrevi uma carta para você colocar no correio quando chegar em Lisboa, é para o meu pai. Nela, eu informo que vamos nos casar assim que eu voltar para casa... se você quiser.

— Casar... — A palavra é como um par de asas se abrindo em meu peito, ameaçando me tirar do chão. Nunca disse em voz alta, mas sonhei com isso centenas de vezes. — Sim — sussurro com voz rouca. — Sim. Eu quero. Mas tem certeza de que é isso que você quer? Quando eu falei para sempre, não estava pedindo... Tem certeza de que quer casar comigo?

— Tive certeza dez minutos depois que conheci você, Soline. Eu te amo.

Amor.

Tive muito cuidado para não usar essa palavra. Até esta noite. Não porque não queria, mas porque o sentimento é muito profundo. Talvez *Maman* tenha me

feito supersticiosa, com todas aquelas conversas sobre maldições. Não consigo deixar de pensar em Lilou, viúva duas semanas depois de recitar seus votos, porque se atreveu a amar. Mas agora foi dito, e não há como retirar as palavras, mesmo que eu quisesse. Também não podem ficar no ar entre nós, sem resposta.

— Eu também te amo — digo com a voz embargada.

— Mais do que jamais pensei que poderia me deixar amar alguém. E quero me casar com você. Mas tem certeza de que isso é certo? O que seu pai vai dizer quando eu aparecer na porta da casa dele, uma desconhecida, esperando me mudar para lá?

— Expliquei tudo isso na carta. Ou tudo o que posso explicar. Ele não sabe o que estou fazendo aqui. E não pode saber. Ninguém pode. É sério, Soline. O que quer que ouça, por piores que sejam as coisas, não pode dizer uma palavra sequer sobre o que fazemos aqui. Muita gente seria posta em risco. A segurança de uma pessoa não pode pôr em risco toda a célula. Entendeu?

— Sim.

— Por enquanto, tudo o que meu pai sabe é que dirijo uma ambulância, sou louco por você e planejo fazer de você uma Purcell no minuto em que voltar ao solo americano.

Ele sorri para mim, segura minhas duas mãos.

— Mal posso esperar para mostrar onde cresci e apresentar você para todo mundo. Minha irmã vai se apaixonar por você no minuto em que abrir a boca. Ela adora tudo que é francês.

Consigo sorrir, mas tem alguma coisa me incomodando, uma conversa que tivemos um dia sobre o pai dele, como ele podia ser duro, às vezes, com opiniões fortes sobre respeitabilidade e dever, e não consigo deixar de imaginar se essas ideias se estendem à esposa escolhida pelo filho.

Anson franze a testa, tentando ler minha expressão.

— Por favor, não fique triste. Eu vou para casa antes que você perceba, e então vamos poder começar uma vida nova juntos. Mas até lá, vou saber que está em segurança.

— E você? Ainda vai estar aqui... com eles.

Ele segura meu rosto, me beija com ternura.

— Nada vai me impedir de ir para casa, se eu souber que você está me esperando.

— Mas como vai administrar isso? Já é muito difícil levar os homens para o outro lado da fronteira, imagine para a América.

— Os Purcell são homens da Marinha desde os tempos de John Paul Jones, antes de mim, é claro. Enfim, citei o nome do querido Pater e cobrei alguns favores. Duvido que ele fique feliz com isso, porque prefere usar seu poder na família, mas essa é uma batalha para outro dia.

— Estou com medo — confesso baixinho.

— Eu sei. Mas você é corajosa. — Ele me beija de novo, e sinto o sabor das minhas lágrimas em seus lábios, amargura e sal, e, de repente, cada momento, cada toque é precioso. Porque é tudo que terei para levar comigo quando o sol nascer de novo.

Ele se afasta, me segura com os braços esticados.

— Tenho que ir. Você precisa reunir algumas coisas, só o que for de primeira necessidade. Uma valise pequena. Depois, é bom tentar dormir. Eu volto antes do amanhecer.

— E você? Está exausto.

— Vou voltar ao hospital e tentar dormir por algumas horas.

Seguro a mão dele.

— Fique comigo. Por favor.

— Você sabe que não posso. — Sua voz é grossa, os olhos cintilam como um mar ávido. — Nós não... — Ele

engole em seco e tenta se afastar. — Existem regras, Soline.

Balanço a cabeça, porque de repente tudo parece absurdo. Homens são fuzilados na rua e mortos em campos de batalha, mulheres e crianças são espremidas em trens lotados como gado e enviadas para campos de morte. Mas isto, duas pessoas apaixonadas, passando juntas essa que pode ser sua última noite, é contra as regras. Não consigo entender. Então lembro de algo que ouvi Lilou dizer à minha mãe na noite em que ela fugiu para se casar com seu britânico. “Eu me recuso a deixar as regras de outras pessoas me roubarem um pouco de alegria.”

Eu também me recuso.

— Não me importo com as regras — murmuro, puxando-o para perto de mim. — É nossa última noite. Por favor, não me faça passá-la sozinha.

Ele não diz nada quando o levo escada acima. Há um momento de hesitação quando chegamos ao topo. Se dele ou meu, não sei dizer, mas passa depressa, e a decisão é tomada, o ponto de negação fica para trás.

De repente, me sinto tímida e deixo a luz apagada. Até esse momento, nossos encontros foram breves momentos roubados, abraços rápidos e beijos febris. Mas, esta noite, não há motivo para pressa. Não sei se serei a primeira dele, não quero saber, mas ele é o meu primeiro.

Desabotoo sua camisa e a empurro para trás dos ombros, deixando-a escorregar para o chão. Em seguida, toco o cinto, trabalhando com dedos trêmulos. Ele fica parado, os olhos fixos no meu rosto, e me pergunto se sente meu nervosismo. Já vi homens despidos, dei banho em centenas no hospital, mas não estava apaixonada por nenhum deles.

Finalmente, é a vez de Anson me despir. Estremeço quando minha blusa cai, e seus dedos são como um

sussurro em minha pele. Há uma espécie de reverência em sua voz quando ele murmura meu nome, os olhos cheios de tanta ternura que minha garganta se contrai contra uma inesperada torrente de lágrimas.

Momentos mais tarde, minhas roupas estão no chão e eu estou nua, com frio e tremendo da cabeça aos pés. Vejo meu reflexo no espelho da penteadeira e lamento não ter lembrado de apagar também a luz do corredor. Emagreci desde o início da guerra, e meu corpo parece anguloso no espelho, rígido e pálido, e tenho medo de ser uma decepção. Anson para atrás de mim, envolve minha cintura com um braço e aproxima a boca da curva do meu ombro. Fecho os olhos, me abandono ao momento. Quero apenas ele. Sua respiração. Suas mãos. Sua pele.

Ele me leva para a cama, me puxa para os lençóis. Seu cheiro é uma mistura de suor e do forte sabonete carbólico que usam no hospital, terroso e adstringente. Másculo. Minha respiração e a dele se misturam, mornas e úmidas quando nos encontramos na escuridão, as mãos dele insistentes e em todos os lugares, como se tentassem mapear meu corpo. Mas ele não tem pressa, se contenta em saborear o momento — me saborear —, e eu deixo, perdida na magia agridoce dessas poucas horas, antes de termos que dizer adeus.

★ ★ ★

Espero até a respiração de Anson regularizar, então saio da cama. Logo vai clarear, e preciso arrumar a mala. Sei sobre a jornada que me espera. Não vou precisar de muita coisa — roupas simples e fáceis de vestir, sapatos resistentes de saltos baixos, alguns itens pessoais. Mas há outras coisas também, coisas que não posso deixar para trás.

Tenho o cuidado de não acordar Anson quando me movimento pela escuridão, pego o rosário de *Maman*, o pingente com a foto de Erich Freede, o maço de cartas que guardei depois que *Maman* morreu. São o legado dela para mim, um lembrete de que um dia houve finais felizes, e talvez eles existam de novo.

Lá embaixo, no ateliê, acendo a luz e olho para o vestido que comecei a costurar há uma vida. Está pronto há meses, guardado no ateliê escuro, privado de seu momento de triunfo. Mas os sonhos que eu tinha quando comecei a costurá-lo eram muito diferentes dos sonhos que tenho agora. Estou deixando Paris — para sempre, pelo jeito —, e tem algo que preciso fazer antes de o sol nascer.

Pego tudo de que preciso: uma vela branca, caneta e papel, uma vasilha com água, outra com sal, uma agulha, um carretel de linha branca, e o vestido. Acendo a vela e fecho os olhos, começo a respirar devagar, esperando alguma coisa acontecer. Escrevo algumas palavras, risco, começo de novo, lamentando não ter prestado mais atenção às instruções de *Maman* sobre como escrever encantamentos. O tempo é muito curto, e ainda tenho que costurar. Tento de novo.

Finalmente, estou pronta para começar. Mas minhas mãos estão úmidas, e tenho dificuldade para segurar a agulha. A voz de *Maman* ecoa em minha cabeça, crítica. “Não se preparou corretamente antes de começar. Seu encantamento é desajeitado e muito amplo. Sua costura é abominável.” Cada palavra é verdadeira, mas finalmente solto a agulha e aprecio meu trabalho.

*À distância, ao longo do tempo,
Sejam quais forem as provações,*

*Que possam ser unidos para
sempre como um só
Os ecos desses dois jovens
corações.*

A costura é ruim, mas consegui me picar várias vezes enquanto trabalhava, deixando pequenas manchas de sangue no forro do corpete. Era como um presságio. Queimei a linha restante com a chama da vela e a soprei. O trabalho não corresponde aos padrões de *Maman*, mas fiz o melhor que pude. O resto está nas mãos do destino.



Soline

Para ser eficiente, é preciso que se conheça as formas de tratamento e quando usá-los. Um encantamento é um feitiço usado para criar oportunidades... uma série de acasos para ajudar o destino a acontecer, enquanto uma fascinação ou glamour é um instrumento de ilusão com o propósito de distorcer eventos naturais.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

28 de agosto de 1943 — Paris

Já estou vestida, sentada em uma cadeira perto da janela, quando Anson se mexe. Ele abre os olhos com esforço, e os cantos de sua boca se erguem naquele sorriso americano preguiçoso que aprendi a amar. Tento sorrir também, mas não consigo. Só consigo pensar nos minutos passando.

Ele se veste no escuro, depois me segue até a cozinha. Uso o resto do café que *Maman* estocou antes da guerra e consigo fazer duas xícaras quase cheias. Tem gosto de velho, mas é melhor que nada, e ajuda a empurrar as bolachas com geleia que são nosso desjejum.

Anson bebe todo o café de uma vez e leva a xícara para a pia.

— Está na hora — diz com tristeza. — Logo o sol vai nascer.

Assinto, não confio em minha voz. Tenho medo de abrir a boca e implorar para ele me deixar ficar, e já passamos por isso.

Ele assente em resposta.

— Vou esperar lá embaixo.

Dou uma última volta pelo apartamento, verificando janelas e apagando luzes. Ridículo, considerando que estou abandonando tudo. Que importância tem se alguém entrar? Não é mais meu. Fecho a porta do meu quarto e desço.

Anson está parado perto da porta, espiando pela abertura entre as cortinas blecaute. Ele vira quando chego ao pé da escada, olhando intrigado para minhas mãos vazias.

— E a mala?

Aponto para a caixa de vestido perto dos pés dele.

Ele olha para baixo, depois para mim.

— Uma caixa de papelão?

— É uma caixa de vestido — corrijo, como se isso explicasse tudo.

— Soline, não pode carregar isso. Precisa de uma mala de verdade.

— Não tenho nenhuma.

— Bom, isso não vai servir. Precisa de alguma coisa resistente. Algo que possa carregar com facilidade. — Ele passa a mão na cabeça. — Não tem mais nada?

— Vou levar isso aí.

Ele olha para o relógio, depois assente de má vontade.

— Tudo bem. Vamos. Não fale. Mantenha a cabeça baixa e ande. Aconteça o que acontecer, continue andando e não pare até chegar ao hospital. Sua carona está esperando.

Meu estômago se contrai.

— Não é você que vai me levar?

Ele olha para o outro lado.

— Não.

— Por quê? É isso que você faz. Você é o motorista.

— Não dessa vez.

Olho para ele incrédula.

— Deveria ter me avisado. Se eu soubesse...

Ele silencia com o olhar.

— Você sabe como isso funciona, Soline. As regras existem para proteger a célula. Dessa vez estou muito próximo... próximo de você. Usei minhas conexões para pôr o plano em prática, mas tenho que sair de cena quando chegarmos ao hospital. Pela segurança de todos. Você entende?

Ele está com aquela cara que faz de vez em quando, como se acionasse um interruptor e desligasse as emoções. Já a vi antes, mas nunca dirigida a mim. Inclino a cabeça com alguma rigidez, imitando sua firmeza.

— O motorista tem seus documentos. Você vai ter que decorar todas as informações. Datas. Lugares. Tudo. De agora em diante, pelo menos até entrar nos Estados Unidos, você é Yvonne Duvort de Chartres. Repete.

— Yvonne Duvort — repito entorpecida. — de Chartres.

— Boa menina. Vai ficar tudo bem. Agora me beije. Não vai dar tempo para isso mais tarde.

Deixo que ele me tome nos braços, mas fico tensa, com a caixa de vestido entre nós. Não quero beijá-lo. Eu quero gritar com ele, não por me mandar para longe, entendendo porque tenho que ir, mas por fazer tudo isso com tanta frieza. E pelo perigo a que sei que ele vai se expor depois que eu partir. A Gestapo já o interrogou uma vez. Não vão deixá-lo em paz até conseguirem o que querem, e quando conseguirem, eles o prenderão.

Esse pensamento me deixa gelada e me faz lembrar quanta coisa está em jogo. Preciso ser corajosa e fazer minha parte pela Resistência, mesmo que minha parte seja ir embora. Mas, quando ele me aperta contra o peito, não sinto coragem. Eu me agarro a ele, agarro sua camisa enquanto as lágrimas descem por meu rosto, sentindo a dor de perdê-lo já muito real.

Finalmente, ele se afasta.

— Temos que ir, mas, antes, preciso lhe dar uma coisa. — Ele recua um pouco, pega a bolsa de lona de uma cadeira próxima. Vasculha o conteúdo por um momento, e finalmente tira dela um estojo de couro marrom fechado com zíper, que põe em minha mão. — Quero que fique com isso.

Olho para o estojo, para as iniciais A.W.P. gravadas em dourado no canto inferior direito, e penso no lenço que ele me emprestou no dia em que nos conhecemos.

— É meu estojo de barbear. Minha mãe me deu no Natal antes de morrer. Quero que ele fique com você.

— Mas você vai precisar dele.

— Tenho certeza de que consigo encontrar uma navalha no hospital. Leva. Por favor. E fica com ele até eu chegar em casa.

Nós nos olhamos sem dizer nada. Ele está fazendo uma promessa. Uma promessa que nós dois sabemos que ele não tem o poder de cumprir, mas pego o estojo, depois ponho a mão no bolso da saia e pego o rosário de *Maman*. Seguro a mão dele, viro a palma para cima e deposito as contas nela.

— Era da minha mãe — digo em voz baixa.

Ele olha para o fio de contas de granada, para o crucifixo de prata com o salvador escurecido.

— Não sabia que era católica. Nunca pensei em perguntar.

— Não somos. Não somos nada.

— Por que o rosário, então?

Encolho os ombros.

— Segurança.

— Não posso ficar com ele, Soline. E se...

Toco sua boca com um dedo, impedindo-o de concluir o pensamento.

— Quero que fique com ele... e o leve de volta para mim.

Ele força um sorriso.

— Vamos trocar os objetos quando eu voltar para casa.

Meu coração fica apertado quando penso em quanto tempo pode demorar até eu ver seu rosto de novo — e na inimaginável possibilidade de esta ser a última vez. Esse homem que conheço há alguns meses se tornou a coisa mais importante em minha vida, tão necessário quanto o ar que respiro e o sangue em minhas veias. Mas há coisas que não dividi com ele, verdades que não

foram ditas. De repente, parece errado nos separarmos com um segredo entre nós.

— Anson, tem uma coisa que preciso contar antes de ir, algo sobre mim.

Ele passa os dedos flexionados por meu queixo, sorri com ternura.

— Vai me contar que é nazista? Que é uma espiã de Hitler?

A pergunta quase me faz sorrir.

— É claro que não.

— Comunista?

— Anson, por favor, não seja bobo. Preciso falar sobre minha família. Somos...

Ele me silencia com um beijo.

— Guarda para quando eu for para casa.

— Mas...

Ele balança a cabeça, me interrompendo de novo.

— Eu sei que amo você. E você me ama. Nada mais importa. — E abre a mão, mostrando o rosário de *Maman*. — Eu devolvo isto aqui quando chegar em casa. E então você me conta seu segredo. O que acha?

— Tudo bem. Quando você chegar em casa.

Ele guarda o rosário no bolso, reconhecendo o pacto que acabamos de fazer. Ponho o estojo de barbear na caixa do vestido e amarro o barbante novamente. Dissemos tudo o que precisava ser dito, prometemos o que era possível. E agora é hora de ir.

★ ★ ★

Meu contato está esperando, como combinado, ao lado da ambulância ligada atrás do hospital, um polonês com um bigode fino e olhos escuros e atentos, que se apresenta como Henryk. Ele usa um uniforme como o de Anson, com o conhecido bordado do American Field

Service no ombro, mas tenho certeza de que nunca o vi antes.

Sem dizer nada, ele abre a porta de trás e me ajuda a entrar. Anson observa tudo das sombras. Sinto seus olhos no pátio escuro e torço para que se aproxime, que venha se despedir, mas sei que não virá. Já passamos por essa parte. Mordo o lábio com força, me recusando a chorar.

Henryk bate a porta, e me vejo trancada. Sinto um arrepio de pânico nesse momento repentino de escuridão, ao perceber que agora estou à mercê de desconhecidos. Tudo o que conheço, minha casa, Anson, até meu nome, tudo me foi tirado.

E então começamos a nos mover, marchas trocadas com um barulho alto enquanto a ambulância ganha velocidade. Olho pela janela de trás a tempo de ver Anson sair das sombras, pernas afastadas, ombros abertos, e, com as palavras de *Maman* ecoando em minha cabeça, gravo essa imagem em meu cérebro enquanto ela vai ficando distante, até desaparecer.

*Enquanto mantiver o rosto dele em seu coração,
ele nunca estará realmente perdido.*



Rory

12 de julho de 1985 — Boston

Rory já estava arrependida da decisão de atravessar a cidade no trânsito da hora do almoço. Olhou para a embalagem cor de laranja no banco do passageiro e, por um instante, pensou em voltar. Sua mãe tinha uma coleção interminável de potes Tupperware. Dificilmente sentiria falta desse tão cedo. Então, por que de repente sentia a urgência de ir devolver o pote em uma sexta-feira à tarde?

Quase três semanas se passaram desde aquela tarde difícil em seu apartamento, mas as coisas entre elas

permaneciam tensas. Nenhuma das duas mencionou o incidente, mas as poucas conversas que tiveram por telefone desde aquele dia foram limitadas e frias. Porque era assim que o relacionamento delas funcionava. Simplesmente ignoravam o episódio, como se ele nunca tivesse acontecido. Uma delas tomava a iniciativa, algum pequeno gesto de conciliação, e a outra acompanhava. Avanço, recuo, avanço novamente.

E, dessa vez, ela faria o gesto. Porque tinha vislumbrado alguma coisa naquele dia em sua cozinha que a fazia questionar se não seria possível interromper o ciclo. E porque passou a maior parte da manhã fazendo as habituais ligações de sexta-feira sobre Hux, acionando sua lista de contatos, esperando ter alguma notícia, um avistamento ou boato, alguma nova pista a ser seguida. Como sempre, nada.

“Nada novo a relatar. Estamos fazendo tudo que é possível. Lamentamos muito.”

Não sabia como isso tinha se tornado uma coisa de sexta-feira. Só sabia que, a cada semana que passava, o desfecho se tornava mais e mais inevitável. Não seria a primeira a perder um noivo. Mulheres passavam por isso há séculos, esperando notícias que nunca chegavam, chorando quando recebiam notícias. Qual delas ela seria? Quanto tempo poderia passar esperando, quando não havia nenhum resquício de informação a que se agarrar? Quando seguiria em frente? E como seria isso? Já estava dando esse passo? Era isso que significava a galeria? Um substituo para Hux? Camilla um dia sugeriu que sim. Agora, com todo seu coração, precisava ouvir que isso não era verdade, que estava fazendo o que era certo pelo motivo certo, e que não deveria se sentir culpada.

Não seria uma visita longa. Só ficaria o tempo necessário para devolver o Tupperware e tomar uma xícara de café, talvez.

A porta da frente estava destrancada. Ela tirou os sapatos no *hall*, depois seguiu para a cozinha. Quando ouviu as vozes, era tarde demais. A risada alta e vibrante da mãe. A voz nasalada de Vicky Foster e mais uma que ela não conseguia identificar. Deveria ter telefonado antes. Não estava com disposição para conversar sobre amenidades com as amigas da mãe.

Estava quase virando para ir embora, quando Camilla apareceu na soleira.

— Aurora. Sabia que eu tinha escutado o barulho da porta. Tudo bem?

— Tudo bem. Só vim devolver isto aqui. — Rory oferece o pote. — Não sabia que tinha visita, ou não teria vindo.

— Não seja boba. São só Vicky e Hilly. Acabamos de almoçar. Você comeu? Ainda tem um pouco de *bisque* e muita salada.

— Não estou com fome. E não me arrumei para isso.

— Ah, ninguém liga. Sei que elas vão gostar muito de ver você.

Antes que Rory pudesse protestar, estava sendo levada à sala de jantar.

— Vejam quem eu encontrei, senhoras — Camilla anunciou ao entrar na sala. — Ela só passou para devolver um pote, mas, quando soube que vocês estavam aqui, fez questão de entrar para dar um oi.

Rory forçou um sorriso. Vicky Foster e Hilly Standridge eram membros do Conselho Feminino de Arte e ocupavam posições de destaque na *entourage* de Camilla.

Hilly sorriu para ela com um olhar triste.

— É adorável ver você, querida. Lamentamos muito por seu noivo, mas estamos mantendo o pensamento positivo. Não quer comer a sobremesa conosco? Sua mãe já ia servir.

Camilla aparece novamente com uma bandeja.

— Chegou na hora certa, Aurora. Fiz sua sobremesa preferida. Bolo de maçã com especiarias e cobertura de creme de manteiga dourada.

— Obrigada, mas realmente não posso. Só parei para devolver seu pote de sopa. Tenho toneladas de coisas para fazer, e o trânsito.

— Ah, meu bem, fique para o bolo, pelo menos. É claro que tem alguns minutos. Dê a sua mãe a chance de se gabar um pouco para as amigas.

Rory hesitou com certo desconforto, consciente de como Hilly e Vicky sorriam indulgentes. Por um momento horrível, voltou a ter oito anos, usando um vestido de festa de chiffon amarelo e sendo conduzida à banquetta do piano em um dos jantares da mãe, cercada de rostos carregados de expectativa. As mãozinhas quentes e pegajosas, paralisadas sobre as teclas. A voz da mãe, aguda e tensa atrás da câmera. “Vamos, Aurora, não vai querer envergonhar a mamãe na frente dos amigos dela.”

A foto agora estava em uma moldura de prata na cristaleira da mãe na sala de estar, sua humilhação capturada para a posteridade. E ali estava de novo, sendo convocada para dar sua contribuição à festa.

A visão começou a ficar turva quando ela olhou para Camilla. “É só o perfume”, disse a si mesma, Shalimar e White Shoulders, misturados ao Chanel n° 5 de sua mãe. Ela piscou para se livrar das lágrimas e olhou para o bolo. Perfeição, como sempre.

— Sente-se aqui perto de mim — Camilla convidou, puxando uma cadeira. — E vou cortar uma fatia grande para você.

Rory se sentou obediente, vendo Camilla manejar a faca de bolo com a habilidade de uma cirurgiã. Vicky encheu quatro das belas xícaras de porcelana. Quatro

xícaras, não três. Camilla sempre soube que conseguiria o que ela quisesse.

— Sua mãe mencionou que vai fazer um estágio em Paris quando concluir o curso — disse Hilly, misturando açúcar ao café. — Deve estar ansiosa por isso. Mandamos todas as nossas meninas depois da formatura, mas nenhuma para algo tão empolgante quanto um estágio no Musée d’Orsay.

— Receio que isso tenha sido adiado, por enquanto — Camilla respondeu por Rory. — Aurora decidiu se dedicar a interesses mais próximos de casa.

Vicky assentiu.

— Ah, sim. É claro. Mas é uma pena abrir mão de uma experiência tão maravilhosa depois de todo o trabalho que teve para consegui-la. — Uma pausa, um suspiro. — Mas a escola pode esperar, e Paris não vai a lugar nenhum.

Rory mexia no bolo com o garfo, contente por deixar a conversa seguir sem ela, mas ouvir a mãe ser tratada como a verdadeira vítima da história já era ir longe demais. Ela deixou o garfo no prato e olhou para Vicky.

— Na verdade, decidi abandonar o curso, Sra. Foster. Vou abrir uma galeria. Com sorte, inauguro no outono.

— Uma galeria? — Hilly levanta as sobrancelhas. — Ora, isso é maravilhoso. Camilla, por que não contou nada para nós?

Camilla levantou a xícara de café e bebeu antes de exhibir um sorriso tenso.

— Ela ainda está planejando tudo. Não quis ser precipitada.

— Ah, isso é empolgante. Sua própria galeria. Espero que tenha encontrado um imóvel em um bom lugar. Sabe o que dizem... localização, localização, localização.

— Na verdade, sim. Encontrei uma maravilhosa casa geminada ao lado do DeLuca’s.

— Em Newbury? Perfeito...

— Espere — Vicky interrompeu, apontando para ela com o garfo. — Não é onde funcionava a loja de vestidos de noiva? A francesa com seus vestidos mágicos. Garantia a todas as noivas um final feliz. Hilly, sua filha comprou o vestido lá, não foi, antes do incêndio? Como era o nome? Alguma coisa significativa...

— A Agulha Encantada — respondeu Hilly. — A mulher fazia um trabalho impressionante, e à mão. Porém, posso dizer que pagamos por cada ponto.

Rory se inclinou para a frente na cadeira, esquecendo o bolo.

— E funcionou? Quero dizer, a magia?

Hilly sorriu com serenidade.

— Três netos depois, imagino que tenha funcionado. Os médicos diziam que ela não poderia ter filhos, depois daquele tombo do cavalo, mas sou avó de três crianças.

Vicky revirou os olhos.

— Não me diga que acreditam realmente nesses boatos tolos.

— Estou dizendo que não há mal nenhum em garantir todas as frentes, querida. Se tivesse que fazer isso de novo, pelo dobro do preço, eu faria.

Vicky deu risada.

— Agarrar todas as chances, como dizem. Mas era uma loja linda. Acho que lembro da proprietária. Francesa e absolutamente linda. Lembro que ela foi procurada para fazer o vestido de uma das meninas Kennedy. Prima, sobrinha, alguma coisa. Não consigo lembrar qual, mas lembro que foi algo muito grandioso. Deus sabe que os Kennedy precisam de toda sorte que puderem ter. E ela era a pessoa indicada para isso. O que será que aconteceu com ela?

— Acho que morreu no incêndio da loja — respondeu Hilly, tocando o colar de pérolas em seu pescoço. — Minha filha ficou muito abalada quando viu a notícia nos jornais. Dizem que ela estava dormindo quando o

fogo começou. Estou tentando me lembrar do nome dela.

— Soline — Rory respondeu. — O nome dela é Soline Roussel. E ela não morreu. Na verdade, é minha senhoria.

— Sua senhoria! Bem, e o que sabe sobre ela?

— O imóvel não estava para alugar, ficou vazio durante anos, mas, quando ela soube que eu queria abrir uma galeria para novos artistas, aceitou minha proposta.

Vicky olhou para Camilla, que se manteve em silêncio durante toda a conversa.

— Escondeu isso de nós, Camilla, querida. Nunca mencionou a Sra. Roussel. E parece que ela se interessa pelas artes. Talvez devamos convidá-la para integrar o conselho.

Camilla mexeu o café, mantendo uma expressão cuidadosamente neutra.

— Acho que é Aurora quem tem sonegado informações. Não conheço a Sra. Roussel, mas entendo, sei que ela é meio reclusa. Talvez seja melhor pedirmos uma contribuição.

Hilly olhou para Rory.

— Pode falar com ela sobre integrar nosso grupinho? Só sondar o terreno, sabe?

Camilla soltou a colher com um barulho alto.

— Não estamos nos precipitando um pouco? Há cinco minutos, você não conseguia lembrar o nome da mulher. Agora quer convidá-la para o conselho. Não acha que devemos antes descobrir se ela é o tipo de pessoa que aprovamos?

Hilly revirou os olhos.

— Pelo amor de Deus, Camilla. Estamos na década de 1980, não em 1880. Ninguém mais pensa desse jeito.

Vicky suspirou e deixou o guardanapo sobre a mesa.

— Pessoalmente, morro de tédio com “pessoas que aprovamos”. E, caso não tenha notado, Camilla, as associações caíram muito, o que significa que não podemos ser esnobes. Talvez seja hora de dar uma sacudida nas coisas. Ela deve conhecer muita gente. Pense na divulgação que isso vai render.

Camilla parecia realmente atônita. Não estava acostumada a ser desautorizada, muito menos em sua própria mesa.

— Só quis dizer que pode ser melhor nos atermos a pessoas conhecidas.

Vicky permaneceu irredutível.

— Por que não dá algumas dicas na próxima vez que conversar com ela, Aurora, para ver se ela se interessa em unir forças conosco?

Rory pegou a xícara de café, incomodada por ser posta no centro das atenções.

— Não sei quando vou falar com ela de novo. Normalmente, tudo o que diz respeito ao imóvel é resolvido por intermédio do advogado dela. O que me faz lembrar... — Ela terminou de beber o café e se levantou. — Tenho reunião com o empreiteiro às quatro horas. Foi bom rever vocês duas.

Camilla fez uma cara desanimada.

— Já vai?

— Eu disse que não podia demorar.

— Mas eu esperava que contribuísse com algumas ideias para o evento para angariar fundos. Estamos sempre repetindo os mesmos temas, e você sempre tem ideias criativas.

— Tenho certeza de que vai organizar um lindo evento — disse Rory, virando-se para sair. — Como sempre.

Ela já estava perto da porta quando Camilla a alcançou.

— Aurora. Não vai falar com essa mulher sobre participar do conselho, vai?

— O nome dela é Soline. E você sabe, porque já conversamos sobre ela. E por que seria tão terrível ela integrar seu precioso conselho?

— Para começar, não sabemos nada sobre ela.

— Correção. Você não sabe nada sobre ela. Eu sei muito, e gosto dela.

— Isso é evidente. Francamente, o jeito como falou agora há pouco. Como se ela fosse a santa padroeira dos artistas desconhecidos, ou alguma coisa assim.

— Eu não falei nada. Suas amigas me perguntaram sobre ela. Não vim aqui para falar sobre ela ou comer bolo. Eu vim... Ah, esquece. Não tem importância.

— O que não tem importância? O que ia dizer?

— Nada. Não ia dizer nada. Estou em um dia ruim, só isso. Não esperava encontrar ninguém aqui. Pensei... que poderíamos conversar.

— Podemos. Vou me livrar delas, e conversamos o quanto você quiser. Pode ficar para jantar. Vamos cozinhar, como fazíamos antes. Ou podemos sair. Você escolhe o lugar.

Mas era tarde demais para conversar. Em algum lugar entre tirar os sapatos e se sentar para comer bolo, a necessidade de discutir seus problemas com a mãe tinha desaparecido.

— Eu estou bem agora.

— Tem alguma coisa errada. Eu sei.

— Tinha, quando cheguei aqui. Eu falei, mas tive que comer bolo com suas amigas, sorrir e conversar sobre coisas comuns, para você bancar a anfitriã.

— Não é o Matthew, é? Teve alguma notícia ruim?

Ela balançou a cabeça, cansada.

— Não. Nenhuma notícia.

— O que é, então?

— Volte para as suas visitas, mãe. Se for seu dia de sorte, elas esqueceram Soline.

— Eu não quis...

— Quis, sim. Eu vi sua cara. Odiou que o nome dela tenha sido mencionado. Não sei porquê, mas odiou. Ou ficou incomodada porque falei sobre a galeria. Você me pressionou até me obrigar a ficar. Depois, quando cometi o pecado imperdoável de sair do roteiro, ficou toda irritada. Você quer que todo mundo dance no ritmo da sua música. Inclusive eu.

— Isso não é verdade.

— É, sim. Era verdade quando eu tinha oito anos, e é verdade agora.

— Quando tinha... Aurora, do que está falando?

— Esquece. E não se preocupe, não vou mencionar seu precioso conselho para Soline. Não acredito que ela se encaixe, embora não pelos motivos que você pensa.

Camilla a encarou confusa.

— Como assim?

— Ela não vai querer fazer parte do seu séquito. — Rory fez uma pausa, depois projetou o queixo na direção da sala de jantar. — Ela não é como elas. E certamente não é como você. Ela me enxerga. Não como acha que eu deveria ser, mas eu como sou. Talvez por isso eu goste tanto dela.

E com isso ela virou e seguiu para o *hall*, tentando não pensar em uma menina de oito anos com um vestido de festa, empoleirada em uma banqueta de piano e paralisada pelo medo.



Rory

Uma hora depois, Rory estava na frente da porta da casa de Soline, segurando uma sacola de *delivery* do Gerardo's. Tinha batido quatro vezes e se preparava para bater de novo, quando alguém atendeu.

— Não quero comprar nada.

— Sou eu — Rory falou pela fresta. — Desculpe. Eu devia ter telefonado.

O cheiro de café passou pela porta quando ela terminou de abri-la.

— Rory?

Estava descalça e vestida com simplicidade: camisa branca, jeans com as bainhas dobradas. O cabelo estava preso em um coque descuidado, a pele limpa de

maquiagem. O que havia nas mulheres francesas, mesmo as de meia-idade, que pareciam estar prontas para uma sessão de fotos mesmo quando acabavam de sair da cama e vestiam a primeira coisa que encontravam no armário?

Ela estudou com atenção o rosto de Rory.

— O que aconteceu?

— Nada. Ou talvez tudo. Está com fome?

Soline olhou para a sacola e recuou um passo.

— Entra.

A cozinha ficava nos fundos, e era muito maior do que Rory imaginava, com teto alto e janelas amplas que deixavam entrar a luz do sol vespertino. Era um cômodo utilitário, com réstias de cebolas e alhos penduradas nas paredes, vinagres engarrafados enfileirados em uma prateleira sobre o fogão, tomates amadurecendo no parapeito.

— Seja o que for, o cheiro é delicioso — Soline comentou quando começaram a tirar a comida da sacola. Havia uma embalagem de massa com cogumelos, abobrinha e berinjela, outra de salada e um saco de pães de alho muito perfumados. — Onde comprou isso?

— Tem um restaurante perto do meu apartamento, o Gerardo's. Eu peço comida lá algumas vezes por semana. É tudo delicioso, e eles entregam em casa. Posso arrumar a mesa?

— O dia está lindo. Por que não comemos no pátio? Pegue os pratos e os copos no armário ao lado do fogão. Talheres na gaveta de baixo. Vou arrumar a comida em uma bandeja e saio em um minuto.

Rory encontrou tudo de que precisava e levou os utensílios para um pátio ensolarado cheio de vasos de ervas e tomateiros. Havia uma mesinha de ferro no centro, embaixo de uma pérgola enfeitada por rosas. Era um lugar adorável, fresco e sombreado, dominado

pela mistura de aromas de rosas e endro que perfumava a brisa de fim de tarde.

Soline apareceu com a bandeja quando Rory terminava de arrumar a mesa.

— Pronto. Me ajude aqui, por favor. É mais pesado do que pensei que fosse, minhas mãos estão ameaçando uma câibra.

Rory correu para pegar a bandeja.

— Desculpe. Nem pensei nisso. Devia ter trazido a comida para fora.

— Não sou inválida, *chérie*. Eu vivo bem sozinha. Na maior parte do tempo.

— Sim. Desculpe. Não quis dizer... — Rory pôs a comida na mesa e se sentou em uma das cadeiras. — Obrigada. Por me deixar invadir sua casa. Espero não ter interferido em nenhum plano para o jantar.

— Plano? — Soline deu uma gargalhada. — Não tenho planos há anos. E muito menos para jantar. — Ela estendeu as duas mãos nuas, já que não esperava companhia. — Tem a ver com as luvas, principalmente. Elas me deixam desajeitada, especialmente para comer, e me transformam em um espetáculo nos dias de hoje, uma velha excêntrica presa ao passado.

Rory a encarou em dúvida. Ninguém em sã consciência poderia confundir Soline com uma velha excêntrica. Mesmo agora, sem maquiagem e despreparada para receber alguém, ela era lindamente chique. Como as mulheres de beleza natural e espontânea na *Condé Nast Traveler*, seu rosto falava de *glamour* e aventuras exóticas, vidas vividas em lugares distantes.

— Sempre adorei luvas — Rory comentou. — Acho que eles dão um ar chique.

Soline sorriu sem se convencer e se debruçou sobre a mesa para servir água no copo de Rory.

— Você é encantadora. Agora me diga, o que veio fazer aqui, e não adianta falar que é sua vez. Está com cara de nuvem de chuva. O que aconteceu?

— Nada, na verdade. É que... — Ela balançou a cabeça, repentinamente acanhada. — Não é nada.

Soline arqueou uma sobrancelha.

— Bateu na minha porta porque não aconteceu nada? Que tipo de resposta é essa?

Rory se serviu de um pedaço de berinjela, depois a cutucou com o garfo sem muito interesse.

— Sinto muito. Não foi um bom dia, e precisava de alguém com quem conversar.

O rosto de Soline ficou mais suave.

— Então fale.

Rory encolheu os ombros.

— É sexta-feira. O dia em que telefono para ver se tem alguma novidade sobre Hux. Não tinha. Não esperava realmente que tivesse, mas...

— Mas?

— Não consigo ver como acaba, e isso me apavora. Tenho medo de que ele não volte mais, e a galeria vai ser sempre tudo que eu terei. E se...

— Se acabar como eu? — Ela sugeriu em voz baixa. — Pode dizer, não tem problema.

— Não. Não é isso. — “Não é só isso, pelo menos.” — É algo que minha mãe disse. Ela acha que estou abrindo a galeria pelos motivos errados.

— Por quê?

— Porque foi Hux quem pôs a ideia na minha cabeça. Era algo em que eu costumava pensar quando ficava cansada da escola, uma daquelas coisas do tipo “e se”. Mas Hux tornou isso possível. Ele disse que era um sonho que valia a pena tentar realizar. E eu tentei.

— E acha que por isso seus motivos são errados? Porque alguém a inspirou?

— Eu devia terminar o curso, depois fazer um estágio no Musée d’Orsay. Quando contei que ia abandonar o curso para abrir a galeria, ela disse que eu estava tentando provar alguma coisa a alguém que nem estava aqui. Porque estava com medo.

— Não está, não é?

— Não sei. Na época eu achava que não, mas agora... Estou questionando tudo. Começo a ter a sensação de que Hux nunca vai voltar para casa, e talvez eu saiba disso há algum tempo. Por que mais eu decidiria abrir uma galeria agora, a menos que uma parte de mim pense que é hora de seguir em frente?

— Sua mãe disse tudo isso?

— Não. Não com todas essas palavras, mas ela sabe como me atingir. Ela não gosta quando faço planos sozinha, e, quando faço, ela tem que os minar. Tenho vinte e três anos, será que nunca ocorreu a ela que posso saber o que eu quero?

— O que você quer?

Rory fechou os olhos, lutando contra uma opressão na garganta.

— Quero que Hux volte. Saudável e inteiro. Quero saber o que vem depois. Para mim. Para nós.

O sorriso de Soline tem uma nota de tristeza.

— É claro. Mas não pode, *chérie*. Ninguém pode. Só podemos viver a vida que temos agora, hoje.

— Esse é o problema. Não tenho uma vida. Não de verdade. E, em parte, tenho medo de estar cometendo um enorme erro. Minha mãe continua repetindo que não tenho experiência nisso e que oito em cada dez galerias não sobrevivem ao segundo ano. Se não der certo, o que vai acontecer? Se Hux... — Ela parou, engolindo em seco quando a voz falhou de repente. — Acho que não suporto perder mais nada.

Soline deixou o garfo sobre o prato e encarou Rory.

— Rory, você precisa aprender a separar Hux da galeria. No momento, está pensando neles como uma coisa só, como se um não pudesse existir sem o outro. Mas não é verdade. Eu tive que aprender isso também... depois que Anson morreu.

Rory suspirou.

— Por favor, não me fale que tenho que seguir a vida. Minha mãe diz isso, eu fico maluca.

— Tudo bem, não vou dizer, mas ela não está errada. Você era uma pessoa antes de Hux entrar na sua vida. E vai continuar sendo uma pessoa, mesmo que ele saia dela. Isso não é opcional. É como funciona. A pergunta é: que tipo de pessoa você vai ser? O que vai fazer com sua vida, seus sonhos, sua arte?

Rory olhou para ela por cima da mesa.

— Minha arte?

— Sim, bobinha. Sua arte. Você tem um dom. Acha que isso vem de graça?

— Mas eu não...

— Se está em dúvida, podemos rasgar o contrato de aluguel. Não precisa cumpri-lo.

Rory olhou para ela. Não sabia o que estava esperando, mas certamente não era uma oferta para cancelar o contrato de aluguel. Pensar nisso a deixava nervosa.

— Não. Não quero isso.

Soline sorriu.

— Eu sabia. Está questionando suas decisões, só isso. Mas, se quer tanto abrir a galeria, vai fazer isso dar certo.

— Como você fez com o salão de noivas?

— Eu não tinha nada quando cheguei aqui. Era uma estrangeira, falida e sozinha. Foi um período difícil, até mais difícil que a guerra, por conta do que eu havia perdido. Mas eu não podia simplesmente esperar a morte chegar, nem quando era isso que eu queria.

Rory viu Soline pegar um pedacinho de pão de alho e mastigar sem pressa. A perda ainda era visível nela, apesar do verniz dos anos. Ela contava sua história com liberdade, mas Rory não podia deixar de sentir que havia mais, algum sofrimento que ela guardava em segredo.

— Você me contou que se separou de Anson por causa da guerra e que soube que ele havia desaparecido. Ainda estava em Paris?

— Não. Tive que sair de lá. Não queria, mas Anson me obrigou. Ele estava trabalhando com a Resistência, ajudando pessoas a saírem de lá, pessoas procuradas pelos nazistas. Comecei a ajudar também, até que tudo se tornou... problemático.

Rory olhava para ela por cima da mesa.

— Você fez parte da Resistência?

— Naquele tempo, quem morava em Paris era colaborador ou parte da Resistência. Poucas pessoas tentaram andar entre os dois lados, mas, cedo ou tarde, todos tinham que escolher. Fazíamos o que era possível. Eu era mensageira. Mulheres conseguiam transportar mais informações. Especialmente se fossem bonitas. — Ela fez uma pausa, sorriu com amargura. — Os alemães gostavam das jovens francesas. Ficavam tão ocupados flertando que esqueciam de desconfiar de nós. Mas eles descobriram sobre mim e Anson, e me usaram contra ele.

Rory deixou o copo sobre a mesa, prendendo a respiração enquanto esperava para ouvir mais.

— Uma noite, quando voltava de uma missão, Anson teve que parar, porque a ambulância quebrou, e foi surpreendido pela Gestapo. Eles o interrogaram durante horas. Quando ele se recusou a cooperar, eles contaram que sabiam quem eu era. Disseram que, se ele não desse os nomes que eles queriam, iriam atrás de mim. Eles faziam muito isso, pegavam esposas e

namoradas e as mandavam para lugares terríveis. Campos de prisioneiros e bordéis. Anson se negou a falar. Eles o soltaram, depois de um tempo, mas ele me fez sair de Paris no dia seguinte.

— Sozinha?

Soline pegou o copo de água, mas estava vazio. Ela o encheu com mãos trêmulas e bebeu um gole.

— Ele fazia um trabalho de importância fundamental — respondeu finalmente. — O resto não teria importância, nada teria, se os homens não conseguissem sair. Ele não podia se distrair. Por isso tomou providências para me tirar de lá com um grupo. Odiei ser forçada a partir, mas entendi.

— Para onde ele a mandou?

— Para a fronteira com a Espanha, e além dela. Depois de um tempo, para a Inglaterra e para cá, para a América. Essa era a rota habitual, eu sabia o que esperar, mas não sabia quanto tempo ia demorar ou que dificuldades enfrentaria. Foi estranho estar do outro lado da operação. Até então, eu só podia imaginar o que acontecia quando os homens eram removidos. E, de repente, lá estava eu, sendo removida.

Rory conteve um tremor ao imaginar-se no lugar de Soline, deixando sua casa e o homem que amava à mercê de estranhos

— Não era perigoso viajar dessa maneira, no meio da guerra?

— Era. Mas, para muitos, ficar em Paris significava uma sentença de morte. Perdemos algumas pessoas, mas houve mais sucessos do que fracassos, e isso compensava os riscos.

— Não consigo imaginar isso. Sair de Paris e vir parar aqui em Boston. Deve ter sido como aterrissar em outro mundo.

Soline ficou quieta, com as mãos pálidas e imóveis descansando uma de cada lado do prato.

— Não vim para Boston imediatamente. Fui a Newport primeiro, para a casa do pai de Anson. Anson escreveu para avisar que eu iria.

Rory ficou surpresa com isso. Soline nunca havia mencionado a família de Anson.

— Deve ter sido um conforto estar com os familiares dele, em vez de ficar sozinha em um lugar novo.

Soline balançou a cabeça muito devagar, e seus olhos escureceram com as lembranças.

— Não. Não foi... um conforto.



Soline

Quem quer que faça mau uso da magia para fins egoístas levará infelicidade para toda a família. Tome cuidado, então, para manter sua agulha fiel e não usar seus encantamentos na busca de coisas que não são destinadas a você.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

22 de setembro de 1943 — Newport

Chego na estação em Newport em uma manhã gelada de quarta-feira, amarrotada e suja, depois de

horas dentro do trem. Estou magra como um ancinho nas roupas emprestadas, exausta após semanas de enjoos no mar e incertezas. Há dias, não consigo pensar em nada além de um banho quente e uma cama de verdade com lençóis limpos, mas, agora, enquanto estou parada aqui na plataforma lotada, procurando um rosto que seja parecido com o de Anson, meus pensamentos se voltam para outra direção.

Fiz o que pude com meu cabelo, mas não tinha grampos suficientes para arrumá-lo adequadamente. Hoje em dia é difícil encontrar grampos, mas é ainda mais difícil encontrá-los em navios, trens e comboios cheios de homens. Odeio pensar na aparência que devo ter agora. Sem chapéu, sem luvas, sem sapatos apropriados. Não é assim que uma moça quer se apresentar ao futuro sogro quando vai conhecê-lo.

A multidão na plataforma começou a diminuir. Fico na ponta dos pés, estudando os rostos que restam, mas nenhum deles parece ser o que procuro. Um rapaz com a manga alfinetada. Um velho segurando um saco de papel amarrotado. Dois agentes especiais de uniforme verde do exército, carregando um baú entre eles. Mas ninguém que pudesse ser Owen Purcell.

Sinto o estômago revirar quando penso que pode ter havido alguma falha de comunicação, uma ligação perdida ou uma carta extraviada. Então, vejo um homem caminhando pela plataforma em minha direção. Ele usa um terno preto simples e chapéu.

O homem levanta as sobrancelhas quando me olha de cima a baixo.

— Por acaso é a Srta. Roussel?

O alívio me inunda.

— *Oui*, sou eu... — Paro, lembrando que agora estou na América. — Sim, sou a Srta. Roussel.

— Meu nome é Stanton. Sou motorista do Sr. Purcell. Se me disser onde estão suas malas, eu as levo para o carro.

— Não tenho malas — respondo, segurando a caixa castigada. — Apenas isto.

Ele olha para a caixa em dúvida, mas assente.

— Muito bem, senhorita.

Mas, quando estende as mãos para ela, dou um passo para trás. A caixa contém tudo de mais importante para mim no mundo, e não a deixo longe do alcance dos meus olhos há semanas.

— Eu levo, obrigada.

— Como quiser. — Seu rosto é cuidadosamente inexpressivo, como o de *Maman* quando atendia uma cliente difícil. — Venha comigo.

Ele me leva a um carro grande, preto e brilhante, com pneus com largas laterais brancas. Ver aquilo faz minha garganta se contrair. Lembro dos carros da Gestapo, longos e sinistros, percorrendo as ruas de Paris. Olho pela janela, esperando ver pela primeira vez o pai de Anson, mas o automóvel está vazio.

Se Stanton percebe minha decepção, não demonstra ao abrir a porta de trás. Passo por ele e entro no veículo. O interior é aquecido e confortável, e, de repente, me sinto muito cansada. Deixo a cabeça cair sobre o encosto do banco de couro e fecho os olhos, tentando não pensar em por que o pai de Anson não foi me receber na estação.

★ ★ ★

Quando abro os olhos de novo, o carro está percorrendo uma longa alameda calçada com tijolos. Estou completamente despreparada para o primeiro contato com a casa onde Anson cresceu. É um imóvel

amplo, três andares de pedra bege e cinza com vidraças em forma de diamante nos andares superiores e mais ameias e chaminés do que consigo contar com o carro em movimento. Olho de relance para as janelas mais altas, cujas vidraças se transformam em espelhos à luz fria da manhã, e imagino se Owen Purcell está atrás de uma delas, assistindo à minha chegada.

Ainda estou tentando equilibrar minha caixa, quando Stanton abre a porta do automóvel. Desço, muito acanhada com minha aparência. Tudo é muito grande e imaculado. O carro, a casa, até Stanton, muito mais alto que eu, em seu uniforme preto. Ele me conduz a uma porta dupla de vidro decorada com arabescos de ferro e passa por mim muito sério.

As portas voltam ao lugar de repouso antes que eu possa tocar o sino. De repente, Owen Purcell está lá, impecável em um terno cinza-escuro com colete, quase certamente feito sob medida. Ele é alto como Anson, com ombros largos, um peito amplo e uma barriga que começa a ficar saliente. Os cabelos são abundantes, com ondas prateadas e douradas, e os olhos têm o mesmo tom azul-esverdeado dos de Anson. Não deixam de registrar nada quando me estudam, detendo-se por um breve instante nos meus sapatos pretos esfolados.

— Srta. Roussel, finalmente chegou.

Consigo oferecer um sorriso hesitante.

— Bom dia, *Monsieur* Purcell.

Os olhos tocam os meus sem sequer um esboço de sorriso.

— Ele disse que você era francesa. — E olha além de mim, para o motorista. — Stanton, por favor, traga as coisas da Srta. Roussel.

— Ela não tem nada, senhor. Só a caixa.

O Sr. Purcell olha para mim de novo, franze a testa ao examinar a caixa de vestido em minhas mãos.

— Muito bem, então. Entre.

Limpo os pés uma vez, duas, três vezes antes de passar pela soleira para um amplo *hall*. O assoalho de tacos polidos faz o espaço parecer mais um salão de baile que um *hall* de entrada. As paredes são pintadas de amarelo-claro, o teto é alto e decorado com um forro de gesso ornamentado. Um lustre com muitos pingentes de cristal salpica pequenas gotas de luz nas paredes e no chão, e minha cabeça gira quando as luzes dançam à minha volta. Por um momento, tenho receio de cair aos pés de meu futuro sogro.

— Não se sente bem?

Engulo a densa sensação na boca e tento balançar a cabeça.

— É só... Passei muito tempo viajando.

— Sim, é claro. Talvez deva descansar antes do almoço. Vou lhe mostrar seu quarto.

Não tenho tempo para protestar. Ele já está a caminho da escada, sem se incomodar com verificar se o estou seguindo. Ele manca um pouco, tem uma perna enrijecida que prejudica seu progresso, provavelmente resultado do ferimento de guerra sobre o qual Anson me falou.

No alto da escada, uma galeria larga se estende para os dois lados, enfeitada com gravuras que retratam caçadas inglesas. Quando eu hesito, ele olha para trás por um instante.

— Por aqui, por favor. A última porta à direita. — No fim do corredor, ele empurra uma porta e se afasta para o lado. — Mandei arejar o quarto e arrumar a cama. Seu banheiro fica ali, se quiser se refrescar antes do almoço.

As cortinas estão fechadas, e eu entro na penumbra do quarto. É um aposento pequeno com uma cama de casal, uma mesa de cabeceira e um abajur, uma cômoda

sem enfeites e um espelho oval e comprido. As paredes são salpicadas de rosas de maio sobre um fundo verde. A estampa é exagerada para um espaço tão pequeno, o que a torna um pouco opressora.

— Obrigada — respondo com toda a polidez possível.
— É lindo.

Ele inclina a cabeça, evidentemente a única resposta que vou receber, e me pego tentando decifrá-lo. É um homem bonito para seus cinquenta e poucos anos, com maçãs do rosto altas, testa larga e uma pequena saliência no nariz, como se tivesse sofrido uma fratura. Mas é a boca, de lábios volumosos, e mesmo assim um tanto rígida, que prende minha atenção, uma boca que não tem o hábito de sorrir.

— O almoço é servido ao meio-dia e meia. Alguém virá buscá-la.

E ele fecha a porta, me deixando sozinha. Como uma hóspede, fui conduzida ao meu quarto e deixada ali. Ponho a caixa sobre a cômoda e tiro os sapatos, deito-me inteiramente vestida e fecho os olhos. Owen Purcell não mencionou o nome do filho uma única vez.

Mal havia cochilado quando acordo sobressaltada. A porta está entreaberta, e um olho espia pela fresta. Sento-me depressa, com a cabeça ainda atordoada.

— *Vous pouvez entrer* — digo com voz rouca, e, em seguida, lembro de falar em inglês. — Pode entrar.

A porta se abre um pouco mais. Um rosto aparece, faces largas, olhos azuis-esverdeados, cabelos cor de trigo. Uma versão mais jovem de Anson... e feminina.

— Você é Thia — digo sorrindo. — Irmã de Anson. Seu irmão me contou tudo sobre você. Disse que gosta de pintar e tocar violão.

Ela se aproxima devagar, tímida, mas curiosa. Tem onze ou doze anos, mas é alta para a idade e um pouco desajeitada, com dentes da frente grandes e muitas

sardas. O suéter largo e a saia de caimento ruim a fazem parecer sem forma e sem graça, mas, por baixo das camadas deselegantes, há uma beleza esperando para desabrochar.

— Você é francesa, mesmo? — ela sussurra fascinada. — Papai disse que era. Ele chama você de costureirinha francesa do Anson. O que é uma costureira?

Registro o desdém, mas escolho ignorá-lo. Concentro minha atenção em Thia, em vez disso, na maneira como ela inclina a cabeça para me observar. Ela é muito parecida com Anson, e, de repente, quero abraçá-la.

— Costureira é uma mulher que faz vestidos — explico. — E, sim, sou de Paris.

Os cantos de sua boca se voltam para baixo.

— Lá tem a guerra.

Parece um jeito estranho de colocar a situação, embora não para uma criança, talvez. A América está mandando seus homens para a batalha, mas foram poupados dos horrores da ocupação e das bombas.

— Sim, tem — respondo.

Ela se senta ao meu lado, encaixa as mãos entre os joelhos.

— Anson está lá. Ele carrega pessoas doentes.

Sorrio, encantada com sua inocência.

— Sim, é isso mesmo. E ele é muito bom no que faz.

— Ele carregou você? Foi assim que ele conheceu você?

— Não. Nós nos conhecemos no hospital onde trabalhávamos. Eu estava doente no primeiro dia, e ele me ajudou.

Ela sorri, franze o nariz.

— Anson está sempre ajudando as pessoas. Ele é bom.

— Também acho que ele é bom.

— Por favor, não fale para o meu pai que eu estava espiando você. Ele não ia gostar. Tinha só que bater na porta e levar você para almoçar lá embaixo, mas esperava poder ser sua amiga.

Sinto meu coração derreter quando olho para ela, tímida, mas esperançosa.

— É claro que podemos ser amigas. E você pode vir me ver quando quiser. Seu quarto fica ao lado do meu?

— Não. — Ela estica um braço, apontando para o outro extremo do corredor. — Os quartos da família ficam do outro lado da galeria. O meu é o primeiro do lado direito, e o de Anson fica do outro lado do corredor. O da mamãe e do papai fica mais para a frente, perto do fim, mas agora é só do papai.

— Quem fica do lado de cá?

— Ah, ninguém. É só onde ele põe os hóspedes. Tia Diane ficou aqui quando veio para o funeral da mamãe. Ela é irmã da mamãe, mas papai diz que ela não é da nossa família, na verdade.

Balanço a cabeça, entendendo o que ela diz. Para Owen Purcell, família é sangue. Cunhadas não contam. Nem noivas francesas.

— É melhor descermos — diz Thia. — Papai não gosta quando as pessoas se atrasam.

Thia espera eu lavar o rosto e tentar dar um jeito no cabelo. Meu reflexo me assusta. Estou muito pálida, com os ossos do rosto salientes depois de semanas de refeições minguadas e pouco sono. Passo a mão pelas roupas. Saia e blusa baratas e terrivelmente amassadas depois de tanto uso, mas não tenho outras, nem dinheiro para comprar.

Saio do banheiro e encontro Thia parada diante da cômoda, passando a mão hesitante sobre a tampa de minha caixa. Por um momento, sinto uma onda de pânico, um instinto de posse.

Thia afasta a mão, mas, um instante depois, olha novamente para a cômoda. E aponta acanhada.

— O que tem ali?

Sorrio para ela e pisco com ar de cumplicidade.

— Todos os meus segredos. Vamos descer?

Lá embaixo, na sala de jantar, Owen já está sentado à mesa coberta com toalha de linho posta para três pessoas. Ele levanta a cabeça quanto Thia e eu entramos, e comprime os lábios ao olhar para mim.

— Pensei que fosse mudar de roupa — diz com tom frio. — Conseguiu descansar?

— Sim. Obrigada. Estou me sentindo muito melhor. Thia bateu na porta para me avisar que era hora de descer.

Thia sorri com gratidão quando ocupamos nossos lugares, mas o Sr. Purcell continua carrancudo.

— O nome dela é Cynthia — diz. — Como minha mãe. Preferimos não adotar diminutivos.

— Desculpe. Eu não sabia... É que Anson sempre se referiu a ela dessa maneira.

— Sim, bem, meu filho sempre a mimou. Desconfio que tenha a ver com a diferença de idade entre eles. Cynthia, seu guardanapo.

Thia controla a expressão contrariada ao colocar o guardanapo no colo. Sigo seu exemplo, pensando se a reprimenda não foi para mim, na verdade.

Segundos se passam sem nenhuma conversa. Olho para a sala de jantar, evitando o olhar de Owen. É uma bela sala, tudo branco e dourado, impecavelmente limpo, e, de repente, me sinto destoar, como uma mancha de sujeira no meio de toda aquela beleza.

Uma mulher de uniforme cinza-claro entra por uma porta de vai e vem, carregando uma tigela de sopa e uma concha de prata. Owen assente com frieza quando ela deixa a sopa no centro da mesa.

— Obrigado, Belinda — diz para dispensá-la, e levanta a tampa da sopeira. — Cynthia. Seu prato, por favor.

Thia entrega o prato fundo de maneira obediente, vendo o pai despejar nele um *bisque* vermelho e cremoso. Ela olha para a sopa e torce o nariz.

— Isso é tomate, não é?

— É — ele responde, servindo-se antes de me passar a concha. — E você vai comer. Todo mundo tem que fazer sua parte pela guerra, Cynthia, e você não é exceção. Isso significa consumir o que produzimos aqui. Ou prefere que seu irmão passe fome do outro lado do mundo?

Os olhos da menina ficam brilhantes, cobertos por um súbito véu de lágrimas, e sinto minha raiva despertar, surpresa com um pai que é capaz de ser tão insensível.

— Na verdade — retruco casualmente enquanto sirvo a sopa em meu prato —, a Cruz Vermelha envia carregamentos regulares de alimentos para o hospital onde Anson trabalha, e eles transformaram todos os canteiros de flores em hortas, para poderem plantar os próprios tomates.

Owen olha para mim com uma expressão dura.

— Meu filho contou na carta que a conheceu no hospital, mas não muito mais que isso. Era enfermeira lá?

— Não, não era enfermeira. Eu era voluntária.

— Voluntária. O que isso significa?

— Cuidávamos das necessidades dos homens.

Ele me encara com um olhar gelado por cima do prato de sopa.

— De fato.

Ignoro seu tom e a sugestão tácita de alguma impropriedade no trabalho que eu fazia. Ele foi ferido

na primeira guerra. Sabe muito bem o que fazem os voluntários.

— Alimentávamos os homens que não conseguiam se alimentar, dávamos banho, líamos para eles, escrevíamos cartas que eles queriam mandar para casa.

— Muito admirável, certamente. E que sorte para os nossos rapazes. Diga-me, como você e meu filho se tornaram... amigos?

“Amigos.”

Fico furiosa com a palavra escolhida, cuja intenção clara é diminuir meu relacionamento com Anson. Mas, antes que possa abrir a boca para responder, Thia interfere.

— Ah, eu sei! Ela ficou doente no primeiro dia no hospital, e Anson a ajudou.

Owen olha rapidamente para a filha, antes de se dirigir novamente a mim.

— No primeiro dia. Ora, ora, isso foi um trabalho rápido. E parece que você e minha filha também fizeram amizade rapidamente.

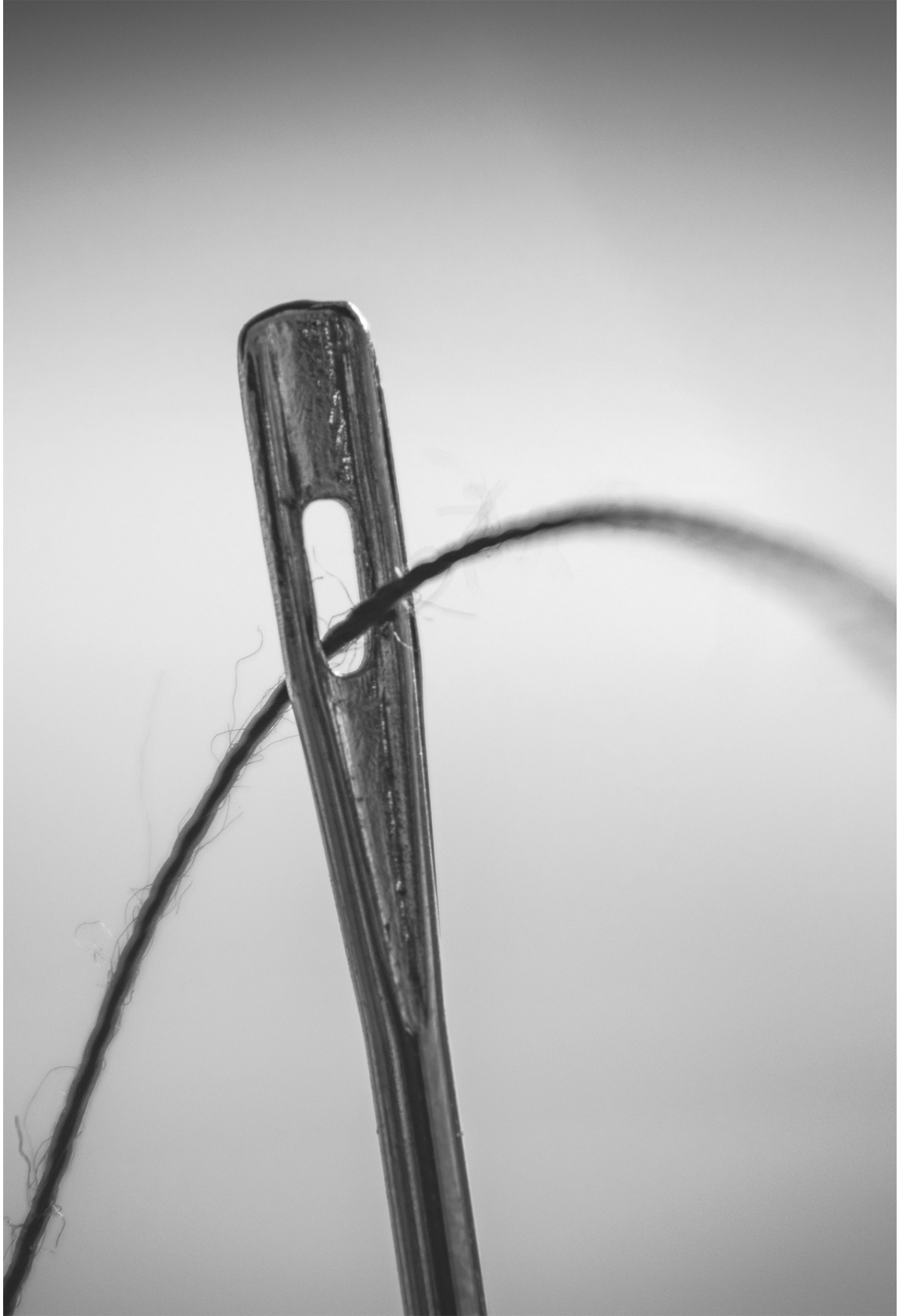
— Ela perguntou sobre Anson quando estávamos descendo — digo, me servindo de mais bisque. — Com certeza sente saudades do irmão.

Ele deixa a colher no prato e crava em mim um olhar frio.

— Nós dois sentimos falta dele, Srta. Roussel. E ficaremos felizes quando ele voltar para casa e para a família... onde é o lugar dele.

Consigo forçar um sorriso, mas não digo nada, incomodada com a forma como ele disse “voltar para casa e para a família”. Não pode estar pensando que Anson e eu ficaremos sob seu teto depois de nos casarmos. Tento imaginar a vida sob esses olhos frios, atentos, tentar constantemente conquistar sua aprovação, sem nunca conseguir. A ideia me deixa enjoada.

Belinda retorna em seu uniforme cinza-fantasma equilibrando três pratos, que serve sem dizer nada. Olho para a comida, uma salada verde e um filé de salmão coberto com um molho de endro e pepino. Depois de algumas semanas a pouco mais que pão e sopa aguada, isso é um banquete, mas olho para o meu prato e descubro que perdi o apetite.





Soline

Uma noiva precisa lembrar que, ao ser vinculada ao amante, também é vinculada à família dele, e que não damos garantias quanto ao sucesso desses relacionamentos. Esse não é nosso trabalho.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

5 de outubro de 1943 — Newport

Duas semanas depois de eu desembarcar do trem, as coisas com o pai de Anson não melhoraram. Ele é

educado quando tem que ser, mas raramente se dispõe a conversar, mesmo durante as refeições, quando me sento diretamente em frente a ele. Passa a maior parte do tempo fora, o que é uma pequena bênção, trabalhando até tarde, comparecendo a reuniões ou jantando com clientes em seu clube. E, quando está em casa, fica no escritório com a porta fechada.

Os dias se estendem vazios, sem nenhuma companhia além do rádio quando Thia está na escola. Ouço as notícias me contorcendo por dentro, me perguntando onde está Anson, rezando para ele estar seguro e vir logo para casa. Escrevi várias vezes durante a viagem e de novo quando cheguei a Newport, informando que havia chegado em segurança. Semanas mais tarde, ainda não tinha recebido nenhuma carta, e a espera me deixava inquieta.

Não saí de casa desde minha chegada, exceto para me sentar ao ar livre perto da piscina ou caminhar pela pequena faixa de praia além do portão do pátio. O ar fresco do mar é bom para as minhas dores de cabeça e me faz sentir menos claustrofóbica. Não me sinto à vontade para andar pela casa, é como se estivesse em algum lugar onde não deveria estar, como se fosse uma invasora. Mas não estou inteiramente sozinha. Tem Belinda, que cuida das refeições, e uma diarista, Clara, que vem duas vezes por semana para fazer a limpeza, mas elas me tratam como se eu fosse um móvel. Então, fico no meu quarto com o papel de parede horroroso e a atmosfera pesada.

Thia é minha única alegria. Ela é um encanto, sempre tão carente de atenção e amor. Não recebe nenhum dos dois do pai. Ele não é intencionalmente cruel; isso exigiria mais energia do que está disposto a gastar. Simplesmente não a vê, o que já é uma crueldade. Talvez por isso ela tenha feito de mim sua

amiga especial — sua “futura irmã”, como me chama. Confesso que gosto muito do título.

Ela me procura todos os dias ao chegar da escola, ansiosa por suas aulas. Thia me pediu para ensinar francês, porque quer ser fluente quando chegar a Paris e se tornar uma pintora famosa. Mas hoje ela foi ao meu quarto com um de seus cadernos de desenho. Ela pula na cama e espera eu me sentar a seu lado, então põe o caderno em meu colo.

Sinto a garganta se contrair quando vejo o rosto de Anson desenhado meio de lado, quase de perfil.

— Isso é maravilhoso — sussurro, traçando o contorno de seu rosto com o dedo.

— Sinto saudade dele.

— Eu também.

Ela levanta o rosto, tenta sorrir.

— Ele é corajoso, não é?

— *Oui, chérie*. Muito corajoso. O homem mais corajoso que conheço.

A menina pisca algumas vezes, os cílios molhados de lágrimas.

— Espero que ele venha logo para casa. Então vocês podem se casar, e eu vou morar com vocês.

Meu coração se parte quando ouço a declaração. Na idade dela, eu queria desesperadamente deixar *Maman* e ir morar com *Tante* Lilou, fugir da minha gaiola como Lilou tinha fugido e seguir meus sonhos. Mas isso é diferente, não é a inquietude de um espírito que sonha abrir as asas, mas a tristeza profunda de uma criança que sabe que não é amada.

Beijo sua testa pálida e tento mudar de assunto.

— Eu também desenhava quando tinha sua idade. Páginas e páginas de vestidos bonitos que um dia ia costurar.

Ela arregala os olhos.

— Ah, é?

— Eu seria famosa um dia. Não pelos desenhos, mas pelos vestidos que faria. Vestidos com meu nome na etiqueta.

— O que aconteceu com os desenhos?

— Tive que deixar em Paris. Não eram tão bons quanto os seus, mas não precisavam ser. Eram só ideias.

— Nunca fez os vestidos?

Sorrio melancólica.

— Fiz um. Mas aí a guerra começou, e ninguém mais comprava vestidos como o meu.

Ela suspira sonhadora.

— Queria poder ter visto o vestido. Aposto que era bonito.

Levo um dedo aos lábios, depois vou até o *closet*, pego a caixa e a levo para a cama. Os olhos de Thia ficam enormes quando levanto a tampa.

— É um vestido de conto de fadas!

— É — respondo baixinho. — É... mais ou menos. É meu vestido de final feliz.

Ela olha para mim.

— Seu o quê?

— É algo que minha mãe e eu costumávamos falar.

— Foi você mesma quem fez?

— Sim.

— Tudinho, do nada?

Sorrio ao ouvir como ela fala.

— Tudinho, do nada.

— É a coisa mais bonita que eu já vi. — Thia suspira, toca o bordado de pedras quase com carinho. — Fez o vestido para usar quando se casar com Anson?

Penso na resposta enquanto guardo o vestido na caixa. A verdade é que comecei a costurá-lo muito antes de conhecer Anson, quando tudo que me importava era

provar para *Maman* que eu era capaz. Mas, mesmo então, havia o sonho de encontrar alguém como Anson. Meu príncipe, alguém bom, corajoso e bonito. Como o britânico de Lilou.

— Sim — confirmo finalmente. — Fiz para me casar com Anson.

Ela olha para mim com os olhos brilhantes.

— Mal posso esperar para ele ver você com esse vestido. Vai ser a noiva mais linda que já existiu.

Engulo o nó que se forma em minha garganta, surpresa com o vínculo profundo que passei a ter com ela.

— E você vai ser uma linda dama de honra. De que cor quer seu vestido?

— Azul — ela responde imediatamente. — Mamãe gostava de mim de azul. Ela dizia que realçava meus olhos. Eu tive um vestido azul há alguns anos, com lindas mangas bufantes, mas não serve mais. Nenhum dos meus vestidos bons me serve mais. Mas papai diz que é errado querer roupas novas quando nossos rapazes estão sem nada. Temos que fazer nossa parte.

Evito fazer cara feia quando devolvo a caixa ao *closet*. A essa altura, ouvi o mantra de Owen o suficiente para reconhecê-lo pelo que realmente é, um jeito de manter a filha na linha. Mas uma ideia começa a se formar quando olho para o suéter sem forma e a saia apertada de Thia, um jeito de ajudá-la sem aumentar as privações dos recrutas americanos, mas não vou falar nada, não antes de conversar com o seu pai.

★ ★ ★

Owen fica surpreso e aborrecido ao me encontrar esperando quando volta para casa. Estou sentada no

sofá cor de creme, fingindo ler um livro que peguei emprestado na sua biblioteca. Sinto que não é certo estar aqui sentada, me preocupo com a impressão que posso causar, como minhas pernas estão cruzadas, o que fazer com as mãos, mas ele finge não me ver enquanto se serve de uma bebida.

Em silêncio, eu o vejo pôr dois cubos de gelo em um copo, depois despejar um pouco de um líquido cor de âmbar, e me pego pensando em como o gelo foi parar no balde. Belinda, suponho. Mas Owen não está nem um pouco curioso em relação ao gelo. Está acostumado com tudo exatamente como espera que seja. Por isso não gosta de mim, porque não sou o que ele esperava para o filho.

Finalmente ele vira, um movimento contido com a perna ruim. Fecho o livro, espero ele beber um gole do conteúdo do copo. E, por fim, ele crava em mim aquele olhar gelado.

— Por que está acordada até tão tarde, Srta. Roussel?

Duas semanas, e ele ainda se recusa a me chamar pelo primeiro nome, como se nosso relacionamento fosse temporário.

— Queria conversar com você sobre Cynthia... sobre as roupas dela.

— As roupas dela?

— Meninas são diferentes de meninos.

— Não diga.

Não há uma gota de humor no comentário, mas sigo em frente, determinada a defender meu argumento.

— A partir de uma certa idade, as meninas começam a se comparar com as amigas. Como elas são. O que vestem. Tentam se encaixar no grupo. Cynthia chegou a essa idade.

— Não tem nada de errado com as roupas de minha filha.

— Errado, não. Elas são um pouco... sem graça. E não cabem nela, não como deveriam.

— Todos nós tivemos que abrir mão de muitas coisas desde que a guerra começou. Gasolina. Óleo de cozinha. Até papel. Com os homens fora nos campos de batalha, não tem ninguém para cortar árvores. É fácil entender as coisas como certas, até que, de repente, temos que viver sem elas. É uma questão de sacrificar-se pelo país.

Olho diretamente para ele, irritada com tantas bobagens. Na minha opinião, os Purcell carecem de bem pouco em comparação às pessoas da França e da Inglaterra. Nenhuma bomba caiu sobre solo americano, nenhum negócio foi saqueado ou expropriado, não há soldados idiotas atacando as prateleiras das lojas. É verdade que seus homens estão do outro lado do mar combatendo os nazistas, e esse é um grande sacrifício, de fato, mas não é a mesma coisa.

— Conhecemos bem o sacrifício no lugar de onde venho, *Monsieur* Purcell. Aprendemos sobre ele no dia em que os alemães ocuparam Paris e penduraram suas suásticas por toda a cidade.

Ele olha para mim com frieza, mas também tem uma centelha de surpresa nesse olhar. Não está acostumado com ninguém retrucando suas afirmações, muito menos uma costureira de vinte anos sem um centavo.

— Que sorte meu filho ter ido em seu socorro.

Sorrio com doçura, fingindo não registrar a provocação.

— Eu tive sorte. Não só porque Anson e eu nos conhecemos e nos apaixonamos, mas também por sua gentileza, por ter aberto sua casa para mim. Na verdade, tenho pensado em como posso retribuir tanta bondade. E pensei que talvez possa fazer alguns vestidos novos para Cynthia. Ela é uma menina muito

bonita, e um ou dois vestidos novos significariam muito para ela.

Ele estreita os olhos, como se sentisse alguma armadilha na oferta.

— Ela pediu, não foi?

— Não. A ideia foi minha. Ela nem sabe que estou pedindo sua autorização. Queria ter certeza de sua aprovação, antes de dizer alguma coisa.

Ele bebe mais um gole da bebida, olhando para mim por cima da borda do copo.

— Os vestidos de minha filha são perfeitamente adequados aos tempos, Srta. Roussel. Roupas boas, resistentes.

“Roupas feias”, penso.

— Na verdade, a maioria dos vestidos ficou pequena para ela. Ela não disse nada porque não quer ser egoísta. Entende que há falta de tudo e que o esforço de guerra deve vir em primeiro lugar, mas tive uma ideia.

Ele balança os cubos de gelo no copo, assinalando sua impaciência.

— Teve, é?

— Quando os nazistas chegaram a Paris, invadiram nossas lojas como uma nuvem de gafanhotos, apoderando-se de comida, sapatos, livros, tudo, até as prateleiras ficarem vazias. E então o racionamento começou. Não havia roupas prontas, nem material para fazê-las. Aprendemos a dar um jeito. Quando eu saí de lá, as mulheres estavam desmontando as roupas dos maridos para fazer roupas novas para elas. Então pensei, se tiver coisas velhas por aí, algumas coisas que foram da mãe dela, talvez, posso reformá-las para Cynthia.

— Não será necessário. Minha secretária...

— Só algumas peças — insisto. — Por favor. Seria bom ela ter algumas coisas que foram da mãe, coisas para se lembrar dela.

Owen abaixa o copo. Por um momento, seu rosto parece perder um pouco da dureza.

— Ainda tem algumas coisas no quarto de vestir de Lydia. Suponho que possa pegar algumas peças. Mas só algumas. E nada muito elaborado ou adulto. Ela tem onze anos.

— Sim, é claro. — Engulo um sorriso, não quero que ele veja meu triunfo.

Ganhei esse *round*, pelo menos. Mas o que eu disse a Owen é verdade. Quero expressar minha gratidão e me fazer útil até Anson voltar. E vou fazer roupas de novo. Não serão vestidos de noiva para garantir finais felizes, mas vestidos que podem trazer um novo começo para todos nós.



Soline

Para a noviça, la magie pode ser esgotante. Deve-se estar completamente descansada antes de começar O Trabalho e lembrar de fazer intervalos frequentes para repor as energias, ou seu poder pode se esgotar e tornar-se ineficiente.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

22 de outubro de 1943 — Newport

Mais uma vez, estou costurando em segredo. Só que desta vez é para Thia, não para mim. *Ma pauvre fille.*

Como posso não me preocupar? Ela só tinha oito anos quando a mãe morreu, o pai é pouco mais que um fantasma em sua vida, e o irmão está a meio oceano de distância. Isso deixa só a mim, sua “futura irmã”, para confortá-la, e, embora tenha aprendido a adorá-la, não sou suficiente para substituir os pais.

As coisas com Owen não melhoraram. Eu tinha esperanças de que nossa conversa sobre Thia pudesse ajudar a quebrar o gelo, aproximá-lo um pouco de mim, mas parece que surtiu o efeito contrário. Ele não faz mais as refeições conosco e raramente volta para casa antes da meia-noite. Às vezes, penso se existe uma mulher em algum lugar, alguém com quem ele passe o tempo, uma amante que ajude a preencher o vazio deixado pela morte da esposa, mas é difícil imaginar alguma paixão ou ternura nesse homem.

Mas, hoje de manhã, quando estava colocando o chapéu e se preparando para sair, ele perguntou se eu havia recebido alguma carta de Anson desde que cheguei. A pergunta me pegou de surpresa. Ele nunca fala comigo sobre Anson. Quando disse que escrevi algumas vezes, mas não recebi nenhuma resposta, seu rosto ficou sombrio, e, por um momento, quase senti pena dele.

Tentei tranquilizá-lo, explicando que Anson é muito dedicado ao trabalho e que o vi passar dias sem dormir, quando havia um aumento no número de ocorrências. Terminei lembrando que o correio francês é imprestável com a correspondência para a o exterior. Ele assentiu para todos os meus comentários, mas o peso do silêncio de Anson pairava sobre nós, porque eu também tinha começado a senti-lo. Também estou preocupada com a possibilidade de haver alguma coisa errada comigo. Sinto um cansaço constante, estou sempre fraca e enjoada, com insônia, e, sem notícias de Anson, os dias se arrastam vazios e exaustivos.

Pelo menos tenho os vestidos de Thia para me ocupar. Foi estranho mexer no *closet* de Lydia Purcell, examinar seus vestidos comuns e os trajes de domingo. Eram todos feitos à mão, até os mais simples, de bom gosto e visivelmente caros. Foi entre esses que fiz minha seleção. Mas também havia trajes de noite. Cetins com tons de pedras preciosas, veludos com acabamento em strass, chiffon e renda, lamé prateado cintilante. Olhei as etiquetas: Worth, Dior, Lanvin. Eram coisas estonteantes, do tipo que eu sonhava desenhar quando era menina. Mas, em comparação às roupas comuns de Lydia, pareciam surpreendentemente exuberantes, como se pertencessem a outra mulher, e me peguei pensando quais vestidos combinavam com a verdadeira Lydia Purcell e quais tinham sido escolhidos para a mulher que Owen Purcell esperava que a esposa fosse. Decidi saber mais sobre ela quando Anson voltasse para casa. Até lá, iria me concentrar em terminar os vestidos de Thia.

Já havia feito dois e terminaria o terceiro até o fim do dia. Sorri quando peguei novamente a agulha. Thia chega da escola, e escuto os seus movimentos na cozinha, barulhos exagerados para avisar que está em casa e que ainda está zangada comigo. Não falei nada sobre os vestidos, deixei a menina pensar que estava usando o tempo de nossas aulas de francês para fazer algo para mim. Mas, hoje à noite, depois do jantar, vou mostrar os vestidos, e ela finalmente vai entender porque fiz tanto segredo.

★ ★ ★

O jantar é um prato de carne, batatas e cenouras nadando em um mar de molho gorduroso. Belinda tem se esforçado menos desde que Owen deixou de fazer as

refeições em casa. O cheiro de gordura me enjoa, mas empurro a comida no prato para fingir que estou comendo. Na minha frente, Thia cutuca uma cenoura com má vontade, escondendo o rosto atrás de uma cortina de cabelos loiros.

Deixo a guardanapo sobre a mesa e falo com ela.

— Quer ir ao meu quarto depois do jantar? Tenho uma coisa para mostrar a você.

— O quê?

Ela está tentando parecer petulante, mas sinto sua curiosidade.

— É surpresa — cochicho.

— Para mim?

Por um instante, ela parece tanto com Anson que quase fico sem ar.

— *Oui, ma fille*. Para você.

— Ah! Sim, por favor!

E, assim, do nada, somos amigas de novo.

Ela me segue escada acima e pela galeria. Eu a faço fechar os olhos antes de abrir a porta e a guio até a cama.

— *Voilà!* — anuncio com um floreio. — Pode olhar.

Ela sufoca um gritinho quando vê os vestidos em cima da cama, como se fossem de bonecas de papel em tamanho real.

— São... para mim?

— É claro que são para você, bobinha. Certamente não cabem em mim.

Ela dá um passo hesitante, olhando fascinada para os vestidos. Tem um floral rosa-claro com casaquinho e mangas bufantes, um trapézio branco de ilhós com faixa de seda amarela na cintura, e, o meu favorito, um vestido de marinheiro azul-marinho com saia pregueada e gola branca. Ela estende a mão, mas a retira no

último instante, como se ao tocá-los pudesse fazê-los desaparecer.

— Onde conseguiu todos eles?

— Eram da sua mãe — respondo com carinho. — Seu pai disse que eu podia reformar os vestidos para você. Usei um dos vestidos no seu armário para fazer os moldes, então, é possível que sejam necessários alguns ajustes aqui e ali, mas queria fazer uma surpresa.

— Por isso não tivemos aulas?

— *Oui, chérie*, foi por isso.

Antes que eu possa me preparar, ela se atira em meus braços.

— Obrigada! Obrigada! Adorei.

Sentir seus braços à minha volta dispara uma nostalgia inesperada, e, por um momento, imagino como seria ter uma filha, uma menina com os cabelos loiros e os olhos azuis-esverdeados de Anson.

— Qual vai usar primeiro?

Thia volta para perto da cama, olha para o vestido de marinheiro com interesse, mas aponta para o floral rosa.

— Esse.

— É mesmo? Tinha certeza de que escolheria o marinheiro.

— Eu queria, mas vou guardar esse para quando Anson voltar para casa. Posso?

Sorrio e engulo as lágrimas.

— Acho que seria ótimo. Vamos pendurar...

— Papai! — Thia olha para a porta. — Veja!

Owen está parado com um ombro apoiado ao batente, um copo na mão, olhando para mim com uma mistura de surpresa e contrariedade, como se tivesse esquecido que moro sob seu teto. Tento sorrir, mas sua aparição repentina me deixa nervosa.

— Eu só estava mostrando os vestidos novos para Cynthia.

— Esperava que os mostrasse para mim primeiro.

As palavras dele são ríspidas e arrastadas, os olhos demoram a piscar.

— Desculpe. Imaginei que não quisesse ser incomodado com eles. Sei o quanto é ocupado.

— Vem ver, papai! — Thia aponta empolgada. — São muito bonitos.

Owen se arrasta da porta para dentro do quarto e passa por mim, para ao lado da filha. Thia passa a mão pela saia pregueada do vestido de marinheiro, depois olha para o pai.

— Este é meu favorito. Soline disse que era da mamãe. Você se lembra dele?

Seu rosto perde o tônus, e, por um momento, penso que ele não vai responder. Finalmente, Owen assente.

— Sim, eu lembro. — Mas é o ilhós branco que captura sua atenção. Dá para ver o movimento de sua garganta quando ele passa um dedo pelo decote. O toque é tão íntimo, que quase desvio o olhar. Thia também sente a emoção e segura a mão dele.

— Sei que sente saudade dela, papai.

Owen levanta a cabeça, como se só então lembrasse que a filha estava ali. Ele puxa a mão e olha para mim.

— É o suficiente — murmura, antes de levar o copo aos lábios e esvaziá-lo de uma vez. — Obrigado, Srta. Roussel.

Thia segura sua mão novamente quando ele vira para sair.

— Papai, tem algum vestido para Soline no *closet* da mamãe? Ela não tem nada bonito, exceto o que guarda naquela caixa, e ela não pode usar aquilo até que Anson volte para casa.

Ele se livra da mão dela.

— Que caixa?

— A que ela trouxe da França. — E olha para mim com um sorriso largo. — É onde ela guarda todos os seus segredos.

Owen se vira desajeitado.

— Uma caixa de segredos?

Sorrio para Thia.

— É uma piadinha nossa. Um segredo entre nós, garotas.

— Somos futuras irmãs, papai.

Owen fica tenso.

— Já passa das oito, Cynthia. Hora de ir para a cama.

Thia desanima um pouco, mas não protesta, apenas pega os vestidos novos e sai do quarto. Owen fecha a porta. De repente, o espaço se torna claustrofóbico.

— Minha filha gosta de você.

— Ela é um amor de menina. E é muito parecida com o irmão.

— Mas ela não é o irmão.

— Não — concordo, sem saber o que esperar.

— Cynthia se apegua depressa. Infelizmente, nem sempre ela é perspicaz em suas escolhas. Nisso ela é como o irmão, precipitada, e acaba descobrindo que confiou em quem não devia. Nenhum dos dois jamais considera a possibilidade de se machucar.

Olho para ele surpresa e ferida.

— Acha que quero machucar seu filho?

— Não a conheço, Srta. Roussel. Nem imagino o que quer.

— Eu amo seu filho, Sr. Purcell. Quero ser esposa dele.

— Disso eu tenho certeza — ele responde com tom seco. — Da última parte, pelo menos. O motivo é que ainda me confunde.

Percebo que, de algum jeito, sempre soube que isso aconteceria, que um dia ele finalmente manifestaria

claramente suas suspeitas a meu respeito. Mesmo assim, as palavras me deixam gelada.

— Está me acusando?

— Não a estou acusando de nada. Só estou tentando entender. Não bastava meu filho ter decidido fugir e se juntar à Cruz Vermelha, em vez de alistar-se na Marinha dos Estados Unidos, que é o lugar dele. Ele piora a situação me mandando você, uma costureira se fazendo de ajudante de enfermeira, cujo nome jamais o ouvi mencionar e não sei nem pronunciar direito, e ainda escreve informando que vai haver um casamento. Não acha que é tudo muito apressado? Conveniente?

Sinto o sangue inundar meu rosto e meu coração acelerar.

— Acha que fugir de Paris com os nazistas me perseguindo foi conveniente? Deixar minha casa? Deixar Anson?

— Veio para os Estados Unidos, não veio?

O quarto roda e uma onda de náusea me toma de assalto. Engulo em seco, controlando a reação.

— Eu vim para cá porque esta é a casa de Anson. Porque a família dele está aqui, e quero que sejam minha família também, quando nos casarmos, você e Thia.

— E seus pais? Onde estão?

— Minha morreu no ano passado.

— E seu pai?

Toco o pingente em meu pescoço e penso em Erich Freede, especulando sobre seu destino, como *Maman*.

— Não sei — respondo em voz baixa. — Em um dos campos, talvez. Ou morto.

Ele me encara desconfiado.

— Você é judia?

Vejo que a ideia o desagrada, e descubro que isso me deixa muito contente.

— Meu pai era judeu. Mas não são só os judeus que eles mandam para os campos. Qualquer um que se oponha a eles corre o risco de ser preso.

— Nada disso me interessa no momento, Srta. Roussel.

— Sim, eu percebi. Mas são preocupações de Anson. E é por isso que ele ainda está lá... para fazer isso parar.

Ele me encara com uma mistura de desprezo e irritação.

— Dirigindo por Paris com um bordado no ombro, enquanto outros lutam de verdade?

Seu desdém me choca. Abro a boca, pronta para defender o trabalho que Anson está fazendo, mas me detenho a tempo. Em vez disso, levanto o queixo e o encaro.

— Pensa mesmo tão pouco de seu filho? Por não estar em um navio em algum lugar, correndo o risco de ser despedaçado por uma explosão? Está desapontado porque ele não vai voltar para casa com o peito cheio de medalhas ou dentro de um caixão, mas eu não estou. A guerra me ensinou que existem todos os tipos de heróis, e que quase nenhum deles jamais terá alguma coisa brilhante pendurada no peito.

Ele balança ao levantar o copo em uma saudação debochada.

— Belas palavras. Muito... apaixonadas. Mas, no fim das contas, o que importa é o que fazemos, Srta. Roussel. A marca que deixamos. E os Purcell sempre foram cuidadosos com o tipo de marca que deixam. Nosso nome é sinônimo de respeitabilidade, honra e serviço. Tenho o dever de proteger tudo isso para a próxima geração, preservar nossas tradições. Isso inclui meu filho.

— Por que nunca usa o nome dele?

— O quê?

— Quando fala sobre ele, sempre se refere ao seu filho ou ao irmão de Thia, mas nunca a ele mesmo. Nunca fala de Anson.

— Eu me refiro a ele como quiser. Ele é meu filho. E não me matei para educá-lo para ele jogar a vida fora com a primeira mulher que chamar sua atenção. Ele tem um curso para concluir, e, depois disso, tenho planos para ele.

— E esses planos não incluem uma esposa?

Ele olha para o copo, balança os cubos de gelo meio derretidos.

— Imagino que sim... em algum momento. Mas, quando chegar a hora, meu filho vai se casar com uma mulher que saiba como ajudá-lo a ser bem-sucedido.

— Como sabe que não sou capaz de ajudá-lo?

— Nosso estilo de vida é acompanhado por um conjunto de regras muito específicas, Srta. Roussel. E não há espaço para alguém que não as entende. Meu dever é mostrar isso a você.

Uma nova onda de suor frio me envolve quando entendo o significado das palavras. Ele está declarando que não pretende deixar o casamento acontecer. As rosas no papel de parede giram. Abaixo a cabeça e me apoio na cômoda. Tem lágrimas nos meus olhos, na garganta.

— Escreveu para ele, não é? Para dizer que não aprova. Por isso perguntou se recebi alguma carta. Não foi por preocupação. Foi porque esperava que ele escrevesse para mim rompendo o noivado. — Ele não diz nada, mas sei que estou certa. — Vai obrigá-lo a escolher — concluo em voz baixa. — Entre mim e você.

— Viver é fazer escolhas, Srta. Roussel. E pretendo garantir que meu filho faça escolhas sábias.

— E se ele me escolher?

Ele sorri, um sorriso fino que torna sua expressão desagradável e provoca um arrepio em mim.

— Há quanto tempo conhece meu filho? Seis meses? Sete? Eu o conheço desde sempre. Ele sempre teve um fraco pelos desfavorecidos. É como a mãe dele, nesse aspecto, sempre se envolvendo em uma ou outra causa. Mas foi criado para saber o que é esperado dele. Pode ter esquecido enquanto está na França, mas logo vai lembrar. — O sorriso desaparece quando ele deixa o copo vazio sobre a cômoda e vira para sair. — Ele não vai escolher você.

Fico ali por um momento, prendendo a respiração até que ele saia, depois corro para o banheiro e vomito o jantar.



Soline

O Trabalho é nosso legado para o mundo, os encantamentos que tecemos, os corações que vinculamos e todas as gerações que virão depois. Esses são nossos dons manifestados.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

29 de outubro de 1943 — Newport

É tarde de sexta-feira, e, quando volto da minha caminhada vespertina na praia, a casa é dominada por um silêncio sinistro. Thia voltou da escola, mas não a

vejo há dias. Belinda diz apenas que ela está indisposta e o pai não quer que ela seja incomodada. Owen também anda sumido, fica trancado no quarto ou no escritório, e eu faço minhas refeições sozinha.

Ultimamente, meu humor tem estado sombrio. Estou muito isolada aqui, arrancada do meu mundo e tratada como uma estranha no mundo de Anson. Não tenho amigos aqui, nada com que ocupar meu tempo nem meios para sobreviver sozinha. Os dias se estendem diante de mim sem horizonte e sem nenhuma notícia de Anson, nada que possa alimentar minhas esperanças. Thia é minha única alegria, e suspeito que eu seja a dela. Owen também desconfia disso, mas nos mantém afastadas para me ferir.

Quando subo a escada, me pego pensando em que tipo de mulher pode amar um homem como Owen Purcell, um homem que trata os filhos como peças de um tabuleiro de xadrez, movidas apenas quando e como convém a ele. No entanto, apesar do marido frio e ditatorial, Lydia Purcell conseguiu criar dois filhos afetuosos e maravilhosos.

Estou quase no fim da galeria, quando ouço um leve movimento e percebo que a porta do meu quarto está entreaberta. Fico mais animada ao pensar em ver Thia sentada na minha cama com um de seus cadernos de desenho. Em vez disso, encontro Owen ao lado da cama, vasculhando o conteúdo da minha caixa.

— O que está fazendo?

Ele olha para mim furioso. Não há remorso em sua expressão, só a contrariedade de ter sido interrompido. Não fez a barba, e seus olhos estão inchados e vermelhos. Ele parece ter envelhecido dez anos e ficado menor, de algum jeito, desde nossa última conversa. Então percebo o que mudou. É a primeira vez que o vejo sem estar vestido com um de seus ternos impecáveis. Em vez disso, ele está com um cardigã

cinza e uma calça tão amarrotada que talvez tenha dormido com ela. A mudança é chocante.

— O que parece que estou fazendo? Olhando sua caixa de segredos. — Sua voz é pastosa, as palavras são arrastadas. Não são nem três da tarde, e ele já passou horas bebendo.

Engulo um palavrão quando vejo meu vestido, o que pretendia usar para me casar com Anson, no chão aos pés dele, uma nuvem de pedras e seda branca envolvendo seus tornozelos. Eu me abaixo e o pego, apertando-o contra o peito como se fosse uma criança resgatada.

— Você não tem o direito de mexer nas minhas coisas.

Os olhos dele brilham com frieza.

— Está morando na minha casa, comendo minha comida, dormindo nos meus lençóis. Eu digo que isso me dá todos os direitos.

— O que esperava encontrar?

— Acha que é muito esperta, aparecendo na minha porta como uma órfã da guerra, sem dois centavos no bolso e tudo o que tem dentro de uma caixa de papelão, afirmando ter conquistado o melhor partido de Newport. Reconheço, quando está atrás de um prato de comida, você não brinca em serviço. Nem um par de sapatos decente, mas conseguiu trazer um vestido de noiva de Paris. Isso é o que eu chamo de planejar com antecedência.

— Não foi nada disso.

Ele dá um passo à frente, balançando um pouco na tentativa de parecer ameaçador.

— E como foi?

Tento pensar em alguma coisa para dizer, alguma coisa que o faça acreditar em mim. Mas não tem nada. Porque ele não quer acreditar em mim. Quando olha para mim, ele vê o que quer — uma oportunista que

usou todos os truques para induzir seu filho a fazer um pedido de casamento.

Baixo o olhar, noto o maço de cartas antes amarrado, os envelopes agora esparramados pela cama. Várias foram abertas, as folhas de papel jogadas de lado ao acaso. A imagem me causa náuseas.

— Você leu minhas cartas.

— Teria lido, mas foram escritas em francês. São de amantes, presumo. Meu filho sabia?

Não há vergonha em sua resposta, nenhum reconhecimento de que ultrapassou os limites. Só uma acusação gelada. Abaixo para pegar as cartas, uma de cada vez, odiando que ele as tenha aberto, que tenha tocado nelas.

— Elas são minhas — respondo com tom incisivo. — Não têm nada a ver com Anson.

Estendo a mão para a fita que antes amarrava os envelopes, e é então que vejo o estojo de barbear de Anson jogado entre as cartas. Owen também o vê. Eu me jogo sobre ele e o pego antes que ele consiga alcançá-lo. Não suporto a ideia das suas mãos tocando isso também.

Seus olhos brilham desfocados, a fúria embotada pela bebida.

— Onde conseguiu isso?

— Anson me deu na manhã em que saí de Paris.

Fico surpresa quando os ombros dele caem, como se todo o ar tivesse escapado de seu peito. Por um momento, ele parece à beira das lágrimas.

— Foi presente da mãe dele no Natal anterior à sua morte.

— Ele me contou.

— Dê-me o estojo.

Eu me assusto com a mudança repentina em sua voz. Olho para a mão estendida, depois dou um passo para trás.

— Não. Anson me deu. É meu.

Não antecipo a bofetada, mas o estalo em minha cabeça e a explosão de luzes brilhantes é imediata, resultado do contato da mão dele com o meu rosto. Sinto gosto de sangue quando minha cabeça é jogada para trás. Antes que consiga me recuperar, o estojo de couro é arrancado das minhas mãos.

— Nada aqui é seu — ele murmura por entre os dentes. — Nada aqui jamais será seu. Pelo menos agora eu posso garantir isso.

Um arrepio gelado percorre minhas costas. Alguma coisa em como ele pronuncia as últimas palavras, com uma satisfação fria, faz meu sangue engrossar nas veias. Vejo ele levar a mão ao bolso da calça e pegar um papel dobrado. Quando tenta me entregar, balanço a cabeça, me recuso a pegá-lo. Ele empurra o papel em minha direção. Desta vez o pego, mas fecho os olhos, incapaz de ler as palavras que já sei que estão ali, evitando torná-las reais.

Toda mãe, irmã, esposa e amante imaginou como poderia ser esse momento, encenando-o em sua cabeça enquanto reza para tentar evitá-lo. E agora ele chegou para mim. Abro os olhos com esforço e sinto a garganta contraída quando leio as palavras no alto da página:

Western Union.

25 de outubro de 1943

Sr. O. Purcell:

É com profundo pesar que cumpro o dever de transmitir a notícia de que seu filho, Anson William Purcell, foi dado como desaparecido em 19 de outubro, quando não retornou de uma missão de

transporte. Se tivermos mais detalhes, o senhor será prontamente notificado.

Charles M. Petrie
C.O. American Field Services.

De repente, meus pulmões param de funcionar. Como se eu tivesse levado um soco que não havia antecipado. Não estava morto... “desaparecido”. Olho para a palavra. Ela deveria me confortar, representar um frágil fio de esperança, mas ouvi as histórias. Sei como é raro um homem desaparecido aparecer vivo. De repente, algo que Anson disse na noite anterior à minha partida retorna... “Se você estiver segura, não importa o que vão fazer comigo.”

Digo a mim mesma que saberia se ele estivesse morto, que teria sentido a perda instantaneamente, como se uma parte de mim fosse arrancada. Não senti. Mas, quando lembro as palavras que *Maman* me falou na noite em que morreu, entendo que era para isso que ela estava tentando me preparar. Este dia. Este momento.

“Enquanto mantiver o rosto dele em seu coração, ele nunca estará realmente perdido.”

Mas ele está perdido. Estou segurando um papel que diz isso.

Eu me obrigo a olhar novamente para o telegrama, como se as palavras pudessem ter mudado de alguma forma. Não mudaram. A última linha fica turva na página quando a leio. “Se tivermos mais detalhes...”

Detalhes.

Tento não pensar nele caído em algum lugar, machucado, sangrando. Ou pior. Mas é só nisso que consigo pensar. Quantas mulheres leram essas mesmas palavras? E quantas tiveram seus soldados de volta... ou

ao menos souberam qual foi seu verdadeiro destino? Como membro do American Field Service, Anson não é um soldado, na verdade. Suas missões na Resistência não acontecem em coordenação com o Exército. São secretas e, muitas vezes, abruptas, o que significa que só um punhado de pessoas saberia onde o procurar. Revelar essas informações poderia expor toda a célula, e a primeira regra da Resistência é que a segurança de uma pessoa nunca deve prejudicar a célula.

Ninguém vai falar.

Deixo o telegrama cair sobre a cama, e só então presto atenção à data: 25 de outubro. Pego novamente a mensagem para ter certeza, depois olho para o pai de Anson em meio à cortina de lágrimas.

— Faz quatro dias.

Ele me encara em silêncio.

— Sabe disso há dias e não me falou nada?

— Foi mandado para mim.

A resposta me deixa perplexa.

— Quando ia me mostrar?

— Estou mostrando agora.

Mais uma vez, nenhum remorso no tom de voz, nada que sugira pesar ou empatia. Só uma frieza que não consigo compreender.

Thia.

Meu peito fica apertado quando o nome dela surge em minha cabeça. Anson é seu herói, o único ponto de luz nesta casa fria e insensível. Ela vai precisar de conforto, e não consigo imaginar que o receba do pai. Preciso ir falar com ela, ajudá-la a ser forte.

— Cynthia já sabe?

Os olhos dele endurecem, são como um aviso para mim.

— Não, ela não sabe. E não vai saber enquanto eu não decidir que tem que saber. Está claro?

Assinto, porque não posso opinar sobre o assunto, apesar de não achar certo esconder a verdade dela e de achar que, quando descobrir tudo, ela não vai agradecer ao pai por seu silêncio. Mas talvez ela nunca descubra. Ainda existe uma chance de Anson ser encontrado bem e em segurança, e ela jamais vai precisar saber sobre o telegrama. Agarro-me a esse pensamento como a uma tábua de salvação.

— Deve haver alguém para quem possamos telefonar, alguém na Cruz Vermelha que pode saber de alguma coisa.

Owen olha para mim sem emoção, mas todos os músculos de seu corpo parecem tensos, como se ele se obrigasse a não desmoronar.

— Sou um homem bem-relacionado, Srta. Roussel. Tenho uma ampla rede de contatos bem-posicionados em várias áreas do governo, e posso garantir que já dei todos os telefonemas possíveis.

— Ligou para o hospital em Paris e falou com o Dr. Jack? Ele é o cirurgião-chefe.

— Um cirurgião? — Ele parece perplexo com a pergunta. — Mocinha, minhas relações chegam à Casa Branca. Não que tenham me servido de alguma coisa. Ninguém soube me dizer nada, exceto que meu filho não retornou ao hospital na hora acertada e que sua ambulância foi encontrada abandonada em uma estrada na qual não tinha motivo nenhum para estar. Ninguém sabe o porquê. Ele não está na lista de capturados ou mortos, o que já é alguma coisa, suponho, embora tenha sido alertado para não me apegar muito a isso. Havia muito sangue dentro do veículo e em volta dele, e duas testemunhas afirmam ter visto dois soldados alemães levando para o bosque um homem cuja descrição corresponde à do meu filho. Elas relataram ter ouvido disparos minutos depois. Desde então, não houve mais nenhum sinal dele.

Sua voz se torna mais grossa, a dor finalmente aparece quando ele pega o telegrama e começa a dobrá-lo.

— A declaração oficial é “supostamente capturado ou morto”, mas eles acreditam que ele foi morto e enterrado rapidamente. Parece que até Hitler sabe que não é favorável assassinar alguém da Cruz Vermelha. De qualquer maneira, tudo indica que meu filho está morto.

Minha cabeça roda quando tento segurar a mão dele.

— Sinto muito.

É tudo que consigo pensar em dizer. Sei que não é suficiente, que palavras jamais serão suficientes, mas descubro que estou estranhamente entorpecida, como se, de alguma forma, tivesse saído do meu corpo e assistisse a tudo de longe. Tenho consciência desse outro eu — o que ainda segura o vestido de noiva que nunca vai usar, o eu que tem o coração rasgado, sangrando, partido. Só não consigo sentir nada disso.

Ele puxa a mão como se a minha o queimasse.

— Saia de perto de mim.

Afundo na cama sem forças, de repente esse ódio é mais do que posso suportar. Esperava que, neste momento de dor, pudéssemos encontrar conforto um no outro, mas me enganei. Meu conforto não é desejado. Nem receberei nenhum. Nisso também estou sozinha.

A náusea chega sem aviso, acompanhada por um suor frio que me faz temer perder a consciência. Quase não tenho tempo de passar por Owen e correr para o banheiro antes de vomitar. Dessa vez os espasmos são mais violentos, ameaçam me virar do avesso. Caio de joelhos no chão frio de azulejos, dominada por espasmos tão violentos que a visão escurece, depois fico ali encolhida, dominada pela ânsia, até que, finalmente, não resta mais nada a expelir.

Minhas pernas tremem quando fico em pé e lavo a boca na pia. No espelho, o rosto que vejo é pálido como giz e molhado de suor, e, de repente, eu me lembro do dia em que conheci Anson no hospital. Como ele me levou ao lavatório e ficou comigo enquanto eu me limpava com seu lenço. Por causa de uma pequena mancha de sangue. Mas hoje não havia sangue. Fazia tempo que não havia sangue nenhum. Nem neste mês, nem no anterior. De repente, percebo o que estou ignorando há semanas.

Vou ter um bebê.





Soline

A Leitura é a base para O Trabalho e deve ser sempre a primeira missão da Tecedora de Encantamentos. Algum objeto pessoal precisa ser fornecido com a compreensão de que nada do que for visto será usado para fins de manipulação ou danos.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

Não sei quando Owen saiu. Só sei que ele não está mais lá quando saio do banheiro, o que me deixa

sozinha com minha dor e essa terrível descoberta. Não vai haver casamento, mas vai haver um bebê.

Enceinte. Grávida.

A palavra forma um nó em minha garganta, como uma pedra entalada no meio do caminho, que tentei e não consigo engolir. Bebês devem trazer alegria, mas não estou alegre. Na verdade, não sinto nada. Vomitei até ficar vazia e chorei até ficar seca. Estou oca, em carne viva. E estranhamente desconectada. Talvez haja um limite para quanta dor o coração pode aguentar.

O quarto está escuro, e não tenho noção do tempo. Dormi um pouco, de alguma forma. Mas agora estou acordada no silêncio da madrugada, com o gosto de bile ainda forte na boca. Nunca me ocorreu que nossa única noite juntos pudesse resultar em um filho. *Maman* nunca falava sobre essas coisas, mas sempre presumi que seria muito mais difícil que isso. Agora vejo que fui ingênua. As dores de cabeça e os enjoos, a fadiga interminável. Começaram no navio, quase um mês depois da minha partida de Paris. Pensei que fosse *mal de mer* — enjoo do mar. E, mais tarde, achei que fosse só o esforço da jornada refletido em meu corpo: dias com pouca ou nenhuma comida, sempre em movimento, o medo constante de ser capturada e presa. Fui uma *imbécile*.

Protejo os olhos quando acendo o abajur e olho em volta, para as cartas espalhadas, a caixa do vestido vazia ao pé da cama, o vestido de noiva estendido ao meu lado, um fantasma da noiva que um dia sonhei que seria. O estojo de barbear de Anson, única coisa que tinha dele e que prometi guardar, desapareceu.

Penso por um instante no rosário de *Maman*, meu presente de despedida para ele, e imagino onde está agora. Nas mãos de algum oficial da SS que saqueou

seus bolsos, depois de atirar nele? Em um canto qualquer em um dos campos?

“Supostamente capturado ou morto.”

Fecho os olhos, mas as imagens ainda estão lá, gravadas nas pálpebras. O rosto de Anson, seu rosto doce, bonito, ensanguentado e imóvel. Olhos abertos, da cor de um mar calmo de verão, olhos que não enxergam mais.

Ele não pode ter partido. Não pode ser.

Se ao menos eu pudesse ver seu rosto de novo, como era na última vez que o vi, seria capaz de me apegar a ele como *Maman* se apegou ao meu pai — no coração. Minha mão toca o pingente, pequeno e morno na depressão em minha garganta. Se ao menos eu tivesse uma fotografia dele. Poderia levá-lo comigo para sempre e um dia mostrá-lo ao nosso filho.

Antes de poder me conter, saio do quarto para o corredor. A casa está imóvel, o silêncio é tão completo quanto a escuridão. Prendo a respiração enquanto ando pelo corredor, meus pés descalços tocando o carpete. Nunca estive deste lado da galeria, o lado da família, mas sei que o quarto de Thia é a primeira porta à direita, e o de Anson fica na frente do dela.

Paro diante da porta do quarto de Thia, ouço. Tudo quieto. E, nesse momento, pelo menos, estou contente por ela não saber sobre o telegrama, quando o sol nascer e ela abrir os olhos, não vai saber o que eu sei — que seu amado irmão não voltará mais para casa.

Viro de frente para a porta do quarto de Anson, ouvindo as batidas do meu coração e tentando não pensar em Owen aparecendo no corredor, me encontrando do lado de fora do quarto do filho. Então lembro que o pior já aconteceu. Se Anson realmente se foi, nada do que ele disser ou fizer vai poder me ferir.

A maçaneta de vidro é fria quando a toco. Olho uma vez para o fim do corredor. Nenhuma luz, nenhum som. Solto o ar devagar e entro. O cheiro dele me cerca de repente, cítrico, limpo e másculo, e, por um momento, sua presença é tão palpável que sinto que posso estender a mão e tocá-lo no escuro.

Espero a dor ceder, mantenho as costas contra a porta. O luar entra pelas cortinas finas atrás da cama, inundando o quarto com sombras frias, angulosas. Não há cortinas blecaute, provavelmente porque o quarto não é usado desde que Anson partiu para Paris, muito antes de os americanos terem entrado na guerra.

Vou até a janela e abaixo a persiana, depois acendo a pequena luminária sobre a mesa de cabeceira. É um quarto simples, não muito maior que o meu, decorado em tons de cobre e areia. Uma cama de casal coberta com uma colcha de brocado cinza-claro, um gaveteiro robusto e uma escrivaninha com cadeira em um canto. Combina com ele. Simples e arrumado, sem exageros.

Eu me sinto uma ladra andando na ponta dos pés pelo quarto, abrindo gavetas e olhando dentro do *closet*, descascando as camadas da vida que Anson viveu antes de nos conhecermos. Estar aqui, tocar as coisas que ele usava todos os dias é a pior tortura possível, mas não consigo me conter. Tenho fome dele, estou desesperada para me conectar com as lembranças, já que elas são tudo o que tenho dele agora.

Passo à escrivaninha. A superfície está limpa, exceto por uma luminária e um mata-borrão velho. Passo a mão pelo encosto da cadeira, imaginando-o nela, estudando ou escrevendo cartas, depois abro a gaveta central. Uma fotografia emoldurada olha para mim, o vidro rachado no meio. Anson e Thia vestidos com suéteres brancos, posando com a mãe na frente de um

grande veleiro. Os três estão contra o sol, com os olhos meio fechados, sorrindo para a câmera. Thia não tem um dente da frente.

Meu coração rasga quando tento calcular a idade de Anson. Quinze, talvez dezesseis anos. Ele é magro, quase desengonçado, mas já é mais alto que a mãe. Uma lágrima desce por meu rosto. Eu a pego com o dorso da mão antes que caia. Isso não é exatamente o que eu esperava encontrar — uma foto tirada há anos —, mas é mais do que tenho dele agora. Eu poderia cortá-la para encaixar em um pingente. Mas, quando olho para os três rostos sorridentes, não suporto a ideia de cortar Anson de uma fotografia com a mãe e a irmã.

Abro a gaveta um pouco mais, me preparando para guardar o porta-retrato, e noto um livro empurrado para o fundo. Eu o puxo para a frente e o tiro da gaveta. A capa é de tecido azul e grosso, decorada com um brasão dourado. As letras no dorso anunciam: “História da turma de 1941, Universidade Yale”.

Levo o livro para a cama e o abro em meu colo. Viro as páginas devagar, no início, olhando rostos e mais rostos desconhecidos, até todos começarem a ficar parecidos. E, de repente, ele está lá, olhando para mim da página branca e pesada. Anson William Purcell. Segundo ano.

Quase sorrio ao traçar a imagem com um dedo. Ele está tão bonito vestido com terno e gravata, com as ondas loiras e rebeldes cuidadosamente domadas para a ocasião. A suavidade juvenil da foto anterior não existe mais, foi substituída por um ar atrevido, quase teimoso, de propósito, uma determinação de construir seu caminho no mundo, ser dono de si mesmo.

Uma onda de fúria me invade, um soluço brota de um poço que eu pensava ter esvaziado. Por promessas que nunca serão cumpridas e pelo bem que nunca será feito. Por uma criança que nunca conhecerá o pai.

Meus olhos já estão doendo de tanto chorar. Eu os fecho e me deito sobre a colcha, segurando o álbum contra o peito. De repente, estou muito cansada. O bebê, penso atordoada. O bebê me deixa cansada. O bebê de Anson.

Acordo assustada, com uma luz forte atravessando minhas pálpebras de repente. Percebo que alguma coisa cai no chão quando me sento na cama e que não estou no meu quarto. Meus olhos não têm o foco adequado, mas o contorno de Owen ao pé da cama é inconfundível.

— Que diabo está fazendo aqui? — ele rosna.

Pisco algumas vezes, tento pensar em uma resposta. Ele acendeu a luz do teto, e a claridade fere meus olhos.

— Desculpe. — Minha voz está rouca de chorar, minhas palavras são só um sussurro. — Só queria ver o quarto dele, estar perto das coisas dele.

Ele se aproxima da escrivaninha, cuja gaveta deixei aberta, pega o porta-retrato quebrado e o estuda. Fez a barba depois da última vez que o vi, mas ainda usa o mesmo cardigã amarrotado do dia anterior, com as mangas arregaçadas até o cotovelo. Fico em pé a tempo de vê-lo abaixar e recolher o álbum de Anson do chão. A mão paira sobre a capa por um momento, como se pudesse abri-la. Em vez disso, ele vira de frente para mim, seu rosto tão perto do meu que posso sentir o cheiro azedo do tônico capilar e das roupas sujas.

— Você não tem o direito de tocar nas coisas do meu filho. Nem de dormir na cama dele. Não tem o direito de estar aqui. Esta não é sua casa.

Dou um passo para trás. Sua fúria é aterrorizante, e o hálito tem cheiro de bebida.

— Estava procurando uma foto de Anson, e encontrei o álbum na gaveta. Eu me sentei na cama para olhar as fotos e devo ter adormecido.

Ele me olha desconfiado, como se tivesse acabado de pensar em alguma coisa,

— Para que quer uma foto do meu filho?

— Queria ver o rosto dele — explico com tom suplicante. — E ter alguma lembrança. O estojo de barbear era tudo que eu tinha, mas você o pegou. Então pensei...

— Saia deste quarto — ele explode, apontando para a porta. — Ou eu mesmo a arrasto para fora daqui.

Meus olhos ficam turvos, mas me recuso a deixar as lágrimas caírem.

— Vou ter um bebê — anuncio em voz baixa. — Um filho de Anson.

Ele olha para minha barriga, depois novamente para o meu rosto, e agora sua expressão é de acusação.

— Eu devia ter esperado por isso. Agora que sabe que não vai ter casamento nenhum, decidiu usar a carta que guardava na manga. Meu filho sabia?

Balanço a cabeça.

— Só percebi ontem, depois que me mostrou o telegrama.

— Momento conveniente, devo dizer.

Sua frieza me choca.

— Seu filho não vai voltar para casa, e estou esperando um filho dele. E é isso o que tem a me dizer?

Ele empina o nariz.

— Não questiono o fato de estar esperando um filho. Só uma tola mentiria sobre isso, sabendo que será exposta pelo tempo, e, embora pense que você é muitas coisas, tola não é uma delas. Mas não há como saber ao certo quem é o pai. — Ele faz uma pausa, olha para mim. — Talvez nem você mesma saiba.

As palavras ferem de um jeito que nunca pensei ser possível.

— Não acredita nisso. Não pode acreditar.

— Não posso? — Seu sorriso é desagradável. — Há nomes para mulheres como você. Especialistas em atrair nossos meninos para o casamento. E quase funcionou. Você conseguiu atravessar o oceano e se instalar em minha casa. Conseguiu conquistar até minha filha. Mas não contava com o telegrama, não é?

— Isso não é verdade! Nada disso é verdade!

— Poupe-me do seu ultraje. Não vai ajudá-la em nada. — Ele se aproxima da escrivaninha, olha mais uma vez para a foto antes de guardar o porta-retrato quebrado na gaveta. Quando olha para mim de novo, seu rosto é inexpressivo e duro. — Achou que era muito esperta quando apareceu na minha porta com sua caixa cheia de roupas. Presumiu que eu olharia para o outro lado, enquanto você entrava na igreja com meu filho. Mas isso jamais aconteceria. Agora acha que sua barriga a salvará, que um bebê lhe dá algum tipo de direito em relação aos Purcell. Mas calculou mal, *mademoiselle*. Seu filho nunca será um Purcell, em nome ou qualquer outro aspecto. Não tem lugar para nenhum de vocês dois aqui.

Olho para ele e começo a entender a realidade de minha situação. Sou uma inconveniência, um erro a ser corrigido. E, quanto antes, melhor.

— É mesmo tão duro, tão cheio de ódio que vai conseguir viver depois de virar as costas para um neto? Thia conseguiria viver com isso?

Ele fica tenso, cerra os punhos.

— Minha filha não vai ouvir uma palavra sobre você e sua barriga. Ou sobre o irmão dela. Fui claro? Já tomei providências para mandá-la para um colégio em Connecticut. Ela parte depois de amanhã. E, até lá, você vai ficar longe dela. Quando ela voltar, você terá ido embora.

A ideia me enche de horror. Não conheço ninguém aqui, não tenho dinheiro, nem trabalho. Mas minha principal preocupação é com a pobre Thia.

— Posso ao menos me despedir?

— Não pode. Não vou permitir que a manipule ainda mais.

Não tenho nada a dizer depois disso. Ele está decidido. Sobre mim, sobre tudo isso.

— O que eu faço agora?

— Providências serão tomadas. Controle de danos. Suponho que não tenha nenhum dinheiro?

— Não muito, e nenhum dinheiro americano.

— Conheço um homem em Providence, um médico que trabalha com mulheres como você.

— Mulheres como eu — repito. — O que isso significa?

— Significa mulheres solteiras, grávidas, sem família ou meios de sustento. Vou telefonar para ele hoje e começar a arranjar tudo.

Sinto que empalideço. Em Paris, havia mulheres especializadas nessas coisas, em remédios e... procedimentos. *Avorteuses*. Cruzo as mãos sobre o ventre movida por um instinto de proteção.

— Arranjar... o quê?

— Um lugar para onde você pode ir. Uma família adequada para ficar com o bebê. Ajuda para você recomeçar a vida quando tudo isso terminar. De que achou que eu estava falando?

Balanço a cabeça, incapaz de pronunciar a palavra em voz alta.

Owen baixa o olhar, visivelmente incomodado.

— Não sou um bárbaro, apesar do que pode pensar. Mas não vou permitir que sua condição se torne conhecida e crie um escândalo para mim e minha filha. Ninguém sabe sobre sua “conexão” com meu filho, e

pretendo manter as coisas desse jeito. E, se for esperta, como acho que é, você também vai manter as coisas assim. Se isso fosse um filme, eu assinaria um cheque ou abriria um pequeno negócio para você, e tudo estaria encerrado. Mas não estamos em um filme. No mundo real, esse tipo de auxílio pode ser interpretado como um reconhecimento, não como o que realmente é, um simples ato de bondade cristã.

— Essa é sua bondade? Insistir em me tratar como uma vigarista quando eu não pedi nada?

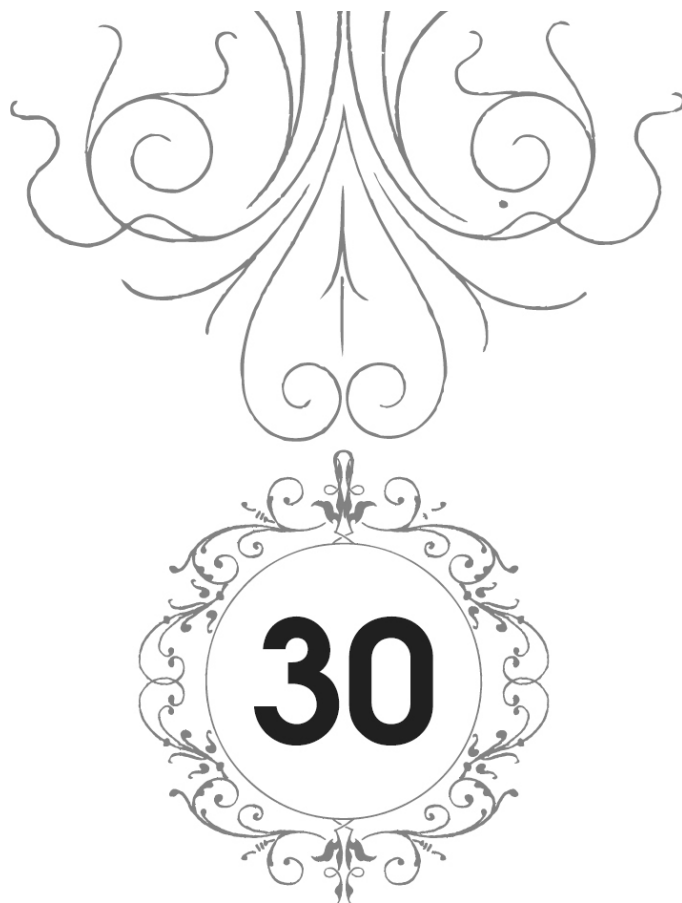
Ele se dirige à porta como se eu não tivesse falado.

— Esta conversa acabou. Só me resta dizer que, se decidir criar problemas, se tentar entrar em contato comigo ou com minha filha, ou mencionar o nome de meu filho para qualquer pessoa, não vou parar até acabar com você. Em outras palavras, Srta. Roussel, posso ajudar ou fazer você sofrer. A escolha é sua.

Fico ali com esse ultimato, estudando o homem que pensei que um dia seria meu sogro. Como ele é frio enquanto traça os planos para se livrar de mim, tão duro e firme como um homem de negócios. Um negócio a ser agenciado. Uma sujeira para limpar. Anson um dia disse que ele era “formidável”, e estava certo. O pai dele pensou em tudo.

Mas Owen também está certo. Não tenho muitas opções. Nenhuma, na verdade. Vou precisar de um lugar para morar, um lugar limpo e seguro, até encontrar trabalho e reconstruir a vida do meu jeito. Vou aceitar o que ele oferece, porque não tenho escolha. Mas meu bebê não vai precisar de uma família. Eu serei a família dele.





Rory

12 de julho de 1985 — Boston

Soline estava sentada e de olhos baixos, claramente abalada com a história que contou durante uma hora. Rory a estudava, tentando imaginar como devia ter sido. Uma fuga terrível. Um telegrama devastador. Um bebê que ela não planejou. E um monstro que a pôs na rua para viver sozinha. Como Soline sobreviveu?

Como ela mesma teria sobrevivido em circunstâncias semelhantes?

A pergunta a fez sentir levemente envergonhada. Às vezes esquecia como sua vida era confortável. Nasceu

com um fundo de previdência e um nome que abria todas as portas e nunca enfrentou nada que se aproximasse de uma dificuldade. Na verdade, antes do desaparecimento de Hux, seu maior desafio era o relacionamento espinhoso com a mãe.

— Você me deixa constrangida — ela disse em voz baixa. — A maioria das pessoas teria desistido, depois das coisas que enfrentou, mas você continuou lutando. E eu aqui, batendo na sua porta com uma sacola de comida para viagem, choramingando por que as coisas são difíceis. Por que não posso ser forte como você?

Soline fechou os olhos e suspirou.

— Ser forte por muito tempo torna a pessoa frágil, *chérie*. E coisas frágeis quebram com facilidade. — Ela desviou o olhar, enxugou os olhos, depois forçou um sorriso. — Pronto, viu? Nem tão forte assim. Talvez ainda haja esperança para mim.

— Lamento ter feito você lembrar tudo isso. Está bem agora?

Soline assentiu, mas seu sorriso desapareceu quando ela ficou em pé.

— Estou bem. Só com calor. Por que não entramos? Vou lavar os pratos, e, depois, comemos a sobremesa. Vou mostrar a você como fazer café de verdade, com uma prensa. Garanto que nunca mais vai querer saber da sua máquina de pingos.

Rory lavou a louça, enquanto Soline fazia um tutorial sobre as virtudes da prensa francesa, declarando que ela era a única ferramenta civilizada para fazer café. Soline encheu duas xícaras e arranjou *madeleines* em um prato, que carregou em uma bandeja para a sala de estar.

Elas se sentaram em extremos opostos do sofá com as xícaras. Era uma sala grande, mas confortável, mobiliada com itens escolhidos para agradar, em vez de

impressionar. Bom gosto extremo, mas sem todo o exagero da casa perfeitamente coordenada de Camilla. E ela também estava certa sobre o café. Na verdade, tudo ali parecia certo.

Rory pegou uma *madeleine*, mordeu um pedaço enquanto, pensativa, via Soline beber seu café. Não conseguia explicar a conexão entre elas. Só sabia que era real, que o destino de alguma forma julgou apropriado entrelaçar suas histórias. Mas por quê?

— Você nunca pensa em por que nos tornamos amigas? — Rory perguntou. — Como eu achei a casa geminada, depois a caixa. Senti que foi meio... — Uma pausa, enquanto procurava a palavra certa. — Inevitável, talvez. Acredita nesse tipo de coisa? Que certas coisas têm que acontecer?

Soline ficou em silêncio por um momento, como se pesasse a resposta cuidadosamente.

— Uma vez, talvez — disse finalmente. — Acreditei que Anson e eu tínhamos que nos casar, que ele voltaria para casa com o rosário de minha mãe e eu devolveria seu estojo de barbear, e viveríamos felizes para sempre.

Rory assentiu triste, depois enrugou a testa ao lembrar uma coisa que Soline disse mais cedo.

— Espera. Você contou que o pai de Anson pegou o estojo de barbear. E eu lembro que o vi na caixa.

Soline encolheu os ombros.

— Ele devolveu. Não sei o que o fez tomar essa decisão, nem quando ele fez isso. Saí da casa dele em uma semana. O motorista me levou à estação de trem, e uma mulher chamada Dorothy Sheridan me encontrou em Providence.

— Quem era Dorothy Sheridan?

— Ela administrava a Sociedade de Auxílio à Família, um jeito bonito de se referir a um lar para mães solteiras. Havia mais oito lá. Algumas eram pouco mais

que meninas, outras diziam ser viúvas da guerra, mas todas nós tínhamos uma coisa em comum — estávamos sem marido e sem um lugar para onde ir. Chorei durante todo o primeiro dia. Não conseguia acreditar que Owen podia me odiar tanto. Mas, quando abri minha caixa, o estojo de barbear de Anson estava lá, no fundo. É difícil imaginar que ele sentiu remorso, mas talvez tenha feito isso por Anson. Certamente não foi por mim.

— Pelo menos se despediu de Thia?

Soline balançou a cabeça.

— Ele a mandou para o colégio no dia seguinte.

Rory ficou quieta por um tempo, tentando imaginar o horror disso tudo. Grávida e de luto, e sozinha.

— Você deve ser a mulher mais corajosa que conheço. Passar por tudo isso e continuar vivendo.

Soline olhou para as mãos, alternando entre abri-las e fechá-las, coisa que sempre fazia quando parecia se perder em pensamentos.

— Segui em frente porque não tinha alternativa.

— Sim, mas abrir mão de um bebê...

— Eu não abri mão — Soline revelou, desviando o olhar. — Ela morreu.

Rory ficou imóvel, absorvendo as palavras como um soco no estômago.

— Sinto muito. Só imaginei... O que aconteceu?

— Um dia, saí da cama de manhã e senti um jorro de água. Eu sabia o que havia acontecido, mas era cedo demais. Disse que tinham que interromper aquilo, que ela só deveria chegar um mês mais tarde, mas eles disseram que ela estava nascendo e que eu precisava rezar. Levaram-me a uma salinha sem janelas, com uma cama estreita com tiras de couro. Também havia um bercinho, uma cama de hospital para bebês. Depois me deram alguma coisa, uma agulha no braço e uma

máscara no rosto. Não lembro de muita coisa depois disso.

Rory arregalou os olhos.

— Anestesiaram você para ter o bebê?

— Naquele tempo era assim. Sono crepuscular, eles chamavam. Para não haver memórias. Quando acordei, me senti como se tivesse sido espancada. Havia hematomas nos meus tornozelos e nos pulsos deixados pelas tiras. Mas eu não me importei. Implorei para vê-la, amamentá-la, mas disseram que ainda era muito cedo. Ela não era forte o suficiente para mamar. Devo ter dormido. Estava muito cansada. Quando acordei, o berçinho havia desaparecido, e comecei a chorar. Alguém apareceu, uma das matronas, mas ela não olhava nos meus olhos. Eu soube, então, o que tinha acontecido, mas ouvi-la dizer com todas as letras quase me quebrou ao meio. “Pequena demais para sobreviver. Os pulmões não se desenvolveram. Foi morar com os anjos.”

Rory fechou os olhos, incapaz de pensar em palavras adequadas de conforto. A linguagem para esse tipo de aflição simplesmente não existe.

— Sinto muito — repetiu sem forças.

— Eu sabia que seria uma menina. Já tinha um nome para ela, Assia. Significa “a que traz conforto”. — Ela parou, esforçou-se para engolir. — Eu a ouvi chorar — sussurrou. — Quando ela nasceu, eu a ouvi. Às vezes queria não ter ouvido. Se ela fosse natimorta, se tivesse deixado meu corpo sem vida, talvez fosse mais fácil. Mas saber que ela viveu mesmo algumas poucas horas sem sua *mère*, que morreu sem conhecer meu toque, ainda parte meu coração. Pedi para vê-la, segurá-la, mas já a tinham levado.

— Levado para onde? — Rory perguntou horrorizada.

— Ligaram para o perito ir buscá-la. É a lei, a causa da morte tem que ser verificada para a certidão de óbito. Disseram que era assim por eu ser indigente. Assia seria enterrada no cemitério municipal. Não haveria serviço fúnebre, nem identificação na sepultura. Implorei para pararem, para me darem um tempo para conseguir o dinheiro para fazer um enterro adequado. Eu teria telefonado para o pai de Anson e implorado, mas não me deixaram usar o telefone. Três dias depois, me avisaram que estava tudo feito.

Rory engoliu as lágrimas.

— Pelo menos disseram onde a enterraram, para você poder visitar o túmulo?

— Não — ela murmurou. — Mas talvez isso tenha sido uma bênção. Sei que parece estranho, mas ver o túmulo teria feito a morte dela parecer muito real.

— Mas foi real.

— Sim, foi. Mas, quando você ama alguém, ama de verdade, existe uma ligação que nunca pode ser cortada. Mesmo quando essa pessoa é tirada de você, anos mais tarde, você ainda a sente, como um eco chamando. E, em parte, você fica um pouco contente por aqueles momentos, mesmo quando eles quase a destruíram.

“Um eco chamando.”

O pensamento passou por Rory como uma brisa fria. Seria assim com Hux? Sem adeus, sem respostas, só lembranças nebulosas?

— Às vezes imagino que a vejo — Soline continuou com uma voz distante. — Como acontecia com Anson. Vejo um rostinho na multidão, e meu coração para por um instante. Ela tem os olhos do pai e o sorriso da tia Cynthia. Mas então ela vira a cabeça, e o rosto não tem nada de parecido, e eu me lembro de que Assia se foi.

Rory fica em silêncio por um tempo, arrasada com a imensidão das perdas de Soline. Ela havia negado a

própria coragem, mas estava errada. Tudo o que tinha era o sofrimento, e com isso havia construído uma vida. Uma mulher sozinha em uma cidade desconhecida, enquanto acontecia uma guerra e não havia trabalho, mas ela conseguiu construir uma carreira lucrativa e, pelo que via, conseguiu ganhar muito dinheiro com ela. O que mais poderia ter conquistado se uma sucessão de tragédias não houvesse alterado o curso de sua vida?

— Por quanto tempo ficou... depois disso?

— Não muito. Assim que os bebês nasciam, elas nos queriam fora de lá. Uma semana depois, Dorothy Sheridan foi me procurar e disse que tinha encontrado um quarto e trabalho para mim. Eu devia arrumar minhas coisas e me preparar para sair no dia seguinte. Quando o trabalho em Providence acabou, mudei para Boston, mas, quando os homens começaram a voltar, ficou impossível encontrar alguma coisa. Trabalhei em uma sapataria em troca de cama e comida e comecei a aceitar trabalhos de costura. Tinha que dividir as refeições com os ratos, mas não me incomodava muito. Eles também tinham fome.

— E nunca mais falou com o pai de Anson?

— Não. Acreditei nele quando disse que acabaria comigo se eu tentasse entrar em contato. Além do mais, não queria nada dele. No entanto, teria gostado de ver Thia de novo, explicar por que parti tão repentinamente. — Uma pausa, um sorriso melancólico. — E contar a ela que finalmente consegui fazer vestidos com meu nome neles.

— Ainda estou chocada — Rory suspirou. — Começar do nada e conquistar tantas coisas. Como conseguiu?

— Como as heroínas em todas as melhores histórias. Tive uma fada madrinha.

Rory deu risada.

— Onde eu encontro uma dessas?

— Não encontra, *chérie*. Elas simplesmente aparecem. Muitas vezes, quando você mais precisa delas. E o “como” é diferente para todo mundo. O nome da minha era Maddy, e ele era maravilhoso.

— Sua fada madrinha era um homem?

Soline sorriu.

— Era.

— Tudo bem, então, como ele encontrou você?

O sorriso de Soline perdeu parte do brilho.

— Acho que essa é uma história para outro dia.

— Desculpe. Não quis ser inconveniente.

— Não foi, mas estou cansada.

Rory olhou para o relógio e se assustou ao ver que passava das sete horas. Levantou-se, pegou as xícaras e as colocou na bandeja.

— Não tinha a intenção de ficar até tão tarde. Eu deveria estar escolhendo luminárias. Vou ajudar você com a limpeza, depois vou embora.

Soline pegou a bandeja antes que Rory pudesse levá-la.

— Não se incomode, não é nada demais. Pode ir. Eu quero que vá.

Rory pendurou a bolsa no ombro com evidente relutância e caminhou para o *hall*.

— Lamento muito se a incomodei. Devia ter me mandado embora há horas.

— Não seja boba. O que mais eu tinha para fazer?

— Mesmo assim, prometo não vir mais sem avisar antes. Obrigada pela conversa. Não tenho ninguém com quem possa falar sobre Hux. Quero dizer, ninguém que entenda.

— Eu estava falando sério, Rory. Se tem alguma dúvida, podemos rasgar o contrato e esquecer essa história de aluguel. Mas acho que seu Hux estava certo... esse sonho tem seu nome escrito nele.

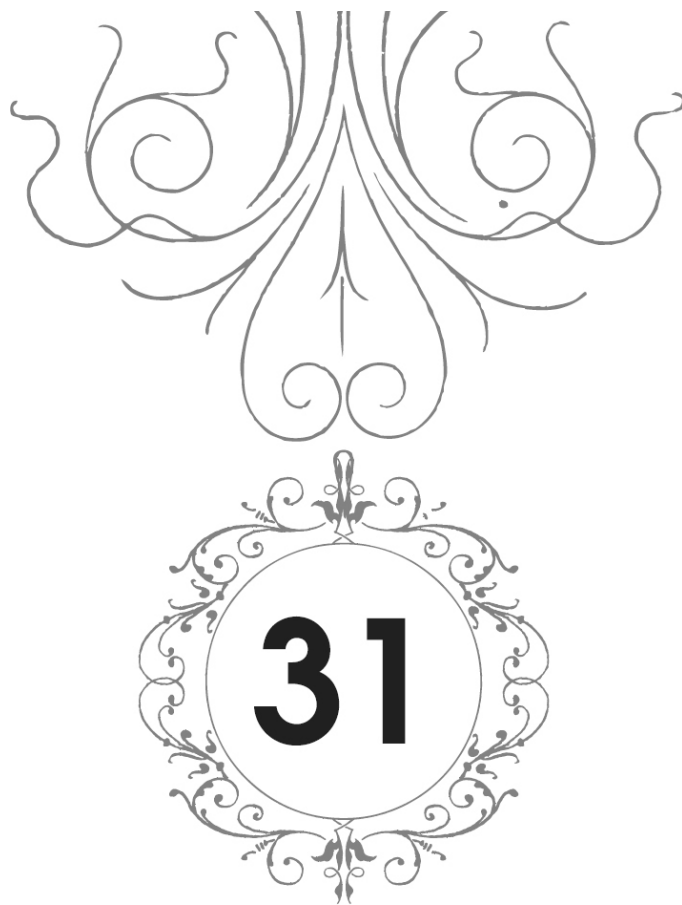
Rory piscou para conter as lágrimas, lutando contra o impulso de abraçar Soline.

— Obrigada por isso — disse, passando pela porta e sentindo-se grata por essa mulher adorável e inexplicável ter entrado em sua vida. Quando estava terminando de descer a escada, ela pensou em uma coisa. Parou, olhou para trás e viu Soline na porta, sua silhueta contra a luz.

— Acabei de perceber uma coisa.

— O quê?

— Você é minha fada madrinha.



Soline

*Embora seja justo esperar compensação por nosso
ofício, nunca se deve considerar o ganho
financeiro ao ponderar sobre aceitar ou não
determinada cliente. Confie em La Mère para
prover de outras maneiras e lembre que nossa
primeira e última consideração deve ser sempre O
Trabalho.*

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

As palavras de Rory ficaram comigo quando fechei a porta. Receio ser um arremedo ruim de fada madrinha,

mas ouvi-la dizer essas palavras me aqueceu de um jeito como não me sinto aquecida há muito tempo. No entanto, me sinto estranhamente melancólica. De repente, a casa parece vazia, e eu também.

Vou à cozinha e abro uma garrafa de vinho para me fazer companhia, depois levo o prato com as *madeleines* que sobraram para o meu estúdio. É onde passo a maior parte das minhas noites agora, sentada com minhas lembranças e bebendo o suficiente para dormir sem sonhar.

As *madeleines* são sabor de limão. Pego uma e mordo, deixando o pedaço derreter em minha língua. De repente, estou sorrindo. A doçura ácida me lembra Maddy, motivo pelo qual as compro de vez em quando. Eram suas favoritas e, de um jeito cheio de voltas, o motivo para termos nos tornado amigos.

Às vezes, parece que foi ontem, outras vezes, parece que faz uma vida. Eu estava em Boston havia poucas semanas e ainda procurava trabalho. Tinha um sotaque muito forte, e as lojas de vestidos não queriam uma estrangeira para lembrar seus clientes da guerra. Com meu dinheiro acabando, não podia ser muito exigente, e comecei a ir de loja em loja, me oferecendo para fazer o que fosse necessário.

Um dia, entrei em uma pequena confeitaria chamada Bisous Sucrés. “Finalmente”, pensei, “meu sotaque vai ser um ponto a meu favor.” Mas era tarde, eu estava muito cansada, e os aromas de café e chocolate me lembravam tanto de casa que, quando a mulher atrás do balcão perguntou o que eu queria, meus olhos se encheram de lágrimas e não consegui falar nada.

Ela teve pena de mim, a abençoada, me levou para o fundo da loja e foi buscar um prato com as coisas mais bonitas que já vi. Eu me empanturrei, ela fingiu não notar, e, depois de várias xícaras de café, contei a ela

minha história, ou as partes que eu queria dividir, na verdade.

Ela era dez anos mais velha que eu, mas tínhamos muita coisa em comum. Ela chegou de Chartres com os pais no início da Primeira Guerra e aprendeu seu ofício com a mãe. Tinha perdido um irmão na Normandia e um marido afogado, e lutava para criar uma filha sozinha. Entendia dificuldade e perda, e a necessidade de uma mulher ser capaz de abrir o próprio caminho. Não podia me contratar, mas conhecia alguém que podia estar procurando uma moça que soubesse usar uma agulha, um alfaiate que recentemente havia perdido os dois assistentes e estava em situação muito difícil.

Ela escreveu o nome e o endereço dele na parte de trás de um envelope e me disse para ir procurá-lo de manhã, mencionar o nome dela e não aceitar um não como resposta. Antes de eu ir embora, ela me deu uma caixa da confeitaria amarrada com um barbante e disse para eu levá-la para o homem, para adoçá-lo.

E, assim, um pouco depois das nove da manhã seguinte, levando a caixa da confeitaria, bati na porta de uma casa elegante de tijolos na esquina da Newbury Street, um lugar que tinha a palavra “Madison’s” escrita na janela da frente em letras douradas.

★ ★ ★

4 de agosto de 1944 — Boston

Ele atende depois que bato pela segunda vez, um homem alto de seus cinquenta e poucos anos, vestido com um robe amassado de seda cinza e uma calça de vincos horríveis. O cabelo é ondulado, cor de caramelo, com finas mechas prateadas, e ele usa um bigode

estreito que imagino ser pintado com lápis de sobancelha ou cera, porque é vários tons mais escuro que o cabelo.

— Não — ele resmunga antes de eu falar.

Olho para ele confusa.

— Como?

— Não sei o que está vendendo, mas não quero.

— Seu nome é Myles Madison?

— Quem é você?

Ele é tão ríspido, tão desagradável, que quase vou embora, mas lembro das instruções. “Não aceite um não como resposta.”

— Claire Bruneau disse para eu vir procurá-lo. Ela falou que talvez esteja precisando de alguém para costurar.

Ele passa a mão no cabelo, ainda de cara fechada.

— Claire?

— Da Bisous Sucrés. Ela mandou isto aqui.

Seus olhos são cinzentos, contornados por cílios longos, dourados e densos. Eles pousam na caixa rapidamente, depois voltam ao meu rosto.

— *Madeleines*? — pergunta desconfiado.

— Não sei. Ela só me disse para trazer... para adoçá-lo.

Ele resmunga, mas pega a caixa das minhas mãos e vira de costas. Presumo que seja um convite para entrar. Aceito e entro em um salão pouco iluminado, mobiliado com poltronas de couro e mesas escuras, pesadas. Tem o clima que sempre imaginei para um clube de cavalheiros. Pesadas cortinas de brocado. Luminárias de bronze com cúpula verde-escura. Um suntuoso tapete turco em tons de verde e cor de vinho. Tudo sóbrio e de bom gosto.

— O que você quer? — ele pergunta com o mesmo tom ríspido de quando abriu a porta. Desamarrou o

barbante da caixa da confeitaria e está olhando dentro dela, me tratando como se eu fosse uma distração.

— Trabalho — respondo com frieza. — Claire disse que acabou de perder seus dois assistentes. Minha mãe era dona de um salão em Paris, antes da guerra. Eu trabalhava com ela.

— Isto não é um salão, mocinha. Não faço vestidos.

— A agulha se importa com o que costura?

Ele levanta a cabeça de repente, olha para mim intrigado.

— Como se chama?

— Soline Roussel — respondo, recusando-me a recuar diante da avaliação minuciosa. — E o senhor é Myles Madison, o melhor alfaiate de Boston, como diz Claire. Sou boa, *Monsieur* Madison, muito competente em qualquer tarefa que atribuir a mim, e preciso muito trabalhar.

Seu rosto suaviza um pouco, mas os olhos são frios quando me estudam centímetro a centímetro. A cabeça sem chapéu, o vestido remendado, os sapatos gastos, a bolsa arranhada e o dedo sem anéis. Como *Maman* ao avaliar uma cliente em potencial, ele não deixa passar nada.

— Sim — diz com tom seco. — Imagino que deva precisar. O que mais Claire falou sobre mim?

Estranho a pergunta, não sei a que ele se refere.

— Nada.

— Nada sobre por que perdi meus assistentes?

Balanço a cabeça, sem me abalar com o rumo da conversa.

— Presumo que não seja casada.

— Não.

— Não. Foi o que pensei. E tem quantos anos... dezoito?

— Vinte e um.

— Conhece um pouco do mundo, suponho.

— Conheço bem o mundo, *monsieur*. Muito mais do que gostaria.

— Pois bem — ele diz, e se dirige a um bar no canto da sala, onde pega um copo. — Somos dois, então. Talvez eu deva contar minha história antes de continuarmos. — Ele despeja no copo alguns centímetros de um líquido transparente, olha para ele por um instante, depois vira-se como se, de repente, lembrasse das boas maneiras. — Perdão. Gostaria de um drinque?

Olho para o relógio sobre a cornija. Não são nem dez horas.

— Não, obrigada. Geralmente prefiro café a essa hora.

— Como preferir. — Ele levanta o copo em um brinde sarcástico e bebe um gole generoso, se encolhendo quando a bebida queima a garganta. Depois vira de costas, enche o copo, e me pergunto se ele esqueceu de mim de novo.

— Ia me contar sua história — lembro.

— Sim, sim, minha história. Muito bem, então. Atendo uma clientela muito afluyente, Srta. Roussel... ou atendia. Os brâmanes, como se intitulam. Homens importantes em cargos importantes. Homens com dinheiro, poder e nomes que remontam à nobreza. Eles também têm segredos. Mas não comigo. Vejo meus clientes em vários estágios de nudez, como um médico. É um relacionamento que tende a levar a certas... confidências. Sei quem está com problemas de saúde, quem está com dificuldades financeiras, quem teve sorte no mercado, que está abandonando a esposa pela amante... e quem está traindo a amante com o novo instrutor bonito do ténis clube.

Ele faz uma pausa, esperando me ver corar ou ficar constrangida. Quando não me abalo, ele continua.

— Como pode imaginar, raramente frequento ambientes sociais onde poderia encontrar o tipo de homens que visto. Todos estão acima da minha posição. Mas, algumas semanas atrás, eu estava no bar do Hotel Statler com amigos e encontrei por acaso um cliente novo, um político casado com uma matrona da sociedade e cheio de planos de ascensão.

Mais uma pausa, e ele adota uma pose melodramática e uma voz que combina com ela.

— Lawrence Tate, dos Tate do *Mayflower*. Nem preciso dizer que fiquei surpreso quando o vi lá. Embora nem tanto quanto ele ficou surpreso ao me ver.

— Por quê?

Ele olha para mim com um ar divertido, um sorriso descaradamente sexual, e percebo que é bonito, ou foi, não faz muito tempo.

— Porque, minha bela menina, via de regra, o clube de que estou falando não é frequentado por torres de marfim buscando moças de boa formação. Eles gostam de amantes másculos e raramente se preocupam com sobrenomes.

Não falo nada.

— Entende o que estou dizendo?

— *Oui* — confirmo sem me alterar. — Entendo. — Olho para o relógio de novo e começo a ficar impaciente. Vim aqui em busca de um emprego. Se a resposta for não, tenho que continuar procurando. — Vai me contratar ou não, *monsieur*?

Ele esvazia o copo e vira para enchê-lo mais uma vez. Sua mão treme quando vira a garrafa, e, pela primeira vez, vejo a fragilidade por trás da fanfarronice. Ele está arrasado, e possivelmente doente. A última coisa de que precisa é mais álcool.

— Não beba isso — digo, e tiro o copo da mão dele antes que possa levá-lo à boca. — Vou preparar alguma coisa para comer, e então pode me falar sobre o emprego.

— Sou um homossexual, Srta. Roussel.

Olho para ele sem me abalar.

— Espera que eu fique chocada e vá embora?

Ele passa a mão na cabeça, irritado com minha resposta.

— Conhece a palavra? Sabe o que significa? O que eu sou?

— Sim.

— E sabe o que as pessoas fazem com homens como eu, quando descobrem? Elas nos arruínam. Com mentiras e acusações. Até perdermos tudo. E eu perdi, minha querida. Perdi tudo. Clientes. Reputação. Tudo pelo que trabalhei, perdi. Por isso meus assistentes foram embora. Ninguém vai trabalhar para mim.

— Eu vou.

— Não me ouviu? Não há trabalho. Talvez seja diferente no lugar de onde vem, mas aqui homens como eu são párias.

Levanto o queixo e o encaro.

— De onde eu venho, *monsieur*, homens como você são apreendidos e levados para campos, onde são espancados e mortos de fome, assassinados. Ninguém o prendeu. Ninguém o matou. Se está vivo, pode começar de novo.

— Como? — Ele balança a cabeça devagar, com os olhos vazios. — Não sobrou nada.

Olho em volta, demonstrando que notei a sala elegante, comparando mentalmente esse lugar com a última vez que olhei para a loja de *Maman* na manhã em que deixei Paris, e de repente fico furiosa.

— Você não tem ideia do que é “nada” — respondo com frieza. — Mas eu tenho. Em duas semanas, meu dinheiro vai acabar, e eu estarei na rua. Tem um emprego para mim, sim ou não?

Ele me encara, o rosto vermelho de irritação.

— Não tem emprego, nem para você, nem para ninguém, porque não tem trabalho. Quer saber por quê?

Não quero, mas sei que ele vai me contar.

— Um dia depois de nosso encontro casual, o Sr. Tate veio à loja dizendo que precisava reformar uma calça. Não fiquei surpreso. Na verdade, me perguntava quanto tempo ia demorar para ele aparecer com alguma desculpa, a fim de explicar sua presença no Statler. “Eu nem imaginava que era esse tipo de lugar quando entrei. Estou me sentindo um idiota: estava lá para encontrar um amigo. Como poderia saber?” Eu o levei ao fundo da loja, onde ficam os provadores, e perguntei o que ele queria que fosse feito na calça. Ele respondeu me empurrando contra a parede e enfiando a língua na minha boca.

Estou boquiaberta. Não existe uma mulher viva que não tenha sido submetida a um avanço indesejado, mas nunca pensei que um homem fosse assediado dessa maneira.

Ele gargalha.

— Então é possível deixar você chocada, afinal.

— Não estou chocada. Só esperava que a história tivesse um fim diferente.

Ele balança as sobrancelhas de um jeito sarcástico.

— Ele também, minha querida. O homem tinha um arranjo em mente. Muito discreto, é claro, e lucrativo, se eu jogasse de acordo com as cartas que recebia. Mas recusei a oferta, e ele foi para casa e disse à esposa que eu o tinha assediado. Eu! Como se pudesse me interessar por um parasita. A notícia se espalhou como

fogo na sarça. Aquela mulher com quem ele era casado saiu espalhando essa história para quem quisesse ouvi-la. “Myles Madison é uma rainha velha lasciva que não consegue manter as mãos longe dos clientes.”

Ele para, desliza os dedos pelo bigode.

— Escute o que eu digo, um dia aquela vaca velha e faladora vai ser a piada. Homens como o marido dela sempre acabam se expondo publicamente. E então vamos ver quem é o pária. A cidade puritana vai se voltar contra ele como uma matilha de cães.

Ele balança ligeiramente, e as palavras saem enroladas. Olho para ele com frieza.

— Não vai ser um grande conforto, acho, se você falir antes.

— Eu não vou falir nunca. Dinheiro pode ser a única coisa que tenho, mas tenho muito.

— Que sorte a sua — respondo, e começo a me dirigir à porta. — Tenha um bom dia, senhor.

— Aonde vai?

— Procurar um emprego. Porque, diferentemente de você, não tenho muito dinheiro.

— Tem o hábito de bater na porta da casa de um homem ao raiar do dia, começar uma discussão e depois ir embora?

— O dia já raiou faz tempo, e você saberia se já não estivesse meio bêbado. E não vim começar uma discussão. Vim porque preciso trabalhar, mas não aqui. — Eu o encaro. — Claire disse para eu não aceitar um não como resposta, mas acho que vou aceitar. Autopiedade é um luxo que não posso pagar, e receio que a sua possa me contaminar. Lamento se o incomodei.

— Você é uma criança — ele diz. — O que sabe?

— Sou jovem, mas não uma criança. Vi coisas que ninguém deveria ver. Países dominados pelo mal. Famílias inteiras aprisionadas e mortas. Homens

fuzilados e mulheres que perderam tudo o que era mais importante para elas. Há muitas tragédias no mundo, *monsieur*. Não incluo fofoca entre elas. Diz que nunca estará falido, mas está claramente destruído, porque escolheu estar.

E, com isso, penduro a bolsa no braço e me dirijo à porta, ansiosa para sair dali. Minha mão está na maçaneta, quando ele finalmente fala:

— Muito bem. — E suspira com um ar sofrido. — Mas, se a contratar, vai ter que prometer não me chamar mais de *monsieur*. Odeio o francês.

Meu coração dispara.

— Como devo chamá-lo, então, em vez de *monsieur*?

— Os amigos me chamam de Maddy.

Faço ovos e café forte, e comemos juntos em sua cozinha pequena e ensolarada. Enquanto ele fuma, conto minha história sem omitir nenhuma informação. Porque sei, de alguma forma, que posso confiar a ele meus segredos e que nada do que eu disser o deixará chocado. Falo sobre *Maman*, Anson e a Resistência. Ele me conta sobre Richard, o amor de sua vida. Como se apaixonaram na noite em que se conheceram. Como Richard morreu em seus braços vítima de um câncer agressivo. E como a família de Richard o impediu de comparecer ao funeral. Conto a ele sobre Dorothy Sheridan e Assia, como a levaram para enterrar sem me dizer nada. Choramos, damos as mãos por cima dos pratos vazios e nos tornamos uma família, almas gêmeas ligadas pela perda e pela solidão.



O relógio sobre a cornija badala baixinho, me arrancando das lembranças. Mas não estou preparada para deixá-las de lado. Encho o copo de vinho e pego o

porta-retrato ao meu lado, a foto que foi tirada no dia em que meu nome foi pintado sob o de Maddy na janela da frente. Ele está sorrindo para a câmera, especialmente elegante em risca de giz azul-marinho, com os ombros abertos, o peito estufado, orgulhoso demais de seu “passarinho”, como ele me chamava.

Havia sido um dia feliz com bolo e champanhe, seguido pelo jantar no Marliave, um restaurante francês que Maddy dizia detestar, mas onde parecia conhecer todos os garçons pelo nome. Bebemos vinho demais e dançamos até o dia amanhecer, comemorando a ressurreição do Madison’s das cinzas.

A recuperação foi rápida, graças, em parte, à adição de uma linha de vestidos femininos para noite. Maddy foi descarado, me anunciando como uma “*couturier* de Paris que já havia criado vestidos de noiva para algumas das mulheres mais relevantes na Europa”. Eu não me importava por não ser verdade, porque, no meu coração, era. Finalmente estava fazendo o tipo de vestido com que sempre sonhei.

Ele se referia a si mesmo como minha fada madrinha, uma piada interna que ficava só entre nós, mas era verdade. Apreendi muito com ele, sobre roupas, negócios e vida. Como comercializar e adornar com acessórios, como conquistar fornecedores e administrar o fluxo de caixa, como criar uma ilusão de exclusividade que faria as clientes implorarem por minhas criações. Eu absorvia as lições como uma esponja.

E então chegou o dia em que tudo mudou. A Sra. Laureen Appleton chegou para uma prova e comentou por acaso que a neta Catalina havia acabado de ficar noiva. Maddy, que nunca perdia uma oportunidade de expandir nossos negócios, sugeriu que um vestido exclusivo faria da neta dela a inveja de Boston. Ele também sussurrou, alto o suficiente para ser ouvido,

que, em Paris, dizia-se que um vestido Roussel praticamente garantia à noiva um final feliz.

Assim que começou a circular a notícia de que um dos maiores casamentos da temporada teria um vestido Roussel, as encomendas começaram a chegar. No início não havia *magie*. Precisávamos trabalhar muito, não podíamos recusar ninguém. Eu desenhava vestidos para todas que pudessem pagar por eles e tive sorte o suficiente com minhas noivas para que os boatos espalhados por Maddy com tanta astúcia se perpetuassem. Logo eu tinha uma lista de noivas dispostas a se submeterem a uma leitura, se isso significasse entrar na igreja com um dos meus vestidos. Como *Maman* e seu rosário, elas queriam se antecipar a *malchance*. De alguma maneira, sem querer, eu tinha me tornado *la Sorcière de la Robe* — a Bruxa do Vestido — e estava estranhamente feliz. Talvez porque tivesse entendido como são realmente raros os finais felizes.

Depois de um tempo, Maddy instalou um pequeno salão para mim no segundo andar, com um ateliê só meu. Um ano mais tarde, o salão ocupava o segundo andar inteiro, e tive que contratar duas meninas para cuidar dos moldes e das provas. De maneira discreta, eu estava vivendo meu sonho e o de *Maman*.

E, então, alguns anos mais tarde, Maddy desenvolveu uma tosse crônica, resultado de fumar quase dois maços por dia. A essa altura, eu também havia adquirido o hábito. Era relaxante e me dava alguma coisa para fazer com as mãos quando não estava trabalhando. A tosse de Maddy foi piorando, e logo os belos ternos começaram a ficar largos nele. Eu via *Maman* quando olhava para ele, e sabia o que ia acontecer. Não que saber tornasse a realidade mais fácil.

Fazia o possível para mantê-lo confortável perto do fim. Comprei uma televisão, que ele dizia odiar, embora assistisse a ela sem parar. Lia o jornal para ele todas as noites depois do jantar. Até fumava por ele às vezes, quando ele me implorava para “compartilhar a fumaça”. Eu me deitava ao lado dele no escuro, soprando colunas de fumaça azulada para o alto sobre sua cabeça, de forma que ele pudesse senti-la. O médico que cuidava dele teria tido um ataque, mas eu não me incomodava. Devia tudo a ele, e ele merecia um pouco de contentamento em seus últimos dias.

Ele morreu em um domingo, deixando para mim a loja e cada centavo que tinha. Também deixou um bilhete com algumas poucas palavras rabiscadas.

“Esse agora é seu ninho,
passarinho.
Hora de abrir as asas e voar, voar,
voar.”

Dois meses depois, só meu nome ocupava a janela, junto com as palavras *L'Aiguille Enchantée* em belas letras douradas.

Eu sentia uma saudade terrível dele.

Ele foi meu defensor — pai, mentor e um amigo muito, muito querido. Eu conhecia seus segredos, e ele conhecia os meus. Eu o enlouquecia, e ele me fazia rir. Devolvi a ele a vontade de lutar e, em troca, ele me deu um futuro.





Rory

7 de setembro de 1985 — Boston

Rory deixou a bolsa em cima da cômoda e caiu na cama, sentindo o olhar de Hux sobre ela quando começou a desamarrar as botas. Ela pegou o retrato da mesa de cabeceira e o colocou no colo, tomada por uma solidão tão grande que quase ficou sem ar. Isso era tudo que teria dele agora? Uma imagem presa atrás de um retângulo de vidro?

Hux estava desaparecido há quase nove meses, sem nenhuma notícia. Quanto tempo deveria esperar antes de desistir de um final feliz? Um ano? Dois? E daí? Que

forma tomaria sua vida quando Hux não fosse mais uma parte de suas esperanças e de seus sonhos?

Teria a galeria e artistas sempre diferentes para promover. Mas seria capaz de construir uma vida com isso? Ou acabaria como Soline, isolada do mundo com sua dor? Hux não desejaria isso. Ele ia querer que ela seguisse em frente — em todos os aspectos de sua vida. Mas era isso que ela queria? Não conseguia imaginar ninguém ocupando o lugar vazio que o desaparecimento de Hux havia deixado em sua vida. E nem tinha certeza de que queria isso. Seu coração pertencia a Hux, e isso não mudaria por muito tempo. Por ora — por muito tempo —, a galeria teria que preencher seus dias. Como Soline com sua loja.

E as coisas finalmente começavam a tomar forma nesse campo. Os pintores começaram a trabalhar nesse dia, e ela ficou lá até tarde, ansiosa para ver como a ardósia cinza que havia escolhido para as paredes ficaria depois da segunda demão. Acabou coberta de tinta depois de tropeçar em uma escada e derrubar um rolo de pintura da bandeja, mas a cor ficou perfeita. E, para completar, havia marcado uma reunião com Kendra Paterson, uma artista cujo impressionante mar de esculturas de vidro chamou sua atenção no ano passado, em uma feira de artes em Portsmouth. Se tudo corresse bem, suas peças seriam o ponto focal da inauguração.

Infelizmente, teria que telefonar para a mãe e explicar por que não conseguiria comparecer ao *brunch*. De novo. Ela despiu as roupas salpicadas de tinta, abriu o chuveiro e pegou o telefone sem fio, a caminho da lavanderia.

— Oi, sou eu — disse, fazendo uma careta de desgosto quando Camilla atendeu. Esperava ouvir a gravação da secretária eletrônica.

— Vou adivinhar: você não vem amanhã.

— Não posso. Desculpa. Vou sair cedo para ir a Freeport encontrar uma artista.

— Estão faltando artistas hippies aqui em Boston?

— Ela não é hippie, mãe. Estamos em 1985. Ninguém mais é hippie. — Rory fez uma pausa, enquanto media o sabão líquido e o acrescentava à água com a mão livre, depois abaixava a tampa da máquina com um barulho alto de metal. — Ela trabalha em tempo integral e dá aulas no tempo que sobra. Por isso só pode me receber no domingo.

— Que barulho é esse?

— A máquina de lavar. Eu me distraí hoje e acabei me sujando com tinta.

— Você sabe que pode pagar pessoas para fazer essas coisas, Aurora. Não é como se tivesse que respeitar um orçamento apertado.

— Estou pagando uma pessoa. Várias pessoas, na verdade. Mas queria ver como a cor ia ficar. Acabei atrapalhando um pouco, mas eles foram ótimos.

— E como vão as coisas?

— Progredindo. O espaço está começando a ficar com cara de galeria. Podia ir lá dar uma olhada, uma hora dessas.

— Eu sei, e vou, mas tenho estado muito ocupada. Fico feliz por tudo estar correndo bem e dentro do planejado.

— Melhor que o planejado, na verdade. Acho que consigo marcar a data da inauguração para o mês que vem. Aliás, isso me lembra, prometi convidar Vicky e Hilly. Preciso dos endereços para mandar os convites. E, se achar que devo convidar mais alguém, preciso dos nomes.

— Talvez Maureen Cordeiro e Laura Ladd. Ah, e Kimberly Covington Smith. Elas são mais jovens e têm muitas conexões. São aliadas importantes.

— Obrigada — Rory respondeu, agradavelmente surpresa. — E você? Quer ser convidada?

— Ora, é claro que sim. Que pergunta é essa?

— Só quis lhe dar a possibilidade de fugir. Sei que não gosta muito da ideia. Não queria colocar você em uma posição delicada de ter que escolher entre ranger os dentes e ir ou inventar uma desculpa educada para não ir.

— Que absurdo. Eu sou sua mãe, Aurora. É claro que quero participar da sua grande noite. Falando nisso, já pensou em algum fornecedor para o coquetel? Posso dar alguns telefonemas, talvez planejar um cardápio de canapés. Vai ser uma preocupação a menos para você. E ainda tem que considerar o entretenimento. A atração ideal pode representar o sucesso de um evento... ou seu fracasso. Uma vez, Laurie Lorenz cometeu o erro de contratar um pianista que não conhecia. O homem tocou Barry Manilow a noite toda. Eu me ofereci para contratar uma harpista maravilhosa, mas ela insistiu em fazer tudo sozinha. Foi um desastre.

Rory mordeu o lábio. Não haveria uma harpista em seu evento, de jeito nenhum. Não podia negar que Camilla Grant sabia como organizar um evento, mas as únicas digitais nessa inauguração seriam as dela.

— Obrigada, mas estou pensando em algumas possibilidades, e prefiro cuidar eu mesma disso.

Camilla suspirou.

— Como quiser. Mas estou aqui, se mudar de ideia. E se, em vez disso, me deixar fazer uma transformação na sua aparência?

“Ai, santa paciência.”

— Não preciso de transformação, mãe.

— Meu bem... Como vou dizer isso sem parecer cruel? Você tem tanta coisa para fazer, que acabou... relaxando um pouco.

— Está falando como se eu tivesse virado uma desgrenhada.

— Tudo bem, desculpe. Mas tem que reconhecer que anda preocupada com outras coisas nos últimos meses. Está precisando de um pouco de... atenção. Se não quer ajuda com mais nada, aceite essa contribuição pelo menos. Vamos comprar uma roupa nova, alguma coisa deslumbrante, e fazer alguma coisa com seu cabelo talvez.

— Não preciso de nada deslumbrante. Não vai ser esse tipo de noite... nem esse tipo de galeria.

— Tudo bem. Podemos achar alguma coisa menos deslumbrante. Pode ser no próximo sábado. Vou marcar um horário com a Lorna para cuidar do seu cabelo, e manicure também. Depois almoçamos no Seasons.

— Vamos ver. Tenho que desligar, deixei o chuveiro ligado.

— Então... sábado?

— Eu ligo durante a semana.

Rory ainda pensava na palavra escolhida pela mãe quando voltou ao banheiro. Estava... relaxada? Ela limpou o vapor do espelho e estudou o próprio rosto. Bochechas e testa salpicadas de tinta, e respingos nas ondas cor de trigo que haviam escapado do rabo de cavalo. Ela removeu o elástico, sacudiu a cabeça. O cabelo agora ultrapassava os ombros, a franja quase cobria os olhos completamente. Não conseguia lembrar quando fez o último corte, e tinha pelo menos uns sete centímetros de raiz natural, uma linha muito nítida de demarcação com os reflexos.

Talvez a mãe tivesse razão. Estava mesmo um pouco relaxada. Nunca foi do tipo que se preocupa muito com aparência, que mantém gavetas cheias de maquiagem ou segue um cronograma de cuidados com a pele duas vezes por dia, mas nunca antes abandonou completamente os cuidados com a aparência. Talvez

fosse hora de mudar. Nada elaborado, só o suficiente para assinalar a mudança de fase, o começo da vida como proprietária de uma galeria.

Ela desligou o chuveiro, voltou ao quarto e abriu o *closet*. O guarda-roupa era outra área que tinha propensão a negligenciar, em parte porque a ideia de comprar roupas causava arrepios. Nada nunca cabia direito, como se cada peça de roupa no mundo tivesse sido feita para outra pessoa. Não era delicada como a mãe. Era alta, tinha membros longos, ombros largos e quadril estreito. Corpo de nadadora.

Rory deu uma olhada no fundo do armário, onde ficavam as roupas “boas”. Presentes da mãe, em sua maioria, cujo propósito era dar um toque feminino à filha moleca. Cores sóbrias, bege, verde fosco e marfim, com um outro pastel, muitos ainda com a etiqueta original. E, se aceitasse ir às compras com a mãe na próxima semana, teria mais um elefante bege para aumentar a coleção.

Num impulso, pegou o número de Soline e ligou para ela.

— Alô?

— Oi, é o número de emergência da fada madrinha?

— Rory? Aconteceu alguma coisa?

— Não, mas preciso de um favor. Preciso de ajuda com a roupa da inauguração. Minha mãe quer me levar para fazer compras. Ela está planejando uma reforma completa.

— E isso é um problema?

— Odeio fazer compras. Odeio no nível... prefiro um tratamento de canal. Junte a isso minha mãe criticando tudo que escolho, e não vai ter analgésico suficiente no estado de Massachusetts. O problema é que ela tem alguma razão. Preciso mudar minha aparência se vou

estar na galeria todos os dias. E esperava que você pudesse me dar alguma orientação.

— Quer que eu vá fazer compras com você?

— Não. Não é isso. É só... me dizer o que vestir. E como usar essas coisas. E onde as comprar. Melhor ainda, me ajuda a escolher alguma coisa que funcione entre as coisas que já tenho, para eu não ter que comprar nada.

— Quando quer fazer isso?

— Quanto antes, melhor. Se eu puder dizer à minha mãe que já tenho a roupa e prometer aparar a franja, talvez ela me deixe escapar. Não estou falando sobre uma reforma geral. Só preciso de ajuda para melhorar algumas coisas, e você parece sempre muito chique. Eu posso até cozinhar, se isso tornar a proposta mais atraente.

— Talvez deva deixar sua mãe levá-la para fazer compras, Rory. Isso pode diminuir a tensão entre vocês. Talvez seja essa a intenção dela.

— Confie em mim, ela só quer evitar que eu a envergonhe na frente das amigas.

— Tem certeza de que está sendo justa? Acho que ela só quer que a noite seja especial para você.

— Não estou tentando ser injusta. Só não quero uma grande produção. Diga que vai me ajudar.

— Tudo bem. Posso ir amanhã. Mas não precisa cozinhar.

— Ah, você é maravilhosa! Vou encontrar uma artista em Freeport de manhã, mas devo estar em casa por volta das três. Vamos pedir pizza.

— Muito bem, pizza. Mas nada daquele absurdo com abacaxi.

Soline chegou um pouco depois das quatro horas, vestida com calça social preta e túnica cinza, que criavam uma impressão chique e natural. Como sempre, ela estava impecável, com sapatilhas de ponta bicuda e luvas pretas.

Rory olhou para o conjunto com uma pontinha de inveja. Só Soline Roussel era capaz de usar luvas infantis em setembro.

— Obrigada por me ajudar. Não queria pedir, mas não tenho a menor noção de moda. E vamos encarar os fatos, não sou exatamente a melhor modelo.

— Vamos ver — Soline respondeu com firmeza. — Vamos dar uma olhada no seu armário para eu saber com o que vou trabalhar. Depois conversamos um pouco.

Rory a levou ao *closet* no quarto e abriu as portas dobráveis.

— Pronto. Está tudo aqui. As coisas mais elegantes no fundo. Minha mãe comprou a maior parte.

Soline foi examinando os cabides com eficiência militar, parando aqui e ali para estudar uma gola ou manga, estalando a língua e balançando a cabeça enquanto prosseguia com a análise. Finalmente, ela virou e olhou para Rory.

— Um pesadelo — declarou sem rodeios.

— Não são horríveis?

— Pelo contrário. São lindas. Sua mãe tem um gosto impecável.

— Mas você disse que é um pesadelo.

— *Oui*. Para você, isso é um pesadelo. Entendo por que não usou a maioria delas. Essas roupas são apropriadas para *une femme menu*, uma mulher pequenina. Não é seu caso.

— Sim, eu sei. — Rory abaixou a cabeça.

— Não foi uma crítica, *chérie*. Só a verdade. E, quando escolhemos roupas, devemos sempre dizer a verdade a nós mesmas.

— Eu sou uma dessas pessoas que simplesmente não nasceu para usar roupas bonitas.

— Todo mundo nasceu para usar roupas bonitas. A maioria escolhe errado, só isso. Pensam em moda, em vez de estilo.

— Qual é a diferença?

Soline parece arrasada.

— Ai, Rory.

— Que foi?

— Olhe. — Ela começa a tirar as roupas do armário e jogá-las sobre a cama. — Esta saia. Linda, mas curta demais para você. E esse babado na barra... você vai parecer um abajur. Esta jaqueta com a cintura ajustada. Fofa, como dizem as adolescentes, mas não em você. A blusa de mangas bufantes e botõezinhos de pérolas. Não. Não. Não. São roupas para outra pessoa, é o estilo de outra pessoa. Você precisa encontrar o seu.

— E se eu não tiver um?

— Não seja boba. Todo mundo tem um estilo. A maioria das mulheres não se preocupa em encontrar o seu, só isso. É mais fácil abrir uma revista, ou assistir a um episódio de *Dinastia* e copiar alguém. É por isso que tudo nas lojas parece igual. Porque todo mundo está tentando parecer todo mundo. As pessoas ficam felizes sendo baunilha. Mas você não é baunilha, Rory. Você é adorável, excepcional, e tem um sabor próprio. Mas se escondeu nessas roupas masculinas por tanto tempo, que não consegue mais se ver.

Rory sentiu o rosto ficar vermelho. Era verdade. Ou talvez nunca tivesse se visto.

— O que eu uso, então? Detesto me preocupar com roupas. E nem adianta. Tudo que visto fica estranho.

— Ah, mas quando você compra as roupas certas, não precisa se incomodar. Tudo funciona em conjunto. Como as peças que vai escolher para a sua galeria. Você quer que elas digam alguma coisa para as pessoas que as verão. Está atrás de um tema, de uma declaração. Com as roupas é a mesma coisa.

Soline a segurou pelos ombros e a virou para o espelho.

— Olhe para os seus ombros, fortes e alinhados. As pernas longas e o quadril estreito. Você é esguia, não magra como aquelas modelos bobas. Você emana poder, ou vai emanar, quando se vestir de maneira apropriada. Precisa de peças que favoreçam sua silhueta, em vez de escondê-la. Saias de alfaiataria e blazers. Calças de pernas amplas para equilibrar a parte de baixo com a de cima. Listras finas. Xadrez. Sim, e *tweed*, acho. Tons vibrantes vão funcionar muito bem com sua coloração. Chega de bege. E, por favor, nada de renda. — Ela sorriu para Rory pelo espelho. — A menos que seja nas roupas de baixo.

Rory olhou para o espelho, tentando trocar mentalmente a camiseta vermelha do Red Sox e a calça de moletom por qualquer coisa remotamente semelhante ao que Soline acabou de descrever.

— Em vinte minutos você entendeu isso tudo?

Soline encolheu os ombros.

— Eu visto mulheres há quarenta anos. Vamos sair para fazer compras na semana que vem.

— Vamos... você e eu?

— A menos que não queira ir.

— Não, eu vou adorar. Mas tem certeza?

— Sim. Mas só dessa vez, vai ser uma espécie de treinamento. Na próxima, você vai sozinha. Ou com sua *maman*. Não, não faça essa cara. Quando souber o que funciona para você, vai ter confiança para escolher por

si mesma. É isso que o estilo faz por uma garota. — Ela parou, olhou séria para o reflexo de Rory. — Já pensou em cortar o cabelo?

Rory olhou contrariada para o espelho.

— Eu sei, preciso aparar as pontas. Está na lista.

— Não, estou falando de cabelo curto. Assim. — Ela juntou o cabelo de Rory e o segurou no alto da cabeça. — Você tem maçãs do rosto muito bonitas e um pescoço adorável. E o cabelo curto também ressaltaria esses olhos lindos. E seu cabelo é maravilhoso. Paul adoraria cuidar dele.

Rory sorriu.

— Minha mãe teria um ataque. Ela já me acha meio menino com esse cabelo.

— Não vai parecer um menino, *Aurore*. Vai ficar bonita. Chique.

— Chique — Rory repetiu baixinho, encarando Soline pelo espelho. — Eu?

— *Oui, chérie*, você.

Rory olhou para o próprio reflexo, tentando imaginar qual seria a reação da mãe ao que Soline estava sugerindo. Uma vez ela pediu para cortar o cabelo, logo que começou a nadar, porque era muito complicado enfiá-lo dentro da touca de natação, mas a mãe foi irredutível. “Mocinhas não cortam o cabelo por conveniência.” E nunca mais ela tinha voltado a pensar em cortá-lo. Mas agora estava pensando. Teria que ser uma surpresa, no entanto. Se mencionasse uma palavra sobre isso à mãe, ela acabaria a convencendo do contrário, e estava certa de que não queria isso.

Soline a encarou pelo espelho.

— O que acha?

— Acho que talvez eu queira. Mas não vou contar à minha mãe até que esteja feito. Ela não vai gostar, mas vai ser tarde demais.

Soline não disse nada, mas os cantos de sua boca se curvaram para baixo.

Rory olhou para ela com um sorriso acanhado.

— Eu sei. Tenho tomado muito do seu tempo ultimamente. Qual é o preço da hora das fadas madrinhas hoje em dia?

— Não é isso. — Soline solta o cabelo de Rory. — Fico feliz por ajudar.

— O que é, então?

— Não posso deixar de pensar que sua mãe vai ficar ressentida comigo por sua nova versão. Pelo que você disse, ela não é o tipo de mulher que vai apreciar a interferência de outra mulher. E, se estivesse no lugar dela, eu sentiria a mesma coisa.

Rory pensou nisso. Ela estava certa. Soline era a última pessoa que sua mãe ia querer que a orientasse em questões de moda, ou em qualquer outra coisa, mas precisava muito de orientação. Sobre muitas coisas. E de alguém que soubesse como era ter que se reinventar depois de um nocaute da vida. Camilla nunca foi ninguém diferente de quem é agora. Forte e perfeita, no controle de todas as facetas de sua vida.

— Então, vamos ter que tomar providências para que ela não descubra — Rory falou finalmente. — Vou dizer que a ideia foi minha. Agora, como encontro esse... Paul, é isso?

— Se tem certeza disso, eu telefono para ele amanhã e marco um horário.

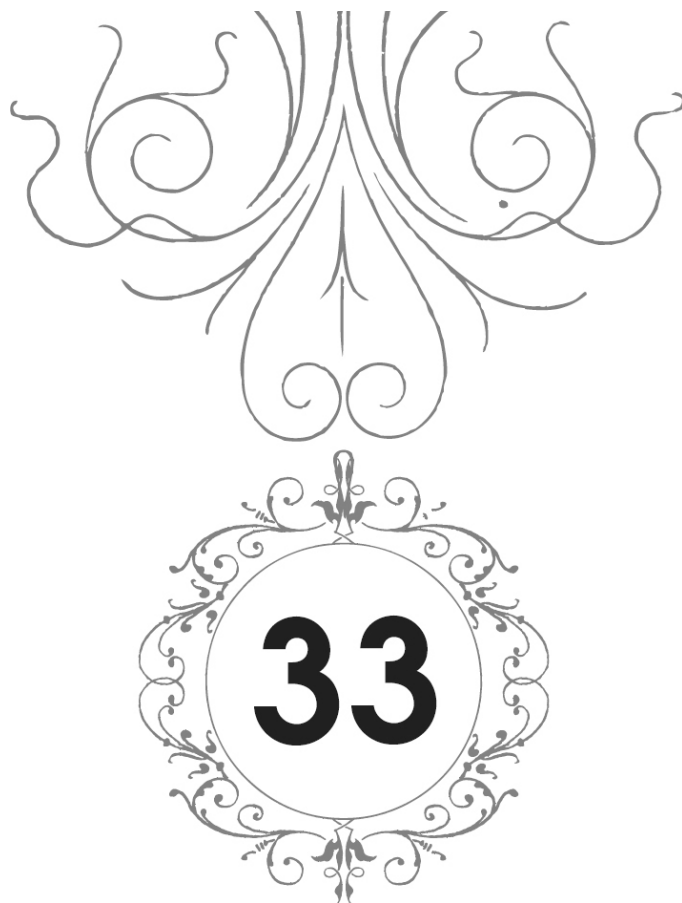
Rory teve que se controlar para não abraçar Soline.

— Estou tão empolgada! Obrigada.

Soline respirou fundo, como se fosse dizer alguma coisa, mas, em vez disso, mordeu a boca.

— Para que servem as fadas madrinhas?





Rory

14 de setembro de 1985 — Boston

Rory prendeu o fôlego, repetindo em silêncio as palavras de Soline enquanto mais fios de cabelo caíam sobre a capa de náilon preto. “Quando o assunto é cabelo, Paul Ramone e a equipe do Bella Mia são o que há de melhor.” Era verdade, sem dúvida. Mas, enquanto estava ali sentada, cercada por mechas e mais mechas de cabelo recém-cortado, ela rezava para não ter cometido um erro do qual se arrependeria durante meses.

Havia aprovado as sugestões de Paul de reflexos mais escuros que seu tom natural e um corte *pixie* arrojado, e prendia a respiração enquanto ele trabalhava. Uma hora e meia mais tarde, depois de tinta, papel alumínio, xampu, *mousse* e secador, agora era hora dos toques finais, e Soline fingia não acompanhar tudo por trás de uma revista.

O dia já havia sido cheio, começando com uma visita à loja Neiman Marcus. A compradora pessoal de Soline, Lila, tinha feito o trabalho de seleção com antecedência, e, quando elas chegaram, já havia uma arara inteira de peças cuidadosamente escolhidas esperando por elas. Rory só precisava experimentá-las e aprovar ou reprovar.

O valor da compra ultrapassou tudo o que havia gastado em todas as roupas que tinha, mas as peças novas faziam com que se sentisse estonteante. Na verdade, estava tão empolgada com o visual atualizado que decidiu sair da loja vestindo uma das roupas.

Rory levou só algumas sacolas, porque a maior parte das compras ficou na loja para ajustes. Inicialmente, ela não gostou da ideia, até Soline explicar que roupas bonitas, como mulheres bonitas, mereciam ser mostradas em sua melhor versão, o que significava que deveria haver um ajuste perfeito.

Por ironia, a única coisa que não encontraram foi a roupa para a noite de inauguração. Mas Lila pediu outra chance, prometendo que encontraria a opção perfeita em tempo hábil. Rory concordou com alegria. Tinha que admitir: para alguém que nunca se importou com moda, estava gostando da experiência de Cinderela.

Ela levou um tempo para perceber que Paul tinha guardado a tesoura e recuado, examinando a cabeça

dela com um olhar crítico. Depois de um momento, ele balançou a cabeça.

— Não. Ainda não.

Rory olhou para Soline com ar preocupado, mas ela assentia.

— Mais curto sobre as orelhas, acho. E uma franja mais suave.

Rory não sabia o que a surpreendia mais, as palavras “mais curto sobre as orelhas”, ou ouvir Soline dizer a um dos mais disputados cabeleireiros de Boston como fazer seu trabalho.

— Posso olhar agora, por favor?

O “não!” de Paul e Soline ecoou ao mesmo tempo. Paul também disse que era melhor ela ficar quieta, se não quisesse acabar como Van Gogh. Ela fechou a boca, se encolhendo ao ouvir novamente o barulho da tesoura. “Vai crescer de novo”, dizia a si mesma. “Com o tempo.”

Vinte minutos mais tarde, Paul removeu a capa de náilon preto e girou a cadeira de Rory, colocando-a de frente para o espelho.

— *Voilà!*

Rory olhou para a mulher que a encarava do espelho, familiar, mas desconhecida também. Seus olhos pareciam maiores, as maçãs do rosto, mais esculpidas. Ela passou os dedos pelas ondas curtas, admirando os reflexos sutis que Paul havia criado. Tocou a pele exposta da nuca, as orelhas aparentes. Sentia-se nua. E estranhamente livre. Já sabia o que a mãe ia pensar, mas e Hux? Não havia mais nada da Rory que ele havia deixado ao partir.

— Pareço...

— Chique — Soline decretou, surgindo atrás de seu ombro esquerdo. — E elegante. Bonita.

Rory olhou de novo para o reflexo.

— É mesmo?

— Como uma dona de galeria.

Rory olhou para Paul e sorriu.

— Você faz milagres.

Ele encolheu os ombros, recusando o elogio.

— Quem poderia imaginar que, por trás daquela confusão, havia uma beleza escondida? Mas prometa que não vai fazer isso de novo com nenhum de nós. Vejo você em cinco semanas. E a cada cinco semanas depois disso. Cabelo curto requer manutenção. E *mousse*. — Ele deu a ela uma lata prateada. — Uma porção do tamanho de uma bola de golfe. Não mais que isso, ou vai deixar seu cabelo duro. Mexa a cabeça para eu ter certeza de que entendeu.

Rory assentiu obediente.

— Quanto é?

— Hoje? Nada. Foi uma alegria fazer esse favor à Sra. Roussel. Deus sabe que ainda devo a ela outros mil. E, por favor, pode guardar a gorjeta. Não quero. — Ele a encarou e piscou. — Desta vez.

Paul e Soline se abraçaram e trocaram algumas palavras rápidas, enquanto Rory recolhia a bolsa e as sacolas de compras. Soline sorriu para ela quando se encontraram na porta.

— Você está maravilhosa, *ma petite*.

— Não sei como lhe agradecer por hoje.

— Não precisa me agradecer. Isso é o que fazem as fadas madrinhas.

— Mesmo assim, vou levá-la para almoçar. Fadas madrinhas também precisam comer. Tem um lugar no fim do quarteirão chamado Seasons. Vamos pedir alguma coisa bem gostosa, depois eu levo você para casa.

Eram quase quatro horas quando elas chegaram ao Seasons, e o movimento da hora do almoço havia

acabado. A *hostess* as levou a uma mesa no pátio, olhando para as sacolas de Rory e comentando que alguém tinha passado o dia esvaziando as prateleiras das lojas.

Elas pediram limonada e examinaram os especiais do dia, depois escolheram *flatbread*, camarão e uma salada para dividir. Quando a garçonete voltou com os pratos e as bebidas, Rory levantou o copo para propor um brinde.

— À melhor fada madrinha que qualquer garota poderia querer.

Soline sorriu ao levantar seu copo, mas o gesto parecia exigir esforço. Rory abaixou o copo, percebendo, de repente, que, em seu entusiasmo, deixou de ser atenciosa.

— Desculpe. Você está cansada. Vamos pedir os pratos para viagem, e eu levo você para casa.

— Não seja boba. Estamos aqui. Só preciso ir ao banheiro e me ajeitar um pouco.

Rory se sentiu culpada ao ver Soline desaparecer no fundo do restaurante. Esquecia que Soline era quarenta anos mais velha que ela, e já fazia quase seis horas que estavam na rua.

— Aurora?

Rory levou a mão ao cabelo quando viu Camilla caminhando em sua direção.

— Meu Deus. O que fez com seu cabelo?

— Cortei.

— Por favor, me diz que não foi a Lorna que fez isso com você.

— Não. Foi o Paul.

— Quem é Paul?

— O dono do Bella Mia, e eu adorei, portanto, por favor, sem críticas.

Camilla fechou a boca, confirmando que ia mesmo criticar o corte. Em silêncio, olhou com atenção o terninho de linho listrado que Rory decidiu vestir antes de sair da loja.

— E as roupas?

Rory sorriu, decidida a não morder a isca.

— Você queria que eu me arrumasse, e foi o que fiz.

— E apontou para as sacolas a seus pés. — Passei o dia fazendo compras.

— Estou vendo. Desde quando você faz compras?

— Desde que você me chamou de relaxada. E tinha razão, reconheço. Era hora de mudar algumas coisas.

— E você escolheu tudo isso sozinha?

Rory resistiu ao impulso de se contorcer na cadeira.

— O que está fazendo aqui, mãe?

— Fui buscar meu relógio na Cartier. Arranquei o pino da corda há algumas semanas, e eles ligaram para avisar que estava pronto. — Ela olha para a mesa, para o segundo prato. — E você veio almoçar. Com quem?

Rory estava prestes a responder, quando viu Soline voltando à mesa.

Camilla também a viu.

— Quem é aquela?

— É Soline.

— Foi ela quem a ajudou com as roupas?

— Sim.

— E o cabelo? Foi ideia dela também?

— Eu queria algo novo. Alguma coisa... diferente.

— Bom, conseguiu.

Camilla ficou em silêncio quando Soline se aproximou. O silêncio se prolongou enquanto as duas mulheres se encaravam. Finalmente, Rory pigarreou.

— Soline, essa é minha mãe, Camilla Grant. Mãe, essa é Soline Roussel.

— Ah, sim. — Camilla forçou um sorriso açucarado.

— A senhoria de quem tenho ouvido falar. Finalmente

nos conhecemos.

— Sim — Soline respondeu com um aceno de cabeça educado. — Finalmente.

— Não é engraçado? Eu estava resolvendo algumas coisas aqui perto. Lembrei que eles fazem uma salada de lagostas deliciosa aqui. Na verdade, Rory e eu falamos sobre ela outro dia, não é? E agora vocês estão aqui almoçando.

Soline apontou a cadeira vazia a seu lado.

— Almoce conosco.

— Ah, não sei. Não quero atrapalhar. — Mas, antes mesmo de acabar de falar, já estava puxando a cadeira. — Por outro lado, não posso deixar passar uma chance de almoçar com a famosa Soline Roussel.

Soline levantou as sobrancelhas.

— Famosa certamente não.

O pingente de ouro no bracelete de Camilla tilintou quando ela abriu o guardanapo e o colocou sobre as pernas.

— Só quis dizer que minha filha falou muito sobre você. E sua loja. Uma pena o incêndio ter acontecido.

Soline pegou o copo de água, visivelmente incomodada com a menção ao incêndio.

— Ela me falou sobre você também — disse depois de um pequeno gole. — Na verdade, ela fala sobre você com frequência.

Camilla encara Soline um momento além do necessário.

— Ah, é?

Rory sentiu o estômago revirar enquanto acompanhava o diálogo, dolorosamente ciente do que era dito, e do que não era. Precisava desviar a conversa, antes que o tom de sua mãe passasse do passivo-agressivo para o abertamente agressivo.

Estava quase contando que tinha escolhido todo o equipamento de iluminação da galeria, quando a

garçonete apareceu equilibrando uma bandeja sobre o ombro. Ela olhou para Camilla, depois para Rory.

— Lamento, não sabia que estavam esperando mais uma pessoa. Vou deixar a salada e já volto com mais um prato e talheres.

Camilla balançou a mão de unhas perfeitas.

— Não se incomode. Traga apenas um bom *chardonnay* e uma porção daquela maravilhosa salada de lagosta, se ainda a tiverem. Ah, molho à parte, por favor. — E olhou para a mesa assim que a garçonete se afastou, estudando os pratos.

— Tudo parece delicioso. E vão dividir. Que bom. Por favor, não esperem por mim. Minha salada não vai demorar.

Rory ferveu em silêncio quando a mãe pegou um pedaço de pão e esticou o braço para pegar sua faca para se servir de manteiga. Estava sendo castigada por sua deslealdade, sabia disso. Como Camilla punia o marido cada vez que um de seus romances vinha à tona e a constrangia diante das amigas.

— Aurora me contou que você a ajudou com as compras — Camilla disse entre pedaços de pão. — Muita gentileza sua, embora deva dizer que fiquei surpresa. Minha filha nunca se interessou por moda. Não que eu não tenha tentado. Mas ela sempre foi moleca. Vivia subindo em árvores ou chutando uma boa. Eu não conseguia manter aquela criança limpa.

— A criança agora é adulta — Rory resmungou. — E está sentada ao seu lado, caso tenha esquecido.

Camilla não se abalou, continuou falando com Soline como se Rory não tivesse dito nada.

— O cabelo é... interessante. Foi ideia sua?

— Rory achou que era hora de mudar de visual, agora que a inauguração está próxima.

— Puxa, e conseguiu. Eu a criei, e quase passei direto por ela. Pode imaginar? — E olhou para Rory, sustentando seu olhar por um instante desconfortável. — É um pouco desconcertante não reconhecer a própria filha.

Rory a encarou de volta, surpresa com o breve lampejo de dor nos olhos da mãe. Não era raiva. Nem ciúme. Dor. E ela a havia causado. Estava tão envolvida na magia daquela tarde que não pensou em como a mãe se sentiria por ser trocada por Soline... de novo. Soline a prevenira sobre essa possibilidade. E agora estavam ali, frente a frente, parecendo petulantes e incomodadas.

— O corte de cabelo foi ideia minha, mãe. Eu pedi...

Camilla olhou novamente para Soline, interrompendo Rory no meio da frase.

— Não pude deixar de notar que chama minha filha de Rory.

— É como ela mesma prefere ser chamada.

— O pai dela e eu sempre preferimos Aurora.

— Sim, ela me disse. É um nome de família?

— Não. Apenas um nome de que gostamos. E nunca aprovamos a versão abreviada. É muito masculino, não acha?

— Ah, não sei... — Soline inclinou a cabeça, estudou Rory com um sorrisinho. — Acho jovem e fresco. Combina com ela.

Rory teve que se esforçar para não rir alto. Soline era perfeitamente capaz de se defender sozinha.

— Na verdade — disse, servindo-se de um pedaço de *flatbread* —, foi meu pai quem começou a me chamar de Rory. Ele queria um menino, mas teve que se contentar comigo. — E parou para um suspiro dramático. — Coitados dos meus pais. Não consegui agradar nenhum dos dois.

Camilla riu.

— Francamente, Aurora. Que absurdo de se dizer.

Rory engoliu a resposta quando a garçonete chegou com o pedido de Camilla e os talheres, e, por um minuto, o silêncio reinou. Camilla pegou o garfo, cutucando desconfiada a porção de carne de lagosta em seu prato. Rory a observava enquanto comia o pão, grata pela suspensão das hostilidades, mesmo que apenas temporariamente.

Soline tirava pedaços de cebola roxa de sua salada e os relegava ao canto do prato. Quando o silêncio começou a ficar incômodo, ela olhou para Camilla.

— Rory falou que você é presidente do Conselho Feminino de Arte, Sra. Grant. Deve estar orgulhosa por ver os sonhos dela tomarem forma nessa galeria.

— Ah, sim — Camilla confirmou, claramente incomodada com a pergunta. — É claro que estou orgulhosa. Aurora foi criada com arte. Eu também. Está no sangue. Esperava que ela terminasse o curso e depois fosse para Paris fazer o estágio, mas ela é jovem, vai ter tempo para isso depois.

— Ela quer dizer que vou ter tempo para isso depois de fracassar — Rory explicou com tom ácido. Porque era isso que Camilla queria dizer. Mais cedo ou mais tarde, ela estragaria tudo, perceberia que tinha dado um passo maior do que as pernas, e isso a obrigaria a voltar a um caminho mais prudente. “Prudente” era a palavra preferida de sua mãe. Não era bom ir além dos limites. Não era bom criar problemas. E, acima de tudo, não deveria haver vergonha.

Camilla suspirou, adotando uma de suas expressões de sofrimento prolongado.

— Eu não disse isso. Mas já tivemos essa conversa, Aurora. Não há futuro nas coisas de que você está falando. Latas de sopa de tomate e coelhos de balão inflável. São modismos, hoje estão aqui, amanhã

sumiram. — Uma pausa, enquanto ela limpava a boca com delicadeza. — Arte tem a ver com preservação da cultura, com expressão da beleza, não com chocar o público. É por isso que os mestres ainda são os mestres. E é por isso que, daqui a cinquenta anos, ninguém vai lembrar do nome de Andy Warhol. Porque a arte de verdade é duradoura. Não concorda comigo, Sra. Roussel?

Rory conteve um bocejo.

— Por favor, não envolva Soline na nossa discussão, mãe.

— Ninguém está discutindo, meu bem. Estamos só conversando. E os franceses sabem uma ou duas coisinhas sobre arte. Eles nos deram Monet, Degas, Renoir e Cézanne, para citar alguns.

— E é isso — Rory resumiu, olhando para Soline. — Se não for um Renoir ou um Monet, ou alguma outra coisa pintada por um velho poeirento, não é arte de verdade.

— Vá em frente — Camilla disse com tom seco. — Deboche. Mas eu conheço um pouco do assunto, Aurora. O mundo da arte costuma expulsar aqueles que se afastam demais do bom gosto.

— E quem decide o que é bom gosto? Você?

— Os experts. Historiadores. Colecionadores. Críticos. A opinião deles pode construir um destruir um artista... ou um dono de galeria.

Soline estava em silêncio, mexendo a comida com o garfo, que deixou sobre o prato com todo o cuidado antes de olhar para Camilla.

— Durante a guerra, os nazistas chamavam de degenerada a arte de que não gostavam. Eles decidiam. Diziam que tinha a ver com temas e assuntos inadequados, mas nós sabíamos que não era isso. Os *boche* não davam a menor importância à decência.

Tinha a ver com os artistas: o que amavam, em que acreditavam... seus sobrenomes.

Ela parou, fechou os olhos por um instante.

— Artistas eram presos e interrogados. Alguns, na maioria judeus, eram mortos. Certa noite, eles construíram uma fogueira nos jardins da Galerie Nationale e queimaram todo o acervo. Picasso. Dalí. Miró. Tudo perdido. Obras dos seus Renoir e Monet se salvaram, porque foram levadas, roubadas pelos oficiais nazistas, enquanto o restante queimava. Porque eles que decidiam.

Camilla tinha o rosto corado, como se houvesse acabado de levar uma bofetada.

— Está me comparando aos nazistas, Srta. Roussel?

— Estou apenas demonstrando que deixar um grupo decidir o que tem ou não valor pode ter consequências terríveis. Arte, como todas as coisas, deve ser avaliada por quem a vê, *n'est-ce pas*?

Camilla alinhou os ombros, como uma ave que sacode as penas para parecer mais ameaçadora.

— É um sentimento encantador, Srta. Roussel, mas acho que é sensato manter-se dentro dos próprios limites, especialmente aqui em Boston, onde os limites são tão estreitos. Podemos parecer uma cidade grande, mas, em essência, somos assustadoramente convencionais e não confiamos em nada exuberante ou estrangeiro.

Rory olhou para a mãe horrorizada. Tinha visto Camilla diminuir outras pessoas antes, fria, cirúrgica e sem piscar nenhuma vez, mas sua reação sempre foi justificada. Agora era diferente. O tom desdenhoso e o antagonismo pouco velado, a linguagem corporal tensa que só servia para acentuar seu desprezo. E a expressão de Soline, pálida e aturdida, como se tivesse caído em uma emboscada. Precisava interferir, dizer

alguma coisa para conter a hostilidade da mãe, mas o quê? Defender Soline só tornaria as coisas ainda piores.

Foi com alívio que ela viu Soline pegar a bolsa e se levantar da mesa.

— Acabei de lembrar que esqueci meu batom no banheiro feminino. Com licença.

Rory esperou até ter certeza de que ela não podia ouvi-las, e então se voltou para Camilla.

— O que pensa que está fazendo?

Camilla a encarou com os olhos arregalados.

— Eu?

— Não faça essa cara. Sabe muito bem do que estou falando. Está zangada comigo e despejou sua raiva em Soline. Não viu a cara dela? Você a magoou.

Camilla adotou um ar chocado.

— Eu a magoei.

— Sim. E você... — Rory parou de falar ao ver que Soline não se dirigia ao banheiro, mas à porta do pátio.

— Droga. — Ela se levantou, quase derrubando a cadeira. — Soline! Espere!

Soline não deu nenhum sinal de ter ouvido. Rory foi atrás dela, desviando de uma infinidade de mesas e correndo para a calçada. Tinha percorrido meio quarteirão, quando a viu entrar em um táxi.

Furiosa, Rory voltou ao restaurante e encontrou Camilla bebendo seu vinho tranquilamente.

— Imagino que esteja muito satisfeita com o que fez.

Camilla manteve o ar chocado.

— O que foi que eu fiz? Estávamos conversando, e, de repente, ela saiu correndo, sem sequer se despedir. Achei bem grosseiro, se quer saber.

— Eu vou dizer o que é grosseiro. Intrrometer-se em um almoço para o qual não foi convidada. Referir-se a Soline, minha amiga, como “a senhoria”. O absurdo de sugerir que ela ficasse no lugar dela, e depois mencionar a palavra “estrangeiro”, como se ela não

entendesse perfeitamente o que você queria dizer. Por quê?

— Pelo amor de Deus, Aurora, baixe o tom. Por que tem que ser sempre tão dramática?

— Vou ser dramática tanto quanto eu quiser. Esta é minha mesa. E é muito atrevimento me chamar de dramática depois do espetáculo que você acabou de dar. Você odiou meu cabelo. Entendi. Mas a decisão foi minha, não de Soline.

Camilla bebeu todo o vinho, depois deixou o copo sobre a mesa com todo o cuidado.

— Acha que é por isso que estou aborrecida? Por que você cortou o cabelo?

Rory soltou o ar com um sopro prolongado, irritada e ferida pela petulância da mãe. Sabia que não era o cabelo, mas estava furiosa demais para facilitar as coisas.

Camilla dobrou o guardanapo e o deixou sobre a mesa.

— Eu pedi para ajudar você nisso, Aurora, para fazer compras e marcar hora no cabeleireiro, mas você disse que estava muito ocupada. Você está sempre muito ocupada.

— Porque estou. A galeria...

— Não estava ocupada para ela. Suponho que já tinha tudo isso planejado quando eu me ofereci.

— Não tinha.

— Entendo. Gostou da ideia, só não queria ir comigo.

— Não é bem assim.

— Como é, então? Explique.

— Eu só não queria um grande evento, e teria sido, porque sempre é. Você detesta tudo que eu escolho, e eu acabo cedendo porque estou cansada de discutir. Queria fazer isso sozinha, só escolher alguma coisa e encerrar o assunto, mas não tenho a menor noção de como escolher roupas, então pedi algumas dicas a

Soline. Ela deu uma olhada no meu *closet* e decidiu que era melhor vir comigo.

— É mesmo? — Camilla pegou a bolsa, tateando às cegas dentro dela até achar um batom. Depois de um retoque rápido, fechou a embalagem e a jogou de volta na bolsa. — Que gentileza dela.

— Foi gentil — Rory disparou. — Porque ela é assim. Uma mulher gentil que queria me ajudar. Por que ela a incomoda tanto?

— Ela não me incomoda. Só não entendo sua fascinação com ela. Uma velha, reclusa, para piorar. E aquelas luvas ridículas, como se ela tivesse acabado de sair de um casamento ou de uma parada. E agora você pede a ela conselhos sobre moda, porque um dia ela fez vestidos de noiva. É estranho, só isso.

Rory a encarou.

— Quando você se transformou nessa pessoa?

— Que pessoa?

— Esquece. Já falamos sobre isso. Soline é minha amiga, e hoje você a deixou desconfortável deliberadamente. Ela pode não ser sangue azul de Boston, mas não merece seu desdém. Ela já passou por muita coisa.

— Todos nós passamos por muita coisa, Aurora. A vida é assim. Mas seguimos em frente, se não quisermos virar motivo de piedade.

— Motivo de piedade — Rory repetiu irada. — Soline perder tudo o que tinha a torna digna de pena. É isso que pensa sobre mim também? Porque Hux está desaparecido e me recuso a “seguir em frente”?

— Eu nunca disse...

— Disse, sim. Talvez não com essas palavras, mas é o que você sempre quer dizer. Você tem uma fibra de aço, mãe, e se orgulha disso. Mas quem é mãe tem que ter coração, e às vezes eu duvido que você tenha um.

Rory pegou as sacolas e a bolsa, abriu a carteira e contou várias notas. Não havia mais nada a dizer, nada que pudesse fazê-la entender.

— Isso deve ser suficiente para pagar a conta.

- Aurora, sente-se. Ainda não terminamos.

— Sim, terminamos. Na verdade, vou economizar um telefonema. Não vou à sua casa para o *brunch* amanhã. Depois de vinte e três anos, acho que é hora de admitir que não gostamos muito uma da outra.



Soline

Nesta vida, há momentos para se apegar e momentos para abrir mão. Você precisa aprender a diferenciá-los.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

Minhas mãos ainda estão tremendo quando me sirvo de uma grande taça de vinho. Deveria ter vindo direto para casa depois do Bella Mia, em vez de ter ido almoçar. Não que Rory tenha alguma culpa pelo que aconteceu no Seasons. A mãe dela chegou de repente e foi uma desagradável surpresa para nós duas.

No instante em que nossos olhares se encontraram, o arrepio de... o que foi aquilo? Desconfiança? Antipatia? Sim, as duas coisas, mas algo mais também. Para ela, eu sou uma rival, sua filha é um prêmio a ser conquistado ou perdido. Invadi seu território, e ela quer que eu saiba que não vai tolerar nada disso.

E teve a minha reação, a imediata onda de reconhecimento que senti ao ver o cabelo dourado cuidadosamente arrumado, as maçãs do rosto altas e a boca volumosa. A semelhança com a filha era evidente, um lembrete de que eu sou a forasteira, de que Rory não é minha.

Mas me apeguei muito a ela em pouco tempo. Eu, que prefiro me manter distante do mundo todo. Mas ela se tornou parte da minha vida agora. Uma substituta para a filha que perdi, suponho. Desde aquele primeiro dia, quando ela entrou na Bisous Sucrés carregando minha velha caixa de vestido junto ao peito, senti a conexão, como se o destino estivesse piscando para nós duas de alguma forma.

Naquele dia, ela parecia um anjo, o presente que nunca soube que queria, ou precisava. E talvez eu tenha sido isso para ela também. Ela me chama de fada madrinha, e fico feliz por ter ajudado na realização de seu sonho. Minha contribuição foi alugar a casa geminada, e já tomei todas as providências com Daniel para deixar a casa de presente para ela, como Maddy um dia a deixou para mim.

Ela me convidou para a inauguração, e eu gostaria muito de estar lá, mas agora vejo que ir seria um erro. Eu não me incomodaria de ficar em segundo plano e deixar o primeiro posto para Camilla, se fosse bem-vinda. Mas não sou, é claro, e não vou me expor a constrangimento em público insistindo em estar onde não devo. Já tive minha vez, como dizem. Qualquer

tragédienne digno do nome sabe quando é hora de sair do palco. Como qualquer fada madrinha decente. Ela vai ter de mim este último presente, a casa geminada para a galeria, e isso vai ser o fim. Terei feito minha porção de bem e sairei de cena discretamente.

Digo a mim mesma que estou bem com tudo isso, mas é mentira. Onde estava com a cabeça? Deixar uma desconhecida entrar em minha vida, depois de tantos anos de autoproteção, voltar a sentir depois daquele abençoado entorpecimento. Como minhas mãos depois do incêndio, quando os nervos começaram a se regenerar. A dor era tão lancinante que eu só queria a insensibilidade de volta.

Foi isso que senti hoje.

Vi no instante em que os olhos de Camilla encontraram os meus. Ela me avaliou e decidiu que eu era insuficiente. As narinas dilatadas e o queixo erguido, o sorriso fino que me deixou gelada. Era como o pai de Anson costumava olhar para mim, como se eu fosse uma invasora que havia ultrapassado seus limites. Não havia lugar para mim na vida de seu filho, e também não tem lugar para mim na vida de Rory.

Olho para meus dedos segurando a haste da taça de vinho, crispados e rosados, e lembro da menção casual de Camilla ao fogo, como se eu precisasse do lembrete. Enquanto eu viver, sempre vou lembrar.

★ ★ ★

22 de julho de 1981 — Boston

Não tive um momento de paz desde que vazou a notícia sobre *L'Aiguille Enchantée* ter sido escolhida para fazer o vestido de uma das primas Kennedy. O telefone toca o dia inteiro — noivas que leram as

páginas de colunas sociais e de repente estão desesperadas por um vestido Roussel. E tem os curiosos, que estão passando pela rua e entram para olhar, ou ficam parados na calçada, como se esperassem ver a futura noiva em cima de uma banqueta, na frente da janela, enquanto a bainha do vestido é alfinetada.

Entendo porque todo mundo é *très agité*. Os Kennedy são o que os americanos têm de mais próximos da realeza, o que significa que até uma prima distante é tratada como uma princesa de conto de fadas. E, se depender de mim, seu vestido vai ser digno de um conto de fadas. É uma coisa maravilhosa, talvez meu melhor trabalho de todos os tempos. *Shantung* marfim com um bordado em fio prateado e cristais cor-de-rosa na bainha. Mas ainda falta prender o laço e bordar as pedras na faixa, e o tempo está passando depressa. Tenho trabalhado dia e noite para terminar o vestido a tempo, mas não posso trabalhar sem dormir. Nem mesmo para a realeza de Boston.

São quase duas da manhã quando subo a escada para os meus aposentos no terceiro andar. Preciso de uma ou duas horas, depois eu volto. Mas estou agitada demais para dormir. Vou até a cozinha e faço um bule de chocolate, misturo um pouco de conhaque, como Maddy costumava fazer, e o levo para a cama.

Penso em fumar um cigarro, mas deixei o maço lá embaixo, no ateliê, e estou cansada demais para ir buscar. O chocolate vai ter que ser suficiente, e já posso sentir minhas pálpebras pesando. Duas horas. É tudo de que preciso.

Não tenho ideia de quanto tempo dormi, quando acordo com a garganta ardendo. O quarto está escuro e denso de fumaça. Rolo da cama e caio de joelhos, procurando ar enquanto engatinho na direção da

escada. Seguro o corrimão, desorientada pela fumaça cada vez mais densa e por meus olhos inutilizados. O calor é selvagem, queima meu pescoço e o peito. “Continue se movendo”, meu cérebro grita. “Continue se movendo!” Mas paraliso quando vejo o brilho avermelhado no fundo da casa e ouço o barulho pavoroso das chamas devorando, consumindo.

Minhas oficinas. Meu trabalho. Em chamas.

Desesperada, fico em pé e corro para o brilho terrível, em vez de fugir dele. O calor é como uma parede que me joga de volta, quando alcanço a oficina maior. Prateleiras cheias de rolos de tecido estão completamente envolvidas pelo fogo, as cortinas também, e a superfície da mesa onde, algumas horas antes, eu alfinetava um molde. É como sempre imaginei que seria o inferno.

Então os vejo, três vestidos quase prontos em diferentes estágios, suas sombras se projetando grotescas contra a parede do fundo, criando a impressão de que estão dançando. Vejo horrorizada as chamas lamberem um lado de uma saia, depois saltarem para a manga do vestido ao lado dele, consumindo renda, botões, pedraria.

Ouço um uivo em algum lugar, abafado pela onda gananciosa de fogo. Uma sirene, penso atordoada. Alguém deve ter chamado os bombeiros. Mas não, o som brota de mim, bruto e desolado — uma mãe que chora pelo filho em perigo.

Sem pensar, me jogo para a frente, abraço as cinturas de dois vestidos, chorando e arfando quando os arrasto para a porta, tropeçando nas saias e caudas quando desço cambaleando o último lance de escada, correndo às cegas para a porta e a segurança da rua.

Só quando chego à escada da frente registro a dor lancinante no braço esquerdo. Um dos vestidos que salvei está queimando, e as chamas encontraram a

manga do meu cardigã. Solto os vestidos e grito em desespero, batendo nas chamas que se alastram por um pulso, saltando para o outro. A dor não é como nenhuma outra que já senti, é profunda, ofuscante. As chamas continuam se espalhando, apesar de eu me bater sem parar. Sirenes agora são reais, ensurdecedoras, e, de repente, tudo escurece, sou jogada no chão e enrolada em um cobertor.

Horas mais tarde, acordo na ala de queimados, com a boca seca e grogue de morfina. Minhas duas mãos estão enfaixadas até os cotovelos. Queimaduras de terceiro grau, o médico explica, a mão esquerda foi mais prejudicada que a direita. Ele fala devagar, comoalaria com uma criança, e eu me sinto como uma criança, indefesa e confusa.

A última coisa que lembro é o cobertor me engolindo. Não tenho recordação nenhuma de ser posta na ambulância, onde inseriram tubos nos meus braços, ou levada para o pronto-socorro, onde tiveram que cortar o cardigã queimado e grudado em minha pele. O médico tem que me contar o que aconteceu, e ainda não consigo lembrar. Uma combinação de choque e opiáceos fortes, ele explica, e nada incomum, considerando meus ferimentos.

Pergunto a ele sobre minha loja. Ele não tem nenhuma informação. Mas me diz o que vai acontecer a seguir. Desbridamento, enxertos de pele, exercícios, cicatrização, contratura e dor. Muita dor.

Ele continua dizendo que tenho sorte por estar viva, por ter saído quando saí, por não ter sofrido queimaduras piores. Mas tudo o que escuto é que nunca mais vou costurar, que a vida que construí para mim acabou. A maldição Roussel em ação novamente, diria *Maman*.



Meu copo está vazio. Volto a enchê-lo e vou para o estúdio atrás de minha caixa. De repente, quero me cercar das minhas coisas. É bobagem lamentar agora, depois de tanto tempo sem elas, mas quando tanta coisa foi destruída, tantas coisas foram perdidas, é preciso buscar conforto no que é familiar.

Levo a caixa de volta ao corredor, carregando-a como se fosse uma criança, perto de mim, segurando forte. E, por um instante, quando passo pelo espelho, eu a vejo olhando para mim — a menina que sonhava com príncipes e acreditava em finais felizes. Mas, no instante seguinte, a menina sumiu, substituída pela mulher que me tornei. Esgotada e sozinha. Sem sonhos. Marcada por cicatrizes.

Por um tempo, um punhado de meses, realmente pensei que poderia fazer alguma coisa com o tempo que me restava, que poderia até ser feliz de novo. Mas vejo agora que foi só uma ilusão, uma miragem cintilante que desaparece sob o olhar mais atento. Outra perda para minha coleção. Outro final infeliz.

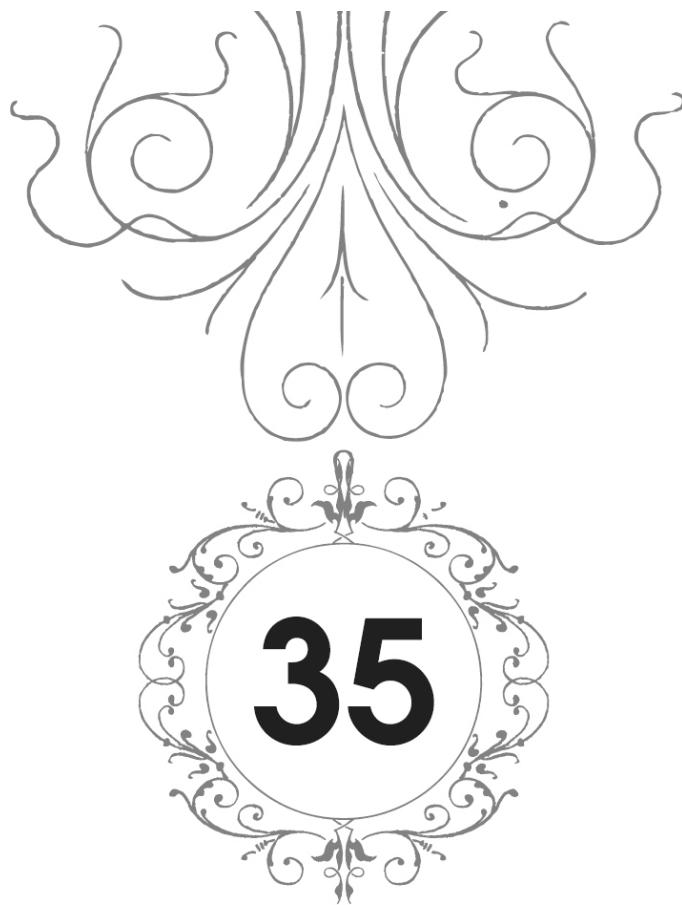
Tiro a roupa e abro a gaveta da mesa de cabeceira. O frasco de comprimidos está ali. Eu o pego, fecho a mão em torno dele. Um sono prolongado é tudo de que preciso. Esquecer. Tenho dificuldades com a tampa, mas finalmente a removo, e os comprimidos caem na minha mão, pequenos e brancos. Eu os conto. Sete. Não parecem suficientes. Quero dormir por muito, muito tempo.

Engulo duas pílulas com o resto do vinho, depois caio deitada de costas na cama. Ouço o tique-taque de um relógio em algum lugar, distante e estranhamente abafado. Fecho a caixa. Somos só nós de novo. Minha caixa de lembranças e eu. Fecho os olhos, acolho a

escuridão, onde tudo é silêncio e as memórias não podem me encontrar.

Sempre lamentei o fim das coisas.





Rory

18 de setembro de 1985 — Boston

Rory parou junto da calçada e desligou o motor. O nó no estômago ficou mais apertado quando olhou para a porta vermelha. Não era a primeira vez que ia bater na porta da casa de Soline sem ter avisado antes, mas as circunstâncias mudaram. Quatro dias haviam se passado desde o almoço desastroso, e ela não teve mais nenhuma notícia de Soline, apesar de ter telefonado uma dúzia de vezes, no mínimo. Não que a culpasse. Mas precisava se desculpar — não só pelo comportamento da mãe, mas por ter ficado lá sentada,

deixando aquilo acontecer —, e, para isso, tinha que esmurrar a porta até ela abrir. Que fosse assim, então.

As cortinas ainda estavam fechadas, e havia três jornais ainda nos sacos plásticos nos degraus da escada da frente. Ela tocou a campainha várias vezes, depois usou a argola de ferro para bater na porta.

— Soline, é a Rory.

Uma mulher passeando com dois *beagles* gordos diminuiu a velocidade ao passar, olhando para ela com desconfiança. Quando ela finalmente seguiu em frente, Rory pegou um envelope e uma caneta da bolsa e escreveu um bilhete rápido. “Por favor, ligue para mim. Preciso falar com você. R.” Bateu na porta pela última vez, depois enfiou o bilhete entre a porta e o batente, torcendo para ele ficar ali até Soline o encontrar.

Mas, no caminho de volta para a galeria, seus pensamentos se tornaram sombrios. E se Soline não estivesse só trancada em casa, alimentando o ressentimento? E se estivesse doente ou machucada?

Tentou telefonar mais uma vez, deixou tocar oito vezes antes de desistir, e depois telefonou imediatamente para o escritório de Daniel Ballantine. Como sempre, a recepcionista transferiu sua ligação.

— Rory, que bom ouvir você. Espero que esteja tudo certo com a galeria.

— Tudo certo, obrigada. Mas preciso de um favor.

— Diga.

— Pode telefonar para Soline para ver se ela está bem?

— Por que não estaria?

Rory mordeu o lábio, tentando decidir o que contar.

— É uma longa história. Estávamos almoçando outro dia, e a conversa se tornou um pouco... desagradável. De repente, ela se levantou da mesa e foi embora. E agora não atende o telefone e, quando estive na casa

dela agora há pouco, ela não abriu a porta. Estou preocupada.

Ele suspirou.

— Há quanto tempo isso aconteceu?

— Quatro dias — Rory respondeu em voz baixa. — Tenho medo de que possa ter acontecido alguma coisa com ela. As cortinas estão fechadas, e havia jornais acumulados na escada da frente.

— Sim — ele disse, alongando a palavra. — Ela faz isso, às vezes.

Seu tom casual surpreendeu Rory.

— Faz o quê?

— Desaparece. Esconde-se. Alguma coisa funciona como gatilho, e ela se retrai.

— Acha que ela está brava, só isso?

— Brava não é a palavra ideal. Certas coisas a desequilibram, coisas com as quais ela prefere não ter que lidar. E ela reage se escondendo. Já aconteceu de passar mais de uma semana desaparecida.

— E o que você faz? Só espera ela aparecer?

— Normalmente, sim. Ela não faz isso para chamar atenção. Quer realmente ficar sozinha.

— Mas e se não for isso? E se ela estiver doente ou ferida?

— Considerando o que você acabou de contar, aposto que não aconteceu nada disso. Ela vai reaparecer quando estiver pronta.

— Pode tentar ligar para ela? Ou ir à casa dela, talvez? Quem sabe ela abra a porta, se souber que é você.

— Não conte com isso.

— Por favor.

— Tudo bem.

— E, se funcionar, pode pedir para ela ligar para mim? Preciso falar com ela.

— Eu dou seu recado, se tiver chance, mas não espere que eu a faça mudar de ideia, se ela já tiver tomado uma decisão. Ela é muito teimosa quando quer. Vou ver o que consigo fazer e mando notícias.

★ ★ ★

Na tarde seguinte, Rory voltou da galeria para casa e encontrou a secretária eletrônica piscando. A visão fez seu coração acelerar, tomado por uma mistura de esperança e medo que havia se tornado familiar nos últimos meses. Mas nenhum dos recados era sobre Hux. Havia duas mensagens da mãe, com quem não falava desde o fiasco no Seasons, e uma de Daniel, pedindo para ela retornar a ligação.

Ela discou o número e foi posta na espera, submetida a uma versão de *Sailing*, de Christopher Cross, enquanto esperava ele concluir outra ligação. Finalmente, houve um clique e Christopher Cross sumiu.

— Rory?

— Conseguiu falar com ela?

— Não. Tentei várias vezes ontem à noite, e hoje passei lá na hora do almoço e toquei a campainha. Nenhuma resposta.

Rory segurou o telefone com mais força.

— Temos que chamar a polícia. Aconteceu alguma coisa.

— Acho que não. Ela está recolhida, só isso. A lata de lixo estava do lado de fora ontem?

Rory fechou os olhos, tentando lembrar.

— Não. Acho que não.

— Pois é, está lá agora. E os jornais sumiram.

— Tinha algum bilhete? Deixei um bilhete encaixado na porta. Ainda estava lá?

— Não vi nada.

Os ombros de Rory relaxaram ligeiramente.

— Tem alguém que faça essas coisas para ela? Uma diarista ou algum tipo de ajudante?

— Não. Tem um garoto que corta a grama, mas é só isso.

— O que vamos fazer, então?

— Vamos esperar.

— Esperar o quê?

— Ela telefonar para um de nós. Mas vai ser no tempo dela. E pode demorar.

— Promete que me avisa se ela telefonar para você?

— Quando ela telefonar — Daniel corrigiu. — Prometo.

Uma hora depois, Rory estava estendida na cama com uma fatia de pizza fria e uma pilha de cardápios de empresas de *catering* quando o telefone tocou. Ela agarrou o aparelho sem fio tão depressa que quase o derrubou.

— Alô?

— Falei com ela.

Rory fechou os olhos com a força do alívio.

— Ela está bem?

— Rabugenta, como sempre. Mas isso pode ter a ver com o fato de eu ter pulado a cerca dos fundos para espiar pela janela da cozinha. Ela estava fazendo café e, de repente, me viu ali. Gritou muito, isso eu posso dizer. Finalmente ela me deixou entrar, mas não me deu café.

— Mas ela está bem? Tem certeza?

— Ela já esteve melhor, admito. Mas disse que está bem. Está enfrentando algum problema com as mãos novamente, e os analgésicos dão sono.

— Você avisou que estou tentando falar com ela?

— Ela sabe — Daniel respondeu depois de hesitar um pouco. — Ouviu quando você foi bater na porta.

— E o bilhete?

— Ela leu.

— E não vai ligar, vai?

Mais uma pausa, dessa vez mais longa.

— Ela acha melhor não ligar.

— Entendo.

— Não sei se entende — Daniel respondeu em voz baixa. — Não sei nem se eu entendo. Ela é muito reservada em relação ao passado, mas sei de algumas coisas que ela enfrentou. Não foi fácil, mas ela fez as pazes com o que sobrou de sua vida depois do incêndio se anestesiando. Então você apareceu, e, de repente, ela mudou, parou de buscar esse entorpecimento. Ela mudou. Agora aconteceu alguma coisa. Não sei o quê. Ela não disse. Mas voltou para dentro da concha.

— A culpa foi minha. É isso que estou tentando dizer a ela. Quero pedir desculpas.

— Ela não está brava, Rory. Só acha que é melhor não ver mais você. Ela me pediu para agradecer e dizer que espera que tudo corra bem com a inauguração.

Rory fechou os olhos, assimilando o caráter definitivo das palavras.

— Acha que ela vai mudar de ideia?

— Não se você pressionar. Dê um pouco de espaço para ela. Foque na galeria, por enquanto, e tente de novo daqui a algum tempo. Enquanto isso, se precisar de alguma coisa, pode contar comigo.

Rory se sentia muito infeliz quando desligou o telefone. Ele estava certo sobre dar espaço a Soline, provavelmente, mas a ideia de perder sua amizade era muito dolorosa, o que a assustava, considerando que se conheciam há tão pouco tempo. No início, ela foi uma tábua de salvação, uma espécie de espelho no qual se via, mas se tornou muito mais que isso. Uma amiga e confidente. Sua fada madrinha.

“Almas gêmeas.”

Foi assim que Soline descreveu o relacionamento entre elas. Desconhecidas que compartilhavam um passado em comum. As palavras causaram um arrepio naquela ocasião. Agora, causavam tristeza. Era como se o benefício do encontro de seus caminhos tivesse ficado de um lado só. Recebeu empatia e compreensão quando mais precisava, mas, ao ajudá-la, Soline foi forçada a reviver a perda do único homem que amou. E tudo isso sem ter sequer uma fotografia para servir de conforto.

De repente, a semente de uma ideia começou a se formar, um jeito de agradecer a Soline por tanta bondade. Mas ia precisar de ajuda.

★ ★ ★

Às nove da manhã seguinte, Rory estava sentada tomando café, esperando Doug Glennon atender a ligação. Ele era redator esportivo do *Globe* e tinha se casado com uma amiga dela da Tufts alguns anos atrás. Um grande sujeito, um tipo atlético com um coração de ouro, e completamente maluco por Kelly. Não o conhecia bem, mas tinham se encontrado algumas vezes, e Kelly garantiu que ele a ajudaria e prometeu tocar no assunto assim que ele chegasse na noite passada.

— Doug falando.

— Doug — disse Rory, assustada depois de passar tanto tempo na espera. — Aqui é Aurora Grant, Rory. Não sei se você se lembra de mim, mas fui uma das damas de honra de Kelly. Falei com ela ontem, e ela disse que eu deveria ligar para você.

— Rory. A nadadora, certo? Kelly contou que você tinha ligado. O que posso fazer por você?

— Queria pedir um favor. Tenho uma amiga que perdeu alguém na guerra, um motorista de ambulância

de quem ela estava noiva, e descobri que ela não tem nenhuma foto dele. Queria encontrar uma e colocar em uma moldura para dar de presente para ela.

— Estamos falando do Vietnã?

— Segunda Guerra Mundial.

Doug assobiou baixinho.

— Quarenta anos. Quantos anos tem essa sua amiga?

— Pois é. Faz muito tempo, mas achei que talvez pudesse existir alguma foto em um arquivo em algum lugar. Sei que não é o que você costuma fazer, mas sei que repórteres têm acesso a muitos registros antigos. Ele era de uma família proeminente de Newport. Eles faziam barcos, acho. Barcos de corrida. Por isso acho que pode haver uma foto dele em um jornal antigo, ou alguma coisa assim.

— Por que não procura a família e pede uma foto?

Rory mordeu o lábio.

— Digamos que eles não são muito propensos a colaborar.

— Sei. Entendi.

— Não quero que faça nada que crie problemas para você no trabalho, mas adoraria poder fazer isso por ela. Será que consegue me ajudar?

— Qual é o nome?

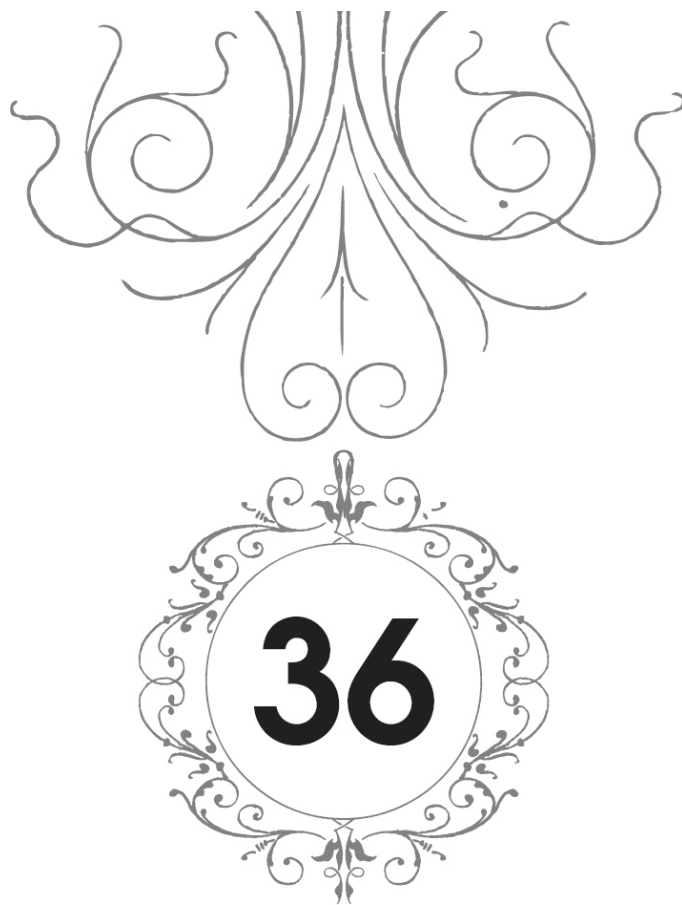
— Purcell — Rory revelou antes de mudar de ideia. — Anson Purcell. O nome do meio começa com W. Ele era motorista do American Field Service, se ajudar.

— Pode ajudar. Mais alguma coisa para estreitar o foco? Data de nascimento? Parentes?

— Não tenho a data de nascimento, mas o nome do pai era Owen, e ele tinha uma irmã chamada Cynthia.

— Owen e Cynthia Purcell, de Newport, Rhode Island. Muito bem. Vou ver o que posso fazer. Talvez haja um anuário escolar em algum lugar, ou um álbum de formatura. Vou procurar, me dê alguns dias. Eu entro em contato quando souber alguma coisa.

Rory deixou o número de seu telefone e agradeceu muito antes de desligar. Faria o que Daniel disse. Daria espaço a Soline enquanto se concentrava na inauguração e, depois, dentro de algumas semanas, escreveria uma carta e a mandaria com a foto de Anson. Como uma demonstração de amizade, ou um presente de despedida, se ela preferir.



Rory

23 de setembro de 1985 — Boston

Rory entrou em seu apartamento exausta, mas feliz. Tinha embarcado logo cedo na balsa para P-town para encontrar Helen Blum, uma artista modernista que trabalha com bronze e foi recomendada por Kendra Paterson. Essa era uma das coisas que ela mais gostava em artistas emergentes, a infalível generosidade com os membros de sua comunidade. Sem isso, ainda estaria tentando reunir artistas suficientes para abrir as portas no próximo mês.

Ela chutou os sapatos dos pés e seguiu diretamente para o telefone. Fazia três dias desde sua conversa com Doug, e estava começando a temer que a ausência de notícias pudesse representar más notícias, ou seja, nenhuma foto. A luz de mensagens estava piscando. Ela apertou o “Play”. O primeiro recado era da mãe, outro convite para jantar, e ainda nenhuma menção ao almoço. Aparentemente, ela continuava tentando fingir que nunca havia acontecido.

A segunda mensagem era de Doug. “Ligue para mim. Acho que tenho o que você está procurando.”

Ela ligou para o número do jornal, digitou o ramal dele e torceu para ele não ter encerrado o expediente. Odiava a ideia de incomodá-lo em casa, mas não sabia se conseguiria esperar até o dia seguinte.

— Doug Glennon.

— Oi, é a Rory. Recebi seu recado.

— Demorei um pouco, mas finalmente achei o pote de ouro. Tenho dois retratos. Um deles é de um anuário da faculdade, o outro é dele uniformizado, tirado pelo jornal local antes de ele partir. Barba feita, o típico americano. Quer material atual também?

— Material atual? — Rory repetiu com um desânimo instantâneo. Ele encontrou o homem errado. — O Anson Purcell de quem estou falando morreu na Segunda Guerra, em algum lugar perto de Paris, provavelmente. Ele era motorista de ambulância do American Field Service.

— Sim, é ele mesmo. Mas ele não morreu na França. Nem em outro lugar qualquer, na verdade. Ele está vivo e bem, e é um grande filantropo, pelo que descobri.

— Não. Isso é impossível.

— Impossível ou não, estou olhando para um artigo que diz que ele fez uma doação considerável para a Liga Antidifamação em março. Parece que ele é rico, e

um perfeito herói. Diz que foi capturado. Gravemente ferido. As datas são coerentes; posso mandar para você por fax, se quiser, mas estou dizendo: é ele.

Rory se sentou na cama, a cabeça repentinamente cheia de ruídos. Houve alguma confusão. Thia teve um filho e deu a ele o nome do irmão, talvez. Mas as datas...

— Não tenho fax — ela respondeu finalmente. — Quanto tempo ainda vai ficar aí?

— Já devia ter ido embora. Vamos jantar com os pais da Kelly, e não posso me atrasar de novo. Mas posso pôr tudo em um envelope e deixar na recepção quando eu sair. Pode ser?

— Eu passo aí em uma hora para pegar o envelope.

Rory ficou sentada, olhando para o telefone depois de desligar. Não podia ser verdade. Mas e se fosse? Como Soline reagiria à notícia? Nada bem, se sua reclusão atual servia de indicação. A única coisa mais aflitiva que um amor perdido era um amor deliberadamente jogado fora.



Quarenta e cinco minutos depois, ela estava sentada no estacionamento do edifício do *Globe*, em Dorchester, olhando para um envelope pardo com seu nome escrito na frente em letras pretas e grossas. Foi preciso recorrer a toda força de vontade que tinha para não abrir o envelope ali mesmo no saguão, mas ela conseguiu levá-lo de volta ao carro.

Ela acendeu a luz interna do carro, soltou o barbante do ilhós do envelope e despejou todo o conteúdo em seu colo. Eram cópias de vários artigos de jornais. O primeiro era o que Doug havia mencionado, enaltecendo a Fundação Purcell por seu histórico de

empreitadas filantrópicas, incluindo uma doação recente de sete dígitos para a Liga Antidifamação. O artigo seguinte falava sobre um Prêmio de Serviço Vitalício conferido pelo Conselho de Liderança da Nova Inglaterra, e fornecia ainda mais informações:

Desde a conclusão de seu mandato como diretor de recursos financeiros da Federação Internacional da Cruz Vermelha (FICV), o Sr. Purcell continua servindo à organização como consultor de políticas e especialista em negociação, é associado a numerosas organizações humanitárias e integra o conselho de várias ONGs e diversos fundos de caridade. Atualmente, ele também é membro da diretoria da Purcell Industries Ltda., onde atua ao lado da irmã na condição de conselheiro. Em 1941, antes de os Estados Unidos entrarem na guerra, o Sr. Purcell abandonou Yale e foi para a França, onde foi voluntário do American Field Service dirigindo uma ambulância e trabalhando no Hospital Americano em Paris, até ser gravemente ferido durante a remoção bem-sucedida de um piloto abatido da Força Aérea Britânica. Ele foi capturado e mantido em um campo alemão de prisioneiros por quase cinco meses, onde teve dificuldades para se recuperar de seus ferimentos. Quando a guerra acabou, Purcell passou dois anos na Suíça, tratando-se com especialistas, aprendendo a andar novamente. Como filho único e herdeiro de uma fortuna considerável, não se poderia criticá-lo por assumir o lugar do pai como CEO dos negócios da família, junto com todos os benefícios decorrentes da posição. Em vez disso, ele escolheu uma vida de serviço e filantropia, conquistando a gratidão do Conselho de Liderança da Nova Inglaterra e deste veículo de publicações.

Rory deixou o artigo de lado e olhou para as fotos embaixo dele. Nunca tinha visto Anson Purcell, mas o jovem que olhava para ela do retrato parecia sinistramente familiar. Não conseguia lembrar de Soline o descrevendo com detalhes, mas o rosto parecia... correto. Olhos claros e cabelos loiros e ondulados, uma boca que era, ao mesmo tempo, sensual e séria. Ele usava um terno escuro com gravata estreita. Embaixo da fotografia, ela viu parte de uma legenda borrada — Anson William Purcell, Turma de 1941.

Na segunda foto, ele vestia calça cáqui e segurava uma jaqueta de couro sobre um ombro, como Van Johnson ou Tab Hunter, o belo e íntegro herói americano. Essa era a aparência que ele tinha na primeira vez que Soline o viu. E na última.

Havia mais uma fotografia, uma cinco por sete colorida tirada bem recentemente. Rory olhou para ela e cobriu a boca com uma das mãos. Para um homem de sessenta e poucos anos, ele ainda tinha uma beleza impressionante, com porte atlético e cabelos prateados e abundantes que homens com metade de sua idade deviam invejar. Mas ele não era o jovem Anson do anuário ou o belo Anson de uniforme. Linhas profundas emolduravam os olhos, e o queixo, antes quadrado, havia suavizado com o tempo.

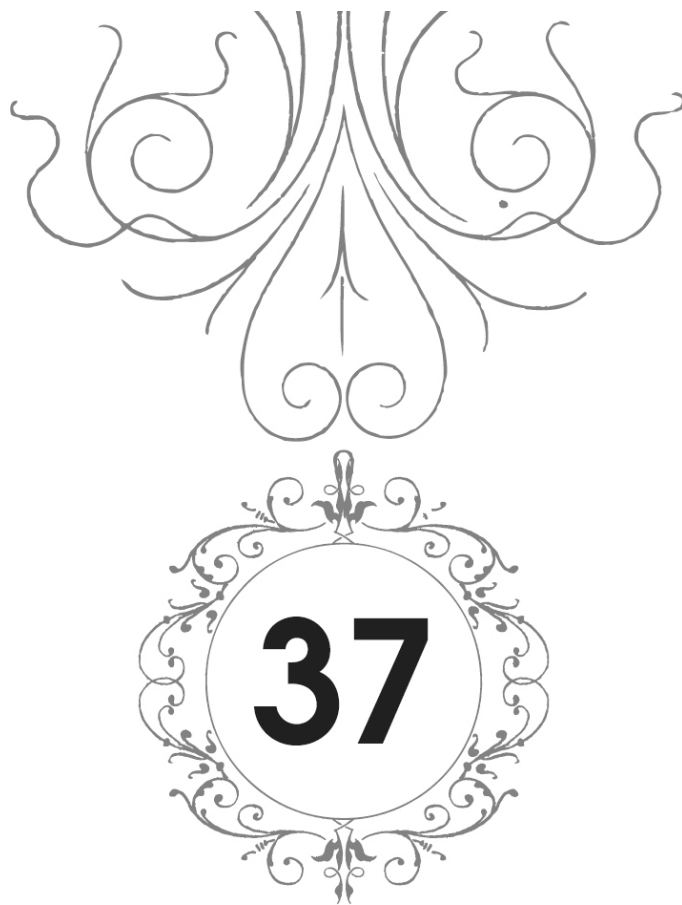
E havia algo diferente na boca. A sensualidade de antes desapareceu, deixando, em seu lugar, uma linha firme, quase sombria. Uma boca que não tinha o hábito de sorrir, Rory concluiu. Havia dor ali, uma dor antiga que havia endurecido ao longo dos anos. Mas depois do que ele sofreu nas mãos dos nazistas, era compreensível. E, mesmo assim, ele dedicou a vida a boas obras.

Uma enxurrada de perguntas a tomou de assalto enquanto continuava olhando para a foto do Anson dos dias atuais. Capturado e mantido prisioneiro durante cinco meses. Dois anos na Suíça reaprendendo a andar. O que passou por sua cabeça quando voltou e descobriu que Soline havia partido? O que seu pai havia dito sobre ela... e sobre o bebê? E, mais importante, por que ele não a procurou? Ou talvez tenha procurado, mas não a encontrou. Mas isso parecia improvável para alguém com tantos recursos. Seria possível que o tempo e os acontecimentos simplesmente calaram seus sentimentos por ela?

A última pergunta provocou nela um arrepio de medo. Talvez por tudo ser muito próximo de sua história. Durante meses, esteve obcecada com a ideia de Hux voltar para ela são, salvo e inteiro. Nunca se deixou imaginá-lo um homem mudado, destruído e atormentado pelo que pudesse ter sofrido nas mãos dos homens que o capturaram.

Rory banuiu o pensamento, recolheu as fotos, prendeu-as com um clipe e guardou no envelope, preferindo focar a questão imediata. Tinha pedido para Doug encontrar uma foto de um homem morto e, em vez disso, ele havia conseguido localizar o homem. E agora teria que pensar em um jeito de contar a Soline que o homem cuja morte ela havia chorado por mais de quarenta anos estava bem vivo.

Uma coisa era certa. Não falaria uma palavra sobre isso enquanto não olhasse nos olhos de Anson Purcell e arrancasse dele algumas respostas. Soline merecia pelo menos isso.



Rory

24 de setembro de 1985 — Newport

Rory parou no estacionamento e desligou o motor, depois olhou mais uma vez para o *post-it* preso ao painel.

*“Purcell Industries Ltda,
6 Commercial Wharf, Newport,
Rhode Island.”*

Estava no lugar certo. Não era o local ideal para o tipo de conversa que ia ter, mas era o único endereço que o serviço de auxílio à lista tinha para oferecer.

Ela pegou a bolsa e seguiu por uma alameda de paisagismo impecável em direção à porta dupla de vidro fumê. Era um edifício enorme de tijolos vermelhos e escuros, com telhado em ângulo acentuado e janelas em arco que davam a ele a aparência de um velho moinho ou de um galpão de estrada de ferro.

Ela hesitou ao chegar à porta, notando os logos elaborados e idênticos gravados no vidro. Ia mesmo fazer isso? Encurrular um desconhecido em seu endereço comercial e exigir que ele explicasse por que não está morto? E, no fim das contas, o que esperava conseguir com isso? Talvez fosse melhor deixar tudo como estava. Mas agora já estava ali, depois de uma viagem de carro de quase duas horas, com uma longa lista de perguntas sem respostas. Se ele se recusasse a conversar, não teria perdido mais do que meio dia e um tanque de combustível.

Ela empurrou a porta, afastando-se para dar passagem a um homem que saía do prédio de short azul-marinho e sapatos esportivos. O interior era *clean*, aberto, com teto alto azul, cuja intenção era espelhar o céu, e assoalho brilhante cor de mel. Havia uma mesa alta de vidro na recepção, onde o logo das Indústrias Purcell podia ser visto novamente. Rory pigarreou ao se aproximar, esperando transmitir o tipo de confiança que a mãe transmitia quando entrava em algum lugar.

A recepcionista levantou a cabeça e sorriu.

— Bom dia. Como posso ajudar?

— Quero falar com o Sr. Purcell.

O sorriso perdeu o brilho quando a mulher a estudou por cima dos óculos de meia-lua.

— Sr. Purcell?

— Anson Purcell — Rory esclareceu, percebendo que podia haver mais que um.

Ela sorriu educada, mas balançou a cabeça.

— Lamento, o Sr. Purcell não trabalha neste prédio. Se quiser adiantar o assunto, posso encaminhá-la à pessoa certa.

Ela era a sentinela, Rory compreendeu, estrategicamente posicionada para impedir mulheres aleatórias de entrarem no edifício com perguntas impertinentes.

— Não é um assunto profissional. Vim falar sobre uma amiga dele. Uma velha amiga da família, na verdade — acrescentou, pensando em Thia. — Sabe como posso entrar em contato com ele?

— Lamento. Não posso fornecer essa informação, mas, se quiser deixar um número para contato, posso passá-lo para a secretária dele.

Rory fez o possível para sustentar o sorriso.

— Por acaso Thia está aqui?

A recepcionista levantou as sobrancelhas com uma mistura de desconfiança e surpresa.

— Thia?

— A irmã de Anson, Cynthia. Vim de Boston, e é importante que eu fale com um deles o quanto antes.

A mulher a encarou de novo, depois assentiu quase imperceptivelmente.

— Qual é seu nome, por favor?

— Aurora Grant.

— Muito bem. Um momento, por favor.

Ela pegou o telefone e digitou um número, girando uma caneta entre os dedos enquanto esperava alguém atender.

— Sim, é Paulette — disse, endireitando as costas na cadeira. — Lamento incomodar, mas tem uma jovem aqui pedindo para falar com o Sr. Purcell. Quando expliquei que ele não trabalha aqui, ela pediu para falar

com você. É de Boston. Diz que o assunto é uma velha amiga da família.

Ela parou, cobriu o bocal do telefone e olhou para Rory.

— Ela quer saber que amiga é essa.

Rory hesitou, tentando decidir o quanto deveria revelar. Não teria vantagem nenhuma sendo indiscreta ao lidar com os segredos da família.

— Diga que é uma amiga muito próxima do irmão dela... da guerra.

Paulette repetiu literalmente as palavras de Rory, ouviu por um momento, depois assentiu impertinente.

— Sim. Obrigada. — Ela desligou o telefone e pegou um bloco de anotações, escreveu um endereço e desenhou rapidamente um mapa.

— A Srta. Purcell disse que é melhor dirigir-se à casa. Aqui está o endereço. Alguém a receberá no portão.

Rory tentou não parecer tão perplexa quando pegou o papel com o endereço e o guardou na bolsa, como se isso fosse exatamente o que esperava que acontecesse.

— Muito obrigada pela ajuda, Paulette.

Ela levou menos de quinze minutos para chegar ao endereço na Bellevue Avenue. Parou diante do portão ornamentado, e uma mulher de macacão desbotado e chapéu de aba larga se levantou de onde estava ajoelhada, abandonando o jardim e a pilha de sementes. Ela abaixou os óculos e olhou para Rory.

— Meu nome é Aurora Grant — Rory anunciou quando a mulher se aproximou. — Vim falar com Cynthia Purcell.

— Paulette falou que você veio de Boston.

Rory estudou a mulher, registrando as semelhanças. Os cachos prateados e dourados escapando sob a aba do chapéu, os olhos claros e a boca larga.

— Você é Thia?

Ela limpou as mãos e as apoiou na cintura.

— O que deseja?

— Vim falar com seu irmão sobre a noiva dele.

Ela ajustou o chapéu para proteger melhor os olhos.

— Meu irmão não tem uma noiva.

— Mas teve uma durante a guerra. Gostaria de falar com ele sobre Soline Roussel.

— Entendo — Thia respondeu com uma firmeza peculiar. — É melhor entrar.

Rory estacionou o carro no alto da alameda da entrada, tentando imaginar Soline, recém-saída do barco que a trouxe da Paris arrasada pela guerra se deparando com a grandiosidade da casa da família Purcell. Era praticamente um palácio, três andares de pedra cinza e cor de creme com janelas altas divididas por mainel e um número impressionante de frontões.

Não fosse pela interferência de Owen, Soline poderia ser a senhora dessa casa. Estaria aqui quando chegasse a notícia de que Anson estava vivo, na verdade. E, quando ele voltasse para casa, ela estaria ali para ajudá-lo a se recuperar dos ferimentos. Teria havido um casamento e filhos. Felicidade, em vez de sofrimento. Alegria, em vez de luto.

Se não fosse por Owen.

Thia não disse nada quando levou Rory à varanda na parte de trás da casa. Lá ela tirou os sapatos, pendurou o chapéu em um prego ao lado da porta, do lado de dentro, e dirigiu-se à pia da cozinha.

— Vou lavar as mãos e servir limonada para nós.

Rory tentou ser discreta enquanto estudava a irmã de Anson. Cynthia devia ter cinquenta e poucos anos, era alta e forte, com o rosto dourado pelo sol e pesadas ondas cor de trigo que desciam além dos ombros. Não havia dúvida de que ela era parente do homem nas fotografias, mas havia mais alguma coisa, uma característica que não conseguia identificar e que,

apesar da natureza desagradável de sua visita, deixava Rory à vontade.

— Obrigada por me receber — ela disse ao ver Thia encher dois copos altos com gelo e limonada. — Sei que isso deve ser... estranho.

Thia entregou a ela um dos copos, depois bebeu do dela, os olhos claros estudando Rory por cima da borda.

— Talvez seja melhor irmos para o meu estúdio, onde não seremos interrompidas. Nadine está aqui limpando as persianas, e a mulher tem ouvidos de morcego.

De repente, Rory se deu conta de que Thia podia ter tirado alguma conclusão errada sobre o motivo de sua visita.

— Não estou aqui para causar problemas, Srta. Purcell. Não quero nada de você, se é isso que está pensando.

— Sei por que está aqui. Soube desde o telefonema de Paulette. Venha comigo.

O estúdio de Thia ficava na parte de trás da casa, um cômodo arejado com arte interessante nas paredes — dela? — e uma escrivaninha antiga bem no centro. Atrás da mesa, uma porta francesa se abria para um pequeno pátio. Thia fechou a porta, depois apontou um sofá cor de pêssego, convidando-a a se sentar.

Ela se sentou na frente de Rory, o macacão manchado de grama e os pés descalços destoando da decoração feminina da sala.

— Por onde começamos?

Seu tom prático era um pouco inquietante. Rory bebeu um gole de limonada para se preparar, depois encarou Thia.

— Por Soline.

Thia assentiu.

— Pensei nela ao longo dos anos, queria saber se ela ainda está viva e se algum dia foi feliz. — Sua voz transmitia a lembrança do carinho. — Como ela está?

— A vida a deixou um pouco frágil, mas ela conseguiu enfrentar tudo. Soline me contou que já morou aqui.

— Quando eu era menina, sim.

— E foi embora de repente. Você sabe por quê?

— Meu pai a levou. — Ela parou, olhou para o copo.
— Não, não é verdade. Ele a mandou embora. Ela e meu irmão iam se casar quando ele voltasse para casa, e então...

— Então aquele telegrama chegou.

— Sim, informando que ele havia desaparecido. Encontraram a ambulância dele cheia de marcas de tiros. Havia sangue por todos os lados, mas nenhum corpo. Só a jaqueta dele na estrada com um buraco de bala. Alguém... um fazendeiro, acho... viu os nazistas levando meu irmão para o bosque. Não era incomum eles atirarem em alguém e levarem o corpo para enterrar no bosque. Às vezes, só o abandonavam para os animais. Meu pai só me contou tudo isso quando Anson já estava na Suíça, em segurança.

— Mas ninguém nunca disse a Soline que seu irmão estava vivo.

— Não, meu pai já havia mandado ela embora a essa altura. Eu fui enviada para um colégio interno alguns dias depois da chegada do primeiro telegrama, e ainda estava lá quando o segundo chegou. Convenientemente fora do caminho.

— Porque ele nunca teve a intenção de permitir que eles se casassem. Desde o instante em que ela pisou nesta casa.

Thia a encarou intrigada.

— Você tem muitas informações, Srta. Grant. Posso saber qual é sua ligação com a Srta. Roussel?

— Sou amiga dela — Rory respondeu, esperando que isso fosse verdade. — E alugo um imóvel dela, onde vou inaugurar uma galeria no mês que vem. Foi assim que

nos conhecemos. Encontrei algumas coisas dela quando comecei a reforma do imóvel e me ofereci para devolvê-las. Um dos objetos pertencia a seu irmão, um estojo de barbear com as iniciais dele.

Thia fechou os olhos por um instante, seus lábios tremeram.

— Ela o guardou por todos esses anos.

— Você se lembra dele, então.

Thia confirmou com um movimento de cabeça.

— Meu pai o tomou dela. Não queria que ela levasse nada do meu irmão quando partisse, muito menos alguma coisa com suas iniciais. Achei que foi uma terrível crueldade, por isso entrei no quarto dele, achei o estojo e o coloquei de volta na caixa quando ela desceu para tomar café da manhã.

— Foi você — Rory conclui sorrindo. Não era à toa que Soline a adorava. — Ela pensou que tivesse sido seu pai. Achou que ele podia ter se arrependido de como a tratou.

Os lábios de Thia se comprimiram em uma linha fina.

— Meu pai nunca acreditou em culpa, Srta. Grant. Ou em amor. Para ele, eram sinais de fraqueza.

— Sabe por que ele mandou Soline embora? O motivo verdadeiro?

Thia olhou para a limonada.

— Na época eu não sabia. Mas agora sei. — Ela levantou a cabeça e suspirou. — Agora sei muitas coisas. E suspeito que você também saiba.

— Está falando do bebê.

— Sim. O bebê.

— O nome dela era Assia — Rory contou, lembrando que a criança teria sido sobrinha de Thia. — Significa “aquela que conforta”. Soline queria muito ter uma parte de seu irmão nos braços, manter viva a lembrança dele por intermédio da filha. Quando ela morreu...

Thia deixou o copo de lado e uniu as mãos sobre as pernas, tensa.

— Há partes dessa história que você não conhece, Srta. Grant. Trechos que ninguém conhece, só eu. E nem eu conhecia esses fatos até recentemente. O bebê de Soline não morreu.

Rory a encarou confusa e horrorizada.

— O que está dizendo?

— Pensei que soubesse e que estava aqui por isso.

Rory balançou a cabeça, tentando digerir o que havia acabado de ouvir.

— Como eu poderia saber? E como isso é possível?

— Meu pai pagou para as pessoas mentirem — Thia repetiu sem se alterar. — Para dizer que o bebê morreu, para Soline nunca poder voltar e exigir alguma coisa de meu irmão. Ele não se importou com o destino de nenhuma das duas quando pensou que Anson estava morto. Só queria se ver livre delas. Mas, quando aquele segundo telegrama chegou, ele entendeu que Anson jamais poderia saber sobre a criança. Tinha que se assegurar de que não havia nenhuma chance de ela aparecer com um bebê nos braços. Então, ele assinou um cheque muito generoso para providenciar uma adoção discreta. Depois ele escreveu para Anson na Suíça dizendo que Soline havia ido embora, desistido dele, se negado a ficar ao lado de um inválido. Ele precisava fazer meu irmão odiá-la, e tinha que ser um ódio absoluto, porque assim ele nunca pensaria em procurá-la.

Uma onda de desgosto invadiu Rory enquanto ela ouvia Thia revelar todos os detalhes, até o fim.

— Seu pai pensou em tudo.

— Sim.

Rory passou a mão na cabeça. Não tinha palavras para descrever o que estava sentindo. Raiva. Aversão. Dor. Nada disso parecia adequado. Roubar o filho de

uma mulher e vendê-lo a estranhos. Seu próprio sangue. Era inconcebível. E caberia a ela dar as notícias a Soline.

— Eu ainda nem contei a Soline que Anson está vivo. Como vou falar tudo isso para ela?

Thia levantou as sobrancelhas.

— Veio aqui sem falar com ela?

— Eu descobri isso ontem e, antes de falar alguma coisa, precisava entender o que aconteceu e porquê. Soline passou por muita coisa ao longo dos anos, e isso a deixou frágil. Fiquei preocupada com como ela reagiria à notícia de que o homem que ela amava com todo o seu coração voltou da guerra e nunca se deu ao trabalho de procurá-la.

— Anson não teve culpa — Thia reagiu de um jeito abrupto. — Quando meu pai contou a ele que Soline havia ido embora porque não o queria por estar aleijado, isso rompeu alguma coisa dentro dele. Por isso ele escolheu ficar na Suíça para se reabilitar, e porque meu pai o convenceu de que lá era o melhor lugar para ele. E ele voltou a andar, mas voltou para casa tão arrasado e amargurado que quase não o reconheci.

— Mas contou a verdade, quando ele finalmente voltou para casa, não? Sobre o bebê e o que seu pai fez?

— Como poderia contar? Nem eu sabia, só soube quando meu pai morreu e tive que mexer nos papéis dele. — Ela se levantou, se aproximou de um armário e abriu uma gaveta, revelando uma pilha de caixas de papelão. — Isso é o que você vê quando vai pôr em ordem os assuntos de seu pai. Anson estava fora do país quando ele morreu, e a tarefa coube a mim. Eu nem imaginava que o homem era um acumulador. Joguei fora toneladas de papéis e coisas imprestáveis. E, então, um dia, encontrei isto aqui.

Depois de alguns instantes remexendo o conteúdo de uma das caixas, ela pegou um livro contábil de capa

vermelha fechado por duas tiras largas de elástico.

— Ia jogar fora também, até olhar com mais atenção os registros... e todo o resto que encontrei aqui dentro.

— O que é isso?

— A verdade — respondeu Thia, removendo as tiras de elástico antes de entregar o livro a Rory. — Está tudo aí. Todos os pagamentos e a papelada, tudo que meu pai teve que fazer para apagar Soline e o bebê de nossa vida. Antes de dizer mais alguma coisa, quero que você dê uma olhada nisso.

As palavras eram como um presságio, pairavam entre elas como uma ameaça. Rory prendeu a respiração e abriu o livro. O nome “D. Sherifan” quase saltou da página. Lembrava de Soline o mencionando, mas vê-lo ali, na caligrafia de Owen, provavelmente, fez seu estômago se contrair. Também havia outros nomes: Dr. Marcus Hartwell, Elliot Manson, advogado. Um médico, um advogado e a Sociedade de Auxílio à Família.

Thia esperava enquanto Rory virava as páginas, olhando longas listas de registros. Contribuição para caridade. Despesas médicas. Contribuição para caridade. Contribuição para caridade. Tarifas legais. Documentos. Contribuição para caridade. O primeiro registro era de 24 de outubro de 1943, o último, de 12 de agosto de 1972. Datas. Valores em dólar. Era tudo muito organizado, muito cuidadoso, como se os registros fossem despesas comerciais.

— Vinte e oito anos — Rory murmurou, ainda olhando o livro. — Os registros se tornavam mais esporádicos com o passar do tempo, mas alguns pagamentos eram valores de cinco dígitos.

— Dinheiro que comprou silêncio — Thia declarou com franqueza. — É o que eu acho, pelo menos. Ele estaria arruinado se alguém revelasse que ele pagou para se livrar da própria neta. E era preciso considerar Anson. Ele sabia que a dinastia Purcell desmoronaria se

Anson sentisse o cheiro de tudo isso. Não que ele se importasse. Anson nunca quis saber dela. Tenho certeza de que meu pai está se revirando no túmulo, sabendo que sou a senhora desta casa e quem administra os negócios da família.

— Anson não quis nada disso?

Thia balançou a cabeça com tristeza.

— Meu irmão não passou nem um mês inteiro nesta casa desde que voltou da Suíça. Não que eu critique sua decisão. Havia sempre muita infelicidade aqui depois que minha mãe morreu. Meu pai nunca foi um homem gentil, mas piorou depois que a perdeu. Era de se esperar que a ideia de ter uma neta o amolecasse.

— Há quanto tempo sabe de tudo isso?

— Quatro meses, mais ou menos.

— E Anson ainda não sabe?

— Não.

Rory se esforçava para manter o tom sereno.

— Não pensou que seu irmão precisava saber que ele e Soline tiveram uma filha?

— É claro que pensei. — Os olhos de Thia se encheram de lágrimas. — Quase não pensei em outra coisa desde que encontrei o livro. Não sabia o que fazer com essa descoberta. Tentei contar para ele uma vez, quando ele ligou de Londres no meu aniversário, mas ele ameaçou desligar e nunca mais telefonar se eu mencionasse o nome dela, e eu acreditei na ameaça. — Ela balançou a cabeça, o queixo tremeu. — Soline não é a única que ficou fragilizada com tudo isso. O que aconteceu durante a guerra mudou meu irmão. Voltar para casa acabou com ele.

— Mas ele a conhecia, Thia. Ele a amava. Não entendo como pôde acreditar nas mentiras de seu pai sobre uma mulher que ele amava.

— No início, ele não acreditou. Na verdade, eles tinham brigas horríveis por causa das coisas que meu

pai falava sobre ela, sobre ela sempre ter se interessado pelo dinheiro dele, mas não ter ficado nem por isso se tivesse que empurrar o marido em uma cadeira de rodas. Era como se ele punisse Anson por amá-la. Houve momentos em que tive medo de que eles partissem para a agressão física.

— E o que mudou?

— Não sei. Um dia, foi como se alguém acionasse um interruptor. De repente, Anson se recusava a falar o nome dela. E também não queria ouvi-lo de ninguém. É assim até hoje. Sempre que tentei conversar com ele sobre isso, Anson encerrou a conversa. É como se ela o houvesse envenenado.

— Seu pai deve ter ficado feliz com isso.

— Imagino que sim. Ele conseguiu o que queria. Mas ele sempre conseguia. Mesmo que isso destruísse as pessoas que supostamente amava. Ele destruiu Anson, com certeza.

— E o bebê. Ele simplesmente deu a criança. A própria neta, e não tinha ideia de onde estava ou do que aconteceu com ela.

— Ah, ele sabia. — Thia desviou o olhar. Sua voz assumiu aquela nota sombria outra vez. — A mulher que administrava a Sociedade de Auxílio à Família mandou uma cópia da sentença de adoção, prova de que o dinheiro dele havia sido usado adequadamente. Ele era esse tipo de monstro. Nenhuma preocupação com a criança, só com seus planos para Anson e o império Purcell.

— Tudo muito eficiente.

— Esse era meu pai, determinado a ter o que queria a qualquer custo. E Dorothy Sheridan ficou muito feliz em ajudar, por uma taxa, é claro. Fiz uma verificação quando encontrei o livro contábil. Parece que a polícia encontrou uma pista das atividades da Srta. Sheridan em 1972. Por isso os registros no livro terminam aí. Ela

desapareceu, e meu pai finalmente se livrou dessa obrigação.

Rory se sentia gelada.

— Isso é inconcebível. Soline passou quarenta anos de luto pela filha que acreditava estar morta e enterrada, e ela estava por aí esse tempo todo. Como uma mulher pode fazer algo tão desprezível com outra?

Thia a estudou intrigada.

— Você parece ser muito protetora com ela. Dirigir até aqui, fazer todas essas perguntas...

— Ontem um amigo meu, um repórter que me ajudava a procurar uma foto do seu irmão morto, encontrou uma de dois anos atrás. Acho que perguntas são inevitáveis.

— Por que queria uma foto de Anson?

Mais uma vez, Rory sentiu que era acusada de alguma coisa, e isso a incomodou.

— Queria emoldurar e dar de presente para Soline. Porque ela é minha amiga. Ela também foi sua amiga, um dia.

— Sim, foi.

A voz de Thia agora era mais branda. Rory também se sentiu amolecer.

— Ela me contou sobre seus desenhos e os vestidos que fez para você, sobre como queria morar em um sótão e pintar. Não poder se despedir partiu o coração dela, mas seu pai não permitiu.

Thia cruzou os braços como se quisesse se proteger.

— Ele me mandou para um internato feminino horrível. Quando voltei para casa, ela havia ido embora. Pensei que tivesse nos abandonado... me abandonado. Quando Anson voltou para casa, eu havia aprendido a odiá-la. Não só por ela ter me deixado, mas também porque o deixou. Meu irmão e eu éramos próximos no passado, mas ele voltou frio, retraído. Pensei que, se eu

também a odiasse, isso nos aproximaria de novo, mas Anson só ficou ainda mais revoltado.

— Ele usou você — Rory falou com tom suave. — Seu pai. Fez você odiar Soline, e depois usou esse ódio para alimentar o sofrimento de seu irmão.

Thia olhou para ela.

— Eu disse que ele era um monstro.

— Sinto muito. Entendo que isso é difícil para você também. Só queria uma foto. Nunca tive a intenção de provocar tudo isso.

Thia soltou o ar lentamente.

— Acho que é hora de você ver as fotos de família. — Ela se levantou e foi novamente até o armário, de onde voltou alguns momentos depois com dois álbuns de capa de couro. — Minha mãe era fanática por fotos de família. Mantinha um álbum para cada um de nós. Este é o de Anson.

Rory colocou o álbum aberto sobre o colo, virando as páginas amareladas que continham as lembranças habituais. Primeiro Natal. Primeiros passos. Primeiro corte de cabelo. O bebê gorducho se transformando em uma criança em idade escolar. Anson aos oito ou nove anos, de uniforme de beisebol, sardas e com um sorriso no qual faltava um dente. Havia outra foto dele de uniforme de futebol, apoiado sobre um joelho, os olhos meio fechados contra o sol. Algumas páginas depois, ele em pé e sorridente, de terno preto e camisa branca, com um cravo vermelho na lapela. Noite de formatura. E, finalmente, na penúltima página, de uniforme cáqui, cabelo bem curto e penteado para trás: não mais um menino.

Era estranho vê-lo crescer página a página. Em sua cabeça, ele era pouco mais que um fantasma, e agora estava ali, em preto e branco — e muito vivo em algum lugar do mundo. Ela olhou de novo para o rapaz na

fotografia, dono de uma beleza de astro do cinema com seu queixo quadrado.

— Não é à toa que Soline se apaixonou. Seu irmão era lindo. E dá para ver a semelhança. Você tem o mesmo nariz e as mesmas maçãs do rosto.

— Nós dois somos parecidos com nosso pai. Mesmo cabelo e mesmos olhos. — Ela fez uma pausa, cruzou as mãos no colo. — Com quem você se parece?

Rory a encarou surpresa.

— Eu?

— Acha que é parecida com sua mãe?

Era uma pergunta estranha, mas Thia tinha o direito de fazer algumas também.

— Tenho a tez dela, e temos o mesmo nariz largo e reto, mas ela não é tão alta quanto eu. Acho que herdei essa característica do lado do meu pai.

Thia abriu o segundo álbum e o colocou sobre o colo de Rory.

— Acho que deveria dar uma olhada nisso.

Rory olhou para uma menina de cinco ou seis anos, vestida com um pijama de macacão. Seu rosto tinha duas covinhas perfeitamente iguais e era emoldurado por abundantes cachos claros.

— Olhe esse cabelo. Que coisa linda.

O rosto de Thia permanecia inexpressivo.

— Olhe a próxima foto e me diga o que você vê.

Rory olhou para a fotografia, tirada muitos anos depois. Um vestido de festa amassado e meias com acabamento em renda, os cachos mais domados, presos em um coque bagunçado enfeitado com florzinhas brancas, como uma princesa ou uma fada. E estranhamente familiar.

— É você?

— Sim.

— Minha mãe fez uma foto quase igual comigo. Ela me arrumou toda para tocar piano para as amigas dela,

mas eu congelei. As fotos são muito parecidas, é impressionante.

— Quem é sua mãe? Ela nasceu em Boston?

Rory ainda olhava para a foto, e levantou a cabeça.

— Desculpe... o que você disse?

— Sua mãe. Como é o nome dela?

— Camilla Grant.

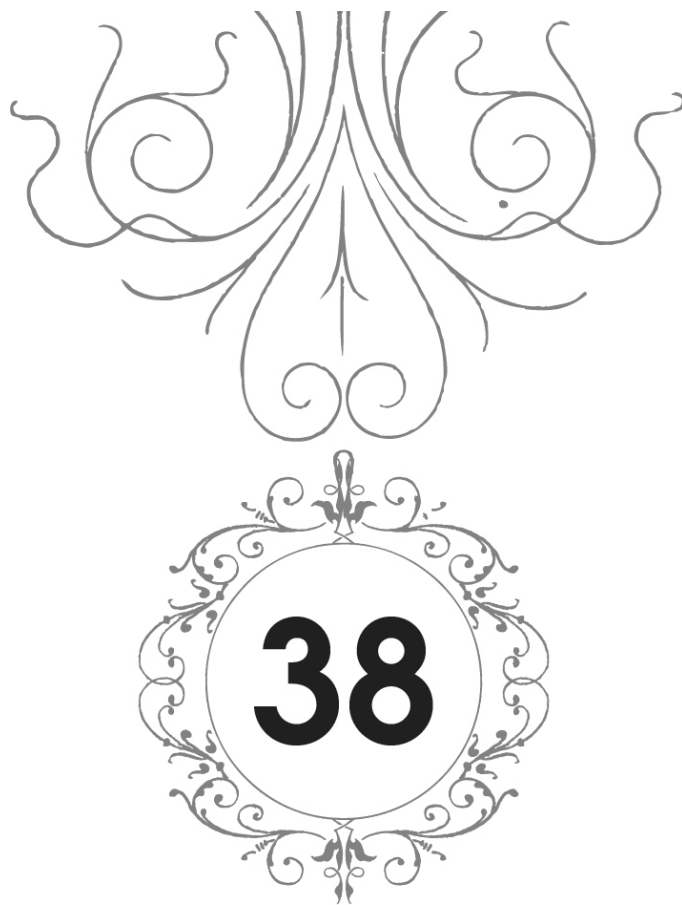
— E o nome de solteira?

— Lowell. Por quê?

Thia pegou uma folha de papel embaixo dos álbuns e a entregou a Rory.

— É hora de você ver isto.

Rory leu o documento desconfiada. O papel era pesado e amarelado pelo tempo, datilografado com perfeição, e marcado por um carimbo vermelho no topo, “Cópia”. A data era 17 de janeiro de 1945, e, no cabeçalho, lia-se “Certidão de Sentença de Adoção”. A assinatura no fim da página era do funcionário da Corte Distrital. Mas, nesse momento, só uma palavra na página tinha importância: Lowell.



Rory

Rory sentiu o coração se mover no peito, como uma pedra deslizando pelas paredes de um poço sem fundo. Não havia nada em que segurar, nada para interromper a repentina sensação de queda. Por que o nome de sua mãe estava naquele pedaço de papel? E o que o papel fazia entre as coisas de Owen? Tinha uma vaga consciência de Thia ao seu lado enquanto lia a página de novo.

CÓPIA

* 17 de janeiro de 1945 *

ESTADO DE RHODE ISLAND E PROVIDENCE PLANTATIONS

Departamento de Registros Vitais

CERTIDÃO DE SENTENÇA DE ADOÇÃO

Nome de solteira da mãe biológica:

-- Soline Louise Roussel --

Nome do pai biológico:

-- Desconhecido --

Nome da criança na hora do nascimento:

-- n/a --

Nome da mãe adotiva:

-- Gwendolyn Lucille Lowell --

Nome do pai adotivo:

-- George Edward Lowell --

Nome da criança depois da adoção:

-- Camilla Nicole Lowell --

Rory deixou o papel no colo e ficou olhando para ele, sentindo a cabeça girar. O nome da mãe dela — e da mãe de sua mãe. O que isso significava? Finalmente, ela olhou para Thia.

— Não entendo.

— Sim, você entende.

— Ela é... Você quer dizer... — E parou de novo, pressionando os olhos com a ponta dos dedos. — Não entendo.

Thia respirou fundo, como se escolhesse as palavras.

— Sua mãe é a bebê identificada na sentença de adoção, Rory. O que significa que Soline é sua avó. E meu irmão é seu avô.

— Deve haver algum engano. Uma dessas coincidências sinistras que aparecem nos tabloides. Há Lowells em toda Massachusetts.

— Olhe para a foto de novo. Não há nenhum engano. Nem coincidência. Pode pedir um exame de sangue, se precisar de confirmação, mas eu soube assim que vi seu rosto. Você é uma Purcell, porque sua mãe foi uma Purcell... ou deveria ter sido.

— Minha mãe — repetiu Rory, lembrando algo que Camilla disse uma vez sobre como foi treinada para corresponder à posição que foi dada a ela como uma Lowell. “Dada.” Na época, a palavra pareceu estranha, mas Camilla encerrou a conversa antes que ela pudesse ir mais fundo no assunto. Seria possível que sua mãe conhecesse as verdadeiras circunstâncias de seu nascimento e como se tornou uma Lowell? E, nesse caso, por que manter isso em segredo por tantos anos? De qualquer maneira, tudo levava de volta a Soline.

Rory tinha a sensação de que o chão se movia sob os pés, de que seu mundo virava repentinamente de cabeça para baixo. Nada fazia sentido. Ou, talvez, finalmente, tudo fazia sentido. Talvez houvesse uma razão para sentir uma afinidade tão estranha com a casa geminada na primeira vez em que a viu, e com Soline desde o primeiro encontro. O destino as tinha unido, de algum jeito. Mas isso era possível?

Ela olhou para Thia, sentada silenciosa ao seu lado com as mãos sobre as pernas.

— Está dizendo que, depois de todos esses anos, Soline e eu conseguimos nos encontrar... por acaso?

Thia respondeu com um sorriso estranho.

— Eu nunca disse que foi por acaso. Quero dizer, não poderia ser, poderia? Acaso é uma dessas coisas a que recorremos quando não temos outra explicação para o que aconteceu. Mas há muitas coisas que não entendemos. Forças que não vemos. Isso não significa que não estão em ação. E sempre houve alguma coisa especial em Soline. Algo... sobrenatural.

— Está dizendo que tudo isso é resultado de algum tipo de magia?

Thia deu de ombros.

— Magia. Destino. Alguma conexão psíquica. Não me interessa o que é, na verdade. Só me interessa o que está acontecendo. Quando Paulette me falou que você

queria falar sobre uma velha amiga de meu irmão, presumi que essa amiga fosse Soline. Então vi você, pensei nesses documentos de adoção e... eu soube. Pensei que você também soubesse, ou que Soline desconfiava e por isso mandou você aqui. Ela nunca mencionou que você é parecida com meu irmão?

— Não — Rory respondeu baixinho. — Nunca.

Era muita coisa para absorver de uma vez, uma avalanche de perguntas e emoções desabando sobre ela com tamanha velocidade que não havia espaço para separá-las. Soline, sua avó. Anson, seu avô. De repente, seus olhos se encheram de lágrimas.

Ela as ignorou, tentando entender as implicações do que tinha ouvido. Sua mãe, a mulher mais orgulhosa do planeta, andava por aí com um *pedigree* falso e logo seria forçada a enfrentar a realidade — ter nascido fora dos laços do casamento de uma mulher que recentemente a havia comparado aos nazistas. Não seria uma conversa fácil. Mas a conversa com Soline seria pior. Descobrir que a filha havia sido roubada dela, que durante todo esse tempo esteve em Boston, seria a mais cruel de todas as revelações. E depois daquele almoço desastroso...

— Meu Deus, Thia. Como vou contar tudo isso a qualquer uma delas?

— Estive pensando nisso, e acho que você não deveria contar. Não diretamente, pelo menos. Meu irmão ainda pode mudar de ideia quando souber o que realmente aconteceu. Na verdade, eu vou garantir que ele mude de ideia. Soline passou quarenta anos sem saber a verdade. Se existe alguma chance de algum bem sair disso, de alguma possibilidade de cura para os dois, não vale a pena esperar mais algumas semanas?

Rory pensou na sugestão. Um tempo para processar as informações também seria bom para ela, antes que

tentasse dar a notícia a mais alguém. Soline teria que saber. Mas ia precisar de ajuda para ampará-la quando chegasse a hora, alguém que entendesse a história e pudesse ajudá-la a se reconstruir. No momento, não estavam nem se falando. Esperar poderia ajudá-la a se reaproximar dela e administrar o relacionamento espinhoso entre sua mãe e Soline. Nada disso aconteceria da noite para o dia.

— Tudo bem. Eu vou esperar. Você vai conversar com Anson?

— Estava pensando em você falar com ele.

Rory a encarou perplexa.

— Eu?

— Ele já deixou bem claro que não quer me ouvir falando sobre isso. Todas as vezes em que tentei, ele me silenciou. Anson é bom nisso, silenciar as coisas com que não quer lidar. E pessoas. Ele passou tanto tempo sozinho que não lembra como é deixar alguém entrar em sua vida.

— Ele não se casou?

Thia balançou a cabeça.

— Não tem lugar para ninguém na vida dele desde Soline. Nem para mim. Falamos no Natal e no meu aniversário, mas é sempre muito distante. Eu esperava que as coisas melhorassem depois da morte do meu pai, que ele pudesse até voltar para casa, mas... — Ela encolheu os ombros. — Não sei nem onde ele está, na maior parte do tempo, normalmente fica fora do país. É como se tentasse fugir das lembranças.

— E acha que uma desconhecida vai descongelar o coração dele?

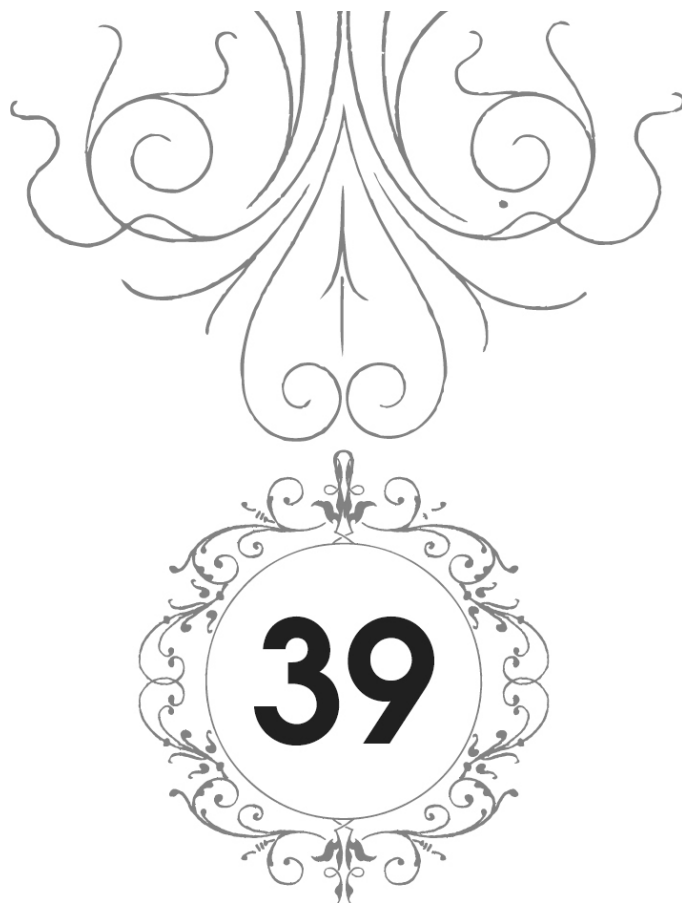
— Desconhecida? Não. A neta dele? Talvez. — Thia bateu com o indicador nos lábios, pensativa. Depois olhou para o relógio. — Acho que ainda consigo encontrá-la.

Ela se dirigiu à mesa, pegou o telefone e apertou uma tecla.

— Paulette, pode verificar com Cheryl onde está meu irmão esta semana? Obrigada.

Rory sentiu uma bolha de pânico se formando na garganta. Não sabia o que Thia Purcell tinha em mente, mas isso estava acontecendo depressa demais. Abriu a boca para protestar, mas Thia segurava uma caneta e falava novamente com Paulette.

— Sim, estou ouvindo. Não, não preciso do telefone, só do nome do hotel. — E olhou para Rory por um instante. — Vou mandar uma coisa para ele.



Rory

25 de setembro de 1985 — San Francisco

Rory deixou a bolsa e a valise em cima da cama e se aproximou da janela, de onde viu o horizonte de San Francisco, a cidade lá embaixo e a baía cintilante, a icônica Ponte Golden Gate quase desaparecendo em meio à névoa. Era de tirar o fôlego, como um cartão postal que recebeu certa vez; mas não tinha vindo para apreciar a paisagem. Tinha uma missão, virar a vida de um homem de cabeça para baixo.

Oito horas atrás, estava em Boston, ainda tentando pensar em um motivo para não levar adiante o que

estava prestes a fazer. Então o voo foi chamado, e a decisão foi tomada. Não tinha certeza de que era uma boa ideia se hospedar no Fairmont. Saber que Anson estava só quatro andares acima dela criava a sensação de que o estava perseguindo, invadindo sua privacidade. Mas o tempo era curto. Fazia sentido ficar onde o tempo de viagem se limitava à subida de elevador.

No avião, ela tentou se preparar para o que ia fazer. Ensaiou o começo da conversa, o que diria primeiro, o que diria depois, como exporia os fatos, como uma advogada apresentando seu caso. Uma argumentação sólida sobre por que ele precisava resolver as coisas com Soline. Só não tinha se preparado para ficar frente a frente com o avô que, até quatro horas atrás, nem sabia que existia.

Como preencher esse tipo de lacuna? Vinte e três anos sem um avô e, de repente, havia Anson Purcell. Digerir a notícia de que Soline era sua avó tinha sido difícil, mas pelo menos elas haviam formado um laço antes de tomar conhecimento da verdade. Não havia nenhum vínculo com Anson, nada além das lembranças de Soline os conectando. Tinha ouvido histórias, pessoas que sentiam uma afinidade instantânea depois de encontrar pela primeira vez um parente que não sabiam que existia, outras que não sentiam nada. Qual deles seria seu caso? Não sabia dizer, honestamente, e por ora preferia permanecer focada na missão.

Rory foi pegar na bolsa o livro contábil que Thia mandou com ela, a prova de que ia precisar para convencer Anson da mentira contada por seu pai. Também tinha as fotografias: a da jovem Thia em seu vestido de festa e uma dela, tirada no dia do recital improvisado. Pegou a foto emprestada da cristaleira da mãe enquanto Camilla estava fora na noite passada, em

seu jogo semanal de *bridge*. Teve o cuidado de devolver todos os outros objetos aos seus lugares na prateleira, de forma a não deixar um espaço vazio. Com sorte, a moldura estaria de volta antes que a mãe sentisse falta dela. Assim que soubesse como Anson se encaixava no cenário, ela daria a notícia para sua mãe e Soline.

Olhou para o relógio, ainda marcando a hora de Boston, e subtraiu três horas. Quase seis da tarde em San Francisco. Tinha marcado a passagem de volta para o dia seguinte, à tarde, para conseguir chegar a tempo de fazer a última inspeção com Brian. Isso dava a ela vinte e quatro horas para fazer o que tinha que fazer. Verificou o bilhete de Thia para ver o número do quarto de Anson, depois pegou o telefone e pediu para falar com o quarto 903. Uma voz masculina atendeu no terceiro toque.

— Sr. Purcell?

— Sim.

— Meu nome é Rory Grant. Sua irmã, Thia, me disse onde eu poderia encontrá-lo.

— Como posso ajudá-la?

A voz era intimidadora, fria e profissional. De repente, todas as palavras ensaiadas durante o voo pareciam entalar na garganta.

— Sou amiga de Soline Roussel — disse finalmente. Prendeu a respiração, esperando ouvir o clique. Nada.

— Sr. Purcell?

— O que você quer?

— Ela não sabe que estou aqui ou que conversei com sua irmã. Gostaria de conversar com o senhor sobre o que aconteceu depois de Paris. Há coisas que deveria saber. Coisas que acredito que vai querer saber.

— Não tem nada que possa dizer que eu queira ouvir, Srta. Grant. Boa noite.

— Não! Espere! Por favor, vamos conversar pessoalmente. O que tenho a dizer não vai tomar muito tempo, mas não é o tipo de coisa que deve ser dita por telefone.

Mais um silêncio prolongado. Mas ele não desligou.

— Por favor, Sr. Purcell. É importante. Estou aqui no hotel, mas posso ir encontrá-lo onde achar melhor. Quando quiser. — Ela mordeu o lábio, esperando quase sem respirar.

— No bar lá embaixo. Em trinta minutos.



Rory chegou antes e escolheu uma mesa no canto. Era um bar pequeno conectado ao restaurante do hotel, discreto e elegante, com iluminação suave, tapete cor de creme e pilares de mármore emoldurando as portas. A música do piano servia de fundo para o murmúrio baixo de conversação, *Night and Day*, de Cole Porter. Era suave e agradável, mas ela não conseguia relaxar. Mantinha os olhos cravados na porta.

Ficou contente quando viu que a maioria das mesas estava ocupada. Isso diminuía as chances de uma cena desagradável. Ela pediu uma taça de *chardonnay*. Não porque queria, mas porque precisava de alguma coisa para ocupar as mãos. Estava se preparando para beber o primeiro gole quando Anson apareceu. Ela o reconheceu instantaneamente. Alto, de ombros largos, cabelos ondulados que misturavam ouro e prata, um homem bonito, apesar de seus sessenta e poucos anos.

Seu avô.

Pensar nisso provocou um nó inesperado em sua garganta. “Agora não, Aurora. Não começa a chorar, ou não vai terminar isso nunca.” Mas vê-lo a poucos metros de distância a impedia de respirar direito. Ela

bebeu um gole de vinho, sentindo as mãos suadas e frias. Não sabia o que esperava, mas não era essa reação visceral.

Ele continuava parado na porta, olhando para todas as mesas. Rory prendeu a respiração, esperou os olhos dele encontrarem os seus e, então, levantou a mão. Ele nem tentou sorrir quando se aproximou, exibindo uma expressão que, ela desconfiava, era perpetuamente sombria. Mancava visivelmente, mas andava como um homem que convivia com essa dificuldade há muitos anos e aprendeu a compensá-la.

Ele evitou encará-la enquanto puxava a cadeira e se sentava diante dela. Antes que dissessem uma palavra, uma garçonete apareceu com uma taça grande que parecia conter gin tônica com duas fatias de limão. Anson agradeceu com um aceno de cabeça. A garçonete olhou para Rory com alguma curiosidade, depois novamente para ele.

— Quer que eu traga o cardápio, Sr. Purcell?

— Não, Ellie, obrigado. Não vamos demorar.

Cliente assíduo do hotel, então, e a equipe conhecia suas preferências. E ele havia acabado de deixar claro que sua janela de oportunidade era estreita.

Quando Ellie se afastou, ele pegou o copo e se encostou na cadeira, olhando para Rory de um jeito frio. Se havia algum tipo de reconhecimento, ele não dava nenhum sinal.

— Muito bem. Qual é o assunto?

— Sou amiga de Soline.

— Você disse isso ao telefone.

Seu tom gelado intimidava, e ele sabia disso.

— Ela fala de você frequentemente.

— Ah, é?

— Sobre como se conheceram no hospital e o trabalho que faziam lá, o trabalho que vocês dois

fizeram pela Resistência. E como você a fez partir para garantir sua segurança. Porque a amava.

Ele a encara sem piscar.

— Será? Isso tudo agora é muito nebuloso.

Aí estava. A amargura sobre a qual Thia falou. Dor cristalizada em hostilidade e sarcasmo. Mas havia algo mais, uma irritação que sugeria que Anson Purcell não estava tão distante de suas lembranças quanto fingia estar.

— Ela me contou sobre a última noite que passaram juntos — Rory continuou, observando-o com atenção. — Como a pediu em casamento e como ela ficou olhando pela janela de trás da ambulância até o veículo virar em uma esquina e você desaparecer.

— Que grande contadora de histórias.

— Não foi assim que aconteceu?

Anson olhou para o drinque.

— Não lembro.

— Eu acho que lembra. E sua irmã também.

— O que quer de mim, Srta. Grant?

— Quero que lembre o quanto a amava e o quanto ela o amou. Antes de voltar para casa e ser envenenado por seu pai contra ela. Há coisas que você não sabe.

Ele bebeu um gole do drinque, engoliu com dificuldade.

— Vou dizer o que eu sei. Sei que recorri a todos os meus contatos para levá-la aos Estados Unidos. Comprei pessoas, cobrei favores e, quando nada disso funcionou, usei o nome do meu pai para garantir a segurança dela. Também sei que, quando ela descobriu que eu tinha ido parar na Suíça com um buraco na barriga e duas pernas que poderiam ser amputadas a qualquer momento, ela partiu em busca de pastos mais verdes. É claro, a maioria das mulheres teria ficado pelo dinheiro. Mas ela me deixou em paz, e nem foi difícil.

— Não faça isso — Rory protestou, usando um tom mais incisivo do que pretendia. — Não repita isso. Não é verdade.

Anson deixou o copo sobre a mesa com um barulho alto.

— É, sim, Srta. Grant. E não tenho nenhum prazer em admitir, mas me deixei enganar pelo mais velho dos truques. Meu pai, por outro lado, teve uma enorme satisfação provando que estava certo.

Rory pegou a taça de vinho e bebeu devagar. Era doloroso ouvi-lo dizer coisas tão horríveis sobre Soline, mas igualmente doloroso perceber que ele acreditava nisso.

— Seu pai mentiu.

Anson ficou tenso, parecia furioso, agora.

— Srta. Grant...

— Ele mentiu — ela repetiu. — Sobre por que Soline partiu e para onde ela foi. Tudo mentira. Ela não o abandonou. Seu pai a expulsou. Thia sabe disso. Não sabia na época, mas agora sabe. Por isso estou aqui, para falar sobre o que realmente aconteceu.

Anson continuou imóvel, sem demonstrar nenhuma emoção.

— Era isso que tinha para falar comigo? Essa história ridícula, essa invenção?

— Acha que eu tenho alguma coisa de familiar? — Rory perguntou, percebendo que só havia um jeito de fazer Anson entender. — Olhe para mim. Meu rosto. Os olhos. O nariz. Pareço com alguém?

Ele a encarou desconfiado.

— O que é isso? — Seu corpo todo se preparou para o ataque. A mandíbula se contraiu. — Não sei o que está encenando, mas aviso que não vai funcionar.

— Não estou encenando nada. E acho que deveria começar a me chamar de Rory. Ou Aurora.

— Não tenho intenção de chamar você de nada. — Ele empurrou a cadeira para trás e ficou em pé. — Esta conversa acabou.

Rory sentiu o pânico como pequenas agulhas espetando seus membros. Se ele fosse embora agora, nunca mais teria outra chance.

— Soline teve um bebê — disse. — Um bebê seu.

Anson parou.

— Assia — ela continuou. — O nome de sua filha era Assia.

Ele virou-se e sentou novamente, como se as pernas não suportassem o peso do que tinha acabado de ouvir. Rory pôs a bolsa no colo, pegou as fotos e as colocou sobre a mesa lado a lado.

— Sabe que fotografias são estas?

Anson olhou para os retratos por um momento, depois novamente para Rory.

— São fotografias da minha irmã. Acho que em uma festa de aniversário.

Rory assentiu.

— Uma delas, sim. — Ela apontou para a foto à direita dele. — Esta. Mas a outra... — E parou, apontando para a fotografia à esquerda. — É uma foto da sua neta, filha da sua filha, aos oito anos. Ela vai fazer vinte e quatro em janeiro.

Anson continuava tenso, de braços cruzados.

— Até quinze minutos atrás eu nunca tinha visto você, mas quer que eu acredite na sua palavra?

— Não só na minha. — Ela tirou o livro contábil da bolsa e o colocou sobre a mesa. — Na de seu pai.

Ele olhou para o livro desconfiado.

— O que é isso?

— Thia encontrou esse livro entre as coisas de seu pai depois que ele morreu. Para nossa sorte, ele era muito metódico com a contabilidade. E os registros confirmam tudo que Soline me contou. Ele a mandou

para uma casa de mães solteiras. Pagou para isso. E, quando a bebê nasceu, disseram a Soline que ela havia morrido. Depois a entregaram a um casal rico de Boston. O nome dessa família era Lowell. Eles deram um novo nome ao bebê, Camilla. Camilla mais tarde se casou com um homem chamado Geoffrey Grant e teve uma filha, uma menina a quem ela deu o nome de Aurora, cujo apelido é Rory.

Demorou alguns segundos, mas as palavras começaram a tocá-lo.

— Isso não é...

— Sim, é. Por isso pensou que as duas fotos fossem de Thia. Sou parecida com ela porque sou sua sobrinha-neta. E também pareço com você... porque sou sua neta.

O rosto dele ficou sombrio.

— Se acha que vai conseguir um centavo...

Rory empurrou o livro para ele sobre a mesa, interrompendo-o.

— Está tudo aí. Cada centavo que seu pai gastou, incluindo o que parece ser pagamento de chantagem. Também tem uma sentença de adoção na qual Soline aparece como a mãe biológica. O pai é desconhecido, mas a data de nascimento se encaixa perfeitamente à da última noite que vocês estiveram juntos em Paris.

Anson fechou os olhos, como se a menção daquela noite causasse dor física. Depois de um momento, ele os abriu novamente e pigarreou.

— Meu pai vivia de acordo com as próprias prioridades, Srta. Grant, e nada ficava em seu caminho. Ele tinha planos para mim, e esses planos não incluíam uma esposa, a menos que ela tivesse o carimbo Purcell de aprovação. Não duvido que ele tenha feito isso de que o acusa. Na verdade, combina com ele. Mas, nesse caso, ele teve bons motivos para duvidar da sinceridade de minha... noiva.

O jeito como ele falou “noiva” fez o sangue de Rory ferver.

— Como tem coragem de dizer isso? Ela estava esperando um filho seu quando ele a mandou embora.

— Imagino que nunca tenha pensado que posso não ter sido o único homem na vida de Soline. E que pode haver uma razão muito simples para o registro com pai desconhecido. Ela realmente não sabia quem era.

Rory o encarou, perplexa com a encenação de indiferença. E era encenação. Podia ver na contração da mandíbula e em como os dedos seguravam a haste da taça, tão tensos que perdiam a cor. Ele não podia se permitir acreditar na verdade, porque então teria que admitir que havia jogado fora muita coisa.

— Você não acredita nisso — ela fala com tranquilidade. — Eu sei que não.

Um músculo se contrai de um lado do rosto de Anson.

— Acho que eu devo julgar em que acredito ou não. Ela convenceu você de que é algum tipo de mártir, mas eu sei que não é assim. Não importa como. Eu sei. Portanto, vamos pular a parte do conto de fadas em que ela passou os últimos quarenta anos sofrendo com o coração partido.

— Ela nunca se casou.

Ele levantou o copo, agora quase vazio, e olhou para as fatias de limão.

— Não é da minha conta.

— Não?

— Preciso explicar o óbvio? Ela também não foi me procurar.

— E por que iria? Ela pensou que você estivesse morto.

Anson levantou a cabeça bruscamente.

— Morto?

Finalmente, Rory sentiu que tinha conquistado sua atenção.

— Seu pai já havia mandado Soline embora quando recebeu a notícia de que você estava vivo e achou perfeitamente conveniente deixá-la continuar acreditando que você havia morrido. E deixar você acreditar que ela o havia abandonado. Ele não só a mandou embora como fez de tudo para que ela nunca tivesse um motivo para voltar.

Anson a encarou com calma forçada.

— Bela história.

— Sua irmã pode confirmar tudo que estou dizendo, se não quiser acreditar na minha palavra. Ela ficou arrasada quando Soline partiu, mas só sabia o que seu pai disse, e foi a mesma história que ele contou a você. Depois ela encontrou o livro contábil e começou a juntar as peças. Thia tentou abrir seus olhos para a verdade, mas você não deixou. Ela pensou que talvez você pudesse me ouvir.

Por um instante, Rory pensou ter visto alguma coisa brilhar nos olhos dele, uma brecha na armadura de gelo, mas, o que quer que fosse, sumiu quase instantaneamente.

— Entendo que minha irmã tenha um ponto cego. Elas eram muito próximas. Mas estou curioso. O que tudo isso representa para você? Depois de tantos anos, por que se importa? Está meio grandinha para ir acampar com o vovô. O que espera disso tudo?

— Por que me importo? — Rory repetiu, ferida pela resposta e quase chorando. — Soline é minha avó. E, mesmo que não fosse, ela é minha amiga. Não quero nada de você. Só estou tentando consertar um erro de quarenta anos. Porque sei o que ela passou quando você desapareceu, o inferno de não saber se você estava vivo ou morto, de jamais saber o que aconteceu, nem mesmo dizer adeus. Sei como é isso. Sei

pessoalmente. — Ela virou para enxugar as lágrimas, mortificada por ter entrado em território tão pessoal.

— Srta. Grant...

Quando ela levantou a cabeça, Anson oferecia um lenço dobrado. O monograma agora era azul-escuro, mas estava ali. A.W.P. Ela o aceitou e secou os olhos.

— Desculpe. Não queria me emocionar, mas isso tudo é demais para mim também, e realmente sei como é perder alguém como ela perdeu. Nunca saber...

Ele parecia ter mudado completamente quando se inclinou para a frente, os braços cruzados sobre a beirada da mesa.

— Seu marido?

As linhas em torno dos olhos e da boca eram mais suaves, dando a ele uma aparência mais jovem... e tão parecida com Camilla que ela relaxou.

— Meu noivo, Hux. Desculpe, o nome dele é Matthew, mas o sobrenome é Huxley, por isso todos os chamam de Hux.

— O que aconteceu?

— Ele trabalha com o Médicos sem Fronteiras, no Sudão do Sul. É pediatra. A clínica onde ele estava trabalhando foi atacada em um início de manhã. Um caminhão parou e o raptou, com mais duas outras pessoas. Faz nove meses, e ninguém sabe de nada.

— Sinto muito. Essa é uma região difícil do mundo hoje em dia, há muita agitação e muitas facções com objetivos próprios. Mas não desista. Os sequestradores, sejam quem forem, sabem que precisam manter os reféns vivos, ou não têm nenhuma chance de conseguirem o que querem. Pode parecer que não há nenhuma esperança, mas eu tenho experiência nisso. A Federação Internacional da Cruz Vermelha trabalha com governos do mundo todo para trazer nossos rapazes para casa. Não ter notícias não significa que nada foi feito.

— Obrigada — Rory murmurou, grata pelas palavras de conforto. — É difícil manter a esperança quando não se tem nenhuma notícia, não se sabe quanto tempo é demais para esperar. Não consigo imaginar a vida desse jeito por quarenta anos. Acho que esperava...

— Que depois de quarenta anos afastados, Soline e eu cavalgaríamos para o pôr do sol enquanto os créditos rolam pela tela? — Ele se encosta na cadeira, como se precisasse colocar alguma distância entre os dois. — Que todos nos tornaríamos uma grande família, com festas de aniversário e almoços de domingo? Acho que é um pouco tarde demais para isso.

Rory sentiu o rosto esquentar. Em algum cantinho do coração, era exatamente isso que esperava. E, por um momento, vislumbrou um lado dele que poderia tornar isso possível. O homem que ofereceu seu lenço a uma mulher que chorava. Mas esse Anson desapareceu no momento em que voltaram a falar de Soline.

— Não acredita em finais felizes? — ela perguntou.

— Não, faz muito tempo que não.

— Por isso nunca se casou?

Ele ficou tenso.

— Não consigo ver que importância tem isso... ou porque é do seu interesse, na verdade. Mas, se quer saber, digamos que tenho conhecimento sobre alguns fatos que você desconhece.

Rory dobrou o lenço e o devolveu.

— Não sei o que isso significa, mas, se fosse a Boston...

— Não há nenhuma chance de final feliz aqui, Srta. Grant. Às vezes as coisas foram longe demais para que se possa salvá-las. — Ele se levantou e acenou com a cabeça. — Com licença, meu dia começa cedo amanhã. — E jogou algum dinheiro sobre a mesa. — Lamento sobre Matthew. Espero que acabe tudo bem para vocês dois.

Rory o viu partir e sentiu o coração apertado. Não acreditava que os anos pudessem tê-lo endurecido tanto, não a ponto de dar as costas para a mulher que havia amado tão profundamente muitos anos atrás, ou fechar a porta para uma possível relação com a filha, mas, evidentemente, foi o que aconteceu.

Ela guardou as fotos na bolsa, pegou o livro e ficou em pé. Ele nem se deu ao trabalho de olhar as anotações. Se tivesse, poderia...

Sim... ele poderia.

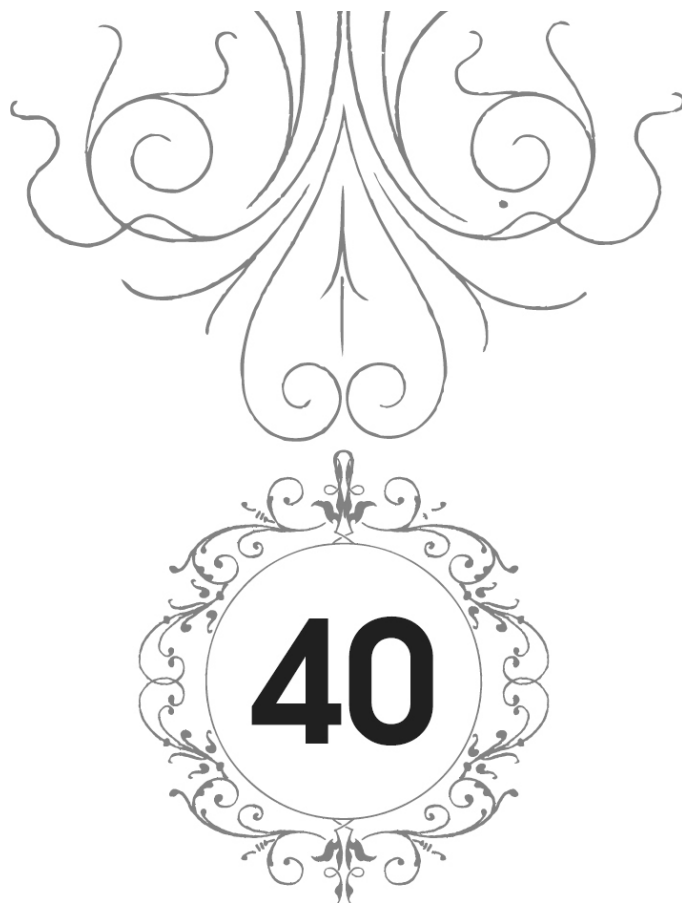
As pessoas viraram para olhar quando Rory pendurou a bolsa no ombro, errando por pouco a taça de vinho, e saiu correndo do bar. Ela parou quando chegou ao saguão do hotel, olhando aflita para os dois lados. Finalmente ela o viu, desaparecendo no corredor dos elevadores. Foi atrás dele apressada, quase correndo, desesperada para alcançá-lo antes que ele entrasse no elevador e fosse levado para longe.

— Anson! — Sua voz ecoou no corredor vazio. — Espere! Por favor!

Ele tinha acabado de entrar no corredor quando a viu. Por um momento, ficou tenso, depois começou a apertar os botões do painel, tentando fechar a porta. Rory estendeu um braço quando a porta começou a deslizar. Ela parou, como se estivesse confusa, e abriu novamente.

Anson a encarava, atônito demais para reagir quando ela empurrou o livro contra seu peito e recuou, saindo do elevador. Provavelmente, ele jogaria o registro no lixo assim que chegasse ao quarto, mas Rory havia feito tudo o que estava ao seu alcance. O resto era com ele.





Rory

26 de setembro de 1985 — Boston

Rory ligou o limpador de para-brisa na velocidade máxima, arrependida por não ter ficado em casa e entrado na banheira, como planejava. Mas, quando chegou do aeroporto, tinha um recado da mãe na secretária eletrônica. Era outro convite para o *brunch* no domingo, o qual Rory não tinha intenção de aceitar, mas a mãe também havia mencionado ingressos para o teatro esta noite, o que significava que, se corresse, teria tempo para devolver a foto ao seu lugar antes que a mãe sentisse falta.

Estava exausta, depois de uma noite sem dormir. Ingênua, alimentou a esperança de que Anson voltasse ao quarto dele, desse uma olhada no livro contábil e mudasse de ideia. Não aconteceu. Tentou ligar para o quarto dele enquanto esperava o café da manhã, disposta a fazer uma última tentativa, mas a recepção informou que o Sr. Purcell já tinha feito o *checkout*. Rory telefonou para Thia antes de ir para o aeroporto e aceitou seu pedido para esperar mais algumas semanas, enquanto ela tentava conversar com o irmão. Até lá, não diria nada à mãe e faria o possível para recuperar o bom relacionamento com Soline.

A casa estava escura quando ela parou o carro. Só a luz do saguão brilhava entre as cortinas. O carro da mãe também não estava lá. Ela pegou sua cópia da chave e a bolsa no banco do passageiro e saiu do automóvel.

Quando entrou, sentiu-se como uma ladra, tateando as paredes e guiando-se só com a luz do saguão, mas não demoraria mais que um minuto. Depois poderia relaxar em sua banheira cheia de espuma com um lanchinho e o último lançamento de Heather Graham. Ou talvez pulasse o banho e fosse direto para a cama. O dia seguinte seria cheio.

Na sala de estar, ela contornou o sofá, duas poltronas, e finalmente chegou à cristaleira no canto. Havia acabado de virar a chavinha e estava puxando a porta quando alguém acendeu a luz.

— Aurora, o que está fazendo no escuro?

Rory mexia a boca sem emitir nenhum som, enquanto o cérebro tentava criar uma explicação.

Camilla continuava séria.

— Vi seu carro lá fora quando entrei. Aconteceu... — E parou de falar ao ver o porta-retrato na mão de Rory.
— O que está fazendo com isso?

— Eu ia... — Rory deixou os olhos vagarem pela sala, como se pudesse haver alguma desculpa escondida pelos cantos. Não havia. — Você não ia ao teatro?

— Eu fui, mas minha alergia estava me incomodando, e eu saí no intervalo. — Camilla deixou a bolsa no braço do sofá e tirou o xale bordado de cima dos ombros. Ela o sacudiu, espalhando gotinhas de chuvas por todos os lados, e o deixou de lado. — Aurora, o que está acontecendo? Você não retornou minhas ligações e agora está aqui, no escuro. Tem alguma coisa que eu deva saber?

— Que tipo de coisa?

— Não faço ideia, mas está acontecendo alguma coisa. Se queria pegar uma foto emprestada, era só pedir.

Por um momento, Rory pensou em mentir, mas nunca conseguiria, não com sua mãe sabendo o quanto sempre havia odiado essa foto.

— Eu não estava pegando a foto — disse finalmente.

— Estava trazendo de volta.

— Trazendo de volta de onde?

— Estive aqui outra noite, quando você não estava e... peguei a foto emprestada.

Camilla parecia realmente confusa.

— Por quê?

— Acabei de chegar de San Francisco. E antes disso estive em Newport.

— E daí? O que San Francisco e Newport têm a ver com uma fotografia de quando você era criança?

Rory fechou os olhos, deixou escapar um longo suspiro. Ia ter que contar... tudo.

— Não tem a ver comigo. Tem a ver com você.

— Aurora, isso não faz o menor sentido. O que está dizendo?

Rory abaixou a cabeça. Não estava preparada para ter essa conversa agora. Para começar, tinha deixado o

livro contábil e o documento de adoção com Anson. Não tinha provas da revelação que estava prestes a fazer. Mas agora não podia recuar. Sua mãe estava esperando uma resposta.

— Estou dizendo que precisamos conversar.

De repente, ela parecia desconfiada.

— Sobre o quê?

Rory respirou fundo e soltou todo o ar de uma vez.

— Seus pais.

Camilla caiu sentada no sofá, os olhos vagando pelo tapete. Quando finalmente levantou a cabeça, parecia cansada e estranhamente aliviada.

— Como você descobriu?

Rory a encarava, tentando formular uma resposta. Ela não perguntou “falar o que sobre meus pais?”. Simplesmente aceitou a conversa.

— Você sabia sobre a adoção?

Camilla assentiu.

— Há quanto tempo?

— Eu tinha dez anos. Não devia saber, mas minha mãe deixou escapar alguma coisa um dia quando estava brava. Disse que deveria ter imaginado que eu nunca seria uma Lowell, que eu sempre seria lixo e que ela deveria ter me mandado de volta quando teve a oportunidade. Não entendi o que ela estava dizendo, mas um ano depois, ela e meu pai estavam discutindo, e eu a ouvi repetir a mesma palavra. “Lixo.” Não sei de onde tirei coragem, mas abri a porta e entrei, exigindo que ela explicasse por que estava sempre dizendo isso. Ela me deu uma bofetada tão forte que meus ouvidos apitaram por uma hora. Ela ficou furiosa por eu ter ouvido a conversa, mas acho que, no fundo, gostou de me dizer que eu não era filha dela. Meu pai passou semanas sem falar com ela.

Rory sentiu a garganta se contrair ao pensar nisso. Ouvir a mulher que ela pensava ser sua mãe se referir a

ela como lixo, ouvir que nunca seria suficiente. Agora entendia porque ela nunca falava sobre a infância.

— Escondeu isso de mim durante todos esses anos. Por quê?

Camilla continuava de olhos baixos.

— Eu nunca contei a ninguém. Nem ao seu pai.

— Nunca contou isso para o papai?

— Minha mãe estava decidida a me ver bem-casada. Não interessava com quem, desde que o rapaz fosse de uma família adequada. Ela me disse para escolher algum e resolver o assunto. Escolhi seu pai e me joguei em cima dele, de verdade. Ele se casou comigo pelo nome da minha família. E pela herança. E eu não me incomodei. Teria casado com ele de qualquer jeito. Minha mãe tinha suas condições. Ela deixou claro que, se algum dia eu contasse ao seu pai sobre a adoção, se dissesse uma palavra sobre isso a alguém, ela me deixaria sem um centavo, e isso seria o fim do meu casamento. E ela teria cumprido a ameaça se eu a desafiasse. — Camilla desviou o olhar, abaixou a cabeça. — Nunca me importei com o dinheiro, mas não podia perder seu pai.

Rory absorvia devagar tudo que ouvia, se perguntando se estava ouvindo direito. Sempre havia pensado no casamento dos pais como uma espécie de acordo do diabo, com as duas partes compensadas de alguma forma nebulosa por suportarem uma união sem amor. Havia se enganado? Seria possível que sua mãe tivesse casado com Geoffrey Grant estando realmente apaixonada por ele?

— Mas isso foi há anos. Está dizendo que depois de tudo, de todas as discussões, todas as mulheres... Está dizendo que um dia foi apaixonada por ele?

Camilla conseguiu sorrir, apesar de ter os olhos cheios de lágrimas.

— Eu sempre fui apaixonada por ele, Aurora. Sempre, sempre.

Rory balançou a cabeça, digerindo mais essa informação. Como nunca viu o amor que de repente estava estampado no rosto da mãe?

“Você não faz ideia do que perdi.”

Sua mãe tinha dito essas palavras uma vez, em um momento de discussão acalorada. Naquele momento, elas não fizeram sentido, mas agora faziam. Quando criança, Camilla foi rejeitada pela mãe e, mais tarde, já mulher, foi preterida pelo homem que amava. Muitas, muitas vezes, enquanto as amigas assistiam a tudo e sentiam pena dela.

— Lamento que tenha pensado que precisava carregar tudo isso sozinha durante todos esses anos, que não tenha sentido que podia dividir isso comigo.

Ela encolheu os ombros.

— Acho que tive vergonha.

— Vergonha? Do quê?

— De não ser digna de amor — disse Camilla, piscando para remover as lágrimas dos cílios. Depois abriu a bolsa, pegou um lenço e limpou os olhos. — E eu sou a mãe. Você deveria se apoiar em mim, não o contrário. Mas estou feliz por você finalmente saber sobre a adoção. Sempre tive medo de que isso viesse à tona de algum jeito terrível. Alguma coisa relacionada à saúde, por exemplo. Eu não saberia o que dizer, se me pedissem um histórico médico da família. — De repente, ela estreita os olhos. — Como você descobriu?

— Acidentalmente. — Rory olhou para o porta-retrato em sua mão. Sem querer, haviam voltado ao assunto original. — Quanto você sabe sobre seus pais biológicos?

Camilla balançou a cabeça lentamente.

— Só sei que sou um bebê da guerra e que minha mãe não chegou a se casar, por isso me deu para

adoção. Não era incomum. Muitos rapazes foram mortos, deixando as mulheres amadas e filhos. Meu pai finalmente me contou, não muito antes de morrer. Minha mãe, Gwendolyn, perdeu três bebês e tinha vergonha de não ter filhos, enquanto todas as amigas dela tinham casas cheias de crianças, por isso providenciou a adoção discretamente. Eu fui o prêmio de consolação.

— Ele alguma vez mencionou o nome de sua mãe biológica?

— Ah, não. As adoções eram muito sigilosas naquele tempo, especialmente quando a mãe era solteira. As coisas hoje são muito mais abertas, mas antes todo o assunto era um tabu. Minha mãe decidiu que ninguém saberia que eu não era filha dela de verdade. Eles saíram do país por um ano por orientação médica, de acordo com a história, e voltaram saltitantes e saudáveis, com uma filha no colo. Se alguém desconfiou, nunca disse nada. Mas é claro, nem se atreveriam a dizer, se quisessem continuar amigos dos Lowell. E todo mundo queria.

— E seu pai? Isto é, o pai biológico.

— Ninguém jamais o mencionou, mas sempre imaginei que ele morreu na guerra. — Camilla cobriu a boca com os dedos e balançou a cabeça, como se pedisse desculpas pela demonstração de emoção. — Eu amava George Lowell. Ele era um homem bom e amoroso, mas não era forte. Não com minha mãe, pelo menos. Ele não conseguia... me proteger dela. Lembro que, quando ele morreu, pensei que finalmente ele havia encontrado um jeito de se livrar dela. Não podia me ressentir contra ele por isso, mas fiquei à mercê dela. Foi quando comecei a sonhar acordada com meu pai de verdade. Imaginava como ele era. Alto e bonito, como um cavaleiro em uma história de fadas. Um herói.

Eu ficava pensando se ele sabia que eu tinha nascido e se pensava em mim. Precisava muito acreditar que sim.

As palavras vibravam no silêncio que se estendeu entre elas. Rory se sentou ao lado de Camilla, deixando sobre os joelhos a foto na moldura prateada. Seus traços, mas também os de Anson, Thia e Camilla. Mas Soline também estava ali, no rosto em forma de coração, nas maçãs do rosto altas, no pescoço longo e no queixo pontudo. A mistura de heranças genéticas, tão óbvia, agora que sabia a verdade.

Ela pôs a foto nas mãos de Camilla, olhando diretamente para seus olhos confusos.

— Isso começou com você me perguntando o que eu estava fazendo com essa foto antiga. Eu disse que tinha acabado de voltar de San Francisco. E agora preciso contar o resto.

Camilla ficou mais tensa, uma mudança quase imperceptível.

— O resto?

— Descobri outra coisa. Algo que não esperava. Pedi a um velho amigo, um repórter do *Globe*, para me ajudar a encontrar uma foto antiga de Anson. Queria fazer uma surpresa para Soline. Alguns dias depois...

— Quem é Anson?

— O homem com quem Soline ia se casar.

— Ah, o motorista de ambulância que morreu na guerra.

— Não exatamente.

— Não exatamente o quê?

— Ele não morreu. Foi ferido gravemente e passou um tempo em um campo de prisioneiros, mas não morreu. Ele esteve vivo durante todo esse tempo, e, há dois dias, encontrei a irmã dele em Newport.

Camilla mantinha a testa franzida, evidentemente confusa.

— Perdi alguma coisa? O que o noivo de Soline tem a ver com uma fotografia sua aos oito anos de idade?

— Já vou chegar lá — Rory prometeu. Entendia a impaciência da mãe, mas era muita coisa para contar, e precisava ser cuidadosa. — Fui a Newport procurar Anson, mas acabei conhecendo a irmã dele, Thia, em vez dele. Ela me mostrou uma foto de quando era criança. Uma foto tão parecida com esta que foi como olhar para gêmeas nascidas com trinta anos de diferença. Ela também me mostrou algumas coisas que encontrou entre os documentos do pai depois que ele morreu. Um velho livro contábil e uma cópia de uma sentença de adoção. Por isso fui a San Francisco, para encontrar Anson e explicar tudo isso. Ele passou os últimos quarenta anos odiando Soline porque acreditava que ela o havia abandonado ao saber dos ferimentos. Mas isso era mentira. O pai dele a mandou embora porque ela estava grávida. Tive que ir procurá-lo para provar o que eu já sabia... que o bebê que Soline teve anos atrás é você.

Camilla ficou pálida, rígida.

— Isso não é verdade.

— É — Rory confirmou com delicadeza. — Eu vi a sentença de adoção, e os nomes de George e Gwendolyn Lowell escritos no documento. O de Soline também. E o seu. O pai é declarado como desconhecido, mas não há dúvida de que Anson é o pai daquele bebê. O pai dele pagou a uma mulher chamada Dorothy Sheridan para que ela dissesse a Soline que você morreu logo depois de nascer. E depois eles deram você para adoção.

— Não.

— Seu nome seria Assia — Rory continuou, ignorando a negação persistente. — Significa “aquela que traz conforto”.

Camilla balançou a cabeça, com os olhos muito abertos, vidrados.

— O que você está dizendo é impossível, Aurora. Depois de todos esses anos... as chances de ser ela... entre todas as pessoas.

— Sei que é muita coisa para digerir. Para mim também foi, mas é verdade. A mulher que trouxe você ao mundo está viva, bem e mora aqui em Boston. Você almoçou com ela na semana passada.

Camilla levantou-se de repente, derrubando a fotografia.

— Por que está dizendo isso? Precisa tanto dela em sua vida a ponto de engolir essa história ridícula? Ou esse é meu castigo por ter me portado mal no outro dia?

Rory a encarou chocada.

— Acha que eu inventaria uma coisa como essa por ressentimento?

— Acho que quer acreditar nisso, por mais absurdo que pareça. Você mal conhece essa mulher, mas, na sua cabeça, ela é quase uma santa.

— Está falando como Anson. Ele disse a mesma coisa ontem à noite.

Camilla parecia quase aliviada com a notícia.

— Anson também não acredita nisso?

— Não é uma questão de acreditar. Eu levei provas para ele. Até deixei o livro contábil. Mas ele deixou bem claro que não está interessado em uma reunião familiar.

— E Soline? — Camilla perguntou com tom frio. — O que ela tem a dizer sobre esse milagre?

— Ela ainda não sabe de nada. Não está falando comigo. Não atende as minhas ligações e não me recebe desde o dia no Seasons.

— E a culpa é minha, imagino.

— Eu não disse isso, mas você precisa entender Soline. O retraimento é como ela se protege. O que

aconteceu outro dia foi sentido como um ataque, porque foi um ataque. Você não se ouviu, mas eu ouvi. E ela também. E estou ouvindo você agora. Por algum estranho capricho do destino, você ganhou uma oportunidade de conhecer sua mãe verdadeira e, em vez de agarrá-la, você me acusa de querer castigá-la. Não entendo.

Camilla assentiu.

— Tudo isso é muita coisa para processar, Aurora. Lamento se não estou reagindo com a rapidez que considera adequada. Talvez Soline seja melhor nisso. — Ela abaixou para pegar a foto no chão e se dirigiu à cristaleira, onde passou alguns minutos abrindo espaço entre os outros porta-retratos. Quando olhou para Rory novamente, seu rosto era a imagem da resignação. — Quanto vai contar a ela?

— Não vai ser tão logo. Thia ainda tem esperança de fazer Anson mudar de ideia, e eu prometi esperar. Não vai servir de muita coisa, mas também preciso desse tempo para resolver a situação com Soline.

— Como acha que ela vai reagir?

— Mal, infelizmente. Perder Anson de novo, desse jeito, pode destruí-la. E saber que a filha cuja morte ela chorou por quarenta anos está viva, mas não quer saber dela, pode ser o ingrediente final nessa receita perfeita para um colapso nervoso.

— Aurora...

— Estou cansada, mãe. Vou para casa.

Camilla reagiu chocada.

— Não pode ir embora. Precisamos conversar.

— Não quero mais conversar hoje. Estou exausta, preciso dormir.

— Você vem para o *brunch* no domingo? Por favor, não diga que está ocupada.

Rory ia dizer exatamente isso, mas olhou para Camilla. Ela também parecia cansada, ou talvez “abalada” fosse uma palavra melhor. Era muita coisa para processar. De repente, uma família inteira foi jogada no colo dela, junto com uma história bem complicada. E esta noite tinha tido a oportunidade de ver quantas outras histórias complicadas sua mãe já acumulava. Como Anson, talvez ela só não tivesse disponibilidade — ou capacidade — para carregar mais bagagem.

— Não sei — Rory respondeu finalmente. — Acho que nós duas precisamos de tempo para assimilar tudo isso.

— Por favor, não vá embora com raiva, Aurora.

— Não estou com raiva, mãe. Estou decepcionada. Soline não é mais só minha amiga. Agora ela é minha avó. Eu não deveria ter que escolher entre vocês duas, mas, depois daquele almoço, percebi que é isso que você espera de mim. Em parte, imaginei que essa notícia mudaria alguma coisa, que teríamos uma chance de recomeçar de um jeito diferente. Não só por mim, mas por você e Soline. Você não tem ideia do quanto custou para ela perder você, mas eu tenho. Só consegui pensar que, finalmente, ela teria a filha de volta, e você teria a mãe que merecia, alguém que nunca deixou de amar e querer você. E eu teria vocês duas, como uma família de verdade. Mas acho que Anson estava certo. Aqui não vai ter final feliz.

Ela virou-se e caminhou para o *hall* de entrada antes de olhar para trás.

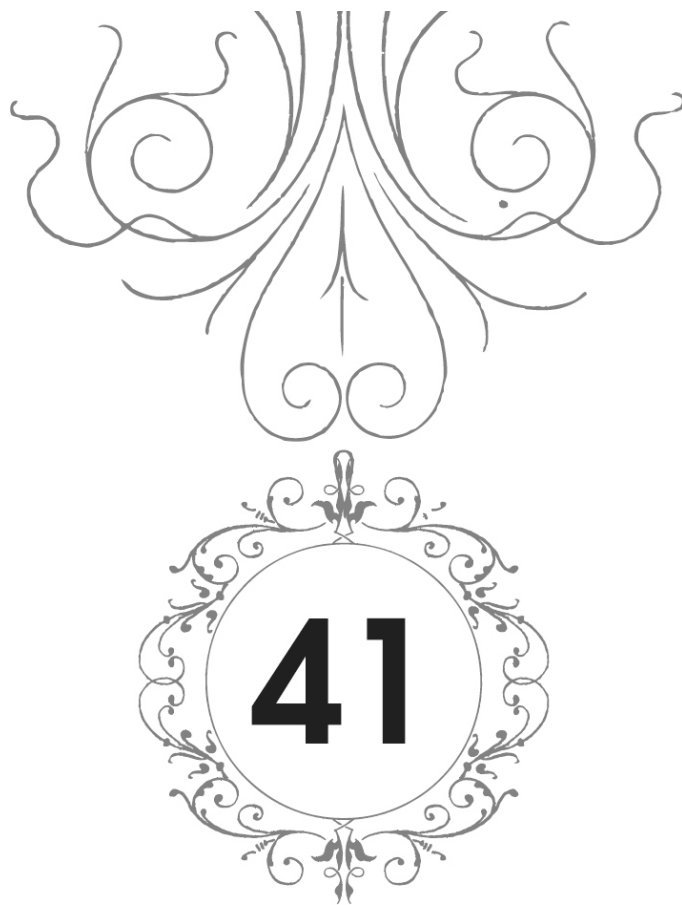
— Se ainda quer saber como é seu pai, tenho uma foto bem recente.

Camilla cruzou os braços, demonstrando uma vulnerabilidade repentina.

— Talvez possa trazê-la no domingo.

— Talvez.





Soline

*La Mère tem um plano para cada uma de suas
escolhidas, um caminho único criado
especialmente para nós. Portanto, temos que estar
atentas aos ecos das gerações passadas e alertas
para não fazer deles os nossos ecos. Os nossos
não servem para repetir o passado, mas
aprendermos com ele.*

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

27 de setembro de 1985 — Boston

O telefone começa a tocar às oito em ponto. Pego meu café e deixo tocar, lamentando ter esquecido de deixá-lo fora do gancho depois de pedir as compras do mercado. Decido atender. A essa hora da manhã já sei quem é.

— Sim. O que é?

— Bom dia. Aqui é a secretária eletrônica de Daniel Ballantine para Srta. Soline Roussel.

— Muito engraçadinho. O que você quer?

— Acabei de receber um telefonema de Camilla Grant, mãe da Rory.

O nome a pega de surpresa.

— Eu sei quem é. O que ela queria com você?

— Chegar até você, pelo jeito. Rory deve ter mencionado meu nome em algum momento, porque ela me encontrou. Queria seu número. Eu me ofereci para dar o número dela a você, em vez disso. Ela não quis adiantar o assunto, mas estava muito determinada, meio agitada.

— Não vou ligar para ela.

— Já falou com Rory?

— Não. Por quê? Ela disse que houve algum problema?

— Não, mas Camilla parecia meio emocionada. Disse que era importante conseguir falar com você. Talvez deva ligar, só por precaução.

Precaução... contra o quê? O que ela pode querer comigo? Recuei tanto quanto ela queria, me retirei para a solidão da minha toca e vou continuar aqui. Não vou me expor a outra cena.

— Não vou falar com aquela mulher — informo com frieza.

— Que diabos aconteceu naquele almoço, afinal?

— Não importa.

— Tudo bem, apenas, anote o número dela para eu poder voltar ao trabalho. Mas talvez queira verificar

qual é o assunto. Como eu disse, ela parecia muito agitada.

— Me dê o número.

Pego uma caneta e um bloquinho de papel da gaveta e anoto o número do telefone, mesmo sem ter nenhuma intenção de usá-lo. Mas, depois de desligar, olho para o papel, tentando imaginar o que Camilla Grant pode querer comigo.

★ ★ ★

Chego à casa de Camilla já arrependida de minha decisão. Ter vindo até aqui foi um erro, provavelmente, mas, quando finalmente cedi e telefonei para a mãe de Rory, não consegui recusar seu convite para o *brunch*. Ela me pediu uma segunda chance. Quando hesitei, pediu que eu viesse por Rory. Não consigo dizer não a isso. Agora, dois dias mais tarde, parte de mim lamenta que eu não tenha dito não. Outra parte quer saber o que significa tudo isso.

Tem um nó no meu estômago quando toco a campainha, um nó parecido com o que eu sentia quando estava aprendendo o ofício no colo de *Maman*, um eco que não consigo interpretar. Quero virar e ir embora. Mas, antes que consiga me afastar da porta, ela é aberta e Camilla aparece, a perfeição acetinada em linho bege e longos fios de contas de coral que quase alcançam sua cintura. Ela tenta sorrir, mas o sorriso falha.

— Srta. Roussel, muito obrigada por ter vindo. Por favor, entre.

Ela se afasta da porta para me deixar entrar, e, por um momento, meus olhos são atraídos para seu braço, para um bracelete de pingentes de ouro. O barulho me

faz lembrar aquele dia no Seasons, o tilintar quando ela sacudiu o guardanapo.

— Vamos ao terraço?

Ela fecha a porta com outro tilintar metálico e me conduz por uma série de salas claras, meticulosas. É exatamente como Rory descreveu, imaculado e sem vida, estéril. Por um momento, sou aquela outra Soline, a que acabou de descer do trem com os sapatos gastos e as roupas amassadas, dolorosamente deslocada.

A cozinha parece uma foto de revista, aço inoxidável e pedra, com uma coleção de jarras sobre o fogão que, imagino, são só enfeite. Ela me oferece café. Agradeço e aceito, encabulada e sem saber ao certo o que estou fazendo aqui.

Ela serve café em duas xícaras e as coloca em uma bandeja com creme e açúcar.

— Por aqui — diz, tentando sorrir mais uma vez. Também está pouco à vontade, percebo, surpresa por essa mulher elegante se sentir constrangida em minha presença.

Ela acena com a cabeça na direção de uma porta francesa. Eu a sigo até o terraço de piso de ardósia. Não há nenhum sinal de Rory, mas a mesinha está arrumada para três. A vista do terraço é de tirar o fôlego, com uma ampla faixa verde e um lampejo do rio.

Sinto os olhos de Camilla em minhas costas, viro e vejo que ela está atrás de mim, me estudando. Ela desvia ao olhar ao perceber que a estou encarando e aponta uma cadeira.

— Por favor, vamos nos sentar?

Ela tenta outro sorriso e se acomoda em sua cadeira. Escolho a mais distante dela e pego a xícara da bandeja, ciente das minhas luvas e ainda sem saber o que significa tudo isso.

— Obrigada por ter vindo. — É a segunda vez que ela diz isso, e percebo que estou com pena dela. Parece

quase amedrontada, vulnerável e ansiosa. — Pedi para vir cedo porque queria conversar com você antes de Aurora chegar. Ela me contou que vocês duas não se falam desde aquele almoço, e receio que a culpa seja minha. Não começamos muito bem. — E balance a cabeça. — Não, não é isso. Eu não comecei muito bem. Fui horrível com você naquele dia e queria explicar... pedir desculpas.

Pelo jeito como ela se esforça para concluir a frase, percebo que não está acostumada a pedir desculpas. Isso é difícil para ela, e me sinto amolecer um pouco por causa disso. Bebo meu café e espero.

— Não sei o que deu em mim. Eu ouvia as palavras, mas não conseguia parar de falar. Era como se minha mãe estivesse falando, não eu.

Seus olhos fogem dos meus, como se ela tivesse dito mais do que pretendia.

— Desculpe, acabei deixando escapar essa parte sobre minha mãe. É que às vezes me pego canalizando o jeito dela quando lido com Aurora. Nós nem sempre... Nós vemos as coisas de maneiras diferentes. Quase tudo, na verdade. E quando Matthew... Hux — ela se corrige. — Quando Hux entrou em cena, eu reagi mal. Não sabia nada sobre ele e tive medo de que não fosse... — Ela suspira e faz mais uma pausa. — Jurei que nunca seria como ela. Que, quando tivesse uma filha, seria diferente, e acontece que sou igual a ela.

— Está falando de sua mãe de novo.

Ela assente, a boca encurvada para baixo como a de uma criança.

— Nunca fui a filha que ela queria, e ela fazia questão de me mostrar essa insatisfação. — Camilla levou a mão aos lábios. — Desculpe. Você não veio aqui para ouvir isso, mas não tem ninguém com quem eu possa falar sobre esse assunto, e você é... você e Rory se aproximaram muito.

Vejo quando ela abaixa a cabeça para beber o café, sabendo que ela vai ser machucada por minhas próximas palavras, sabendo também que as coisas que precisamos ouvir muitas vezes machucam.

— Rory disse a mesma coisa uma vez. Que não era a filha que você queria.

Ela levanta a cabeça devagar, e vejo que o comentário a abalou.

— Aurora pensa... — Seus olhos se enchem de lágrimas. — Mas não é verdade. Tenho muito orgulho dela. Muito orgulho. Ela é corajosa, bonita, e sabe exatamente o que quer fazer e ser. — Sua voz engrossa, e ela pisca para segurar as lágrimas. — Ela é a versão de mim que eu queria ter coragem de ser quando tinha a idade dela.

— Por que ela não sabe disso?

A pergunta fere, mas tem que ser feita. Ela deixa a xícara sobre a mesa e enxuga os dois olhos, tomando cuidado com a maquiagem.

— Eu cometi muitos erros. Exerci um controle rigoroso demais sobre ela. Dizia a mim mesma que era para protegê-la, mas não era. Nunca foi. Tentei cortar suas asas e mantê-la perto. Para... ter alguém. Quando Hux desapareceu, ela se afastou de mim, de tudo, na verdade. Tentei trazê-la de volta, alcançá-la, mas ela se afastava cada vez mais. Então ela conheceu você, e foi como se estivesse viva de novo. E a galeria... de repente tudo voltou, e ela falava sobre sua arte. Sei que isso parece mesquinho, mas tive a sensação de que estava tentando afastá-la de mim, e ela é tudo que tenho. Por isso me comportei daquela maneira, estava com ciúme. E com medo.

Os olhos dela fogem dos meus, buscam o horizonte. Eu a observo, vejo um perfil tão familiar que sinto como se a conhecesse desde sempre. Ela é muito parecida com Rory, mas muito diferente também. Por fora, ela é

fria e educada, mas, por baixo de tanta perfeição, existem camadas de dor. Sinto meu coração dar um passo na sua direção.

— Ninguém pode tirá-la de você, Camilla. Ela é sua filha. Vocês têm um vínculo para a vida toda, e é uma ligação muito mais profunda que sangue e lembranças compartilhadas. Vocês são ligadas por seus ecos.

Ela olha para mim de novo, e vejo uma ruga em sua testa.

— Ecos?

Sorrio, porque ela parece precisar de um sorriso.

— É uma coisa que minha mãe costumava dizer. Ela acreditava que cada um tem um eco, uma espécie de digital espiritual, e que esses ecos nos conectam às pessoas que amamos, nos ligando para sempre.

Seus olhos ficam presos aos meus, grandes e ainda cintilantes de lágrimas. Não consigo ler o que há neles, mas sinto nela um anseio, uma necessidade de falar, assim como uma relutância.

— Você... acredita nisso? — ela pergunta finalmente.

— Nessa parte de os ecos nos vincularem para sempre?

Sua voz está embargada de emoção, e percebo sobressaltada que ela se abriu comigo, se expôs como uma criança. Sinto uma dor repentina na garganta, um aperto que torna difícil respirar. Estou confusa, quase atordoada, mas ela continua olhando para mim, ainda esperando uma resposta.

Antes que eu possa pensar em como responder, Camilla se levanta de repente. Parece nervosa, quase culpada.

— A porta. Aurora chegou.

Ela está se preparando para sair do terraço quando Rory aparece subitamente na porta. Parece chocada quando nossos olhares se encontram, contente e com medo ao mesmo tempo, e entendo que a mãe não avisou que eu estava aqui. Ela segura um grande envelope de

papel pardo. Coloca o envelope embaixo do braço e olha diretamente para Camilla.

— O que está acontecendo?

— Ah, que bom que chegou — Camilla responde e consegue adotar um tom agitado e satisfeito. — Soline e eu estávamos conversando.

Rory olha para mim, depois novamente para a mãe.

— Nós conversamos sobre isso.

— Não, não. Estávamos só nos conhecendo. Conversa de mulher, sabe como é.

— Seu recado pedia para eu vir o mais depressa possível. Pensei que houvesse acontecido alguma coisa.

— Porque eu sabia que você iria querer ver Soline. Achei que seria agradável nos encontrarmos as três para o *brunch*.

— Mas nós conversamos sobre isso. O que está fazendo?

Rory baixou o tom de voz, mas suas palavras eram trazidas pela brisa. Ela está brava. Camilla vira para trás, olha para mim ansiosa. Tenta sorrir e, mais uma vez, não consegue. Sinto que a conversa diz respeito a mim, uma conversa em que não fui incluída.

— Por favor. — Camilla segura a mão de Rory entre as suas. — Estou tentando consertar as coisas, Rory. Eu sei o que você disse. Lembro cada palavra. Só queria que nós... — Sua voz enfraquece quando ela solta a mão da filha. — Queria que fôssemos todas... amigas. Boas amigas. Agora, vá falar com Soline enquanto eu pego a comida.

Rory ainda parece desconfiada quando tira o envelope de baixo do braço e o entrega à mãe. Ela hesita por um momento, vendo Camilla desaparecer no interior da casa, depois se junta a mim na mesa.

— Eu nem imaginava que você estaria aqui. Ela a enganou também?

— Ela telefonou para Daniel, e ele ligou para mim. Camilla se sentia mal depois daquele almoço e queria me convidar para encontrar vocês hoje. Estava determinada. Não aceitou um não como resposta.

— Sinto muito. Ela sempre foi uma força da natureza. Como você está?

— Bem.

— Tentei telefonar. Fui até sua casa, bati na porta e deixei um bilhete quando você não abriu.

— Depois mandou Daniel espiar pela janela da minha cozinha.

— Fiquei preocupada. Você estava muito abalada quando saiu do restaurante naquele dia. Queria pedir desculpas, mas você não atendia ao telefone. Lamento muito pelo que ela disse e pelo modo como se comportou.

— Por que está se desculpando pelas atitudes de sua mãe? São dela, não suas. E ela teve motivos para se comportar daquele jeito.

Rory arregala os olhos. Está surpresa, e talvez um pouco magoada por eu ter tomado partido da mãe dela, mesmo que só um pouco.

— Agora está defendendo ela?

— Ela teve medo, *chérie*. As pessoas atacam quando ficam com medo.

— Medo de você?

— O jeito como uma pessoa se comporta conosco nunca tem a ver conosco, Rory. Tem a ver com ela. Sua mãe agiu daquele jeito porque se sentiu ameaçada. Você é dela, e ela queria que eu soubesse disso. Porque tem medo de perder você... e ficar sozinha.

Rory olha para a porta francesa com uma expressão carregada.

— Nesse caso, ela deveria parar de fazer coisas para me afastar. Minha mãe se comporta como se eu não

merecesse ter vida própria, como se tudo que sou e faço tivesse a ver com ela. Minha arte, a galeria, até as amizades que escolho.

Sinto a raiva dela em meus ossos, o cabo de guerra entre mãe e filha. É um confronto tão antigo quanto o próprio tempo, mas sempre houve mães mais sensatas. Como sempre houve filhas mais sensatas. Essa é uma contradição que faz parte da jornada de qualquer mulher — a necessidade de moldar alguém à própria imagem em oposição à aversão de ser moldada.

Sorrio com tristeza.

— É uma coisa difícil para uma mãe, soltar a mão de seu *bébé*. Você foi parte da vida dela por muito tempo, seu mundo inteiro, e agora, de repente, cresceu e tem vida própria. Ela se sente sozinha.

— Como pode se sentir sozinha? Não há um dia vazio na agenda dela. Ela está sempre correndo para um almoço, um jogo de cartas ou para ir ao teatro. Tem uma verdadeira *entourage*. Especialmente depois da morte de meu pai, embora ele nunca tenha sido muito companheiro.

— Não é preciso estar só para se sentir sozinha, *chérie*. Não é a mesma coisa. Cada um lida com a perda à sua maneira, inventando jeitos de preencher o vazio. Por isso a agenda dela é cheia. E por isso ela tem sido tão possessiva. Ela quer ser parte de sua vida, mas não sabe como.

Rory cruza os braços e deixa escapar um suspiro. Parece muito jovem e petulante, sentada ali com os braços cruzados. Está irritada por me ouvir defendendo sua mãe. Mas a rixa entre essas duas tem que ser resolvida antes de se cristalizar em alguma coisa fria e permanente. Talvez por isso o destino tenha me empurrado para a vida delas. Para intermediar a paz.

— Na França, dizemos *tu me manques*. Significa “você está faltando em mim”. Não é “sinto sua falta”, como os americanos dizem, mas “você” está faltando em “mim”. A parte de “você” que é parte de “mim”... se foi. É assim para ela. Tem um vazio na vida dela, onde você estava antes, e ela não sabe como preenchê-lo.

Rory afunda na cadeira ao meu lado, silenciosa. Determinada a se apegar à raiva.

— Ela sabe que cometeu erros, Rory. Por isso me pediu para vir hoje, para consertar algumas coisas. Não só comigo, mas com você. E acho que você deve permitir.

— Você não a conhece.

— Não. Mas ela acha que nós três devemos ser amigas, e eu também acho. Fomos reunidas, de algum jeito. Não sei como ou por que, mas é inegável. Talvez tenhamos que nos ajudar de algum jeito, encher os espaços vazios umas das outras.

Ela olha para mim de um jeito estranho, como se eu tivesse dito algo capaz de causar um terremoto e ela se preparasse para me corrigir. Por um breve momento, tenho medo do que ela vai dizer, medo de que o nosso círculo recém-formado esteja para se quebrar, e de repente não quero que isso aconteça.

Então ouço o tilintar do bracelete de Camilla, que se aproxima com uma bandeja cheia de comida.

— Isso não é maravilhoso — ela diz radiante. — Nós três juntas, finalmente.



Rory

18 de outubro de 1985 — Boston

Rory olhava para o pedaço de parede vazio tomada por um medo crescente. Quarenta e oito horas atrás, Dheera Petri telefonou para explicar por que, dez dias antes da inauguração, suas peças ainda não haviam chegado para a instalação. Uma decoradora de interiores a procurou para dizer que estava interessada em todas as telas, menos duas, para um novo edifício comercial que tinha sido contratada para decorar. Ela se sentia muito mal por desapontar Rory assim, tão em

cima da hora, mas seria possível cancelar o contrato, de forma que ela pudesse vender suas pinturas?

Elas acertaram que marcariam outra exposição no futuro, e Rory desejou sorte. Não podia tentar impedir algo assim, mas não sabia como preencheria aquele espaço em tão pouco tempo. Para completar, Camilla e Soline chegariam a qualquer minuto. Seria a primeira visita das duas à galeria, e ela deveria estar animada para levá-las a uma visita completa. Em vez disso, estava nervosa diante da possibilidade de um espaço vazio na noite da inauguração. Não era exatamente um bom presságio.

Estava muito satisfeita com o resultado de tudo o que foi feito. Brian fez um trabalho incrível e entregou a obra pronta duas semanas antes do prazo e por um valor inferior ao do orçamento. O esquema de cores escolhido por ela, camadas suaves de grafite e ardósia, dava a tudo um clima ligeiramente industrial, mas a iluminação cuidadosa e os artefatos *art déco* recuperados acrescentavam a medida exata de *glamour*. Inclusive as instalações foram concluídas sem nenhum tropeço. Até Dheera telefonar com essa terrível notícia.

— Aurora? Meu bem? Você está aí?

Rory olhou na direção da voz de Camilla. Não tinha escutado o sino da porta de entrada, mas aparentemente, era hora do show.

— Já estou indo.

Ver Soline e sua mãe paradas na entrada a animou instantaneamente. Elas não eram nada parecidas, Camilla tinha os olhos claros e o cabelo loiro de Anson, enquanto a coloração de Soline era escura, mas havia uma inexplicável semelhança entre as duas ali paradas, lado a lado, um cordão invisível que parecia uni-las.

Um mês atrás, não poderia ter imaginado as duas convivendo, mas, nas semanas seguintes ao *brunch* surpresa de sua mãe, elas se tornaram surpreendentemente próximas.

Era bom ver Soline saindo de novo, e era empolgante e surpreendente ver com que rapidez a persona fria e bege de sua mãe se transformava em algo vibrante e quase divertido, graças a uma visita ao Bella Mia e uma série de consultas com Lila na Neiman Marcus. Pelo jeito, Soline tinha se tornado a fada madrinha de Camilla também. E Camilla sentia prazer em retribuir, convidando Soline para almoços, compras e até uma apresentação de balé na semana anterior.

Soline havia ocupado um buraco na vida de Camilla que nem ela sabia que existia, reduzindo sua necessidade de ser grudenta e controladora, o que havia permitido que Rory tivesse tempo para se concentrar na galeria. E tudo indicava que elas se tornariam um trio habitual para o *brunch* de domingo.

Era mais do que até a própria Rory esperava, mas o que aconteceria quando finalmente contassem a verdade a Soline? Nem todas as notícias seriam boas, ela teria a filha e a neta em sua vida, mas, mesmo assim, haveria a amargura de todos aqueles anos perdidos. E, é claro, as notícias sobre Anson seriam devastadoras. A proximidade recém-descoberta entre elas seria suficiente para ampará-la depois de tudo isso?

Camilla já havia começado a reclamar de se sentir dissimulada, e Rory temia que, um dia, a mãe simplesmente contasse a verdade, o que quase certamente terminaria em desastre.

Rory tinha concordado com o tempo pedido por Thia, mas, desde aquela última conversa, não houve mais nenhuma movimentação do lado dela. Anson havia saído

do país logo depois do encontro entre eles em San Francisco e não retornava as ligações. Não estava surpresa, mas uma parte dela esperava que Thia pudesse ter sucesso, que Anson finalmente enxergasse a verdade e houvesse um final feliz, afinal. Mas, a cada dia que passava, isso parecia menos provável.

— Bem — Camilla anunciou batendo palmas —, chegamos para a nossa visita. Combinamos às onze, certo? Rory forçou um sorriso.

— Sim, combinamos.

Ela olhou para Soline, que estudava o ambiente de boca aberta. Era a primeira vez que voltava desde o incêndio, quatro anos atrás, e Rory estava preocupada com sua reação. Suas últimas lembranças do lugar não deviam ser boas.

— Isso é incrível — Soline murmurou finalmente. — Trabalhei e morei aqui durante trinta e cinco anos e mal reconheço o lugar. Está tudo muito bonito. E você deixou o corrimão original na escada. Que maravilha.

Rory relaxou.

— Que bom que gostou. Quis deixar alguns detalhes como uma homenagem à história do imóvel. Ainda precisamos ajustar um pouco a acústica. Por causa do chão sem tapetes, sempre tem um eco quando o lugar está vazio, mas, no geral, estou eufórica com o resultado.

Camilla acabava de voltar de uma visita rápida à sala da frente. Ela olhou para Rory com uma ruga na testa.

— Que foi? Tem alguma coisa errada?

— Não. Estou um pouco tensa com a inauguração. E cansada. As últimas semanas foram uma correria, distribuir convites, organizar a comida e a música, trabalhar com todos os artistas para garantir instalações perfeitas... muita coisa.

— Mas agora terminou tudo. E olha só para isso. Não acredito no que você fez aqui. As cores e as linhas

claras, o jeito como usou a iluminação para criar uma atmosfera. É tudo muito... dramático, e calmo também. Conseguiu a mistura perfeita entre o elegante e o artístico.

Rory esperou o inevitável “mas”, seguido por uma lista de coisas que ela teria feito diferente. “Mas é um pouco... Talvez pudesse... Nunca pensou em...” Mas os comentários não vieram. Sua mãe continuava ali parada, sorrindo.

— Obrigada. Querem ver o resto?

— Vamos lá. Queremos ver tudo.

Rory as levou para ver cada uma das sete coleções, apontando as placas de acrílico na parede com a biografia e a foto de cada artista. Enquanto andavam, ela mostrou suas peças favoritas, explicando os tipos específicos de meios e técnicas usados para criá-las. Era um bom treino, e estava feliz por descobrir que as informações memorizadas voltavam com facilidade.

Ela terminou com sua coleção favorita, as peças de vidro marinho de Kendra Paterson, que também se tornou a favorita de sua mãe, especialmente a grande escultura de uma onda intitulada *Crista*. Era um ponto focal, uma onda do mar criada com milhares de cacos curtidados pela água do mar, com cores que variavam do branco espuma e verde-claro ao verde alga mais escuro, com todos os tons entre um e outro.

— É de tirar o fôlego — Camilla suspirou. — E que trabalho fantástico. Não consigo imaginar a paciência necessária para construir uma coisa dessa, sem falar na habilidade. Nunca vi nada parecido.

Rory estava muito satisfeita com a reação da mãe ao que ela considerava a *pièce de résistance* das sete coleções.

— É o que também acho. Eu a encontrei por acidente, por intermédio de outro dos meus artistas, e

estou muito empolgada por poder contar com ela na inauguração.

Soline se movia devagar em volta do plinto, as mãos enluvadas unidas diante de si, como se precisasse se esforçar para não tocar a peça.

— Quanto mais você olha para ela, mais parece estar se mexendo, como uma onda de verdade. A artista sabe quantos fragmentos de vidro são usados em cada escultura?

— Sabia, mas parou de contar quando as peças ficaram maiores e mais complexas. Mas cada fragmento é recolhido por ela e pelo marido, à mão. Eles viajam a praias pelo mundo todo. Não dá para acreditar no estúdio dela. É lotado.

— Aurora? Meu bem? — A voz de Camilla soou do outro lado da galeria. — O que vai ficar aqui?

Sua mãe tinha se afastado enquanto ela e Soline conversavam, mas Rory soube sem precisar olhar que ela se referia à parede vazia onde deveriam estar as peças de Dheera Petri.

— Uma artista desistiu anteontem.

— Ah, não. Isso é terrível. E não é muito justo, tão perto da inauguração.

Rory encolheu os ombros, tentando disfarçar o desapontamento.

— Ela recebeu uma oferta de uma decoradora que queria comprar todas as pinturas, e eu não poderia impedir a venda. Agora tenho que ocupar esse espaço, e só faltam oito dias. Talvez eu possa resolver com algumas mudanças, ou com peças únicas. Teria que tirar uma das divisórias e mudar as instalações, depois mudar a iluminação, mas pode ser feito a tempo. Só não é o que eu queria para a abertura. Mas ainda tenho alguns dias, então ainda não desisti.

— Sabe, conheço alguém cujo trabalho ficaria perfeito aqui — disse Soline, olhando para a parede

vazia. — É muito... original. Está em cima da hora, e ela está muito ocupada no momento, mas acho que consigo convencê-la. Ela me deve um favor.

Rory quase gritou de alegria. Não sabia que Soline tinha conexões no mundo da arte. Sua fada madrinha entrava em cena mais uma vez.

— Ela é desta região? Por favor, diga que sim.

— Sim, é daqui.

— Pode ligar para ela? Aceito encontrá-la onde ela quiser.

Soline a encarou com um dos seus sorrisos enigmáticos.

— Estou falando de você, Rory, da sua arte. É ideal para essa parede, uma continuação perfeita para as peças de vidro marinho. E você não teria que mudar nada de lugar.

Rory deixou escapar um suspiro, como ar escapando de um pneu.

— Pensei que estivesse falando sério.

— Estou. E também estava na última vez em que toquei nesse assunto. Você lembra, não?

Rory lembrava, mas tinha atribuído a avaliação de Soline à sua gentileza.

— Mas elas não... Não tem lugar para elas aqui, ao lado de tudo isso.

— Ah, *ma pêche*. Será que não vê? O lugar delas é exatamente aqui. A desistência dessa mulher não foi um acidente. Era exatamente o que tinha que acontecer.

— Mas são só cinco peças para uma parede inteira.

— Perfeito — Camilla opinou com firmeza. — Elas vão ter espaço para respirar.

Rory a encarou perplexa.

— Você acha que eu devo expor?

— Acho. Soline está certa, meu bem. Isso é o que tinha que acontecer.

— Mas você sempre disse...

— Esqueça o que eu disse. Eu deveria ter incentivado você há muito tempo, e lamento não ter feito isso. Mas estou incentivando agora. Não porque está em uma situação complicada. Porque seu trabalho é bonito, original e perfeito para essas paredes. Por favor, diga que é isso que vai fazer. Ou que vai pensar na possibilidade, pelo menos.

Rory conseguiu sorrir, tocada pela declaração inesperada, mas não precisava pensar. Já tinha muito em que pensar sem a pressão adicional de se preocupar com como seu trabalho seria recebido quando fosse exposto ao lado da obra de artistas de verdade.

— Bem, é isso, vocês viram tudo. A menos que queiram conhecer lá em cima.

Camilla piscou para Soline e deu o braço para Rory.

— Na verdade, Soline e eu temos uma surpresa para você.

Rory não sabia se gostava do tom da declaração. Já tinha tido surpresas suficientes para uma semana.

— Que tipo de surpresa?

— Francamente, Aurora, deixe de ser tão desconfiada. É uma surpresa boa. Prometemos.

Imediatamente, Soline foi buscar uma sacola da Neiman Marcus que tinha sido deixada ao lado da porta e a entregou a Rory.

— Para você — disse com um sorriso sugestivo. — De nós duas.

Rory levou a sacola para o balcão da frente e tirou dela uma caixa grande e achatada. Parou de respirar por um instante ao levantar a tampa e ver um terninho de seda cor de vinho. O corte era de *smoking*, com lapelas de veludo negro e um único botão fechando o paletó. Ela olhou a etiqueta. *Valentino*.

— Isso deve ter custado uma fortuna. — E passou a mão pela lapela de veludo. — É lindo.

— É para a inauguração — disse Soline. — A menos que já tenha comprado alguma coisa.

Rory balançou a cabeça enquanto dobrava as peças de seda e guardava na caixa.

— Eu nem pensei nisso, na verdade.

Camilla riu.

— Não falei? Ela nunca pensa em roupas. Quando era pequena, as fantasias de Halloween eram camisetas com enchimento nos ombros e um capacete, ou um boné de maquinista e macacão. Nunca era uma princesa ou uma fada, como as outras meninas. E olha para ela agora... — Ela fez uma pausa e piscou, surpresa com a própria emoção. — Uma adulta e uma artista, dona da própria galeria. — Os dedos buscaram o colar de pérolas em seu pescoço e o torceram desajeitados. — Você tinha um sonho e foi atrás dele. Pouca gente pode dizer isso, mas você pode, e estou feliz. Você merece isso, Rory.

Foi a vez de Rory ser pega de surpresa. Não era Aurora... era Rory. Que novidade.

— Obrigada — disse emocionada. — Obrigada a vocês duas. Não sei nem como dizer o quanto estou feliz por saber que as duas estarão na inauguração.

— Experimente nos impedir. — Camilla beijou seu rosto. — Agora vamos almoçar, depois vamos fazer umas compras. Soline vai me ajudar a escolher um par de botas. Estou pensando em camurça.

Rory as acompanhou até a saída e ficou na porta enquanto as duas desapareciam no meio do movimento de pedestres da Newbury Street. Almoço e comprar botas. Isso também era novo.

Rory chegou em casa exausta. Tinha passado o resto da tarde ao telefone, tentando encontrar um artista para ocupar a parede de Dheera Petri. Dos cinco artistas com quem fez contato, quatro podiam mandar uma ou duas peças para a noite de inauguração, mas nenhum poderia comparecer ao evento com tão pouco tempo de antecedência. Tudo indicava que teria que se contentar com uma seleção de peças únicas, em vez de uma coleção de um único artista. A menos que aceitasse a sugestão de Soline.

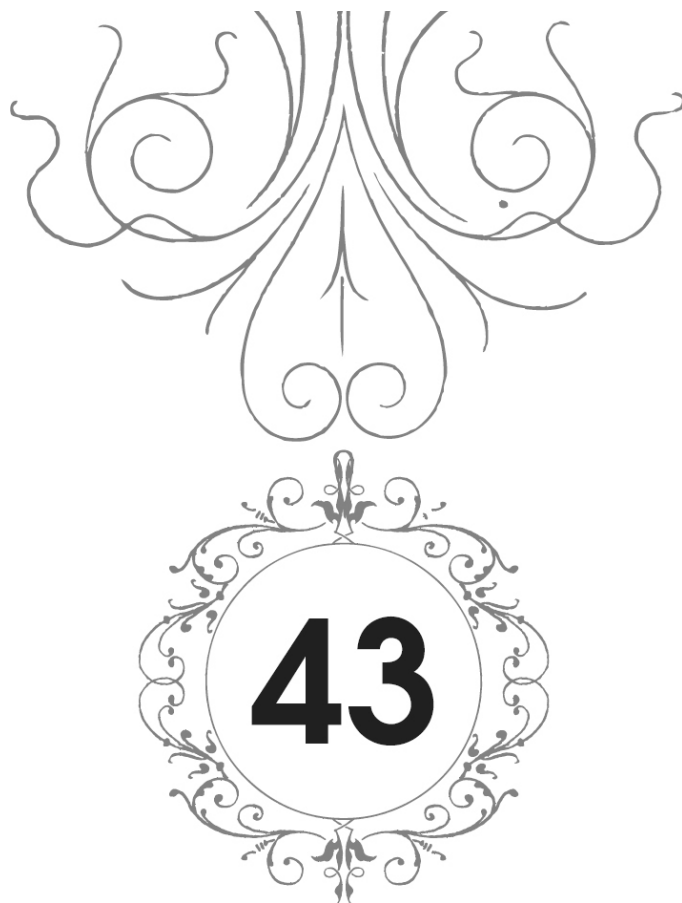
Ela atravessou o corredor e acendeu a luz do quarto de hóspedes. Seus olhos encontraram imediatamente a peça pendurada atrás da mesa, o enorme farol de granito desafiando uma tempestade. Era a maior de suas obras e uma das melhores. Com as quatro no *closet*, teria cinco peças. Ela as pegou e enfileirou. Podia ser uma solução, até encontrar outra coleção para substituí-las. Só precisava de mais uma obra para ter equilíbrio.

Ela se aproximou de uma das molduras perto da janela, deslizando a mão pela peça estendida entre as barras de extensão, ainda por terminar. Uma cena de inverno em um porto, com uma camada branca de neblina deslizando sobre a água. Só faltava o céu: o brilho de um sol fraco tentando romper a cortina de nuvens baixas. Seda cor de estanho, *moiré* pervinca, retalhos de flanela cinza-claro. A luz seria mais complicada. Talvez um tecido prata pregueado. Tinha alguns retalhos em uma de suas latas, com certeza, e ainda dispunha de uma semana para trabalhar. Se começasse hoje à noite, conseguiria terminar mais uma peça a tempo de montar a exposição.

A ideia provocou-lhe um pequeno tremor. Estava mesmo pensando nisso? As palavras da mãe a tocaram de um jeito inesperado naquela manhã. Não só sua

declaração de orgulho, mas a referência às duas, ela e Soline, unidas para apoiá-la como uma família. Eram três mulheres unidas por uma série de acontecimentos que nenhuma delas conseguia explicar, através de mares e anos e muitas perdas. Três fios separados tecidos em uma trama para compor um todo. Frágeis sozinhas, mas mais fortes agora, porque estavam juntas.

E teriam que ser fortes quando chegasse a hora, para ajudar Soline a enfrentar o que estava por vir. Faltavam oito dias para a inauguração. Depois dela, iria conversar com Thia sobre um prazo para a conclusão desse assunto. Tinha esperado tanto quanto podia em sua consciência. Prolongar essa história só servia para apoiar as mentiras de Owen, e já havia mentiras demais. Era hora de trazer a verdade à tona, deixar as coisas ocuparem seus lugares como tinha que ser. Só esperava que, quando tudo se encaixasse, Soline encontrasse conforto em sua nova família e continuasse reconstruindo a vida.



Rory

26 de outubro de 1985 — Boston

Rory consultou o relógio, depois respirou fundo mais três vezes. As portas se abririam em uma hora, e tudo estava tão pronto quanto poderia estar. Havia um bar montado perto da entrada, na frente, oferecendo uma seleção de vinhos e cervejas importadas; bandejas com canapés frios foram arranjadas em um pequeno *buffet* mais perto do fundo do espaço; o violonista clássico que contratou ficaria em um canto discreto; e os sete artistas chegaram no horário combinado e estavam

reunidos na frente do espaço, conversando e esperando a abertura.

Sua mãe e Soline estavam lá em cima, fingindo retocar a maquiagem para dar a ela um pouco de espaço. Sentia-se grata por isso. A semana foi um turbilhão de criatividade e detalhes de última hora, deixando pouco tempo para dormir, muito menos para refletir. Agora, quando só faltava abrir a porta, precisava de alguns segundos para se concentrar e acalmar.

Era quase surreal estar nesse lugar que ela havia criado do nada, como se entrasse no meio do sonho de outra pessoa. De certa forma, foi isso mesmo. Alguns meses atrás, a casa geminada estava abandonada, cheia de entulho, mas não estava vazia. Sua avó havia sonhado nesta casa um dia e deixado para trás um pouco de sua magia, como migalhas de pão marcando o caminho para que ela as encontrasse. E ela as encontrou. Ou as migalhas a encontraram, talvez. Agora, independentemente do que anunciava a placa sobre a porta, os ecos de Soline Roussel continuariam vivos entre essas paredes. E os dela também.

Rory olhou para a placa de acrílico sobre a mais nova coleção da galeria, *Onda de Sonho*, de Aurora Grant, e piscou algumas vezes para conter as lágrimas. De repente, estava com Hux, olhando para suas obras através da janela do Finn's, ouvindo as palavras que puseram tudo isso em movimento.

“Sonhos são como ondas... Você tem que esperar o momento certo para se deixar levar por aquela que tem seu nome... Esse sonho tem seu nome escrito nele.”

— Olha o que eu fiz, Hux — ela sussurrou baixinho.
— Olha onde eu estou. Tinha meu nome escrito nisso. E agora é real. Por sua causa.

— Acho que está na hora, meu bem.

Rory engoliu as últimas lágrimas e olhou para a mãe. Ela vestia uma saia na altura das panturrilhas, um colete de crepe cor de ameixa e calçava botas de camurça cinza de saltos finos. Não havia nada bege na composição.

— Já falei que você está maravilhosa hoje?

Camilla abaixou a cabeça e sorriu acanhada.

— Obrigada. Acho que temos a mesma consultora de estilo. E você... essa roupa caiu como uma luva. Linda. E todo o resto está perfeito. Você fez um trabalho incrível aqui. E estou muito feliz por ter decidido expor seu trabalho. Ele merece ser visto e apreciado.

— É muito estranho. Passei meses tentando imaginar como me sentiria hoje, e agora...

Camilla segurou a mão dela.

— Ah, meu amor, o que foi?

— Nada. Estava pensando em Hux. Nada disso estaria acontecendo se ele não tivesse acreditado em mim. Queria que ele estivesse aqui para ver.

— Ele vai estar, meu bem. Ele vai voltar e vai ficar muito orgulhoso quando puder ver o que você fez. Mas agora você tem que ir lá para a frente. Seu público está esperando.

As palavras provocaram em Rory uma mistura de nervosismo e empolgação.

— Eu não tenho um público. E se não aparecer ninguém? Vamos passar uma semana comendo tomate cereja recheado e *crostini* de pimentão assado.

Camilla gargalhou, o que era incomum.

— Agora está sendo boba. Mandamos duzentos convites. Dois jornais anunciaram a inauguração na agenda do fim de semana, e avisei todo mundo que conheço, duas vezes. Aposto que não vai ter um tomate ou *crostini* nas bandejas quando você fechar as portas mais tarde. Agora vai. A festa tem que começar.

— Onde está Soline?

— Lá em cima, mas disse que já vai descer. Acho que ela está nervosa com a perspectiva de interagir com tanta gente.

Rory sabia exatamente como ela se sentia, mas conseguiu entrar em ação assim mesmo, vagamente consciente da mãe ao seu lado, acenando com a cabeça para a morena alta atrás do balcão do bar, depois para a ruiva que supervisionava o *buffet* e finalmente para o violonista, que pegou imediatamente seu violino. Notas suaves de *Blackbird*, dos Beatles, encheram o ar, e os artistas foram assumir seus lugares ao lado das coleções.

— Tudo pronto — Camilla sussurrou perto de seu ouvido. — Eu cuido da porta. Sua tarefa, sua única tarefa, é sorrir, circular e agir como a dona de uma galeria. E não esqueça de ir com calma, dosar sua energia. A noite vai ser longa.

Um sopro de ar frio de outono entrou quando Camilla abriu a porta. Minutos depois, vários grupos de mulheres entraram, trocando abraços e beijinhos no rosto. Amigas da mãe dela, Rory percebeu com gratidão.

Camilla era fabulosa, totalmente no comando do momento, movendo alavancas invisíveis com um aceno de cabeça ou um olhar e fazendo tudo parecer simples e fácil, e Rory se pegou pensando se seria capaz de desenvolver essas habilidades. Ainda refletia sobre isso quando a mãe e seu séquito de amigas começaram a caminhar em sua direção.

— Ah, lá está ela. Meu Deus, que mudança é essa? Você está simplesmente estonteante, Aurora! — disse Laurie Lorenz, tesoureira do conselho de arte, estudando cada centímetro dela com os olhos muito maquiados. — Quase não a reconheci com esse cabelo.

Ficou muito chique, como se estivesse saindo de uma passarela em Paris.

Hilly assentia entusiasmada.

— Ficou divino, não é? Olha só essas maçãs do rosto. Iguais às da mãe. E ainda não consigo acreditar no que fez com este lugar. Compramos o vestido de noiva de minha filha aqui quatro anos atrás, e olhe para isso agora. Ninguém diria que a casa quase foi destruída pelo fogo.

— Obrigada — Rory respondeu acanhada, esperando que Soline não tivesse ouvido isso. — O estrago não foi tão grande quanto se pensava, e encontrei um empreiteiro maravilhoso. Conseguimos salvar boa parte das instalações originais e a escada, pela qual me apaixonei.

As mulheres seguiram o olhar de Rory para a escada, assentindo ao mesmo tempo. Nesse momento, Soline surgiu no último degrau, magnífica com sua pantalona de seda preta e jaqueta com bordados prateados. Ela parou por um breve instante, olhou para os convidados, depois começou a descer, a mão dentro da luva preta deslizando pelo corrimão.

Ninguém falava. Rory não podia criticá-las por isso. Ela era fascinante, e tão graciosa que era como se os pés mal tocassem o chão. Soline parou de novo no último degrau e, por um momento, Rory teve medo de que ela pudesse mudar de ideia e subir correndo. Em vez disso, ela alinhou os ombros e olhou para as pessoas até encontrar o olhar de Rory.

Rory levantou a mão, consciente da curiosidade no olhar das amigas da mãe. Camilla também notou e parecia pronta para sair em defesa de Soline se fosse necessário. Mas Soline sorriu para tranquilizar as duas enquanto se aproximava. Estava linda com os olhos esfumaçados e os lábios vermelhos, o cabelo preso de um lado por um pente de pedras preciosas.

Camilla deu o braço a Soline, puxando-a para perto.

— Senhoras, quero que conheçam minha querida amiga, Soline Roussel.

Houve uma pausa breve, seguida por uma onda de murmúrios educados. Foi Hilly quem finalmente falou:

— Madame Roussel! Este lugar já foi sua loja. Você fez o vestido de noiva de minha Caroline. Caroline Walden. Tenho certeza de que não se lembra, mas ela e o marido têm três filhos adoráveis agora, graças a você. E as pessoas ainda falam sobre aquele vestido, o jeito como o laço...

Camilla a interrompeu com um gesto.

— Tenho certeza de que Soline não quer passar a noite falando sobre a loja, Hilly. Mas talvez você e Vicky possam conversar com ela sobre o conselho de arte. Tenho que voltar à porta, e Aurora precisa cumprimentar os convidados. Não deixem de experimentar os canapés. Depois me digam o que acham de usarmos a fornecedora de Aurora na véspera de Ano Novo. Ela é fabulosa.

Rory olhou em volta, surpresa com como o espaço ia enchendo depressa. Teve medo de que não aparecesse ninguém. Agora a dúvida era se o vinho seria suficiente. Mas era bom ver tantos rostos familiares. Kelly e Doug Glennon estavam chegando; Daniel Ballantine e uma loira muito bonita, que ela imaginava ser sua esposa, se aproximavam da mesa de canapés; e Brian, que tinha trocado as roupas de empreiteiro por calça cáqui impecável e paletó de *tweed* marrom, bebia uma cerveja e conversava com um casal de amigos da mãe de Rory.

Ela se sentiu relaxar quando começou a circular. Ficou animada ao ver convidados conversando com os artistas, discutindo mídia, técnicas e fontes de inspiração.

Em algum momento, Camilla pôs uma taça de vinho em sua mão e, mais tarde, ela mesma pegou outra taça. Um erro, percebia agora. A empolgação da noite, associada a uma semana de pouco ou quase nenhum sono, estavam fazendo efeito, e de repente ela sentiu que estava ficando sem energia. Camilla também deve ter percebido, porque apareceu com um prato de canapés, sugerindo que era hora de ela comer alguma coisa.

Rory se sentiu melhor depois de comer. E melhor ainda depois de vender uma de suas peças para uma médica da cidade e seu marido. Quando o último convidado saiu, às dez e meia, havia vendido quatro peças, recebido duas encomendas e tinha uma promissora indicação para *Crista*, de Kendra Paterson. No geral, uma noite bem-sucedida. E, agora que tinha acabado, ia se jogar na cama e dormir até não poder mais.

Ela virou e viu a mãe caminhando em sua direção com duas taças de vinho.

— Estão desmontando o bar, e pensei em pegar uma para cada uma de nós. Soline subiu para o seu escritório há uma hora. A noite foi demais, mas acho que ela se saiu bem. Eu me ofereci para levá-la para casa às nove horas e voltar, mas ela quis ficar, estava decidida. Pegue. — Ela pôs a taça na mão de Rory. — Pensei em encerrarmos a noite com um brinde.

Rory olhou para o copo e hesitou.

— Não sei se devo. Estou morta de cansaço e vou ter que voltar para casa dirigindo.

— Só um brinde. Não tivemos uma oportunidade antes.

— Tudo bem. Mas vai ser só um golinho.

Camilla levantou a taça e esperou Rory acompanhá-la.

— À jovem que tenho a sorte de chamar de minha filha. Nem sempre deixei claro o quanto me orgulho de você, ou o quanto confio na sua capacidade de saber o que é certo para você, e peço desculpas por isso. Estou orgulhosa. Não só hoje, mas sempre, e prometo melhorar no futuro.

— Obrigada — murmurou Rory, emocionada com a declaração inesperada da mãe. Depois de beber um gole, ela levantou a taça novamente. — E agora é minha vez. À mulher que me ensinou como é ser elegante em qualquer situação. Você foi maravilhosa hoje, esteve atenta a tudo, inclusive a mim. Não sei se teria conseguido sem você. — Ela pigarreou, consternada ao sentir o nó de emoção na garganta. — Nem sempre reconheci o quanto você faz, ou como faz bem tudo isso, e prometo melhorar também.

Camilla baixou os olhos quando elas brindaram.

— Você vai me fazer chorar.

— Foi você quem começou — Rory retrucou antes de beber o gole obrigatório.

— Tem razão. Vou até a cozinha ver se sobrou algum *crostini*, depois vou subir para chamar Soline, quero ir para casa e mergulhar os pés em água quente. — E apontou para as botas novas. — Vou demorar um pouco para me acostumar com o salto.

Rory não conteve um sorriso ao ver a mãe a caminho da cozinha. Havia sido uma noite de surpresas, começando pelas botas de salto alto e terminando em um momento de honestidade e respeito mútuo que não poderia ter imaginado algumas semanas atrás. Era o final perfeito para uma noite quase perfeita, mas, tinha que admitir, estava feliz por ter acabado.

Ela deu uma última volta pela sala, procurando pratos ou copos que a empresa de *catering* poderia ter esquecido e recolhendo guardanapos perdidos. Havia se

abaixado para pegar um catálogo amassado, quando ouviu o sininho da entrada. Pelo jeito, ninguém lembrou de trancar a porta.

Ela se levantou, forçou um sorriso educado.

— Sinto muito, infelizmente já... Ai, meu Deus.

“Não. Agora não. Não desse jeito.”

— Anson... o que está fazendo aqui?

Ele parou ao passar pela porta, tenso e sério, com as mãos fechadas junto do corpo.

— Thia me falou que sua inauguração era hoje. Preciso falar com você.

— Não pode ficar aqui! — Rory sussurrou. — Soline está lá em cima, e ela não sabe que você... — E virou, olhando aflita para a escada. — Por favor! Não pode ficar aqui!

— Aurora, já embalei... — Camilla parou de falar ao ver que Rory não estava sozinha. — Desculpe. Não sabia que tinha alguém aqui.

— Este é Anson — Rory explicou nervosa. — Ele está de saída.

Camilla ficou paralisada por um momento, boquiaberta. Depois superou o choque, e a falta de reação foi substituída por algo que Rory não conseguiu identificar.

— Você é igual à foto — Camilla disse em um tom frio.

Anson deu um passo à frente, antes de se conter. Ficou parado, os olhos cravados no rosto de Camilla.

— Você é...

— Sim, eu sou. E você tem que ir embora. Agora.

— Preciso falar com sua... Preciso falar com Rory.

Camilla arqueou uma sobrancelha.

— Agora não. Não sei o que tem a dizer, mas já esperou quarenta anos. Mais uma noite não vai mudar nada.

— Por favor — Rory pediu. — Vá embora. Precisamos de uma chance para conversar com Soline. Ela não pode descobrir desse jeito.

As palavras mal haviam saído de sua boca quando ela ouviu um gemido repentino lá em cima, seguido pelo baque surdo de uma bolsa de seda bordada caindo nas escadas.





Soline

Existe uma dor pior que a morte. É a dor de uma vida vivida pela metade. Não porque você não sabe como poderia ter sido, mas porque sabe.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

Não pode ser, mas é.

Ele envelheceu, os anos deixaram seu corpo, antes rígido, mais flácido, desenharam linhas no rosto e pintaram de prata mechas de cabelo, mas eu o reconheceria em qualquer lugar.

Durante quarenta anos, sonhei vê-lo de novo, sabendo que era impossível, mas sonhando mesmo assim. E agora, de algum jeito, ele está aqui. Vivo, olhando para mim como se eu fosse o fantasma. Minha garganta de repente se enche de lágrimas e preces não atendidas, mas, quando abro a boca, nenhum som sai dela. Porque vejo que tem algo errado. Muito, muito errado. Vejo no jeito como Rory está olhando para mim, como se estivesse pedindo desculpas por algum crime imperdoável, nos braços cruzados e na postura rígida de Camilla, como se ela se preparasse para a batalha. E no vazio gelado que dominou o rosto de Anson. No espaço de um instante, eu me tornei uma estranha para ele. Não, não uma estranha... uma inimiga. Mas como? Por quê?

— Anson?

Os olhos dele encontram os meus, encobertos e duros. Não consigo ver a cor, mas sinto a frieza, como se uma lâmina de aço penetrasse entre minhas costelas. É a expressão que ele exibia quando falava com os *boche*. E agora ele a usa comigo.

De algum jeito, faço minhas pernas se moverem, dou um passo, depois mais um. Mas ele recua para a porta, levanta a mão como se quisesse me manter distante. E depois desaparece, sai sem fechar a porta. Por um momento, estou em Paris de novo, sentada na parte de trás de uma ambulância, vendo Anson desaparecer através de uma janelinha quadrada.

Minhas pernas cedem, e eu me sento no degrau como um pássaro caído, aturdida demais para falar ou chorar. Rory está ao meu lado, segurando minhas mãos, repetindo que sente muito, se desculpando como se fosse responsável pelo que aconteceu. Olho para ela, tentando entender o que vejo em seu rosto. Tristeza. Pena. E... culpa?

— Eu ia contar. Depois da inauguração, nós íamos contar tudo.

Nós?

Olho para baixo, onde Camilla está parada olhando para mim, segurando o pilar central da escada com as duas mãos, e vejo nela a mesma coisa. A mesma culpa. Mas também não consigo entendê-la.

— Ia me contar o quê?

— Que Anson está vivo. Faz um tempo que sei, e...

— Quanto tempo?

— Algumas semanas. Talvez um pouco mais.

Olho para Camilla.

— Você também sabia. E não falou nada?

— Queríamos falar — Rory interrompe antes que Camilla possa responder. — Estávamos só esperando a hora certa para dar a notícia. Sinto muito. Nunca imaginei que ele apareceria aqui. Quando me despedi dele em San Francisco, ele deixou bem claro que não queria ver você.

— Você foi a San Francisco? Para encontrar Anson?

Ela abaixa a cabeça, assente.

— Mas antes fui a Newport. Thia me falou como entrar em contato com ele.

Newport. A palavra me causa um arrepio. E Thia. O nome é estranho, depois de tantos anos. Mas são muitas perguntas na minha cabeça. Tropeço nelas, cambaleio à beira do pânico. Meu mundo virou de cabeça para baixo, e não entendo nada.

— Descobri por acidente — diz Rory, como se isso fizesse alguma diferença. — Pedi a um amigo meu, um repórter, para procurar uma fotografia antiga de Anson, queria fazer uma surpresa para você. Mas quem acabou surpreendida fui eu. Uma das fotos que ele encontrou tinha apenas dois anos. Por isso fui a Newport, para ter certeza de que era o Anson certo. Depois fui a San Francisco conversar com ele. Precisava entender o que

aconteceu depois da guerra, porque ele nunca procurou você. Pensei que poderia convencê-lo a vir a Boston conversar com você, mas ele foi irredutível. Quando contei a Thia, ela me pediu para esperar um pouco antes de contar, e eu concordei. Achávamos que ele poderia mudar de ideia. Nunca sonhamos que ele apareceria desse jeito.

Fecho os olhos, como se isso pudesse apagar o que aconteceu. As lágrimas que não consegui chorar um momento atrás começam a fluir de repente, quando a verdade me atropela. Anson, meu Anson, esteve vivo durante esses quarenta anos, mas não quis saber de mim... e ainda não quer.

— Tem mais — Camilla avisa com tom suave do pé da escada. — Você precisa saber o restante.

— Não quero saber o restante — digo, e fico em pé. — Quero ir para casa. Por favor, chame um táxi.

— Eu levo você para casa — diz Camilla. — Mas antes precisamos conversar. Há coisas...

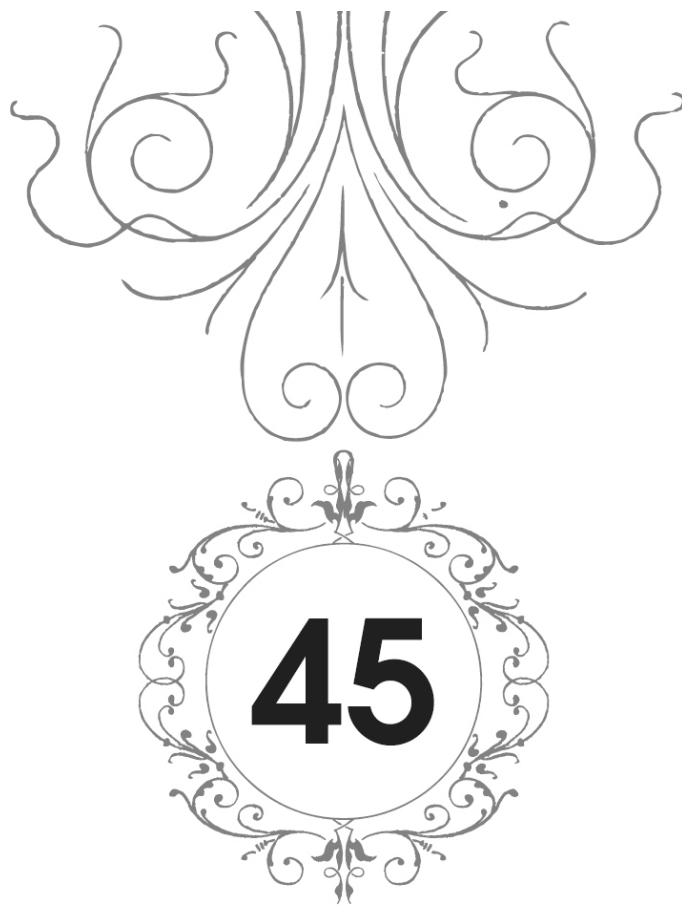
— Não quero conversar. — Minha voz é estranhamente neutra, vazia e desconhecida. — Quero ficar sozinha. — Pisco para enxergar melhor, mas as lágrimas continuam caindo. — Por favor. O táxi.

Pelo canto do olho, vejo Camilla olhar para Rory como se implorasse. Ela está decidida a continuar falando, quer explicar o segredo que guardaram, tentar melhorar a situação. Mas isso nunca vai melhorar. Rory também percebe isso, e responde para a mãe balançando a cabeça discretamente. Ela sabe que nada do que disserem agora vai fazer diferença.

A escada parece balançar quando desço lentamente. Agarro o corrimão, com medo de as pernas não me sustentarem. Passo por Camilla, depois por Rory, e me abaixo para pegar minha bolsa e seguir para a porta.

— Vou esperar lá fora.

Sinto os seus olhos em mim, esperando me ver partir em um milhão de pedacinhos. Mas não posso. Ainda não. Porque desta vez, quando eu despedaçar, vai ser para sempre.



Soline

Lembre-se sempre da Regra de Três. Seus atos retornam triplicados. Faça o mal, e ventos três vezes piores sopram para você. Espalhe o amor, e o triplo de amor encontra seu lar.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

30 de outubro de 1985 — Boston

Quatro dias.

É o tempo que faz que estou hibernando, vivendo de café e torrada, porque não tenho energia para fazer

mais, andando de cômodo em cômodo com os olhos vermelhos, ou encolhida em posição fetal, abraçada ao estojo de barbear de Anson.

Tirei o telefone do gancho de novo. Não quero ouvi-lo tocar. Não quero ficar imaginando quem é ou o que pode querer. Já sei, e não quero saber de desculpas. Não duvido da boa intenção de Rory ao esconder de mim a verdade. Crueldade não faz parte de sua personalidade. Mas ela me vê como alguém frágil, uma velha vulnerável incapaz de suportar mais um golpe. E é o que sou. Talvez ela tivesse bons motivos para se preocupar com a possibilidade de eu não me recuperar dessa. Não sei se vou.

Continuo dizendo a mim mesma que isso não importa, que o fato de Anson estar vivo em algum lugar do mundo não muda nada. Mas não é verdade. Tudo mudou. Porque eu o perdi de novo. Mas, dessa vez, não foram os *boche* que o tiraram de mim. Ele escolheu ficar longe.

O pedido de casamento apareceu do nada, em um momento em que estávamos muito emocionados. Ele se arrependeu depois que nos separamos e ficou aliviado quando voltou para casa e descobriu que eu não estava mais lá? Sabia sobre nossa filha? Sabia que ela morreu no mesmo dia em que nasceu? Que nunca pude segurá-la?

Minha Assia.

Durante todo esse tempo, eu a imaginei com ele, imaginei que, de algum jeito, em algum lugar, eles estavam juntos. Mas ela esteve sozinha todo esse tempo. Ele deve ter os próprios filhos, talvez netos... e uma esposa. Até agora, tantos anos depois, pensar nisso acaba comigo, mas meus olhos estão secos. Parece que, finalmente, não restam mais lágrimas.

Perdi completamente a noção do tempo, e o relógio sobre o fogão não é acertado há dois anos. Levanto as persianas da janela da cozinha e olho para fora. O céu está cor de chumbo, e uma chuva constante lava as vidraças. Desisto de me importar e vou pegar ovos, manteiga e cogumelos na geladeira. O espinafre na gaveta está começando a murchar, mas tem um tomate que ainda pode ser parcialmente aproveitado. Não quero comer, na verdade, mas estou com dor de cabeça e me sinto vazia por dentro. Preciso me alimentar, e uma omelete requer pouca habilidade.

Acabo de pôr a frigideira em cima do fogão quando ouço a campainha e, por um momento, sou invadida por um raio de esperança. Ele mudou de ideia? Desligo o fogão e me dirijo à sala de cortinas fechadas, chego ao *hall* de entrada e espero.

“Não é ele. Não pode ser ele.”

A campainha de novo, seguida por batidas firmes na porta. Prendo a respiração, torcendo para quem estiver do outro lado ir embora. É Rory, é claro. Ou Camilla. Elas já vieram três vezes, e eu as ignorei em todas. Ou talvez seja Daniel, enfrentando todos os perigos para vir ver como estou mais uma vez. Também não quero falar com ele. Daniel já sabe coisas demais sobre mim. Não quero ser interrogada sobre o que ele não sabe.

— Soline? — Uma voz feminina, abafada. — Soline, é Thia.

Thia. Depois de todos esses anos. Meu coração retumba dentro do ouvido, minha boca resseca. Chego mais perto da porta, toco a maçaneta. É um erro, eu sei, mas estou fraca.

— Está sozinha? — pergunto.

— Posso ficar, se você quiser.

Giro a maçaneta, puxo um pouco a porta, vejo uma nesga de um rosto desconhecido. Boca cheia, nariz

largo, pele marcada pelo tempo e por longos períodos de exposição ao sol. E um olho. Um olho claro, azul-esverdeado, com reflexos dourados em torno da íris. Um olho igual aos de Anson.

Abro a porta e fico parada, perplexa ao vê-la diante de minha porta, perplexa com tudo isso. A semelhança entre eles ainda é impossível de ignorar. Mas tem algo mais, algo que me faz continuar olhando para ela, algo que está além do meu alcance.

— O que está fazendo aqui? — minha garganta está enferrujada pelo desuso e por muitas lágrimas.

— Quero falar com você — ela diz em voz baixa e firme, como se abordasse um animal arisco. — Sobre o que aconteceu depois que saiu da casa de meu pai.

Mantenho a mão na maçaneta, satisfeita com a garoa fria que aos poucos molha minha blusa. De repente, estou muito brava com ela.

— Eu sei o que aconteceu. Seu irmão voltou para casa, e ninguém me avisou.

— Por favor, podemos todos nos sentar e conversar?

“Todos?” Meu peito fica apertado quando registro a palavra.

— Ele... Quem está com você?

— Só Rory e Camilla. Elas estão no carro. Sei que está brava e magoada, e tem todo o direito de estar, mas há coisas que você precisa saber, Soline. Outras coisas.

Agora a voz dela tem um tom sinistro, e sinto o estômago se contrair.

— Que... outras coisas?

— Por favor. Estou na chuva, e a escada não é um bom lugar para termos essa conversa. Vamos entrar, todas nós.

Solto a maçaneta e dou um passo para trás. Thia olha para a rua e acena, chamando-as. Vejo meu reflexo no

espelho do *hall* quando viro. Sou um fantasma, pálida e desarrumada, com os olhos pesados e encobertos pela dor. Passo a mão no cabelo, tentando ajeitá-lo e percebo que estou vestida com o mesmo robe há quatro dias.

— Preciso de um momento para me vestir.

Quando volto, elas estão na sala de estar. Rory e Camilla estão no sofá. Thia está sentada na beirada de uma cadeira, o cabelo úmido grudado à testa e ao pescoço. Ela olha para mim, visivelmente aliviada por eu ter me arrumado um pouco. Passei uma escova no cabelo e troquei o robe por calça comprida e um cardigã. Thia olha para minhas luvas brancas, depois desvia o olhar. Mas tem algo mais em como ela está olhando para mim, em como todas elas olham para mim. Pena misturada a desconforto, e me arrependo de ter permitido que entrassem.

— Muito bem, já estão aqui. Digam o que têm para dizer, depois saiam.

— É melhor você se sentar — Camilla sugere, batendo na almofada vazia do sofá. — Aqui, entre nós duas.

— Não quero me sentar. — Minha resposta é petulante, como a de uma criança contrariada.

Rory me encara com um olhar suplicante.

— Por favor, Soline. Temos uma coisa para mostrar. Algo que pode ajudar a tornar tudo isso mais... fácil. Por favor, sente-se.

Eu me sento ao lado dela e mantenho as mãos unidas em meu colo, tensa. Seja o que for, quero acabar logo com isso.

Rory abre uma bolsa de náilon preto e pega o que parece ser um álbum de fotografias. Eu me preparo para alguma coisa. Não sei o quê. Ela põe o álbum nas minhas mãos.

— Abra.

As luvas dificultam meus movimentos quando tento levantar a capa do álbum. Rory estende a mão para me ajudar, e eu vejo uma foto antiga em preto e branco. Uma menina pequena, com cachos claros e olhos grandes, vestindo botas e um traje de neve. Deve ter uns três anos, talvez quatro, e é familiar, embora eu nunca tenha visto a foto antes. Olho para Rory, sem saber o que está acontecendo ou o que esperam de mim.

— É Thia — ela explica. — Quando era pequena.

Olho para Thia, que permanece estranhamente quieta. Ainda não entendo.

— Vire a página.

É outra foto da mesma menina, porém mais velha, com um vestido de festa cheio de babados. Vejo os traços de Thia claramente, as faces largas e o queixo pontudo, as sardas em cima do nariz. Olho para os três rostos perfeitamente imóveis, e sinto que minha paciência vai chegando ao fim.

Camilla toca meu braço.

— Continue. Próxima página.

O plástico que cobre as fotos estala quando passo à próxima fotografia. É Thia de novo, mais ou menos com a mesma idade, mas com um vestido diferente. Mas tem mais alguma coisa diferente. Seu rosto é mais fino, com as maçãs do rosto mais proeminentes. E eu sinto de novo aquela ameaça de uma lembrança distante, como um fio solto que não consigo pegar. Estou irritada e confusa... e amedrontada, de repente.

Olho para Thia.

— Por que estou vendo essas fotos suas? O que elas têm a ver comigo?

— Olhe direito — ela responde. — Essa não é minha.

Estudo novamente a fotografia, depois volto à página anterior. As fotos são quase idênticas, mas agora que as estudo com mais cuidado, vejo que a segunda foi tirada

mais recentemente. O fio nebuloso vai se desenrolando. Impossível. Mas...

— Quem é essa?

A pergunta fica no ar, os segundos passam. Ninguém fala, ninguém respira. Finalmente, sinto a mão de Rory sobre a minha.

— Sou eu.

Meus olhos continuam estudando a foto, cada curva e cada osso daquele rosto. *Aurore*. Sim, agora eu vejo. Olho para Thia, depois para Rory, e de novo para o retrato.

— Não entendo. Como...

Rory ainda segura minha mão. Afaga com firmeza.

— Somos parentes — ela diz cautelosa. — Thia e eu... somos parentes.

Minha cabeça é dominada por um ruído de estática, um som estridente que encobre meus pensamentos. Não consigo fazer o cérebro processar o que ela acabou de dizer, não consigo encontrar as perguntas que preciso fazer. Por que Rory não solta minha mão? Por que Thia parece ter medo de respirar? E por que Camilla está chorando?

— Parentes... como? — consigo finalmente reagir.

— Sou sobrinha-neta dela. — Ela me encara, espera eu dizer alguma coisa. Fico em silêncio, e ela me pressiona. — Entende o que isso significa?

— Não. — Balanço a cabeça, estranhamente entorpecida. O fio está ali, esperando para ser puxado, mas não consigo... ou não quero. Continuo balançando a cabeça. — Não.

— Anson é meu avô, Soline. O que significa que você é... minha avó.

Olho para a foto e não consigo respirar.

— Isso é impossível.

— Não é. — Rory vira a página de novo. — Sua bebê não morreu. Eles a tiraram de você.

Olho para a nova página. É uma fotocópia cheia de vinhos, mas legível. “Certidão de Sentença de Adoção”. Em um dos espaços, tem o nome Soline Roussel, e, em outro, o nome Lowell. Mais embaixo, Camilla.

Os nomes dançam em minha cabeça, como peças de um quebra-cabeça. Significam alguma coisa, devem significar, mas não consigo encaixá-los.

— Lowell era meu nome de solteira — Camilla explica chorando. — Camilla Lowell é o nome que ganhei do casal que me adotou. Antes disso, eu tinha outro nome.

Eu a encaro até meus olhos se encherem de lágrimas e seu rosto perder a nitidez. Não pode ser verdade. Mas o rosto dela... de todas elas... dizem que é.

— Você é...

— Assia. Sua filha — ela sussurra.

Cubro o rosto, rasgada por soluços tão repentinos que ameaçam me sufocar. Sinto braços me envolvendo, não sei de quem são, e começo a balançar e chorar muito, tomada por uma mistura de dor e inexplicável alegria. Tento parar, me acalmar, mas o som vai aumentando, transbordando de mim como uma tempestade. Estou fazendo papel de boba, e não me importo. Na verdade, não me importo com nada. Nem mesmo que Anson não me amou o suficiente para ir me procurar. Nem se perdi quarenta anos com a filha que deveria ter sido minha. Ela está aqui agora. E Rory também.

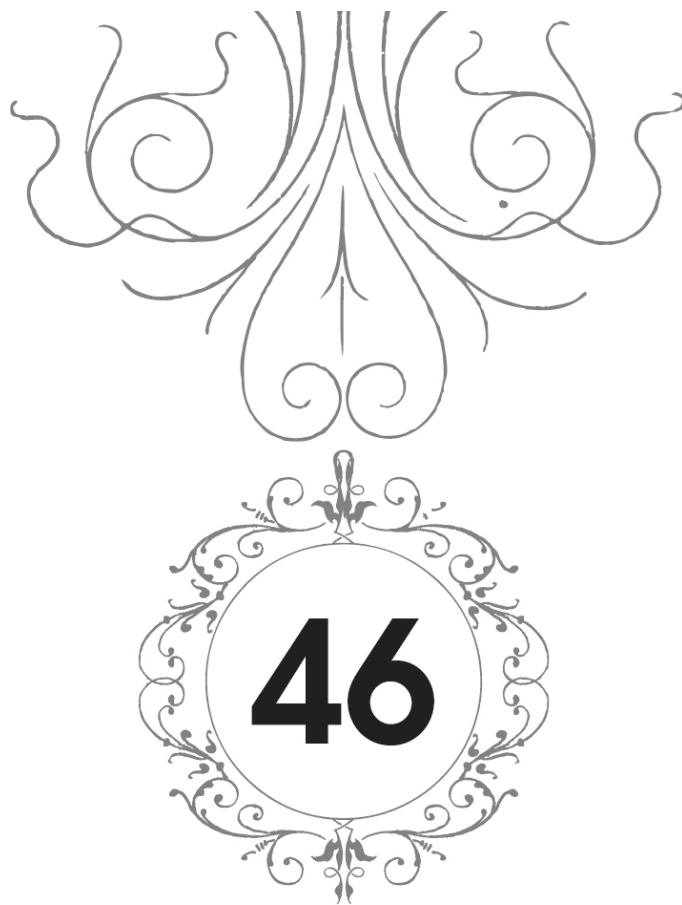
Penso em *Maman*, nos ensinamentos que ela me passou quando eu era menina, e sei que, em algum lugar, ela também está feliz. Não podemos desfazer o que foi feito, mas podemos seguir em frente — três gerações ligadas por sangue e ecos, recuperando todos os anos perdidos.

Sinto alguém colocar um pedaço de pano em minha mão e, aos poucos, os soluços vão perdendo força. Enxugo o rosto, tento me controlar. Quando olho em volta, todos os rostos estão molhados, mas é o de Camilla que prende minha atenção. Eu o devoro, cada linha e contorno precioso, como se os visse pela primeira vez.

— Todo esse tempo — murmuro. — Você esteve aqui todo esse tempo. Minha Assia.

Rory desaparece por um instante, volta com uma caixa de lenços, e passo as horas seguintes segurando a mão de minha filha e ouvindo Thia explicar até onde o pai dela foi para envenenar o filho contra mim.

Ele agora está morto, e não lamento. Nunca o perdoarei pelo que tirou de mim, e não perdoarei seu filho por permitir isso. Saber que Anson acreditou que fui capaz de tamanha traição é o pior de tudo. Porque agora sei que ele nunca foi o homem que pensei que fosse. Perdi aquele homem na manhã em que entrei em uma ambulância e o vi desaparecer. Ele ter aparecido vivo tantos anos depois não muda nada. Anson, meu Anson, está morto.



Soline

Amantes machucam um ao outro por muitas razões, mas, no fim, é sempre o medo a raiz disso. É difícil, talvez mais difícil que tudo, confiar quando se está com medo — abrir-se para os riscos do perdão. Mas perdoar é a maior de todas as magias. O perdão torna todas as coisas novas.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

Elas foram embora, e vesti meu robe de novo depois de um banho longo e quente, sozinha com essa estranha e nova realidade. Encolhida no sofá, olho o álbum de

fotos antigas que Rory e Camilla deixaram comigo. Já vi todas as fotografias uma dúzia de vezes, mas não consigo parar de virar as páginas, saboreando os detalhes de cada uma das fotos de infância, como se tentasse gravar os rostinhos nos espaços vazios da minha memória.

Assia... viva. E Rory.

Pela segunda vez em poucos dias, alguém que amei retornou dos mortos. Parece impossível, como o fim de um conto de fadas em que a princesa é beijada e o encanto se quebra. O longo sono sombrio finalmente chega ao fim. As Roussel aprendem que contos de fadas são para outras pessoas. Mas alguma coisa pôs em movimento essa estranha sequência de acontecimentos. Não pode ter sido mero acaso que trouxe Rory e Camilla à minha vida, ou que me levou à vida delas.

Vamos ter muito o que conversar ao longo dos dias que virão, histórias que vou ter que contar — sobre *la magie* e o legado que sempre pertenceu a elas. Vai ser uma conversa estranha, ou talvez não. Desde o início, senti algo especial em Rory, e é claro que Camilla, minha Assia, também herdou esse dom. O que vão fazer com ele é uma decisão que só elas podem tomar, mas conhecerão as Tecedoras de Encantamentos que vieram antes delas — Esmée, Giselle, Lilou e todas as outras.

Penso em *Maman* e em sua crença de que somos irrevogavelmente ligados àqueles que amamos. Que nossos ecos sempre nos ligarão. Através dos anos, dos quilômetros e até da morte. Foi isso que aconteceu? Uma colisão de ecos? De repente me dou conta de que não importa.

Fecho os olhos, sinto os membros deliciosamente pesados, e deixo os acontecimentos do dia me preencherem. Tenho muito em que pensar, muito tempo perdido para recuperar, mas vou deixar tudo isso para

amanhã. Lá fora, a chuva continua caindo forte, mais pesada do que antes, e o vento ganhou velocidade, castigando as janelas com rajadas irregulares. Uma das venezianas parece ter se soltado. Sim, estou ouvindo o barulho da janela batendo contra a casa. Não... não é a veneziana. É a porta. Batidas na porta.

Eu me levanto do sofá meio atordoadada. Rory prometeu que ligaria para saber de mim mais tarde, mas o telefone continua fora do gancho. Ela não pode ter voltado por isso.

Atravesso o *hall*, solto a corrente de segurança, viro a chave. Uma rajada de vento empurra a porta quando a abro, me molhando com um jato de chuva fria. Eu o vejo quando afasto os cabelos dos olhos. Anson.

Sua silhueta preenche a porta, inconfundível, apesar dos anos, mas não consigo ver seu rosto. A lâmpada da rua atrás dele o cerca de sombras, os ombros estão caídos. Olho para ele respirando com dificuldade. Passei quarenta anos imaginando este momento, como seria vê-lo só mais uma vez, dizer as coisas que queria ter dito antes de nos separarmos. Agora que ele está parado diante da minha porta, embaixo de uma chuva torrencial, eu não consigo dizer nada, nem uma palavra.

Ele passa a mão no rosto, limpando a chuva dos olhos.

— Preciso entrar. Não vou demorar.

Recuo, e ele me segue para dentro do *hall*. Quando escuto o barulho da porta fechando, me viro depressa, temendo que ele tenha ido embora, mas ele ainda está lá, com os braços soltos junto do corpo. O paletó e a camisa estão ensopados, o cabelo pinga água da chuva.

Lembro que não uso luvas e enfio as mãos nos bolsos, terrivelmente constrangida com meu robe e os pés descalços. Os segundos passam enquanto nos encaramos, e me pego tentando imaginar o que ele vê.

Quarenta anos é muito tempo, mas é um tempo especialmente longo para uma mulher. Ele ainda vê a menina que conheceu nos corredores do Hospital Americano, ou os anos me transformaram em uma estranha? Não deveria ter importância, mas tem.

— Vou pegar uma toalha para você — digo.

Quando volto, estou usando as luvas brancas. Ele está parado no limite do *hall*, um pouco antes do início do carpete. Entrego a toalha e me afasto.

Ele faz um esforço inútil para enxugar a camisa, depois esfrega o cabelo, mas desiste. Quando ele tenta devolver a toalha, mantenho as mãos nos bolsos.

— Deixe na cadeira.

— Você perdeu parte do sotaque — ele diz sem mudar de expressão.

— Perdi muitas coisas. — Dói ver o vazio nos olhos dele, mas me obrigo a encará-lo. Ele veio se desculpar? Dar uma explicação? Não. Não consigo imaginar nada disso. Não sei o que veio dizer, mas preciso que fale de uma vez e vá embora.

— O que você quer?

— Acabar com isso.

— Não entendi. Acabar com o quê?

— Não faça joguinhos comigo. Você não tem mais vinte anos. Seja qual for a farsa que está encenando... ela termina aqui.

A voz dele é como eu lembro, o mesmo timbre rouco que me deixou nervosa na primeira vez em que nos encontramos, mas carregada de desprezo agora. Por mim.

— O que quer que tenha existido entre nós acabou há quarenta anos, Anson. Em Paris.

— É mesmo?

Não consigo responder. Não consigo nem respirar. Eu me concentro na pequena cicatriz sobre seu olho

direito. Não existia antes. Tem mais uma logo abaixo da mandíbula, do lado esquerdo. Também é nova. E mais uma junto da raiz do cabelo. Percebo que estou decorando seu rosto. Criando uma nova memória para sobrepor àquela que estive carregando... para quando ele for embora outra vez. Só que não quero me lembrar deste Anson.

— Rory disse que foi a San Francisco encontrar com você e contou... tudo.

— É verdade. E, preciso dizer, foi uma surpresa. Não é todo dia que um homem se torna pai e avô ao mesmo tempo.

— Você não se tornou pai, Anson. Você é pai há quarenta anos. E eu não tive nada a ver com a visita dela. Eu nem sabia... — Paro de repente, brava por estar me explicando. Sinto o início de um soluço e o engulo. Não vou chorar na frente dele. — Saí da casa do seu pai pensando que você estava morto, que os *boche* tinham matado você e enterrado seu corpo no bosque. E, então, naquela à noite, vi você parado ao pé da escada. Dá para imaginar o que eu senti? E você ficou ali parado, olhando para mim com uma expressão de condenação. Para mim! Como se eu tivesse feito alguma coisa errada. Nunca pensou que eu teria gostado de saber que estava vivo? Que mesmo que não me quisesse, você me devia pelo menos isso?

— Nunca pensei que estaria interessada.

A resposta dele me choca.

— Nós íamos nos casar.

Ele olha para mim com frieza e encolhe os ombros.

— E o que você teria feito? Abandonado tudo, imagino, e voltado a Newport para cuidar de um homem que enfrentava a possibilidade de viver em uma cadeira de rodas?

“Sim!” quero gritar. “Sim, é exatamente isso que eu teria feito. Teria feito qualquer coisa para ter você de volta.” Mas é tarde demais para todo esse drama. Viro e me dirijo ao bar no canto da sala para pegar uma dose de conhaque. Coragem líquida, como Maddy chamava. Estou precisando de um pouco.

De costas para ele, abro a garrafa. Sinto seus olhos em mim quando bebo a dose em dois goles. O calor desce pela garganta até a barriga. Sirvo outra dose.

— Eu costumava pensar que podia ouvir você me chamando — digo, ainda de costas. — Sua voz na brisa. Na chuva. No meu sono. Só meu nome, muitas, muitas vezes, como se tentasse fazer contato de onde estava. Bobagem, não? — Espero um instante, até me incomodar com o silêncio. — Quer beber alguma coisa? Um conhaque? Alguma coisa mais forte talvez?

— Não bebo mais.

A hesitação antes de “mais” é quase imperceptível, mas suficiente para me fazer abandonar o copo e olhar para ele. Mais uma vez, fico atônita com a mudança. Não na aparência, ele ainda é um homem bonito, mas nas maneiras e em como se comporta. O tempo suaviza a maioria das pessoas, desgasta nossas arestas mais pronunciadas. Mas, com Anson, aconteceu o contrário. Ele se tornou frio e vazio de emoção, o que faz eu me lembrar novamente de que esse não é o homem que amei.

Penso na ocasião em que ele ficou bêbado com uma taça de vinho no jantar. Foi uma das poucas vezes em que o vi beber.

— Não me lembro de você bebendo muito — comento para preencher o silêncio, e me arrependo imediatamente de ter falado. Não quero falar de como ele era.

— Eu melhorei nisso — ele responde com desinteresse. — Melhorei muito, na verdade. Fins

medicinais. Era o que dizia a mim mesmo. Era bom para a dor. E muito eficiente, se você começar logo cedo. Até você começar a perder dias inteiros. Aí fica complicado.

— A dor... era dos ferimentos?

Ele me encara por um longo instante. Tão longo que chego a pensar que não vai responder.

— É claro — confirma finalmente. — Vamos dizer que sim.

Não há como não entender o significado da resposta. A culpa é minha. Não do pai dele. Minha. Por causa das mentiras que o pai disse a ele. Mentiras em que ele escolheu acreditar. Mesmo assim, a intensidade da resposta abre uma brecha em minhas defesas.

— O que aconteceu com você?

Ele olha para mim com frieza.

— Por que quer saber?

Encolho os ombros, fingindo indiferença.

— Porque acho que isso faz parte do que estamos fazendo. É como uma autópsia para descobrir a causa da morte. — Adoto o mesmo tom de Anson ao disparar as palavras contra ele, frias e desprovidas de emoção, e não me arrependo. — Nós dois sabemos como começou; estávamos lá. Depois seguimos caminhos separados, e as coisas ficaram um pouco confusas. Quarenta anos depois, não mereço saber o resto da história?

Ele se senta no braço da cadeira mais próxima, a perna direita esticada e rígida, e lembro vagamente de Owen.

— Uma noite, eu estava voltando depois de ter deixado um resgatado. Aconteceu tão depressa que eu nem reagi. Um de um lado do corpo, outro no ombro. Eles me arrastaram da ambulância para o bosque. Pensei que iam me matar. Em vez disso, atiraram nas minhas duas pernas e me deixaram lá. Não sei quanto tempo levei para me arrastar de volta à estrada, mas aquilo acabou comigo. Fechei os olhos e me entreguei.

Quando recobrei a consciência, havia um nazista com luvas de borracha mexendo no meu ombro. Aparentemente, servidores da Cruz Vermelha eram excelentes moedas de troca, mas nunca soube por quem me trocaram. — Ele desvia o olhar. — É um jeito horrível de escapar, quando se sabe quantos não escapam. Você está voltando para casa, e eles ainda são só um número na lista, parte da contagem diária... porque os pais deles não têm o sobrenome certo.

Contenho um arrepio, lembrando o que diziam sobre os campos de prisioneiros: fome, trabalhos forçados, interrogatórios monstruosos e cercas eletrificadas. Nunca vou perdoar Owen Purcell pelo mal que ele causou, mas não posso criticá-lo por ter usado todos os recursos ao seu dispor para trazer o filho para casa.

— Por quanto tempo ficou nas mãos deles?

— Seis semanas no hospital, antes de ser transferido para o campo em Moosburg por três meses e meio. Eu era o *kriegie* número 7877.

— Você era... o quê?

— Um *kriegie*. É a versão abreviada da palavra em alemão para prisioneiro de guerra. Todos nós tínhamos números. O meu era 7877.

Sinto uma dor no meio do peito, reflexo de uma velha ferida. Convivi com a morte dele por muito tempo, mas, de algum jeito, isso é pior, saber o que ele suportou, e saber que se sente culpado por ter sobrevivido.

— Seu pai... — Paro, respiro fundo, começo de novo.

— Houve um telegrama informando seu desaparecimento. Seu pai telefonou para todo mundo de quem conseguiu lembrar, mas ninguém sabia onde você estava. Diziam que você havia sofrido uma emboscada e que estava morto, provavelmente. E então seu pai me mandou embora... sabendo que eu estava grávida. Ele nunca me contou que você estava... —

Fecho os olhos, luto contra as lágrimas. — Eu não sabia, Anson. Se soubesse, nada teria me mantido longe de você.

— Nem Myles Madison?

O nome de Maddy me pega de surpresa. E tem uma nova entonação na voz dele, algo mais duro e mais frio, como se ele me acusasse de alguma mentira.

— O que Maddy tem a ver conosco?

— Conosco nada. Com você.

— Não entendi.

— Acho que entendeu sim.

Ele está me encarando, me reprovando por alguma coisa, mas não sei o quê.

— Por favor, seja claro. Do que está falando?

Ele cruza os braços outra vez, e seu sorriso é tão frio que me causa um arrepio.

— E se eu disser que procurei você? Que quando meu pai disse que não sabia onde você estava, contratei um investigador, Sr. Henry Vale, e ele a encontrou?

É como se todo o ar saísse da sala. Não pode ser verdade. Não deve ser. Se durante todo esse tempo ele sabia onde me encontrar... Dou um passo para trás, depois outro, até encostar no bar.

— Você sabia que eu estava aqui? O tempo todo? E ficou afastado?

Ele dá de ombros.

— Três é demais. Mas as fotos eram lindas. Achei que vocês formavam um belo casal. Ele era um pouco velho, mas talvez você preferisse os mais distintos. Algumas mulheres preferem. Onde ele está agora?

Balanço a cabeça, confusa.

— Estamos falando de Maddy?

— Teve mais de um?

Meus nervos estão tensos como as cordas de um violino afinado demais. O que ele fala não faz sentido.

— Mais de um o quê, Anson? Que fotos?

— As que o Sr. Vale tirou.

— De mim?

— De vocês dois, na verdade. Uma na cozinha, os dois preparando o café da manhã, de robe. Bem caseiro. Outra dele pondo um pedaço de alguma guloseima em sua boca em um bar. Nessa você está praticamente no colo dele. Mas acho que a foto dos dois dançando é minha favorita. Os braços dele à sua volta, seu rosto colado ao dele. Valeu o dinheiro que gastei nisso. E imagino que ele pense a mesma coisa.

Estou tão chocada, tão furiosa, que não sei o que responder, de início.

— Você pagou para alguém me encontrar? E me espionar? Com uma câmera?

— Encontrar você não foi difícil. Demorou menos de uma semana, se me lembro bem. Mas, quando ele me falou que você estava em Boston, morando com um velho que tinha idade para ser seu pai, eu disse que deveria ter havido algum engano. A mulher que eu procurava estava apaixonada por mim. Então, ele me trouxe provas.

Jogo a cabeça para trás e dou uma gargalhada. Os acontecimentos do dia me deixaram um pouco histérica, acho, ou é o conhaque, mas, de repente, acho tudo isso muito engraçado.

— Você acha que eu estava morando com Maddy nesse sentido...? Que ele e eu...? — Outra gargalhada. — Que maravilha de provas!

O rosto dele fica sombrio. Ele está furioso por eu achar graça nas acusações.

— Não sou cego, Soline.

— Eu acho que é, Anson. Completamente cego. Myles Madison era meu chefe e meu amigo. E também era gay. Ele me deu um emprego quando... depois que Assia nasceu. E um lugar para morar. Eu estava no fundo do poço, como dizem, quando ele me salvou. Brigávamos

como cão e gato e nos amávamos loucamente. Mas nunca fomos amantes. E, mesmo que ele fosse hétero, nunca poderia ter existido nada entre nós. Eu ainda amava você.

— Mas acreditava que eu estava morto.

Olho para ele, perplexa com o absurdo do comentário.

— E acha que é simples assim? Basta morrer? Só houve um homem em minha vida, Anson. O fato de você não saber disso me choca. Mas o fato de acreditar na palavra de seu pai contra mim, de ter aceitado tão rapidamente o pior sobre mim, me choca ainda mais. Ele tomou minha filha, minha bebê, e me fez acreditar que ela estava morta. Quando eu já tinha perdido você, ele a tirou de mim e pagou alguém para entregá-la a desconhecidos. Ele a tirou de você também, Anson. Mas, em vez de perguntar sobre ela, você está aqui me acusando por causa de Maddy. E falou exatamente como seu pai quando fez isso.

Fico quieta, esperando ele dizer alguma coisa, mas ele continua ali me encarando, com os punhos cerrados. Seu silêncio faz minha garganta doer.

— Naquele tempo, parecia impossível você ser filho dele. Agora vejo que tem mais dele do que eu percebia.

— Engulo as lágrimas, decidida a manter a voz firme. — Talvez o destino tenha feito um favor a nós dois.

Vejo seus ombros enrijecerem e percebo que toquei em um ponto sensível. Que bom. Olhamos um para o outro em silêncio, com um ressentimento mudo. Pelo jeito, nenhum de nós tem mais nada a dizer.

Ele se levanta devagar, como se as pernas tivessem enrijecido.

— Vou embora.

Assinto, não confio em minha voz. Quero muito que ele vá, mas pensar nele saindo da minha vida provoca uma dor que não sei se posso suportar.

Ele caminha até a porta, olha para trás.

— Quase esqueci — diz, e põe a mão no bolso. — O motivo para eu ter vindo.

Depois de um instante, estende a mão fechada e puxa a minha do bolso. Resisto por um momento, depois olho para as contas de granada no centro da minha luva. O rosário de *Maman*.

Um som brota de minha garganta, o começo de um soluço, e eu lembro o momento em que dei o rosário a ele. Um juramento feito na noite em que nossa filha foi concebida. Levanto a cabeça, olho para o rosto dele.

— Você o guardou?

— Prometi que o traria de volta. Agora trouxe. Fim.

O caráter conclusivo de suas palavras me atinge como um balde de água fria, e, de repente, entendo o que ele quis dizer quando falou em “acabar com isso”. Ele tinha vindo cumprir sua parte no acordo. Antes de conseguir me controlar, estou chorando. É como se ele houvesse passado quarenta anos planejando a melhor maneira de arrancar meu coração. Justamente hoje, quando soube que nossa filha está viva, ele veio reabrir uma ferida diferente. Que seja.

— Espere aqui — digo. — Também tenho algo para você.

Ele está parado ao lado do sofá quando volto, olhando as fotos do álbum que Rory fez para mim. Arranco-o de suas mãos.

— Prefiro que não toque nisso.

— As duas são muito parecidas com Thia.

Por um momento, há uma ternura em seu rosto que combina com o Anson que conheci.

— Parecem com você — respondo baixinho. — Principalmente a Rory.

Seus lábios se distendem por um breve instante, um sorriso desconfortável que desaparece quase

imediatamente.

— Sempre imaginei que nossa filha seria parecida com você. Acho que nada aconteceu como eu imaginava.

— Não — respondo, balançando a cabeça. — Nada. — Deixo o álbum de lado e entrego a ele o estojo de barbear. — Isso é seu.

Ele o pega, virando-o devagar entre as mãos. Finalmente, os olhos encontram os meus.

— Guardou isto... por quarenta anos?

— Você sabe exatamente há quanto tempo isso está comigo — digo sem me alterar. — Teria devolvido antes, mas você estava morto.

— Soline...

Viro de costas, cansada de discutir, mas ele segura meu pulso e me faz encará-lo outra vez. É como se só agora notasse que minhas mãos não estão expostas. Fica imóvel, o rosto ilegível.

— Por que está de luvas? O que aconteceu com suas mãos?

— Um incêndio — respondo, e me obrigo a sustentar seu olhar. — Há quatro anos. Eu estava tentando salvar um vestido, e meu suéter pegou fogo.

— Você sofreu...

— Queimaduras. Sim.

As linhas de seu rosto se tornam mais suaves, e os dedos em volta do meu pulso relaxam.

— Eu não sabia. Sinto muito.

O calor de seus dedos atravessa minha luva, me impedindo de raciocinar.

— Tem muita coisa que você não sabe.

— Soline...

— Ah, por favor, você não ia embora? — Minha voz é um soluço desesperado, arrasado. — Já disse o que tinha a dizer e fez o que veio fazer. O que mais você quer?

— Quero saber por que guardou meu estojo de barbear.

— Tínhamos um acordo. Lembra? — Minha garganta parece estar cheia de cacos de vidro quando me obrigo a olhar nos olhos dele. — Veio aqui hoje para cumprir sua parte, e agora eu cumpri a minha. *C'est fini*. Acabou.

— É mesmo? — ele pergunta em voz baixa. — Acabou para você? Porque para mim, não. Eu queria que tivesse acabado. Quando voltei para casa e descobri que você tinha ido embora, quando vi suas fotos com outro homem e pensei... Teria dado qualquer coisa para que isso tivesse acabado. — Sua respiração é mais rápida, e uma veia pulsa na base do pescoço. — Tentei beber até esquecer você, mas isso só piorou tudo. Você era como um veneno, seu rosto e sua voz corriam em minhas veias. Mesmo agora... — Ele para, passa a mão no cabelo úmido. — Não houve um dia nos últimos quarenta anos em que eu não tenha pensado em você, Soline. Em que não tenha pensado se não havia um jeito...

Ele para de falar, fecha os olhos como se fosse surpreendido por uma dor súbita e aguda. Quando abre os olhos de novo, eles estão vermelhos, sem vida.

— Antes, quando você perguntou o que aconteceu comigo, eu falei sobre ter ficado caído na estrada, esperando a morte, e disse que me entreguei. Mas não falei como.

Minha garganta se contrai. Não quero ouvir mais nada, não quero imaginá-lo machucado e sangrando, com medo.

— Por favor, Anson...

— Peguei o rosário do bolso e fiquei repetindo seu nome em voz alta, como se fizesse uma prece até conseguir ver seu rosto. Porque queria que ele fosse a

última coisa que eu veria. Se pudesse ver você, tudo estaria bem. Eu poderia... desistir. Quando recobrei a consciência no hospital, o rosário estava ao meu lado. E senti como se você também estivesse ali. Por isso o mantive comigo durante todos esses anos. Porque, enquanto o tivesse, eu me sentiria ligado a você, como se o que tivemos em Paris jamais houvesse acabado. Quando me entregou isso... — Ele olha para o estojo de barbear em suas mãos. — Pensei que talvez o tivesse guardado pelo mesmo motivo.

Meus olhos continuam secos depois da declaração. Quero acreditar nele, confiar nele. Mas a dor de quarenta anos permanece alojada em meu peito.

— Por que nunca me procurou, Anson? Eu estava aqui. Todo esse tempo, estive bem aqui, aprendendo a viver sem você. Disse que queria ver meu rosto, mas nunca viu meu coração se acredita que eu poderia trair sua memória com outro homem. Nunca houve ninguém além de você. Nem antes, nem agora, nem entre um e outro. Podíamos ter ficado juntos, mas você deixou seu pai vencer. Ele queria que você me odiasse, e você me odiou.

— Não. Nunca odiei você. Eu queria. Tentei. Mas foi a mim mesmo que odiei. O homem que me tornei depois da guerra e dos hospitais. Amargo. Duro. Perdido em uma garrafa, na maior parte do tempo. Você estava certa, quando disse que eu era como ele. Deixei isso acontecer. Usei a guerra como desculpa... e você. Até que um dia olhei para o espelho e vi ele, em vez de mim. Tudo o que eu odiava nele estava ali, olhando para mim. Naquela noite eu fui à primeira reunião dos Alcoólicos Anônimos. Estou trabalhando a volta desde então.

— Volta para onde?

— Para isso. Para você.

Resisto às palavras. Falar é fácil.

— Mas quando Rory foi a San Francisco... Quando ela disse...

Ele desvia o olhar, como se a lembrança o machucasse.

— Vinte anos de sobriedade, e nunca precisei tanto de uma bebida como naquela noite. Club soda não ajuda em nada quando se recebe esse tipo de notícia. Meus erros e minha amargura, a porcaria do meu orgulho, tudo o que eu havia jogado fora, e não conseguia encarar nada disso. Ela me pedia para assumir essas coisas todas, e eu não estava preparado.

— E agora?

— Agora tudo mudou. Naquela noite, vi seu rosto e todo aquele veneno voltou às minhas veias. Pensei que hoje viria até aqui e terminaria tudo, devolveria seu rosário e essa história estaria encerrada. Agora percebo que ela nunca vai acabar, e não sei o que fazer com isso, exceto me apropriar dela, finalmente, assumir tudo... e dizer que sinto muito. Pelos anos que perdemos. Por nossa filha. Por acreditar nas mentiras de meu pai. — Ele pega minha mão, acaricia a luva com uma ternura que me deixa sem ar. — E por isso.

Não resisto, e ele leva minha mão aos lábios. Sinto o calor de sua boca em meus dedos e viro a mão, segurando seu rosto como se fosse a coisa mais natural do mundo, como se o tempo não tivesse passado. A memória prega peças. O coração também. E fico fascinada com como o simples toque de uma face, o relevo de um rosto, podem apagar anos de perda e dor e trazer vulnerabilidade.

Ele cobre minha mão com as suas, como se tivesse medo de que eu a retirasse.

— O que você quer, Soline? É só me dizer, e eu faço. Se quiser que eu vá embora, eu saio por aquela porta, e você nunca mais vai me ver. Mas, se quiser que eu

fique, vou passar o resto da vida tentando trazer de volta os anos que perdemos.

Meus olhos se enchem de lágrimas, o rosto dele fica turvo.

— Nunca vamos poder ter esses anos de volta, Anson. Eles passaram.

Ele assente e abaixa as mãos, recua e se afasta do meu toque.

— É, acho que passaram.

Sinto um nó na garganta quando o vejo caminhar para a porta, e penso na manhã em que saí de Paris. Se, naquele momento, eu soubesse que quarenta anos passariam antes que eu o visse de novo, teria permitido nossa separação? Posso permiti-la agora?

Como que em resposta, as palavras de *Maman* ecoam em minha cabeça. *Nesta vida, há momentos para se apegar e momentos para abrir mão. Você precisa aprender a diferenciá-los.*

E, de repente, eu sei.

Ele está levantando a gola, se preparando para enfrentar a chuva, quando seguro seu braço. Porque não tenho mais quarenta anos para perder, nem ele.

— Não podemos ter esses anos de volta, Anson, mas talvez possamos fazer alguma coisa com os que ainda temos.



Soline

31 de outubro de 1985 — Boston

Acordamos juntos com o sol entrando pela janela. Anson sorri acanhado quando nossos olhos se encontram, e, por um momento, é como se o tempo não tivesse passado. Somos as mesmas pessoas que se conheceram em um corredor movimentado do Hospital Americano, um herói bonitão e uma voluntária amedrontada. Mas não somos essas pessoas. O tempo deixou suas cicatrizes em nós dois e nos fez pessoas diferentes. Pessoas que vão ter que se esforçar muito para redescobrir um ao outro. Mas decidimos tentar.

Há lacunas para preencher, anos vazios e sonhos esvaziados. contei a ele sobre as Roussel e nossa estranha vocação, e ele me falou sobre os rostos que ainda assombram seus sonhos e, às vezes, o acordam no meio da noite, fantasmas de seu tempo em Moosburg. Nós dois temos mais para contar, é claro. Cada um juntou sua coleção de sombras ao longo dos anos, mas também houve lugares de luz, e, em algum momento, vamos chegar a todos eles.

Dormimos entre lençóis emaranhados, agitados e desajeitados, tropeçando na língua enquanto tentamos nos mover por essa nova realidade. Faz muito tempo que nenhum de nós acorda com o toque de um amante. Compartilhar a cama e o corpo, e tudo o que vem depois disso, é terreno desconhecido.

De vez em quando, um de nós fica quieto, apenas olhando para o outro, ou experimenta um toque sutil, como se quisesse ter certeza de que tudo isso é real, e, de repente, percebo que é assim que teria sido, deveria ter sido, depois daquela noite tantos anos atrás. Teríamos acordado com o sol, jovens amantes com um encanto recém-descoberto pelo mundo e um pelo outro. Fomos roubados desse amanhecer, mas ganhamos uma oportunidade de recomeçar, uma chance de fazer tudo diferente, melhor.

Finalmente nos levantamos, e preparo o café enquanto Anson usa o telefone do estúdio para fazer algumas ligações. Mais tarde, eu o levo à Bisous Sucrés para comer *croissants*, depois andamos a pé alguns quarteirões até o Common. As árvores estão quase nuas, o chão é coberto por um tapete de folhas secas, e o ar da manhã sopra frio. Passeamos em volta do lago e encontramos um banco ao sol. Falamos sem parar, preenchendo as lacunas deixadas por quarenta anos de separação, mas de repente fazemos uma pausa na

conversa. Vejo uma criança de dois ou três anos correr atrás de dois patos, a mãe logo atrás dela.

— Amo este lugar — comento com um suspiro. — Ele me faz lembrar de Paris, quando íamos almoçar no parque. Eu vinha aqui todo domingo com um café e um *croissant*. Porque isso me fazia lembrar de nós. Por isso quis vir aqui hoje. Para mostrar esse lugar a você.

— Eu já estive aqui antes — ele responde com um tom repentinamente sombrio.

— No Common? — Nunca pensei que os negócios poderiam tê-lo trazido a Boston, apesar de supor que seria inevitável. — Quando?

Ele desvia o olhar.

— Algumas vezes, quando ia para casa e sentia sua falta, sentia tanto que tinha medo de beber, então entrava no carro e vinha para cá, andava durante horas, pensando que talvez pudesse vê-la de longe.

A confissão me pega de surpresa.

— E alguma vez me viu?

— Não.

— E se tivesse visto?

— Não sei. Queria pensar que teríamos acabado aqui neste banco, que sempre foi nosso destino acabar aqui, de algum jeito, mas não sei, e me assusta um pouco pensar nisso.

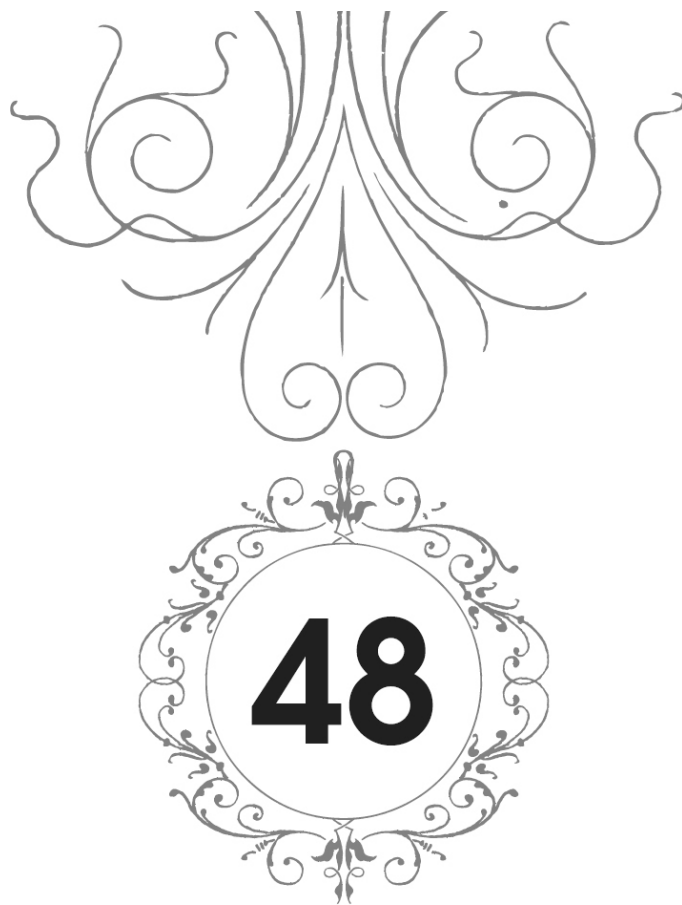
Entrelaço os dedos nos dele, olho em seus olhos.

— Uma vez Rory me perguntou se acredito que certas coisas simplesmente têm que acontecer. Eu não sabia ao certo naquele momento, mas agora sei. De alguma maneira, contrariando todas as possibilidades, nós nos encontramos de novo, com a ajuda de uma neta que nenhum de nós sabia que existia. Não consigo explicar isso. Só sei que estamos aqui, neste banco. O resto não tem importância.

Ele responde com um beijo, e me sinto uma adolescente outra vez, com as bochechas quentes e um frio na barriga.

Quando o beijo chega ao fim, ele exhibe um daqueles sorrisos de jovem americano.

— Não posso esquecer de agradecer à nossa neta — fala com voz rouca. Depois fica sério e consulta o relógio de pulso. — Falando em Rory, eu não contei por que apareci de repente na galeria naquela noite. Fui falar com ela, mas... você estava lá. — Ele toca meu rosto, mas continua sério. — Odeio estragar o momento, mas preciso voltar ao hotel. Estou esperando um telefonema, e depois vou ter que conversar com Rory. Pessoalmente.



Rory

Rory sentou-se à mesa com uma xícara de café e abriu a agenda. Agora que a inauguração já havia acontecido, podia estabelecer uma rotina diária de atividades relacionadas à administração da galeria. As coisas caminhavam devagar, e seguiriam assim por um tempo, mas pretendia usar esse tempo para expandir seu catálogo de artistas e adiantar o planejamento de vários eventos que queria organizar na primavera. E estava mesmo precisando desacelerar, depois de toda a agitação dos últimos dias.

Havia acabado de anotar na agenda um lembrete para comprar cartões de agradecimento quando ouviu o tilintar do sino da porta de entrada. Ela bebeu um gole

de café antes de descer. Não precisava correr. Melhor dar ao visitante um tempo para entrar e olhar tudo ao redor. Mas, quando chegou à escada, em vez de clientes, ela viu Soline... e Anson.

Sua reação inicial foi de pânico, mas quanto mais olhava para eles, mais percebia que estava tudo bem. Muito bem, na verdade. Anson mantinha a mão nas costas de Soline, como se ela nunca tivesse saído de lá, enquanto Soline olhava para ele com uma expressão suave, encantada. “Ela está corada?”

Rory começou a descer a escada, incapaz de conter um sorriso.

— A menos que eu esteja muito enganada, alguma coisa aconteceu desde a última vez que vi vocês dois.

Soline segurou a mão de Anson.

— Muitas coisas, na verdade.

Era impossível não ver a mudança em Anson desde aquele primeiro encontro. Ele parecia quase jovial ali parado, segurando a mão de Soline, como se quarenta anos tivessem sido removidos de cima de seus ombros. Rory não tinha ideia do que havia acontecido entre eles. Só sabia que a sensação era boa, como a de um círculo que finalmente se fechava.

— Devo chamá-lo de vovô, agora? Ou vô? Vozão, talvez.

Anson pigarreou sem jeito.

— Falamos sobre isso mais tarde. No momento, preciso conversar com você sobre outras coisas.

Soline olhou para Anson, depois de novo para ela.

— Temos novidades, Rory. Sobre Hux.

— Novidades... — A sala começou a girar. — Que tipo... de novidades?

Anson soltou a mão de Soline e se aproximou de Rory, parou diante dela.

— Na noite em que nos conhecemos em San Francisco, você me falou que seu noivo estava

desaparecido havia algum tempo. Lembrei do nome dele e, no dia seguinte, decidi dar alguns telefonemas.

Rory agarrou o corrimão da escada, a mão suando frio.

— Depois da guerra — Anson continuou —, quando os médicos finalmente conseguiram me colocar em pé de novo, fui trabalhar para a Cruz Vermelha Internacional como advogado de prisioneiros. Eles têm pessoas no mundo todo especializadas em negociação e resgate. Alguns são meus amigos. Então, fiz algumas ligações para ver quem poderia ter um contato útil.

— E alguém tinha?

— Acho melhor você se sentar enquanto conversamos.

— Não. Fale de uma vez. Por favor.

— Há alguns meses, o Departamento de Estado recebeu uma pista. Alguém dizia ter visto dois homens e uma mulher em um vilarejo na periferia de Atbara, acompanhados por dois homens armados. Eles lavavam roupas em uma bomba d'água no centro da cidade. Quando terminaram, foram conduzidos a um grande caminhão verde sem identificação. Nossos rapazes não acreditaram muito na pista, e tinham bons motivos para duvidar. Duvido que exista alguém no Sudão que não saiba sobre o sequestro e a recompensa. As mentiras brotam do chão quando existe algum dinheiro em jogo. A fonte não era das mais sólidas, e a pista parecia ser só mais um alarme falso. Mas um homem decidiu investigá-la, e valeu a pena. Ele foi encontrado, Rory. Encontraram os três, vivos. Isso era tudo que eu sabia quando vim aqui na noite da inauguração. Que ele estava vivo. Mas, depois, um dos nossos negociadores conseguiu intermediar os termos para libertação. Um amigo meu telefonou há algumas horas. Eles foram libertados ontem à noite. Vão ter que passar por exames, mas, se não houver nenhuma questão médica

mais séria, Hux deve voltar aos Estados Unidos em uma semana mais ou menos.

Rory se sentou no degrau, escondeu o rosto nas mãos. As lágrimas começaram silenciosas, parando na garganta até ela ter a sensação de que a rasgariam.

"Vivo. Em segurança. Voltando para casa."

Finalmente os soluços romperam a barreira, brotando daquele lugar escuro que ela tentava ignorar há tanto tempo. Voltando. A palavra parecia cantar em suas veias, ecoar muitas vezes. Hux estava voltando para casa... depois de dez meses em lugar desconhecido. Tinha ouvido as histórias, todos as ouviram, homens tão destruídos que a vida deles nunca mais seria a mesma. Ela levantou a cabeça, passou a manga da blusa sobre os olhos.

— Eles disseram... Sabe se ele está...

— Não sei. Mas, se houvesse alguma coisa séria, eles teriam falado. Isso não significa que ele não vai enfrentar dificuldades. Sempre tem um período de ajuste. Alguns mais difíceis que outros. Mas há pessoas especializadas no tratamento desse tipo de trauma. E, mais importante, ele vai ter você.

Ela assentiu em silêncio, e as lágrimas voltaram. Ele a teria... e ela o teria. Juntos, enfrentariam tudo.

Com o tempo, Rory percebeu Soline sentada a seu lado no degrau. Limpou o rosto na manga novamente e ofereceu um sorriso pálido.

— Ele está voltando para casa.

— *Oui, ma petite*. Ele está voltando para casa. Você vai ter seu final feliz.

— Ainda não consigo acreditar nisso. Uma parte de mim já começava a pensar que não aconteceria, e agora isso. Sei que ele vai ter que lidar com algumas coisas, mas estou ansiosa para encontrar Hux e apresentá-lo a você e Anson. E mostrar a galeria para ele. Aconteceu

tanta coisa... — Rory parou para respirar, depois sorriu acanhada. — Desculpe. Sei que estou falando sem parar, mas é que parece um milagre. E, falando em milagres... — Ela projeta o queixo na direção de Anson, que tinha ido ver as exposições, talvez para deixá-las à vontade. — Como isso aconteceu?

Soline sorriu.

— Ah, *ma petite*, essa é uma história comprida demais para agora. E ainda não sabemos para onde ela vai. O que sabemos é que estamos dispostos a descobrir.

Rory se sentiu invadida por uma nova onda de felicidade. Depois de todos os anos e todo o sofrimento, a reconciliação.

— Fico muito contente, Soline. Ele nunca deixou de amar você. Está escrito no rosto dele.

O sorriso de Soline se alargou quando ela olhou para Anson, que andava de tela em tela com a testa franzida.

— Vamos ter muita coisa para contar para sua mãe.

Rory assentiu, fungando alto.

— Pode ligar para ela do meu escritório, se quiser, e contar tudo. Queria ter um minuto a sós com Anson, se não se incomodar.

Ela esperou Soline subir a escada, e então foi procurar Anson. Encontrou-o na frente de uma de suas peças. Ele virou ao ouvir seus passos.

— São incríveis.

Rory conseguiu sorrir.

— Obrigada.

O silêncio se prolongou enquanto eles se encaravam, e, por um momento, ela teve medo de chorar outra vez.

— Pedi para Soline subir e ligar para minha mãe porque queria conversar com você, agradecer pelo que fez por Hux. E por mim. Não fui muito agradável em nosso primeiro encontro, e, mesmo assim... — Ela

parou, engolindo uma nova onda de lágrimas. — Não sei como agradecer. Nunca vou saber.

— Foi só um empurrãozinho para o desfecho final, mas acho que estamos quites.

— Está falando de você e Soline?

Anson sorriu como um menino vivendo a primeira paixão.

— Ser encurralado no bar do Fairmont Hotel pode ter sido a melhor coisa que já aconteceu comigo.

Rory sentiu o rosto esquentar. Tinha funcionado bem para ela também. E para Camilla. Naquela noite no bar, ele havia dito com todas as letras que não existia uma chance de final feliz. Estava enganado, e ela estava feliz.

— Ainda não sei como aconteceu, mas parece que passei de nenhum avô para um casal deles. Será que posso, talvez... abraçar você?

O pedido o pegou desprevenido. Ele engoliu em seco, depois assentiu.

— Também quero um abraço.

Ela o abraçou, sentindo o cheiro de sabonete e algo cítrico, com um toque de espuma de barbear. Sutil, mas masculino. Cheiro de conforto e segurança. Como viveu todos esses anos sem sentir esse cheiro? Alguma coisa dizia a ela que ia gostar de ter avós, embora precisasse pensar em outro jeito de chamá-los.

Momentos depois, ela ouviu os saltos de Soline no assoalho.

— Olha só isso, já estão recuperando o tempo perdido — ela comentou.

Rory piscou para Anson.

— Acho que todos nós estamos esperando por isso. Ligou para ela?

— Liguei.

— E contou tudo? Não só sobre Hux, mas tudo isso?

— Bom, a maior parte.

— E ela ficou feliz?

Soline sorriu.

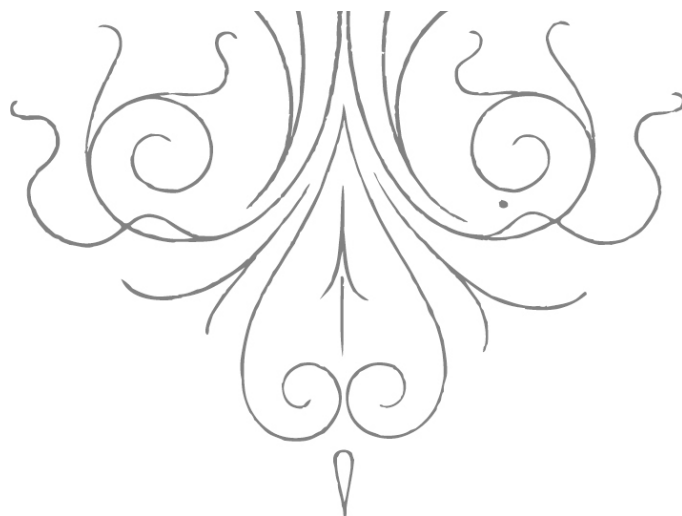
— O que você acha? Ela ia telefonar para Thia, depois vem para cá. Disse que precisamos começar a planejar sua festa de noivado. E o casamento.

Rory se deixou penetrar pelas palavras. O casamento. Seu casamento. Sentia vontade de se beliscar. Hux estava voltando para casa, talvez não ileso, mas estava voltando para ela. Sim, haveria um casamento, mas não agora. Ele ia precisar de tempo para se recuperar. Mas ela esperaria tanto quanto fosse necessário. E pensariam juntos no resto.

A perspectiva a encheu de alegria, uma alegria serena, como ondas se espalhando pela superfície de um lago, se alargando aos poucos até chegarem à margem. Ela sorriu.

— Acho que, em algum momento, vou precisar de um vestido — disse a Soline. E olhou pra Anson. — E de alguém para me levar ao altar.

Ainda parecia impossível. Uma confluência de eventos tão inexplicável! Vidas que se cruzavam. Corações reunidos. Famílias reparadas. Por causa de uma caixa que ela encontrou embaixo de uma escada de uma casa incendiada. Uma caixa cheia de finais felizes — e talvez um toque de *la magie*.



EPÍLOGO

Soline

Um novo e específico encantamento de vinculação deve ser criado para cada cliente, concebido para esta noiva e somente ela. O amuleto será dela eternamente e nunca deve ser reutilizado.

— Esmée Roussel, a Bruxa do Vestido

17 de maio de 1986 — Lyman, Massachusetts

Finalmente, vai haver um casamento.

Estou na frente da janela, olhando os gramados e arbustos bem-cuidados, jardins cheios de peônias cor-de-rosa e um céu tão azul que faz doer os olhos. Pisco ao sentir que eles ardem, temendo arruinar a maquiagem. Tem um belo gazebo perto do lago, enfeitado por metros de tule branco sobreposto e preparado com diversas fileiras de cadeiras dobráveis.

Vai ser uma cerimônia pequena, íntima, limitada à família e aos amigos íntimos.

Camilla queria algo mais grandioso, o salão de baile do Park Plaza com um quarteto de cordas e lírios brancos perfumados, mas foi voto vencido e teve que se contentar com uma cerimônia no jardim de uma pequena propriedade nos arredores de Boston.

Olho para o relógio. Ainda tenho um tempinho. Rory está com a mãe dela, se arrumando; Hux levou Anson a algum lugar para resolver um problema na abotoadura; e eu estou sozinha com meus pensamentos, e parece que esta é a primeira vez em semanas.

Aprendi que planejar um casamento pode ser exaustivo. Duas vezes exaustivo, se a pessoa também tem que desenhar o vestido e supervisionar sua confecção. Fiquei nervosa por confiar a costura a outra pessoa, mas satisfeita com o resultado, e mais feliz ainda com o produto final — um modelo trapézio em cetim marfim, não muito longo, alguns centímetros acima do tornozelo, com corpete transpassado e saiate de tule. Talvez não fosse o vestido apropriado para uma princesa, mas era adequado para um final feliz.

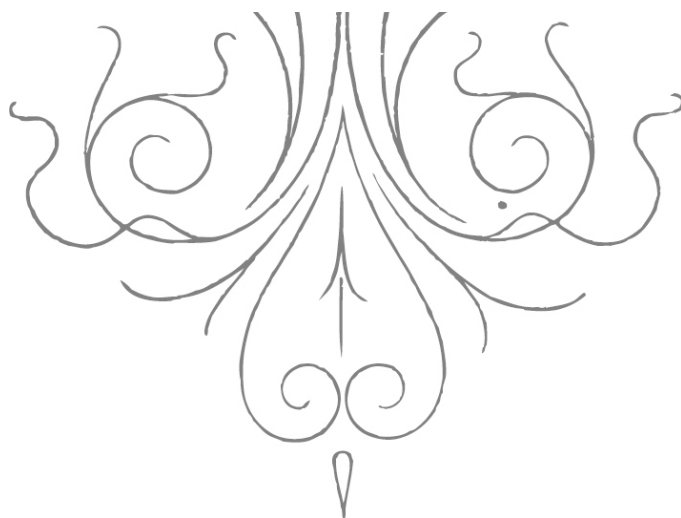
Penso no amuleto que consegui encaixar na costura do lado esquerdo. Duas semanas com minhas mãos duras e doloridas, e nem perto do quanto eu queria que fosse bonito, mas foi feito. Nas circunstâncias atuais, acho que *La Mère* não vai tirar pontos pela apresentação, embora eu não possa ter tanta certeza quanto a *Maman*.

Tenho pensado nela nesses últimos dias, ouvido sua voz em minha cabeça, me lembrando de todas as Roussel do passado. Amaldiçoadas no amor, como dizia a história. Éramos avisadas desde muito novas sobre o que podíamos ter e o que não podíamos. Alertadas para não sonhar com o que as outras tinham, porque, em

algum momento ao longo desse caminho, uma de nós quebrou regras alheias.

Mas passei a acreditar que criamos nossas maldições e as carregamos pela vida porque somos convencidas de que esse é nosso quinhão. Aprendemos a reviver o sofrimento de nossas mães, aceitar suas dores como nossas e passá-las à próxima geração, de novo e de novo, até uma de nós finalmente dizer não, e a maldição finalmente se quebrar. Porque descobrimos um novo tipo de magia, o tipo que vem de fazer as próprias escolhas, de dizer que vai fazer outra coisa, ser outra coisa, ter outra coisa. Era essa a lição que *Maman* estava tentando me ensinar na noite em que partiu. Não há maldições. Só padrões que devem ser rompidos. Sonhos a serem perseguidos. Corações a serem conquistados. Magia a ser feita.

Olho de novo para o relógio. Está na hora. Repito o encantamento mais uma vez para dar sorte, palavras semelhantes às que compus tantos anos atrás, para outro vestido.



*Ao longo do tempo, da distância,
Sejam quais forem as provações,*

*Que os ecos destes que um dia se
perderam
Se unam para sempre como um só
nestes corações.*



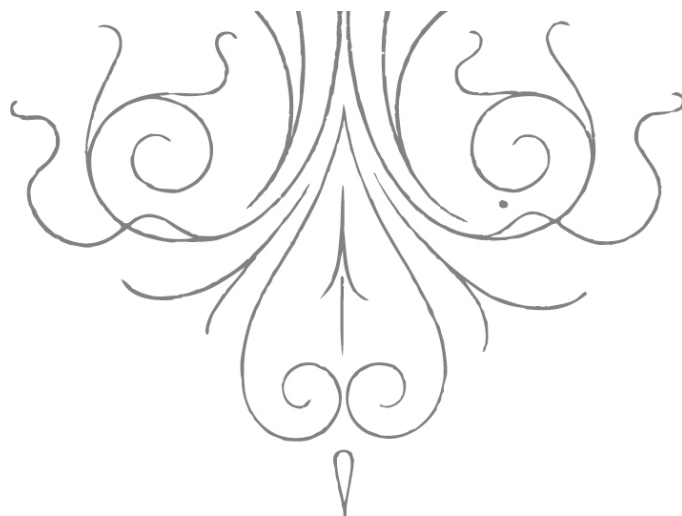
Meu coração transborda quando calço as luvas e pego as flores da caixa aos pés da cama. Praticamente flutuo quando piso no jardim. Rory está radiante, absolutamente linda. Ela pisca para conter as lágrimas e leva a mão ao peito. Ao lado dela, Hux sorri como um homem que sabe que foi abençoado. E por que não, se o destino o trouxe de volta para casa, para a mulher que ele adora, e seu novo consultório será aberto no mês que vem?

Camilla fica em pé, depois de enxugar as lágrimas. Thia faz um sinal para os músicos, e as primeiras notas de *Cânone*, de Pachelbel, pairam no ar. Dou um passo, depois outro. E então vejo Anson, sorrindo no fim da estreita passagem de ardósia, olhando nos meus olhos enquanto diminuo a distância entre nós. O homem que amei por quarenta anos, e o único noivo que sempre quis.

A música acaba, e seguro a mão dele. De repente, a voz de *Maman* está ali, como um sussurro junto do meu rosto. “Enquanto mantiver o rosto dele em seu coração, ele nunca estará realmente perdido. Sempre haverá um caminho de volta.” E finalmente o encontramos. Levamos décadas para chegar a este lugar, mas isso não tem importância. Porque sabemos agora que nenhum de nós jamais desistiu. Em algum lugar, nos recantos mais guardados de nosso coração, continuamos juntos.



La fin.



Agradecimentos

E agora, a parte mais difícil de escrever qualquer livro. Dizer obrigada. Sério, depois desse ano, por onde eu começo? Como em todos os livros, há pessoas às quais agradecer, aquelas que apoiam nosso ponto de vista e seguram nossa mão, secam nossas lágrimas e nos mantêm alimentados, mas fico sempre apavorada com a possibilidade de, nessa névoa densa que desce sobre o final de um projeto, esquecer alguém, e puxa vida, a lista é longa. Então, lá vai...

Minha incrível agente, Nalini Akolekar, que jogou uma boia para mim quando eu estava pronta para abandonar o navio. Obrigada por manter minha cabeça fora d'água e me lembrar de respirar. E, é claro, meu enorme obrigada a toda a equipe Spencerhill — vocês arrasam.

Minha editora, a extraordinária Jodi Warshaw, que entende que, às vezes, a vida atrapalha, e tudo bem — minha gratidão não tem limites. Por sua paciência, seu apoio, seu entusiasmo e sua generosidade, muito, muito obrigada. Digo o mesmo para Gabe Dumpit e Danielle

Marshall, bem como para cada membro da equipe Lake Union/APub, os melhores do ramo, sem dúvida.

Minha editora de desenvolvimento, Charlottee Herscher, que me incentiva a fazer o esforço extra, depois ir para casa e me esforçar um pouco mais. Obrigada por seus olhos, sua expertise, seu amor pela história e por saber sempre o que estou tentando dizer, mesmo quando não sei bem como dizer, e me ajudar a finalmente chegar lá.

Blogueiros de livros, cujo amor pela palavra escrita tem sido o vento que sopra as velas de muitos escritos neste ano, inclusive as minhas, seu apoio e sua dedicação aos autores significa tudo. Minha gratidão especial a Susan “Queenie” Peterson, Kathy Murphy (vulgo a Rainha da Celulose), Kate Rock, Annie McDowell, Denise Birt, Linda Zagnon e Susan Leopold.

Minha tribo fabulosa no Blue Sky Book Chat: Kerry Anne King, Jane Healey, Patricia Sands, Alison Ragsdale, Marilyn Simon Rothstein, Bette Lee Crosby, Peggy Lampman, Soraya Lane, Lisa Ann Braston, Lainey Cameron e Loretta Nythan, obrigada pela diversão, pela amizade e pela maravilhosa generosidade.

Meus maravilhosos irmãos e irmãs: Todd, Gina, David, Scott, Nanette, Tom e Shelly, sem os quais eu nunca teria atravessado 2020. Meu amor sempre, e mais gratidão do que vocês podem imaginar. Tenho certeza de que já ofereci um rim a vários de vocês. A oferta continua de pé.

Minha mãe, Patricia Crawford, que sempre foi e sempre será minha maior e mais entusiasmada torcedora. Obrigada por ser alguém cujo exemplo sempre pude seguir, por me ensinar a trabalhar duro todos os dias e ser sempre gentil. Amo você.

E, finalmente, Tom: meu marido, melhor amigo, leitor beta e alma gêmea. Simplesmente não tenho palavras,

mas nós nunca precisamos delas.

